

Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





~~Camp~~ Vermelho

Três de Junho

Três de Junho

**DE BELÉM A S. JOÃO DO ARAGUAYA**

**VALLE DO RIO TOCANTINS.**

A de A



---

B

28

d

---



DE BELÉM  
A  
S. JOÃO DO ARAGUAYA  
VALLE DO RIO TOCANTINS

POR  
IGNACIO BAPTISTA DE MOURA

DO CLUB DE ENGENHERIA CIVIL,  
MEMBRO CORRESPONDENTE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO-DE-JANEIRO,  
DEPUTADO ESTADUAL DO PARÁ



*Paris, Set. de 1930  
Jm. A. dos Anjos*

H. GARNIER LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

1910

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS



# DE BELÉM A S. JOÃO DO ARAGUAYA

---

## CAPITULO I

Partida de Belém. — Desenvolvimento progressivo da capital do Pará. — Testemunho do Sr. Barão de Marajó. — A bahia de Marajó; hypothese geologica sobre a sua existencia. — A ilha de Marajó. — Opinião do Sr. Ferreira Penna.

M. e Mme Coudreau atravessaram, em 1897, os desertos riquissimos da região tocantina. Munidos de instrumentos talvez mais perfeitos, ajudados de favores publicos mais vantajosos, e precedidos de fama scientifica de maior competencia, confirmaram, no livro que a esse respeito escreveram, a existencia das maravilhas referidas por mim em alguns jornaes do Brasil.

Effectivamente, commissionedo pelo Governo do Pará, fiz a mais encantadora viagem da minha vida, visitando essa extensa zona da minha terra, onde riquezas e homens esperam a hora abençoada de maior patriotismo para receber a consagração do valor e direitos estatuidos. Na noite de 4 de Março de 1896, a bordo da lancha *Alcobaça*, acompanhado de alguns amigos e auxiliares, sahi do porto de Belém (Pará), com o fim de inspeccionar o burgo Itacayuna, onde, com os favores do Estado, o celebre Coronel Carlos Leitão, em colonia agricola, recolheu os seus infelizes

comparsas de infortunio, foragidos da guerra civil da Boa-Vista (Goyaz).

Era uma das mais bellas noites tropicaes. Céu limpido e estrellado, bahia calma, e uma viração suave e commoda, temperavam a atmosphaera de um conforto, que convidava o espirito a cogitações e estudo.

A pequena embarcação procurava, a custo, caminho por entre o costado dos grandes e poderosos navios e vapores que formam a flotilha commercial do primeiro porto da Amazonia. De outro lado, viamos a cidade afastar-se de nós, envolvida pela aureola da luz electrica, que semeava de tons phantasticos a casaria e os edificios publicos, engrandecendo o tamanho e a fórmula de uma das mais importantes capitães da America do Sul.

A grande cidade ainda não dormia : ouviam-se ao longe o rodar das carruagens de luxo, o apito e o cornetim dos *trams-ways*, o silvo de uma locomotiva de estrada de ferro, os signaes de vapores que chamavam passageiros, orchestras, e vozes do populacho no cáes.

Bem poucos, sem ter visitado o Amazonas, podem ajuizar o progredimento que ha feito a cidade de Belém nestes cincoenta annos. Para não, enfadar o leitor com a imperfeição de um estudo comparativo nesse sentido, dou aqui á estampa um bello artigo do Sr. Barão de Marajó, já fallecido, notavel escriptor paraense, que, como testemunha de todos os factos deste meio seculo, com a bizzarria da sua penna e com a competencia que ninguem lhe negava, assim escreveu :

## 1847-1897

— Duas datas separadas pela metade de um seculo ! Que representam esses cincoenta annos para a nossa capital ? Poucos o poderão dizer.

Dos que, em 1847, já tinham idade bastante para julgar e apreciar das coisas, bem poucos existem ; a maioria repoi-

sa no silencio da Soledade ou no terreno ermo de Santa Izabel.

Somos daquelles poucos que ainda não resolveram fazer a derradeira peregrinação ; por isso, lembrando-nos de 1847, poderemos orientar o leitor do quanto tem mudado Belém até ao presente.

Em 1847, começando pelas altas regiões officiaes, publicava o presidente da Provincia, Sr. Herculano Ferreira Penna, o seu relatorio, que foi presente á assembléa provincial.

Era um folheto de uma duzia de paginas, em formato 16°, cujas tres primeiras folhas vinham cheias de amabilidades e as outras baldas de informações, dados ou quadros estatisticos relativos aos diferentes ramos da administração. Falando verdade, o presidente não tinha mesmo o que dizer !

Que differença, entretanto, para hoje !

Pelo lado material, Belém era apenas formada pela *cidade velha*, que ainda hoje existe, lançando timidamente uns passos para o lado da Sé, do arsenal e do bairro da Campina, que se tem largamente extendido até ás estradas de Nazareth, São Jeronymo e bairro do Reducto. A estrada de Nazareth já existia, toda bordada, de um e outro lado, por toijas de mato, cercados, uma ou outra rocinha, cujas habitações obedeciam a um estylo acaçapado, de largura irregular, a começar do largo da Polvora (praça da Republica), onde tinha menos do que a actual largura. O largo de Nazareth (praça Justo Chermont) só tomou a fórmula regular de hoje, depois que Jeronymo Francisco Coelho lhe traçou o quadro ; até então era um espaço mais ou menos quadrangular, cercado de barracas cobertas de palha. O largo da Polvora, — onde hoje se ostenta um bellissimo chafariz e elegante pavilhão, aformoseado pelo esplendido theatro da Paz, edificio semelhante a muitos dos melhores da Europa, largo que brevemente vai ter um soberbo monumento allegorico, ennobrecendo-o pelo seu primor, era um matagal cerrado, tendo

apenas um carreiro diagonal, que o atravessava de lado a lado; os quarteirões, onde estão hoje os cafés Madrid e Chic, eram infectos monturos, ensombrados de mato, sem cercado ao menos.

Falei em theatro. O unico que aqui existia era o antigo Providencia, ao largo das Mercês (praça Visconde do Rio Branco), construido de madeira, acanhado, mal pintado; não me recordo se tinha illuminação de azeite da terra ou de andiroba.

Por ahi, podemos calcular das companhias que ali trabalhavam. A primeira de que tenho lembrança, foi uma chamada *lyrica*, composta de quatro cantores: a Margarida Lemos, o Carlos Ricci, o Guiseppe Calletti, e um outro cujo nome me foge á memoria.

O Pará inteiro concorria, naquella época, ao theatro, sendo para notar que a *troupe*, com aquellas quatro figuras, levava á scena o *Barbeiro de Sevilha*, o *Elixir do Amor* e outras peças, cujas audições muito me deliciavam e aos avós de quem me lêr.

A conducção para o « Providencia » era verdadeiramente typica: havia apenas em Belém seis ou sete carros de differentes fórmãs, desde o *cabriolet* até o *omnibus* do Serra, de modo que a grande maioria dos frequentadores ia a pé para o theatro. Como na maior parte das ruas não havia calçamento nem passeio, os *habitués* do « Providencia » lá iam em caravana, levando á frente um moleque com uma lanterna na mão, para desvial-os dos charcos e covas do terreno. Atraz, seguia uma preta ou mulata, trazendo uma bilha d'agua e um copo, porque no theatro não havia dessas coisas, e, quando houve um botequim, foi para vender sómente *gengibirra* da terra. As senhoras só iam de camarote. Uma mulher na platéa?! Que heresia!

« Cocottes », não as havia em Belém, ainda não tinham sido inventadas.

Quando o theatro não tinha companhia das chamadas *italianas*, trabalhavam as companhias dramaticas.

Em 1847, a que trabalhou era dirigida pelo Liborio. Não sabe talvez o leitor quem foi esse Liborio.

Era um mytho, como diz hoje, em 1897, o Sr. Marangoni. Quando procuravam o Liborio actor, lá apparecia o Liborio desenhista, e não vulgar; quando buscavam o desenhista, depa-rava-se-nos o dono do botequim. Uma michordia; era tudo e era coisa nenhuma, pois nunca soube ser o que podia ter sido. E' verdade que tomava rapé, o que já em 1847 era anachronico num galan de theatro.

Depois da companhia do Liborio, estive no « Providencia » uma outra, cosmopolita, em que brilhavam o Nicolau e o Assumpção, aquelle, sempre amarello, cara de choro; o outro, então, com o seu nariz sempre rubro, florescente.

Coitado! Não ha muito, o encontrei em Lisboa a estender a mão á caridade publica.

O Assumpção era páu para toda obra: ora nos apparecia actor; noutro dia, cantando de tenor no *Chalet*, ou cantando dahi á momentos, na *Somnambula*, a parte de barytono.

A platéa tinha tambem das suas originalidades:

Havia ao lado esquerdo do proscenio um grande camarote formado pela junção de dois, que pertencia á *jeunesse dorée* daquelles tempos. Ali se reuniam os *terríveis*, os *leões irresistíveis* e *perigosos*, que tomavam a si a tarefa de dirigir as apothéoses ou as pateadas ás *divas* recalcitrantes. Houve vezes em que chegaram a atirar até feijões; por meio de tubos de vidro, á cara das actrizes, tornando-se tão turbulentos que um chefe de policia, menos soffredor, conduziu a todos para a prisão. Entretanto, as companhias e os theatros foram melhorando; estes, até o theatro da Paz; e aquellas, com Xisto Bahia, Emilia Adelaide, Emilia das Neves, Furtado Coelho, a companhia do Paccini, Giordany, Gabby, Diana, Lafon, Marchesi, Marangoni, Bulterini-Subolini, etc.

Passear pela cidade não era coisa facil naquelle tempo, nem usada:

Para passeios só havia as estradas, e essas mesmo, assim

como as ruas e praças, não eram calçadas e nem dotadas das bordaduras marginaes.

O bosque municipal ainda não existia; o horto botânico estava já moribundo, quasi a se extinguir. O ponto de reunião do mundo commercial era a antiga ponte da Alfandega, onde hoje está a ponte da guarda-moria. Todavia, devo dizer em favor do passado, que aquelle logar não era occupado, como hoje, pela sociedade que faz dahi o ponto das suas reuniões; isto é, os vagabundos, gatunos e maltrapilhos.

Não se pense, porém, que as bellas de ha meio seculo não tinham onde brilhar, além do theatro. Não.

Havia os bailes da Assembléa Paraense; depois, os do club Terpsychore, onde se dançava muito, e muito se *flirtava*, mas sempre sob os protectores olhos maternas.

A grande época, porém, para o *flirt*, com acanhamento o digo, era a semana.

As familias saíam á rua acompanhadas dos paes ou irmãos; as senhoras com os seus ricos vestidos de seda preta, lisa ou lavrada, ou mesmo de *morim*, com elegantes véus pretos, tinham um tic de suprema elegancia e garridice.

Naquelles tempos não haviam ainda apparecido os chapéus barracas, nem tinham passaporte as mangas presuntos, nem tão pouco as mangas balões.

O que chamava a attenção, era o piquete que seguia cada familia, piquete composto de mulatas escolhidas entre as mais bonitas e guapas, vestindo, á moda da terra e da época, uma saia preta, camisa branca toda bordada de entre-meios e rendas, deixando vêr o que deu para se vêr a natureza.

O collo ia todo coberto de rosarios de contas, coraes e do celebre *quebra cangote*, collar de pesadas contas de oiro lavrado. A saia não era bem fechada; tinha uma abertura atraz, uns quatro ou cinco dedos, deixando vêr um panno todo bordado, a que chamavam *acolchoado*.

A' cabeça, levavam as mulatas um ramo de jasmim ou um *general*; isto é, uma gardenia.

Convém que se saiba que, antes da celebre ramalheteira Izabel, do Jockey-Club, vender as suas gardenias a *luiz* de oiro, já as mulatas do Pará as usavam, e por muito menor preço.

As festas de igreja eram muito luxuosas e grandemente frequentadas, não sei se por causa do *flirt*, se pelo sentimento religioso.

A cidade, como atraz disse e não conclui, era muito menor do que actualmente; o bairro do Umarisal, indicadas as direcções de algumas ruas por Jeronymo F Coelho, traçadas outras pelo dr. Malcher, está hoje todo habitado até ao grande largo de S. Braz (Floriano Peixoto).

O bairro Baptista Campos, todo devido á iniciativa do patriota dr. José da G. Malcher, é um dos mais bellos da cidade.

Os bairros do Reducto e S. João, o primeiro um dos mais populosos e commerciaes, e o segundo que começa a florescer, não existiam em 1847; apenas a estrada de S. João estava lançada nos seus primeiros fundamentos. As estradas, naquella época, eram mal alinhadas, marginadas de cercados de páu; hoje, tudo isso acabou; os cercados estão substituidos por elegantes gradis, que deixam vêr jardins, flores e pomares formosissimos:

Os edificios publicos têm tido equal desenvolvimento.

Um bello cáes de branca cantaria guarnece a parte da cidade que olha para o rio. O novo palacete completou a praça de Palacio, hoje da Independencia.

Rampas de desembarque, docas de abrigo (assim fossem ellas limpas) completam a cidade por este lado.

O edificio da Recebedoria substituiu a antiga repartição, ao lado da Travessa das Mercês.

O collegio do Amparo, mesquinamente abrigado numa casa ao largo do Carmo, passou a funcionar no palacete da rua « Santo Antonio », e breve passará para o novo palacio em construcção, á estrada da Independencia.

— O Instituto de Educandos Paraense (Instituto Laurò Sodré)

breve occupará o palacio quasi prompto no Marco da Legua, tendo perto o asylo de alienados.

A informe cadeia de S. José em breve passará para a Penitenciaria, em conclusão.

Foi levantado o elegante hospital da Beneficente Portugueza; o novo e grande hospital da Santa Casa da Misericordia póde já funcionar.

Em 1848, abriu-se o cemiterio da Soledade, que foi fechado em 1879, sendo substituido pelos cemiterios « Santa Izabel » e « São Francisco ».

A agua, má e insalubre dos poços, foi substituida pela agua das fontes, fornecida gratuitamente ao publico por meio de fontes espalhadas pela cidade.

A viação publica tem melhorado : numerosos e elegantes carros estacionam nas praças; linhas de tramways cortam a cidade em todos os sentidos, transportando, em um anno, treze milhões de passageiros.

Não basta isto : abrem-se novas estradas, criam-se colonias que, ligadas pela estrada de ferro que, terminando em Belém, principia em Bragança, são promessas de rapido desenvolvimento.

O nosso regimen commercial se desenvolve ; as duas linhas inglezas de barcos a vapor, as linhas para a America, e as companhias allemães põem-nos em rapida communicação com o mundo exterior. O genio do Barão de Mauá, creando a navegação a vapor do Amazonas, marcou méta gloriosa ao desenvolvimento do Pará, grangeando para a sua memoria direito imperecivel á nossa gratidão, divida que ainda não foi saldada e que aos poderes publicos cumpre pagar.

A par do desenvolvimento da navegação, e com ella o do commercio, as instituições bancarias se multiplicam, o valor dos bens immoveis augmenta, novos productos se descobrem, novas applicações são estudadas e os renditos publicos, que em 1847 mal chegavam a mil contos, em 1897 ascendem a quatorze mil.

A imprensa tambem não tinha de que se orgulhar em 1847;

a pouco e pouco, os papeluchos, como o *Piparote*, a *Aurora* e outros, cederam o lugar á *Folha Official*, ao *Treze de Maio*, ao *Diario do Commercio*, ao *Diario de Belém*, ao *Diario do Gram-Pará*, á *Folha do Povo*, ao *Liberal*, á *Republica*, á *Folha do Norte* e á *Provincia do Pará*, hoje a primeira folha do norte do Brasil, por onde o telegrapho transmite diariamente as noticias do mundo inteiro e cujos prélos Marinoni permitem esperar essas noticias até duas horas antes da sua impressão.

Eis em resumido quadro a comparação das duas épocas, 1847 e 1897, no Pará.

Praza ao destino, ainda para nós fechado em seus arcanos, que, na segunda metade do seculo, o progresso da patria paraense ainda seja muito maior, fazendo resplandecer o seu nome em uma auréola de gloria e de luz. —

Muitos melhoramentos apontados pelo illustre escriptor como projectos, hoje são brilhantes realidades.

O monumento da Republica já se acha erigido á praça do mesmo nome; os palacios do Instituto Gentil Bittencourt para meninas orphãs, e do Instituto Lauro Sodré para o ensino de artes e officios de meninos pobres já se acham esplendidamente concluidos. Belém está quasi toda calçada de parallepedos de granito e passeios de cimento ou cantaria; é illuminada por electricidade, fornecida por duas companhias, e por gaz carbonico; tramways electricos circulam em todos os pontos dos 68 kilometros quadrados da area urbana; communica-se com os seus arrabaldes e com as cidades proximas ou por uma estrada de ferro, com diversos ramaes, ou por lanchas ou barcos a vapor. A cidade possui muitas emprezas de carruagens, com 358 carros de luxo e 96 automoveis. No theatro da Paz, illuminado por electricidade, têm trabalhado as principaes companhias lyricas italianas ou dramaticas portuguezas e brasileiras. Ha, ainda, dois pequenos theatros, o Polytheama e o Apollo. Ha diversas associações de musica, de danças e de sports, com uma raia para corridas de cavallo. As suas praças são ajardinadas

*á ingleza*, devido ao impulso que, para completa transformação da cidade, tem dado o intendente senador Antonio Lemos.

O Pará é de todos os Estados do Brasil o que mais tem aproveitado com o advento da Republica no paiz. Entregue á administração prudente e sabia dos seus governadores, é o que tem melhor comprehendido a fórma federativa da Constituição de 24 de Fevereiro : rendas crescentes, completas e bem applicadas, espirito de ordem e reorganização, productos do trabalho nacional melhor reputados, e instrucção publica mais diffundida.

Com estas idéas deixámos o quadro do porto de Belém, abrimos as cadernetas para as observações diarias e procurámos accommodar as bagagens e fazer conhecimento mais perfeito com os poucos companheiros daquella viagem. Levava, como auxiliar, o Sr. Carlos Fiore, agrimensor italiano já naturalizado brasileiro, rapaz de estatura elevada, barba loura, espirito jovial, entendido e apaixonado pelas sciencias naturaes.

Fizemo-nos apresentar ao Coronel Carlos Leitão, que nos acompanhava, como guia, levando comsigo tres outros homens de cabellos e barba mal tratados, companheiros de infórtunios e sem duvida amigos dedicados. Esses homens, entre os quaes conheci, mais tarde, um dos celebres Pimenteis, já estavam a essa hora deitados e dormindo nas redes amarradas nos varões de ferro, que sustentavam o toldo da lancha. Carlos Leitão, em mangas de camisa, dando com isso signaes de pouca cerimonia, encantou-nos por algumas horas com a sua prosa, suas noticias, resumos de viagens e programma do que iamoz fazer. Era aquelle o mesmo homem, sobre quem tinhamos ouvido falar com tão horrorosa prevenção, como de instinctos crueis e responsavel de assassinios e perseguições ; afinal, viamos um homem de apparencia pacata, espirito de mando, alto, de olhos azues, cabellos e pouca barba loura, onde alguns fios brancos denunciavam os seus cincoenta annos. Não tivemos de nos arrepender da sympathia que por elle logo sentimos, sem que com isso tenhamos

vontade de justificar-lhe os crimes ou violencias que elle voluntariamente tivesse de autorizar. Iamos começar uma viagem arriscada e cheia de perigos, que elle conhecia; eramos obrigados a lhe agradecer as poucas commodidades que nos podia proporcionar a cada momento, vigilante, tenaz e affavel.

Uma hora depois, uma lufada de vento forte varreu o convez da embarcação; estavamos na bahia de Marajó, já tão descripta pelos viajantes estrangeiros e tão conhecida dos geographos de todo o mundo. E' o golpho amazonico, sobre o qual desaguam a impetuosidade e abundancia de grandes rios, entre os quaes se distinguem, por maiores, o Tocantins e o Amazonas.

A bahia de Marajó é formada, na sua vastidão, por dois grandes braços de agua dôce; um recebe a mesma denominação de Rio Mar, outro é mais propriamente conhecido pelo nome de rio Pará, e ambos fazem parte do delta do Amazonas, com a mesma côr amarellenta das águas daquelle rio, separados um do outro pela grande ilha de Marajó, que nos apparecia ao longe, em uma cinta de mata arroxçada e baixa.

Quanto estudo se não pôde fazer sobre a natureza e a existencia deste grande golpho, composto de aguas doces e tão vizinho da vastidão salgada do Atlantico? E' provavel que o rio Pará sempre existisse como um grande desaguardouro da vertente tocantina e que medeasse entre esse rio e o Amazonas uma ponta de terra que, formando uma enseada de varzeas baixas e alagadas, se dirigia em fórmula de península mais elevada para nordeste. O Amazonas, que tinha então só a bocca do Norte na barra de Macapá, foi, por um trabalho de séculos, unindó-se á corrente do Xingú e com a impetuosidade e constancia de ambas cortou aquellas terras baixas, formou a grande ilha de Gurupá, riscou todo o terreno de pequenos furos ou canaes, dentre os quaes o maior é o Tajapurú; formou a extensão e multiplicidade das ilhas de Breves, e veiu finalmente despejar as suas aguas

barrentas desse labor de seculos na vastidão quieta do rio Pará, destacando a ilha de Marajó e formando a bahia do mesmo nome.

Ahi deixo essa hypothese geologica para o estudo dos entendidos, sem querer discutir mais a sua racionalidade. Sempre direi que o comprova o apparecimento, na ilha de Marajó, de uma nação de indios, os Nheengahibas, que não conheciam a navegação e por cujo gráu de adeantamento, até hoje provado pela sua ceramica, só se podia julgar originaria dos *Incas* dos Andes. A ilha de Marajó, segundo a opinião de Ferreira Penna, é a maior que existe na costa oriental do Brasil e de toda a America meridional. Está situada entre o oceano Atlantico e os rios Pará e Amazonas, sendo a S. O. separada do continente por diversos canaes naturaes ou *furos*, pelos quaes se communicam as aguas dos dois grandes rios.

A costa do Norte, denominada Contra-costa, corre de E. a O. quasi parallelamente á linha do Equador, da qual se approxima até 7 milhas, e a sua extensão nessa direcção, da Ponta do Maguary, a E. da bocca do furo Cajuúna, que a limita do lado Occidental, é de 143 milhas geographicas, não excedendo de 89 de N. a S.

Tão immensa planura sem collinas, sem vertentes, sem valles, ficaria sem agua, na opinião daquelle sabio, se a precipitação das nuvens, tão frequentes nessa região, não deramasse copiosas torrentes sobre a sua superficie; durante a quadra invernososa, formando nos logares mais baixos extensos depositos de aguas pluviaes, alguns dos quaes constituem os *Mondongos* (pantanos), e que são os mananciaes de grande parte dos rios que correm pela ilha.

Uma linha approximada á diagonal do polygono insular tirada da bocca do rio Cajuúna, no extremo Norte da costa, á foz do Atua, fronteira á barra do Tocantins, divide-a em duas secções naturaes e quasi eguaes; a de S. O., que é a maior, é toda coberta de matas; na de N. E. são campos, mais ou menos ornados de grupos de arvores, a que se dá o nome de ilhas.

Na primeira destas secções ha muitas terras ferteis pela humidade e calor que nella reinam, grande variedade de madeiras apropriadas a construcções, numerosas plantas uteis á medicina e á industria, e uma extraordinaria quantidade de seringueiras, que fornece a borracha do commercio.

Na secção dos campos existem fazendas de criação com mais de 300.000 cabeças de gado bovino.

As costas ou margens da ilha differem entre si, conforme ás aguas que as banham. Assim, na costa ou margem de Oeste não se encontram terrenos baixos, argilosos e lamacentos ; e a mesma costa Norte, lavada pelos ventos geraes, não apresenta senão uma areia avermelhada, que endurece cimentada pela argila, formando largos parceis, sobre os quaes rolam e se espedaçam as ondas do rio. As costas austral e oriental, pelo contrario, mormente da barra do Tocantins para baixo, se distinguem pela frequente presença de pedras (grés grosso e ferruginoso) e de bellas praias de areia branca ; mas o que sobretudo caracteriza a differença notada, é que a costa oriental numa facha longitudinal, que não excede de tres milhas, em sua maior largura, se abaixa sobre os arrecifes, elevando-se, com algumas interrupções, a uma altura superior e, ás vezes, até muito superior ao nivel geral da ilha, não sendo, todavia, tão importante essa elevação que chegue a tomar o caracter de uma collina.

Limitavamo-nos a dissertar ligeiramente sobre ellas á vista da fimbria longinqua e pardacenta da grande ilha e do pélago a que a luz das estrellas dava uma côr de bronze derretido.

Marajó é uma das porções mais ricas do territorio parense. As industrias extractiva e pastoril fazem della um dos contribuintes mais poderosos do erario do Estado ; na sua superficie levantam-se cidades e villas, taes como : Breves, Antonio Lemos, Soure, Chaves, Cachoeira, Muaná, Ponta de Pedras, etc., dando-lhe uma população variavel de 100 a 200 mil habitantes. O seu clima é ameno e em grande parte sadio ; a sua temperatura varia de 25° a 32° centigrados.

O vento afoito e rijo da bahia, que contrariava a marcha da lancha, dava aos passageiros um estado de frio picante, que uns calices de cognac e os tragos de alguns charutos combatiam agradavelmente. Fomos todos de aviso que se devia descansar um pouco, enquanto a nossa embarcação rasgava a immensa planura da bahia. Já todos familiarizados, dêmo-nos reciprocamente as boas noites, e procurámos as nossas redes, acalentados pelo marulho das aguas, agora suaves, mas que muitas vezes se desencadeam em tempestades causadoras de perigos e naufragios até a navios de alto bordo.

## CAPITULO II

As duas vias de communicações entre Belém e o Tocantins. Rio Mojú. — Cidade de Abaeté. — Cultura da mandiôca. — Fabrico da farinha. — Trapiche Hypolito. — Ilhas. — Palmeiras e mariscos. — O Joróca. — A seringueira. — Cultura da borracha. — Plantação do cacáo. — Sua exploração. — Uma tempestade.

A viagem entre Belém e o Tocantins faz-se por duas fórmas : *por dentro* ou *por fóra*.

A viagem por dentro é preferida pelas embarcações de pequeno porte, como lanchas a vapor, barcos, escaleres e até montarias (canôas), ou por passageiros receiosos das ondas da bahia de Marajó. Sae-se do porto de Belém pelo rio Guajará, que é formado pela união dos tres rios : Guamá, Acará e Mojú ; sobe-se pelo curso deste ultimo, em alguns logares muito estreito por causa das ilhas, que, obstruindo-lhe o leito, produzem os diversos canaes para a navegação ; passa-se em frente da villa do *Mojú*, situada á margem direita do rio do mesmo nome, quasi na confluencia do igarapé *Ubá*, tendo o seu municipio 7.020 habitantes. Poucos minutos ácima, toma-se por um canal artificial feito pelos lavradores daquelle municipio com o auxilio do governo da antiga Provincia do Pará, e em poucos minutos passa-se, sem perigo, do Mojú para Igarapé-miry. Passando-se em frente da cidade do mesmo nome, vai-se para o *Muritipucú*, donde se sae para o Tocantins, de que são estes os primeiros furos ou affluentes.

O passageiro tem de apreciar, em todo este trajecto, sitios risonhos, abeirados de cannaviaes extensos, velhos engenhos movidos a vapor ou por agua, equilibrados ainda com os poucos lucros que lhes deixam a industria de aguardente, visto que o assucar, ha quasi meio seculo, não o fabricam mais, porque a navegação a vapor para o sul do Paiz e a escacez do braço trabalhador os impossibilitaram de competir com os grandes engenhos de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Sergipe.

A viagem *por fóra*, seguida sempre por vapores de alto calado ou por pequenas lanchas, que escolhem a hora da travessia na bahia de Marajó, faz-se por esta, passando-se dali para o rio do Abaeté, que não é outra cousa senão um canal, que communica a bahia com o rio Tocantins, deixando em sua passagem, á direita, um archipelago de grandes ilhas, das quaes a maior é a *Tucumanduba*. Neste trajecto economisam-se seis a oito horas de viagem, conforme o porte e a velocidade dos navios. Convém notar o motivo por que nessa navegação não se aproveita a propria foz do Tocantins, de uma largura superior a 10 milhas : é para evitar as tempestades que costumam cair na *bahia de Marapatá*, que é uma enseada da de Marajó, onde desemboca o grande rio, e por causa do serviço postal, que tem como ponto obrigatorio de escala a cidade de Abaeté.

Sobre o rio Mojú, aproveitado pelos que preferem a primeira via, escreveu o Sr. Barão de Marajó o seguinte : — E' este um dos mais bellos rios da Provincia do Pará, com um bello curso muito extenso, que se suppõe de mais de 600 kilometros, com uma largura, em grande parte do seu curso, superior á 2 kilometros. Emprêguei a palavra *suppõe* e com vergonha o digo, pois que, com a sua embocadura a uma hora da capital, vendo que pelo canal de Igarapé-miry se acham suas aguas ligadas ás do Tocantins, recebendo a 30 kilometros da bocca o *Acará*, pela sua margem direita, e, á grande distancia da foz, pela margem esquerda, o extenso rio *Cairary*, do qual por um affluente se passa ao Tocantins, abaixo de *Mocajuba*,

em frente á ilha de Tamanduá, habitado em uma extensão de 400 kilometros, é, comtudo, muito pouco conhecido na ultima parte do seu curso, assim como no dos seus affluentes. O *Cairary*, seu affluente de muita extensão, é tambem muito pouco explorado. O volume de aguas do Mojú, enriquecido pelas do importante rio Acará, e reunido ás do Guamá (impropriamente chamado assim) é que fórma o rio Guajará. —

Propositadamente, procurei falar do rio Mojú, não só pela importancia quasi desconhecida que elle tem, como porque corre pela mesma região tocantina, com o curso parallelo um do outro e com tal approximação, como bem disse o illustre autor citado, que, em certo ponto, se póde fazer a pé a travessia de um para outro lado, com maxima facilidade, e em pouco tempo. O valle entre os dois rios não tem morros nem despenhadeiros; é quasi plano, circumdado de matas nas margens afastadas, uma da outra, por campos no centro. Para comprovar esta asserção, não só temos o canal do Igarapé-miry, já falado, como tambem a noticia que me deram alguns moradores da villa de S. Benedicto, no Tocantins, de que, em 1874, o Padre Manoel Rodrigues, vigario de Cairary, sahia, pela madrugada, desse rio e vinha dizer missa, ás 8 horas da manhã, na mencionada villa, poucas horas abaixo da cidade de Mocajuba, e fazendo a pé esse trajecto.

Julgo que o rio Cairary não tem affluentes que se communicem com o Tocantins. Falaram-me de um igarapé que, nascendo nas matas da margem esquerda do Cairary, facilita, no inverno, a viagem entre esse rio e o Tocantins. Em todo o caso, agora que o Congresso do Estado tanto se tem empenhado na abertura de estradas entre localidades productoras, não era de mais a applicação de uma pequena verba orçamentaria para o alargamento desse caminho, que communicaria o Alto Cairary com o Baixo Tocantins, facilitando assim o transporte das riquezas da industria extractiva de uma região tão inacessivel á navegação para um porto quasi de quotidiana atracação de vapores no Tocantins.

Quando nos acordámos na madrugada de 5, a aragem do rio tinha a frescura doce das manhãs tropicaes. Já havíamos deixado atraz as villas de Conde e Béja com diminuta população, mas com importancia agricola relativa á cultura da mandioca.

Deixavamos o torvelinho da bahia, e navegavamos nas aguas placidas do rio Abaeté, onde poucas horas depois teria de atracar a *Alcobaça*. Um perfume de baunilha nos vinha suavemente da mata, de um e de outro lado, e um cheiro forte de fermento de canna se fazia sentir, por vezes, dando signal de cannaviaes maduros ou de algum engenho de aguardente em operosa faina. Abaeté e Igarapé-miry são dois municipios, onde a industria da aguardente tem procurado competir com a que vem de Pernambuco. Outros habitantes se occupam na fabricação da gomma elastica ou na lavoura da mandioca, produzindo a farinha branca ou amarella, aqui chamada *farinha d'agua*, que exportam para a capital do Estado e tambem para a cidade de Çametá.

Poucas horas depois, atracámos ao trapiche ou ponte da cidade de *Abaeté*, situada em uma ponta de terra, entre as confluencias dos rios *Juruman* e *Abaeté*, e a margem esquerda do rio *Mojú* e *Igarapé-miry*. Encontrámos nesse porto o vapor *General Jardim*. O municipio de Abaeté tem 12.054 habitantes, na sua maior parte lavradores e industriaes.

A cidade de Abaeté, em 1758, sendo desmembrada do municipio de Béja, então villa, a que pertencia, formou por seu turno um municipio independente, contando, portanto, cento e cincoenta annos de existencia, sendo actualmente uma das cidades mais commerciaes do Estado do Pará.

O systema potamographico do municipio é importante: rios caudalosos cortam-no em todos os sentidos, formando ilhas apraziveis e ferteis, lançando-se uns nos outros e, por fim, no magestoso Tocantins, que ahí fórma as duas enseadas entre a ilha do *Capim*, as quaes são conhecidas vulgarmente com os nomes de *bahia de Béja* e *bahia de Marajó*.

O Sr. H. Amanajás, a quem devemos a maior parte destas notas, é administrador do Diarío Official do Estado, e redigiu por muito tempo *O Abaetéense*, que se publicava ali hebdomadariamente.

Entre os rios do Municipio conta-se o *Meruhú*, possante corrente d'agua, que nasce no municipio de Igarapé-miry, percorre-o em grande parte, communica-se com o Tocantins pelos furos de *Anapú*, *Miritypucú*, *Panacuéra*, *Tocumanduba*, *Maracápucú* e furo do *Capim*; com o *Mojú*, pelo *Igarapé-miry* e *Canal*; recebe no seu percurso o *Cagy*, o *Santo Antonio*, o *Tauaré*, o *Acaraquy*, o *Abaeté*, o *Juruman* e outros pequenos rios, e lança-se no Tocantins, formando esse grupo brilhante de ilhas, que constitue uma parte do territorio de *Abáeté*, e em cuja extremidade está collocada a ilha do *Capim*, com o seu utilissimo pharol.

Em uma das margens do rio *Meruhú* está, entre outros, o grande engenho de aguardente do mesmo nome, cujos productos devíamos saborear na viagem.

O rio *Cagy*, um dos afluentes de que ácima tratámos, é por sua vez um rio de grande desenvolvimento, correndo no valle situado entre o *Mojú* e o *Tocantins*, passando pela região fronteira á ilha do *Pindobal*, pelo povoado *Mahú* e outros sitios perto de *Cametá*; tanto assim, que aquelles lavradores dizem ir cortar cipó, tirar palha ou fazer roçado *nas terras ou campos do Cagy*. E' bello o panorama que nas noites de verão se aprecia da cidade de *Cametá*, que fica fronteira, quando se queimam as derrubadas, afim de preparar a terra para a plantação da mandioca. O clarão do incendio lavra na atmospherá, vermelho, continuo e tão extensamente ás vezes, que produz a miragem de um verdadeiro crepusculo outonal. Diz-se então na cidade que os campos do *Cagy* estão pegando fogo. Este phenomeno annual é muito commum, e em 1891 foi tão intenso, que, ainda durante o dia, a atmospherá se conservava obumbrada por um espesso nevoeiro, que deixava cair sobre o rio flocos de cinza finissima, impedindo a navegação durante horas seguidas.

A cultura da mandiôca faz-se no Tocantins, como em todo o Estado do Pará, muito rotineiramente. Derrubam-se todas as arvores, boas ou más, de uma certa área de mata virgem, deixa-se essa área assim derruida por algum tempo, até seccar e ficar ao ponto de poder pegar fogo ; espera-se uma semana de bom sol, atêa-se fogo nellas por diversos pontos, desperdiçando-se com isso tóros de madeiras preciosas, que poderiam ser aproveitadas na industria, nas artes e até na lavoura. O lavrador sente-se aborrecido, quando a derrubada não pegou bem fogo, sendo necessario repetir nesse caso aquella operação por duas ou mais vezes. A cinza e o carvão, que alastram a superficie queimada, augmentam o poder do humus já fertilissimo da terra. Depois da queimada, segue-se em outro dia o *encóivamento*. Chama-se *encóivarar*, reunir os pequenos páus que se não carbonisaram bem, para repetir a operação da queima.

A maniva, planta que produz nas suas raizes a batata chamada *mandiôca*, conta diversas especies neste Estado, diversamente conhecidas conforme ás localidades, e distinctas pelo talho da folha, pela fórmula da batata e até pela côr e sabor da farinha produzida. Entre as diversas especies que aqui conhecemos, notamos : a *Tucumá-miry*, a *Bacury*, a *Tartaruga*, a *Jaboty*, a *Tauá*, a *Arara*, a *Jacamim*, a *Portel*, e a *Jehú*, que dão farinha mais ou menos amarella e a *Seis mezes*, a *Pretinha*, a *Tupana*, e a *Mangua*, que dão farinha mais ou menos branca.

Além destas, ha o que se chama propriamente *macaxeira* (Manihot Palmate Macaxera), cuja batata cozida é comida como pão. O lavrador, conforme a mandiôca que deseja colher, procura conseguir alguns pés de maniva daquella especie, corta-os em pedaços de 5 a 20 centímetros de comprimento e fal-os enterrar no centro de um monticulo de terra fôfa, revolvida com uma enxada, como se faz com os galhos de roseiras, em épocas approximadas das chuvas. Este systema é o mais seguido e o melhor conhecido. Sáem os rebentos e com elles a planta cresce em altura correspon-

dente á fertilidade do solo e á especie da maniva. Já vi pés de mandioca mais altos que um homem. O lavrador, para todas as operações de que acabámos de falar, busca o auxilio de vizinhos e amigos, fazendo convites para dias aprazados, a que chamam *putirum*, e no sul do Brasil *pixirum*, reinando ao lado do trabalho, que é gratuito, folganças com aguardente e manjares escolhidos. E° esta uma velha usança dos tempos patriarchaes, quasi uma instituição da communa paraense.

Para o crescimento e desembaraço da maniva, deve o lavrador ter o cuidado em limpar sempre a roça, capinando a grama e os cardos, que costumam crescer de envolta com a plantação; é isso quasi um trabalho para as mulheres.

Logo que sentem que a planta está madura, o que é facil conhecer, tirando da terra uma ou duas batatas, ou mesmo pela côr da folha da maniva, trata-se de *desmanchar a roça*. As batatas são tiradas da terra e levadas para um poço de agua pouco profundo, á beira de alguma corrente ou igarapé, onde se produz a fermentação e tambem o amollecimento da batata. Levam-se aoscochos, onde se amassa a mandioca depois de descascada; a massa é introduzida nos *tipitys*, especie de prensa rustica feita de tecidos de talas de palmeira, que comprimem pela tensão longitudinal, fazendo escoar a parteliquida pela peneira da tala. Esse liquido, posto em repouso por algumas horas, fáz apparecer, no fundo do vasilhame em que é depositado, a *tapioca* em quantidade relativa á massa preparada, e, separada a tapioca, fica o liquido puro, a que se chama *tucupy*, e que se presta para excellente conserva de pimentas ou para os cozidos de peixes ou de carnes de caça, a que dá excellente paladar. Da tapioca, com que se prepara a gomma de roupa usada no Tocantins e em quasi todo o Estado do Pará, fazem-se pães e biscoitos saborosos e o *tácacá*, bebida apreciada pelos naturaes do Paiz.

O Sr. Ferreira Penna escreveu sobre o *tácacá* o seguinte: — *Tácacá* e *Tucupy* são productos extrahidos da mandioca e muito apreciados no Pará: o 1° é simplesmente a gomma; o

2º é o succoda mandiôca, que, depois de passar por uma decoção, perde a parte toxica que contém, e converte-se em um molho agradável, a que se ajunta quasi sempre a pimenta para o tornar mais picante e digestivo. Este molho é applicavel ao *tácacá* ou gomma e a outras substancias alimenticias, como á carne e sobretudo ao peixe. —

A massa secca da mandioca é tirada do *tipity* e peneirada melhor, juntando-se-lhe uma outra massa molhada da mandiôca semter ido á agua; e depois de bem misturada, é levada para os fornos chatos de barro ou cobre, conforme é a posse do lavrador. Ao calor do fogo ateador por baixo, depois de remexida a massa por meio de *rôdos* de madeira, surge a farinha, esbranquiçada ou amarella, granulosa ou fina, torrada ou molle, conforme o cuidado do fabricante.

Este producto é empalhado em cestos de talas, *paneiros*, nas antigas medidas portuguezas, de alqueires e meios alqueires, hoje, porém, diminuidos no tamanho, pela especulação commercial.

A mandiôca é, pois, o trigo das regiões amazonicas.

Quando saltámos na ponte de Abaeté, havia uma porção desses *paneiros* empilhados na frente do trapiche, á espera de embarque para Belém. Visitámos a cidade, cheia de uma edificação antiga e sem gosto, com 3 grandes ruas, 5 travessas, 2 praças e 2 igrejas catholicas. A rua fronteira ao rio quasi é um seguimento de pontes, que dão desembarque para os estabelecimentos commerciaes, que ali abundam. Fiz uma ligeira visita ao Padre Pimentel, vigario daquella freguezia catholica e um dos mais antigos sacerdotes do clero parense, o qual me deu algumas informações para o meu cunho de viagem.

A cidade tem cerca de 1.000 habitantes, familias quasi todas de autoridades ou de commerciantes. O Paço Municipal funciona em um bom predio de sobrado.

E'judiciosa a seguinte nota, que obtivemos do Sr. Amanajás:

— Moreira Pinto, nos seus *apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil*, tratando da cidade de Abaeté, guiado

sem duvida por informações deficientes, dá como um dos rios que regam o municipio o de nome *Maratauyra*, que não existe. O que ali se conhece com o nome de *costa de Maratauyra*, é uma parte das margens do *Meruhú*, principal rio de Abaeté, e que confusamente vem naquelle *Diccionario* sob aquella denominação.

Tambem Baêna, no seu *Ensaio Chorographico sobre o Pará*, tratando da outr'ora villa de Beja, diz estar situada na *entrada* do rio Abaeté, o que não é verdade; a distancia, entre a freguezia de Beja e a foz do Abaeté é, pouco mais ou menos, de uma legua.

Entretanto, os limites daquella freguezia estão perfeitamente discriminados na noticia de Baêna. —

Algumas horas depois, desatracavamos do porto da cidade e continuavamos rapidamente a viagem, já um pouco incommodados pelo calor canicular que começava a fazer a bordo. Este trecho da navegação é quasi sem importancia : margens baixas, lodosas, e uma ou outra casa; ilhas com a mesma vegetação e quasi sem cultura; furos ou canaes naturaes, que diminuem ou prolongam a viagem, o que só os praticos conhecem.

As duas horas da tarde, chegavamos ao trapiche *Hypolito*, porto, quasi obrigado, da navegação do Tocantins até para os vapores da *Amazon Company*, por causa da compra da lenha para as fornhalhas dos mesmos e do embarque ou desembarque dos passageiros dos arredores. Este trapiche tira o seu nome do seu proprietario e fundador, *Hypolito* Ribeiro Moreira Sampaio, homem affavel, português de nascimento, mas hoje brasileiro naturalizado e muito patriota. E'um apaixonado do Tocantins, de que fala como se tratasse do seu proprio berço.

Conversei muito com elle sobre a nossa viagem, de que se mostrou interessado, e, lembro-me bem, na minha volta, ao atracar a lancha, não podendo eu saltar em terra, vê-lo na frente do trapiche a acenar-me radiante, com um jornal na mão, gritando-me : — Aqui está, senhor doutor, a nossa estrada

vai começar. — Era, com effeito, um telegramma da « Provincia do Pará » que dava a noticia da partida dos engenheiros do Rio de Janeiro, para a construcção da *Estrada de Ferro de Alcobaca á Praia da Rainha*.

O Sr. Hypolito faz ali um excellente commercio de compra e venda de garrafões com aguardente, potes com mel de canna, cacão, borracha, etc.

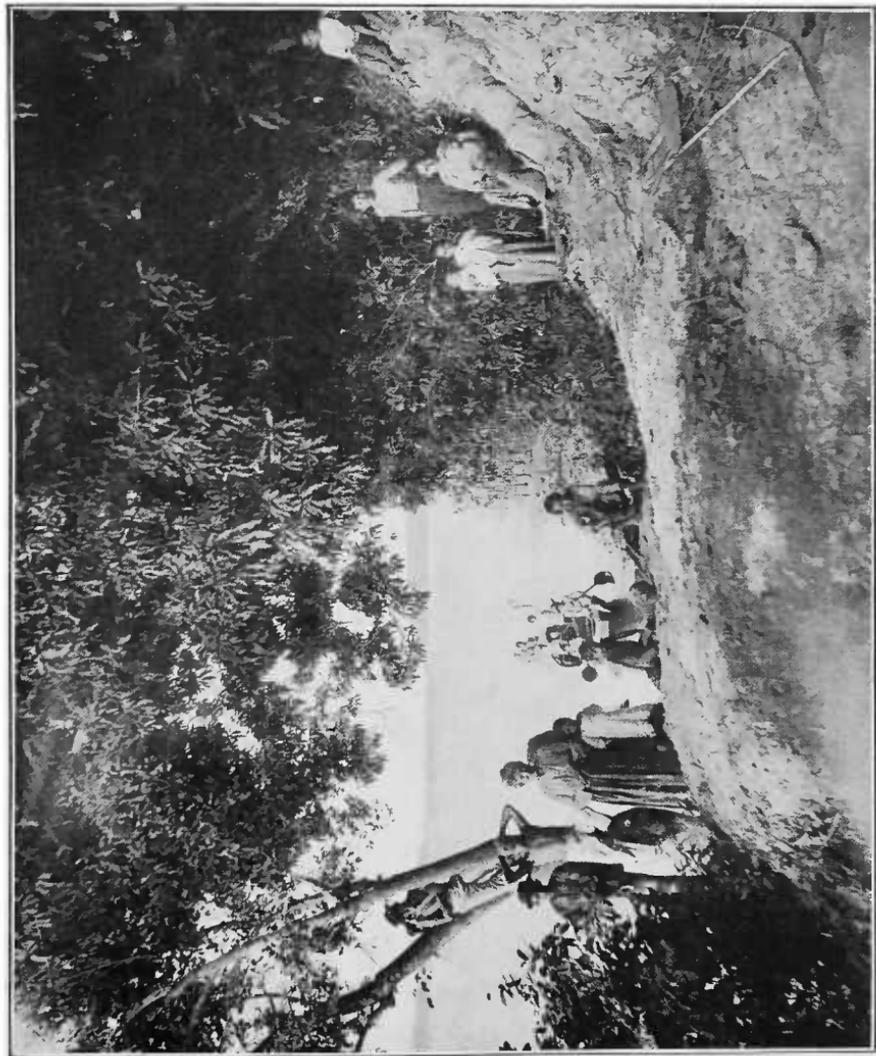
Foi ali o unico ponto do interior do Estado em que vi funcionar uma pequena linha telephonica, communicando aquelle estabelecimento commercial com um engenho pertencente a um cunhado do Sr. Hypolito, situado a mais de um kilometro de distancia.

Depois de algumas curtas indagações, continuámos a viagem, e quasi uma hora depois deixavamos aquella navegação de pequenos canaes ou rios, para entrarmos no dessasombrado estuario do Tocantins.

A fresca e rija viração dos horizontes largos substituiu a aragem calida e intermittente dos rios estreitos : era o franco esplendor das tardes bellissimas da minha terra, onde o céu, de um azul diaphano e immaculado, se casa com a murmura quietude das matas e com a corrente limpida do rio.

O Tocantins tem essa magestade que ninguem lhe nega. Emquanto o Amazonas é, na phrase do sabio professor Hartt, o gigante com os seus mil braços estendidos sobre a metade do continente, colhendo a terra e levando os seus destroços para o mar, para formar, no futuro, novos continentes, o Tocantins, menos infatigavel, mais calmo, na sua obra de composição, vai, por sua parte, trazendo o fertilissimo humus do planalto central do Brasil, para o distribuir na sua propria rede fluvial, na adjacencia das suas ilhas, na elevação vagarosa do terreno das suas margens. O Tocantins é o Nilo Americano; tanto assim, que ultimamente um jornal daquella região notava que as safras do cacão augmentavam nos annos em que a elevação das aguas era maior.

E' innegavel que a alma humana sente um bem estar de alegria ao descortinar o panorama do rio.



Uma paisagem do Tocantins.



As margens tem uma topographia modificavel. Em alguns pontos, a varzea estende-se por um a tres kilometros, coberta de mata rasteira e de aningaes semeados de uma infinidade de palmeiras, quasi todas *mirityseiros* (*Mauricia flexuosa-L.*), cujas flores têm um perfume embriagador e cujos fructos, em grandes cachos de uma multiplicidade sem conta, poucos são aproveitados na confeição de doces e refrescos. Em outros pontos, as terras altas se approximam da margem, e o barranco vem beijar o rio, coberto no cimo de arvorès seculares e soberbas. São estes barrancos argilas de pouca consistencia, que se esboroam com as chuvas e com a corrente do rio, alargando-lhe o leito. Como exemplo disto, sabe-se que já duas ou tres ruas ribeirinhas da cidade de Cametá foram derrocadas pelo Tocantins, antes que o Governo mandasse estender a linha do cáes que hoje existe. Convém notar que esta ultima circumstancia se dá sómente na margem esquerda, que é argilosa, sendo que na margem direita se não conhece o facto do esboroamento, por ser ella constituida de terreno silicioso e cheio de pedreiras. A cidade de *Mocajuba*, por exemplo, situada á margem direita, não necessita de cáes. De lá são levadas as pedras, arrebetadas a dynamite ou polvora, para a construcção do cáes de Cametá. Quando a largura do Tocantins diminue com o apparecimento das ilhas, percebe-se a verdejança destas, que em alguns pontos apresentam o effeito de um bosque de mirityseiros de uma perspectiva admiravel. Essas ilhas são quasi todas de pouca duração, crescem ou desapparecem, formando archipelagos que são tanto menos duraveis quanto menores, formando na sua parte meridional praias arenosas, mais ou menos extensas, e na parte de baixo um lôdo fino, misturado de areia e lama, agradável para se observar de longe como ninho de poesia, mas horrivel para quem intentar fazer ali um desembarque. Além dos mirityseiros, ha, nas varzeas do Tocantins e nas suas ilhas diversas outras especies de palmeiras, das quaes são mais conhecidas : o *Assahyzeiro* (*Euterpe oleracea*), o *Júpatyzeiro* (*Raphia taedigera*), a *Paxiubeira* (*Iriartea exo-*

*rhiza*— Mart.), o *Ubussúzeiro* (*Manicaria saccifera*), o *Urucuryzeiro* (*Attaléa excelsa*), o *Ubimzeiro* (*Geonoma leptopadix*), etc.

Nas terras firmes do Baixo Tocantins notam-se outras espécies, taes como: a *Bacabeira* (*Oenocarpus distichus*. Mart.), o *Inajázeiro* (*Maximiliana regia*), o *Mucajázeiro* (*Acrocomia sclerocarpa*. Mart.), o *Patauázeiro* (*Oenocarpus Pataua*-Mart.), o *Tucumázeiro* (*Astrocaryum tucuma* — Mart). Nos campos do Baixo e Alto Tocantins notam-se as seguintes: o *Coqueiro do campo* (*Cocos* sp. Mart.), *Caranázeiro* (*Mauritia aculeata*), etc.

Estas palmeiras têm applicações variadas para os misteres da vida: da casca do mirityzeiro e do assahyzeiro fazem-se taboas para o soalho de casas e pontes; dos pendões das palmeiras dessa arvore tiram-se talas para fabricação de cestos, gaiolas, esteiras, tipitys, etc.; com as folhas de ubussúzeiro e do ubimzeiro cobrem-se as choupanas e até grandes casas; o amago do pendão do jupatyzeiro presta-se para se fazerem paredes divisorias nas habitações. Grande parte dessas palmeiras são apreciadas na alimentação: o succo do assahy, tirado da pellicula que cobre as sementes, e que é amollecida por meio de agua tepida, transforma-se, depois de peneirado, em um vinho de côr vermelho-escura, de um sabor agradabilissimo e muito apreciado pela quasi totalidade dos habitantes; da *bacaba* e do *patauá* extráe-se tambem um vinho muito agradável, de côr branca ou avermelhada; os vinhos do *caraná*, do *mirity*, do *tucuman* e de algumas outras palmeiras tambem são muito apreciados, differindo entre si pela côr de cada um dos fructos. Finalmente, de todos esses vinhos extráem-se oleos mais ou menos saborosos, utilizados não só na pharmacopéa como tambem no tempero e fritada de peixes e de carnes.

Eis como Hartt descreve a parte do rio, que começavamos a percorrer na pequena lancha *Alcobaça*: — Para baixo, o Tocantins não é um rio; é antes uma lagôa larga ou estuario. As margens são de alluviões

immundas, e as aguas penetram por muitos canaes de ambos os lados, dando, pelo lado direito, communição com o Mojú, e pelo esquerdo, com o estuario que recebe as aguas dos canaes lateraes do Amazonas. —

Mesmo perto do logar em que tinhamos sahido para o rio, avistámos logo a bellissima ilha de *Ararahim*, que é o celleiro dos habitantes do municipio. Muitos vão de todos os arredores passar dias e semanas na ilha, para gozarem a safra abundante dos peixes, de que fazem grandes salgas, e apreciarem o delicioso assahy, que abunda naquelle sitio.

As principaes ilhas que pudemos ali apreciar foram-nos mostradas com os seguintes nomes: *Saracá*, *Jaraquira*, *Jacaré*, *Xingú*, *Joróca*, e outras de menos importancia. São todas piscosas, sobretudo no verão. O ichtyologista que estudar o Tocantins poderá escrever muitos tratados sobre a multiplicidade de peixes, que apparecem a cada momento aos olhos do observador, notando a differença entre as familias e especies de individuos que vivem no Alto Tocantins, sem descer á zona baixa do rio, talvez pela differença de latitude, que dá ao rio varias temperaturas possiveis ou impossiveis para a existencia delles.

Notei no Baixo Tocantins grande numero de mariscos que não apparecem no Alto; os camarões enxameam as enseadas e grotas das margens daqui, e entre elles mostraram-me seccos, em frascos e latas, uma especie a que os naturaes chamam *aviús*, de tamanho quasi microscopico, porém da mesma configuração dos outros, e que não sei se já foram classificados scientificamente. Estes animalculos apparecem no Baixo Tocantins entre os mezes de Maio e Junho e por tal fórma, que chegam a engrossar a agua, sendo apanhados por pessoas, que, fazendo de lençoes, toalhas, etc., pequenas redes, com ellas fazem o lance. Faz-se desses camarões uma excellente sopa ou guisados e fritos.

Nas margens das ilhas, sobretudo na parte lamacenta, alimenta-se e cresce uma infinidade de molluscos: os caran-

guejos (*Gasteropodes*), que gostam das anfractuosidades das pedras, os *uruás* ou caracões, que os naturaes saboream assados simplesmente, ou condimentados em panellas.

Sobre o bom gosto da cozinha tocantina, muito semelhante á do resto do Estado, poder-se-ia tratar extensamente. O habitante do rio quasi não desperdiça caça nem peixe de especie alguma : come veados, pacas, tatús, cotias, mucuras, macacos, etc., saborêa espadartes, pirahybas, cujos filhotes são magnificos, tainhas, maparás, pescadas, dou-radas, tucunarés, jacundás, etc. Come-se até o jacaré-tinga, o camaleão, a preguiça, recusando-se a onça, o tamanduá e alguns outros animaes, que são apreciados no Tocantins meridional. Nota-se tambem muita differença entre os temperos usados em uma e outra região. No Baixo Tocantins, além do que se usa na cozinha civilisada, tal como a pimenta do reino ou da terra, os cominhos, a salsa, etc., tempera-se com caldo de mandiôca (*tucupy*) e com as folhas trituradas dessa mesma planta (*maniçoba*). No Alto, abusa-se do azeite. Até S. João do Araguaya, aprecia-se na cozinha o leite de côco do campo ou da castanha do Pará ; no alto sertão, onde o tempero e até o sal são raros, quasi se prescinde delles ; o cozido é simples, e assa-se a carne sobre o brazeiro, nos campos.

O mez da nossa viagem não era proprio para apreciar os bandos de aves : papagaios, araras e periquitos, que abundam no verão. Entretanto, se ouvia um chillar incessante de passarinhos, que dava um tom alegre á caminhada, e via-se, ás vezes, o traço ligeiro de algumas andorinhas apressadas em vêrem correr o tempo, emquanto lá ao largo uma ou outra gaivota pausadamente dava voltas irregulares, caindo por vezes como uma flexa sobre a facé lisa do rio, para pescar peixinhos, de que parecia fazerem abundantes colheitas.

O céu estava claro : nuvens brancas acastellavam-se quasi immoveis ao redor do horizonte, e só um ponto negro, em uma péquena aureola pardacenta, divisava-se a sueste.

« Temos chuva á noite », disse-nos sorrindo o commandante Lourenço, que era ao mesmo tempo o pratico da viagem; e aquella phrase teve, como veremos, um tom propheticico.

Necessitavamos de lenha para a fornalha, e o trapiche mais perto onde poderiamos obtê-la era o do Ruiivo (Antonio da Silva Pereira), um portuguez naturalizado, homem trabalhador e bom amigo, chefe politico e casado com uma parenta minha.

Foi pelo cair da tarde melancolica e bôa que a lancha\* entrou pelo riô ou furo do *Joróca*, onde se acha aquelle sitio. Esses trapiches, sementeados ás centenas por todo o vasto municipio de Cametá, têm tirado a importancia e vida daquella cidade. Quando antigamente o commercio só se fazia com a séde do municipio, e os barcos á vela vinham da capital em direcção á cidade, Cametá engrandeceu-se, foi um centro de civilisação, tendo vasto commercio, palacetes, officinas e até escolas superiores; mas, com o apparecimento dos barcos a vapor, pela facilidade de encostarem em toda a parte, sem se importarem da maré ou da corrente do rio, os commerciantes estabeleceram-se indistinctamente por todos os furos, igarapés ou ilhas, facilitaram a compra e venda aos habitantes dos arredores, ensinando-lhes a fugirem da séde antiga, cavando a decadencia e a ruina daquella cidade que lhes deu o orgulho de se lhe chamarem filhos.

Logo que chegámos ao trapiche do Ruiivo, saltámos em terra e fômos cumprimentar as senhoras e a criançada, que em todos esses logares é abundante, pois os cametaenses têm dom de prolifacção superior ao de todos os outros habitantes do Pará. Offereceram-nos café e fumo em cigarros e cachimbos. Até neste ponto essa gente mostra um cunho de nacionalismo que se não encontra facilmente em outra parte; pois eram o café e o tabaco as duas plantas que circumdavam o antigo escudo nacional.

Tivemos boas informações dos arredores. Já ali se cultivava em grande parte a borrachá da seringueira e o cacáo, que

abunda nas varzeas, e sobretudo nas ilhas, que nos tinham parecido sem cultura.

A borracha, cuja primeira monographia com analysê scientifica foi apresentada na Europa por La Condamine, é uma das riquezas naturaes do Estado, e tem aqui, como em todo o Amazonas, o mesmo systema de cultura. Data o seu conhecimento dos fins do seculo xvii, pelos missionarios portuguezes que viveram entre os indios do Solimões, sendo o primeiro que della deu noticia e a utilizou, o carmelita frei Manoel Esperança, que estabeleceu missões entre os *Cambebas* ou *Umanuas*, como se deduz da copia imperfeita de uma carta de outro carmelita que missionava entre aquelles indios, em 1738. Esses indios fabricavam botijas, baldes e outros vasos, em que conduziam ou conservavam as suas bebidas e fructos, e o seu primeiro cuidado, quando recebiam hospedes ou visitas dos missionarios, era offerecer-lhes um desses utensilios de nova especie, cheio de bebidas espirituosas ou de fructos das suas terras.

Os Europeus, pouco habituados ao uso dessas bebidas ou fructos, davam-lhes muito menor importancia, do que aos vasos que as continham; os missionarios, pela perspicacia, viram o utensilio e acharam-no digno de toda a attenção. Eram aquelles logares baixos e alagados; e, como a humidade para o Europeu era origem de molestias perigosas, a borracha teve logo uma util applicação, sendo empregada em calçados, que os preservavam da humidade, provindo dahi o fabrico de botas e sapatos. Este uso se tornou geral no Pará, donde se passou para Portugal, e o proprio Rei D. José tambem quiz ter botas cobertas de gomme elastica, visto que a nobreza, clero e povo ja as usavam, mandando para esse fim o Governo uns poucos de pares para serem convenientemente preparados.

Em França, em 1768, o cirurgião Macquer, em uma memoria que apresentou á Academia das Sciencias de Paris, ponderou a essa instituição a substituição do metal por esse artefacto no fabrico das algalias. Sendo adoptado, foram reco-



O corte da seringueira.



nhecidas as vantagens do seu emprego. Foi por esse motivo que o Governo Portuguez, no ultimo anno do seculo dezoito, acceitando o offerecimento do cirurgião do exercito Dr. Francisco Xavier de Oliveira, o autorizou a vir residir no Pará, para fabricar eguaes instrumentos e fazer desenvolver essa industria, de que os francezes estavam exercendo monopolio, aproveitando a nossa materia prima. Os *Cambebas* chamavam a borracha *canuchú*, que os francezes modificaram para *caoutchouc*, sendo conhecida no commercio com o nome de *borracha*, que o povo denomina *seringa*. Aparece tambem na nossa praça uma borracha do Alto Tocantins com o nome de *caucho*.

A borracha é o leite extrahido da arvore *seringueira*, scientificamente chamada *hevea brasiliensis*. Quasi não se planta a seringueira: ella apparece e cresce, sobretudo nos logares baixos e alágados. Chama-se *estrada* de seringueiras o caminho tortuoso que liga entre si 80 a 100 daquellas arvores. O systema de fazer a borracha é muito rudimentar: córta-se pela manhã, por meio de machadinha de ferro, com dois a quatro golpes, cada uma daquellas madeiras; prendem-se as tigellinhas de barro ou de flandres em baixo de cada cesura; vai-se mais tarde recolher em vasos o leite colhido, traz-se para a barraca, despeja-se em bacias e, depois de se fazer, com sementes das palmeiras *inajá*, *urucury* ou cavacos de certas madeiras, um fogo abafado em um tubo afunilado, feito de barro, chamado *boião*, com a parte larga voltada para a terra, pelo qual sae uma fumaça espessa, procura-se com fôrmas solidificar o leite, mergulhando-se aquellas intermittenemente orano deposito do leite, ora no meio da fumaça. Assim é que um só homem pôde ganhar diariamente de 9.000 a 50.000 réis, quasi sem trabalho. Esta facilidade de vida tem implantado nas povoações do Amazonas a incuria para as antigas culturas, a riqueza relativa e com ella a vadiação e o vicio. Muitos desses extractores abandonam esse meio moderado e empregam ambiciosamente os *mutás* ou andaimes, para subirem e cortarem

junto dos galhos das arvores, e o *arrocho*, escavando o solo em procura das raizes, afim de as cortarem, sem se importar com os prejuizos dos proprietarios, provocando assim a morte das arvores por um meio condemnavel. Não sei porque os extractores de borracha conservam o modo de preparar o leite por esse processo rudimentar, quando já têm apparecido alguns machinismos e preparados inventados por lavradores ou industriaes, os quaes, se fossem adoptados, creio que dariam mais descanso na lide e economisariam o tempo, que poderia ser empregado em outra utilidade. A machina Coutinho leva vantagem sobre o antigo processo pela defumação, e o preparado do Sr. Freitas obteve do Governo Federal privilegio para o seu invento, de que elle está fazendo propaganda assidua no Amazonas, para o tornar conhecido.

O cacáo do Tocantins não tem nos *stocks* da Europa a reputação commercial do similar das Antilhas, do Mexico e de outros paizes. Dá-se-lhe pouco trato: apanham-se indistinctamente os amadurecidos, já um tanto pôdres, e até verdoengos, notando-se que, no Pará, a colheita simultanea dos fructos maduros e verdes é devida á falta de regularidade no seu amadurecimento. No Sul, o café amadurece de uma só vez; aqui, ha ao mesmo tempo fructos maduros e verdes, difficultando a selecção na colheita.

O cacáo apanhado é quebrado, pondo-se as sementes dentro de barricas ou caixões para se fazer a fermentação necessaria, afim de perder o amargor das amendoas, durante 3 ou mais dias, e dahi vão para os *tendaes*, aproveitando-se o sol para as seccar; as cascas põem-se para um lado e reduzem-se a cinzas para o fabrico do sabão, que é reputado de boa qualidade. Do caldo do cacáo, que é tirado pela pressão do *tipity*, preparam-se geléa, licôres e vinhos; mas, com esse aproveitamento indirecto, o agricultor perde uma grande parte do valor do producto, retirando a substancia saccharina que envolve a semente preciosa. No Mexico, o lavrador que exporta o cacáo não quer saber de capilés nem de refrescos. A semente colhida é posta ao sol

...  
nas praças das cidades, e os agricultores, e os lavandores, e os  
com os prejuizos dos proprietarios, por causa do mesmo  
morte das arvores por um modo condemnavel. Não sei porquê  
os extractores de borracha conservam o modo de preparar o  
leite por esse processo rudimentar, quando já têm apparecido  
alguns machosmos e preparatos inventados por lavandores  
ou industriaes, os quaes, se fossem adoptados, erão que dariam  
mais descaço na lide e economisariam o tempo, que poderia  
ser empregado em outra mudeza. A machina Coutinho  
leva vantagem sobre o antigo processo pela defumação, e o  
preparado do Sr. Freitas obtido do Governo Federal privilegio  
para o seu invento, do que elle está fazendo propaganda  
essida no Amazonas, para o ser conhecido.

O cação do Tocantins não tem os stocks da Europa a re-  
putação commercial do cachaço das Antilhas, do Mexico e de  
outros paizes. Di-se-lhe por estrato e apanham-se indistincto-  
mente os amadurecidos, já um tempo poderos, e até verdeengos,  
notando-se que, no Pará, a colheita simultanea dos fructos  
maduros e verdes é devida a falta de regularidade no seu  
amadurecimento. No Sul, o cação amadurece de uma só vez;  
fipitila ao mesmo tempo fructos maduros e verdes, diffi-  
cultando a selecção na colheita.

O cação apanhado é queirado, sendo-se as sementes  
dentro de barricas ou caixões para se fazer a fermentação ne-  
cessaria, a fim de perder a amargue das sementes, durante  
3 ou mais dias, e dali vão para os tendões, aproveitando-se  
o sol para as secar; as cascas põem-se para um lado e  
reduzem-se a cinzas para o fabrico do sabão, que é reputado  
de boa qualidade. Do caldo do cação, que é tirado pela  
pressão do *lipity*, preparam-se guleas, lieões e vinhos; mas,  
com esse aproveitamento indirecto, o agricultor perde uma  
grande parte do valor da produção, restando a sub-  
stancia saccharina que existe na semente preciosa. No  
Mexico, o lavrador que exporta o cação não quer saber de  
capilés nem de refrescos. A semente colhida é posta ao sol



A defumação do leite



ou em aquecedores mechanicos, e depois de secca é bem revistada, bem limpa, para então ser exportada. No Pará, os cultivadores não têm o cuidado preciso de revolver as amendoas por diversas vezes, como é necessario diariamente, deixando-as algumas vezes levár até chuvas. A semente suja, meio humida, meio secca, cheia de filamentos e de substancias extranhas, é ensacada e remcttida para Belém e dahi exportada para a Europa, onde recebe um valor inferior ao que deveria ter. Os culpados desta inferioridade que tem o nosso cacáo no estrangeiro, são os commerciantes que o compram, apezar de já alguns compradores da Praça de Belém recommendarem, por circulares, aos seus aviados a aquisição do cacáo de boa qualidade e devolverem algumas remessas por esses enviadas, por não estarem nas condições. O motivo tambem de não ter o preço que deveria ter no estrangeiro o nosso cacáo, é a fôrma por que se o colhe no Tocantins : por um desfastio, no tempo em que se não vai para a castanha ou para a borracha. Pedimos venia para transcrever aqui as judiciosas ponderações que escreveu o Sr. Ferreira Penna sobre a planta *cacáo* (*Theobroma dos botanicos*), e que representa uma grande riqueza do Estado : — Talvez não haja Provincia alguma do Imperio onde a terra retribúa mais generosamente a quem a beneficia do que no Pará, onde nenhum genero de cultura offerece ao lavrador tanta garantia de prosperidade como o cacáo, principal base da riqueza da Provincia. Sobre a cultura e preparo são dignas de se transcrever as observações do autor ácima citado :

#### ESCOLHA DO TERRENO

O terreno que convém ao cacáo deve ser o mais fertil possivel. Além disso, convém examinar se a camada de terra vegetal é simplesmente superficial ou se profunda. Neste ultimo caso, o cacáoheiro ganhará sempre maior vigor e se póde

contar que a sua duração não será inferior de 70 a 80 annos. No primeiro caso, porém, vegetará com promptidão até ao momento de dar fructos, ou quando muito até á 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> colheita. Nessa época, a raiz, que se aprofunda muito, toca á argila ou areia, e a planta então fenece. Os terrenos alluviaes, como em geral são os da margem do Amazonas e do Tocantins, são de ordinario muito apropriados para a producção do cacáo, e quasi que exclusivamente nas suas margens e nas dos *igarapés* proximos é que se acham as principaes plantações; não tanto por serem os melhores, mas porque, não tendo as arvores ahí raizes profundas, dão pouco trabalho ao lavrador para extirpal-as, circumstancias preciosas nestas regiões, onde o trabalho só se effectua quando a necessidade é imperiosa! Certas plantas que apparecem no mato, indicam ao lavrador experiente se a terra é ou não bôa para o cacáo. — Onde cresce, por exemplo, o *urucury*, diz o Sr. Silva e Sousa, cresce tambem o cacáo; o *marajá* indica o contrario. —

#### PREPARAÇÃO DO TERRENO

Escolhido o terreno, roça-se em Junho ou Julho e queima-se em Outubro; encóivara-se bem até ficar o roçado todo limpo.

Feito isto, divide-se o terreno em canteiros dispostos em linhas rectas cortadas por outras eguaes e equidistantes; isto é, em quadrados, e, em cada um dos seus angulos, assenta-se uma estacã, que marca o logar onde deve ficar o futuro cacáoeiro.

O espaço que se costuma deixar entre uma e outra estaca ou, o que é o mesmo, entre um e outro cacáoeiro, é de 12 a 14 palmos, porque, assim diziam alguns lavradores, o cacáoeiro fecha-se em 2 a 3 annos e não occupa tanto terreno, como acontece quando se planta de 12 a 20 palmos de distancia.

## SEMEIO

Depois de limpo o terreno, procede-se ao semeio. Esta operação consiste em quebrar os fructos maduros, extrair as sementes e mettel-as na terra. Entre uma e outra semente deve haver um espaço de 4 a 6 pollegadas, afim de que, na occasião da mudança, cada uma possa sair com uma porção da terra em que tiver germinado. Regam-se a miude os logares semeados e faz-se-lhes sombra com uma cobertura de palha de 6 palmos de altura, para que as plantas fiquem frescas, arejadas e recebam luz sufficiente.

## MUDAS

Em Janeiro, as sementes já têm germinado e as hastes tocado á altura de 12 a 16 pollegadas; é tempo de tiral-as do viveiro e plantal-as nos logares designados pelas estacas. O melhor tempo, porém, para a plantação é em Fevereiro; porque o *veranico*, ou verão de S. Martinho, lhes faria algum mal, se fossem plantadas em Janeiro. Se a plantação, diz um dos cultivadores praticos, fôr feita em dia de lua nova ou tres dias depois, pôde-se contar com bom resultado. Antes da plantação é preciso preparar o canteiro com terra preta, bem cavada e solta, e fazer sobre ella uma cobertura de palha para proteger do sol a nova planta. Feitos estes preparativos, com uma faca ou outro instrumento conveniente, abre-se a terra em que está a planta germinada, até se tocar na extremidade da raiz mestra, convindo não cortar parte della; se tal, porém, acontecer, nem por isso se perde a planta. A muda deve ser extraida do viveiro com parte da terra em que germinou e cresceu, e tanto melhor se a raiz sair toda envolvida com essa terra. Apenas tirada do viveiro, deve ser plantada, abrindo-se ao pé da estaca uma cóva, cuja largura e profundidade devem ser proporcionaes ás dimensões da raiz da planta com a terra que a envolve. A raiz deve ser collo-

cada na cova em sua posição vertical; se fôr collocada torta, a arvore não cresce bem. Mettida a planta na cova, chega-se-lhe terra preta em torno, e cobre-se pelo modo já referido.

#### PLANTAS PROTECTORAS

O ardor do clima equinoxial não permite que uma planta tão delicada na sua infancia possa vegetar sem o amparo ou sombra de outras plantas. Por isso, e talvez por um principio de economia pratica, é que os lavradores costumam entremear o futuro cacaoal aproveitando os espaços entre as estacas, com pés de mandiôca, milho e feijão (1). As pacoveiras, além do fructo que fornecem, são as mais uteis aos novos cacáoieiros, porque lhes dão sombra sufficiente e concorrem muito para conservar o solo sempre humido. Convém, todavia, não plantal-as em todos os intervallos das arvores, mas sim alternadamente, deixando livre um delles. O milho, depois de plantado o cacáo, colhe-se, porque em 4 mezes germina, cresce, fructifica e amadurece. A mandiôca, póde-se colher no fim de 6 a 7 mezes, podendo-se logo replantal-a na época para dar ainda uma colheita, porque as pacoveiras ainda não estão fechadas. Quando a mandiôca toca a um ou dois palmos de altura, planta-se o milho e algum outro vegetal annual.

#### TRATAMENTO

Esta vantagem é tanto mais preciosa quanto o cacaoal desde então pouco trabalho exige para a sua conservação e para a producção, sendo bastante para isso extirpar delle algumas parasitas de que é perseguido e alguns arbustos, que apparecem por entre as arvores. O pessoal empregado neste serviço não póde ser mais economico. Para um

(1) Isto no Amázonas, segundo consta.

cacaoal de 1.000 pés *basta um homem* para o conservar em bom estado, sobrando-lhe tempo sufficiente para cuidar de outro serviço. Ainda mais : este homem, se não fôr distraído para outro trabalho, póde, elle só, encarregar-se do tratamento de 7.000 pés de cacáo.

### PRODUCCÃO E COLHEITA

A producção do cacáo é irregular, por depender de muitas e variadas condições do tempo, das estações, da maior ou menor cheia do Amazonas e do Tocantins, e de outras condições, entre as quaes avulta a do maior ou menor espaço que se deve guardar entre uma e outra arvore. Calcula-se, em termo medio, em 50 arrobas o producto de 1.000 pés de cacáo. Quando a safra é grande, 1.000 pés produzem até 100 arrobas e ás vezes mais. O Sr. Machado-Angico informou-me que é tal a irregularidade na producção, que um pé, ás vezes, dá uma arroba, e outras vezes não, dá mais de uma libra. A influencia do espaço ou distancia entre os cacáoeiros é muito notavel. A este respeito a informação do Sr. Silva e Sousa diz (e eu observei factos identicos na *ilha de Arapary*) : Ha no rio de Alémquer 700 pés de cacáo, que dão por anno 130 a 150 arrobas. No mesmo logar, ha 2.700 pés, que têm dado 350 arrobas; e perto de Santarém, 7.000 pés, que raramente dão 150 a 200 arrobas. Os 700 pés ácima citados estão plantados a 20 palmos de distancia um dos outros ; os 2.700 a 14 palmos e os 7.000 pés estão a 9 palmos.

Este facto merece toda a attenção dos futuros cultivadores. Addiciono a differença notavel que resulta do espaço mais ou menos guardado entre aquelles cacáoeiros.

Os plantados a 20 palmos deram	20 0/0.
Os » » 14 palmos —	13 0/0.
Os » » 9 palmos —	2 0/0.

A colheita se faz, em geral, duas vezes no anno, de Janeiro

a Março e de Maio a Outubro. Em Santarém, a colheita se faz ordinariamente de Abril a Agosto.

### PREPARAÇÃO.

A preparação do cacáo começa pelo quebramento do fructo, empregando-se para isso uma faca; extráem-se as amendoas, que se vão collocando em um caixão ou, como muitos fazem, em um casco de tartaruga secco. Despejam-se dessa vasilha em um *tupé*, especie de esteira de taboca, ou sobre um tendal de madeira, onde ellas começam a fermentar, devendo-se, porém, revolver-as de hora em hora durante o dia com um rodo, afim de que a fermentação seja igual, pois é necessaria para a boa qualidade do cacáo. Fica assim o *cacáo* bem *mancheado*, como dizem, e perfeito. Outras informações dizem que, extraídas as amendoas, devem ellas ficar depositadas, pelo menos 24 horas, em vasilhas proprias, nas quaes desenvolvem a fermentação. Depois de fermentadas, são levadas ao sol, até ficarem bem seccas, para não arderem no paiol. Esse descascamento só se consegue em 5 ou 6 dias. Do paiol é o cacáo ensacado para o mercado.

### CULTURAS EM TERRAS ENXUTAS.

Sempre me persuadi de que esta planta podia ser mais proveitosamente cultivada nas terras enxutas, porém frescas e fertéis, do que nas varzeas. Dirigi perguntas a diversos lavradores a respeito, e, das suas respostas, me foi facil concluir que as varzeas eram preferidas unicamente, pois nellas o trabalho de preparar o terreno era muito menor do que nas terras firmes. O cacáo, dizem os informantes, produz bem em terra firme, quer nos montes quer nos valles ou terras de *massapé*, que se encontram geralmente em rios de aguas pretas; porém, ha mais facilidade em fazer uma roça nas varzeas, onde as arvores não têm raizes profundas, e por isso

facilmente se arrancam. Nas terras firmes, o trabalho é muito maior; além disso, o cacáoeiro nas varzeas cresce com mais rapidez.— Estas duas circumstancias nos têm conduzido, dizem elles, a viver sempre no lamaçal! — Na Provincia do Maranhão e em clima menos ardente, como nos valles do baixo *S. Francisco, Paraguassá, Jequitinhonha, Mucury, Rio Dôce e Parahyba do Sul*, o cacáoeiro pôde sem duvida ser cultivado em grande escala e com superioridade sobre o café, por exigir menos trabalho e um pequeno numero de braços no seu custeio. A esta vantagem reune-se ainda a grande duração do cacáoeiro. No Pará esta duração é de 80 a 100 annos. A duração maxima não foi ainda calculada, porque excede á da idade mais avançada dos cultivadores; pôde-se, porém, fazer uma ideia pela existencia do Cacaoal Imperial, que é quasi contemporaneo das primeiras missões jesuitas no Amazonas. —

\*  
\* \*

Fazia-se tarde. O machinista da lancha veiu-nos avisar de que tinhamos lenha sufficiente para continuar a viagem por mais uma dia. Despedimo-nos daquelle estabelecimento commercial, acceitando os copos de cerveja que nos foram offerecidos, como saudação ao bom exito da viagem, pelo Sr. Antonio Pereira, que mezes depois, como soubemos mais tarde, fallecia em Cametá. Abracei a meninada alegre a quem distribui alguns presentes. Não faltaram conselhos que nos avisassem de que uma tempestade proxima nos apanharia, antes da noite, na costa do rio. Fizemo-nos surdos á admoestação, e enthusiasmados por affrontar o primeiro perigo, embarcámos e zarpámos da ponte, acenando com os lenços para o mulherio ali apinhado.

A *Alcobaça*, com boa marcha, retrocedeu pelo mesmo caminho por onde tinhamos entrado, e em menos de uma hora sahimos do *furo do Joróca* para o grande rio, onde as lufadas da ventania começavam já a encrespar as aguas, no prenuncio da grande tempestade, que em poucos minutos

fez escurecer céu e terra. Tenho feito viagens para o Sul do Brasil, atravessado bahias e mares, assistido a trovoadas e tempestades; mas declaro que nunca vi nem me senti com mais medo do que deante daquelle rio que pela manhã nos parecera um paraíso e que agora nos abria a bocca do inferno. As aguas não tinham mais a côr azul diamantina; parecia a sujidade de um charco apoplectico, gritador como a alma damnada de um condemnado. O céu não era mais diaphano: tornara-se em uma aboboda de chumbo ennegrecido, que nos apertava, a nós, e a embarcação, que estalava naquelle amplexo desesperado. Pouco e pouco, tudo ennegreceu. Sumiram-se as estrellas, o céu, a mata e até o rio: parecia que estávamos em um só abysmo, tendo por unico desfecho a morte. O vento, zunindo por entre as obras mortas da *Alcobaça*, apagava as luzes. A respiração offegava com aquella atmospherá pesada; levantados, cambaleávamos; dentro das redes, servíamos de joguete, com o movimento do navio. Pouco tempo depois, os estomagos não puderam supportar mais, e, em linguagem marítima, *deitamos carga ao mar*. O piloto veiu-nos avisar que era impossível continuar a viagem, por se não enxergar o rumo; e muito a custo, procurámos uma enseada da margem, onde atracámos o vaporzinho.

Assim passámos a noite de 5 de Março, gemendo, vomitando, todos enfastiados da agitação.

Um mineiro que, mais ácima, vi atravessar as cachoeiras, de semblante prazenteiro e cantarolando, estava agora enervado, chorando como uma criança e pallido como um moribundo.

### CAPITULO III

Sabida pela fóz do Tocantins. — Villa do Limoeiro. — Ilha do *Japihim*. — Cameté-Tapéra e seu historico. — Pacajá e Aldeia. — Cidade de Cameté. — Primitivos indios ; seu captiveiro e catechese. — Os Jesuitas. — Historia de Cameté ; revoluções ; os dois Romualdos. — A cabanagem e o Padre Prudencio. — O cholera e Angelo Custodio. — O primitivo commercio e João Augusto. — Ascendencia politica. — Dr. Freitas e Senador Siqueira Mendes. — Arrabaldes de Cameté, estradas de rodagem e estabelecimentos industriaes. — *Sitio Cupijó* e sua importancia. — Floricultura dos Cametaenses, seus costumes e indole artistica. — Considerações sobre o futuro de Cameté. — Festividades religiosas.

Pela madrugada, a aragem fresca e leve, que me fez recordar os bons tempos da infancia, deu-nos um despertar alegre que quasi nos fez esquecer o pesadelo dos máus sonhos da vespera.

Manhãs, oh ! boas manhãs, não ha como as do Tocantins !

O vento arreféga os vestidos dos passeiantes como se tivesse dedos de mulher ; não ha quem se não sinta satisfeito ao defrontar aquelle panorama de vida poetica, humedecido pelo orvalho da madrugada, sentindo o corpo e a alma mais leves, um raciocinio mais claro, uma vontade de rir e de cantar.

Fez-se o café que, mesmo no grosso vasilhame de bordo, teve um sabor deliciosissimo. Fiore lembrava-se de Napoles e recitava versos de Petrarca ; Leitão achava somenos tudo aquillo, em comparação com os bellos quadros com que a natureza pródiga do Alto Tocantins nos esperava. Tive vontade

de fazer um exame retrospectivo da viagem. Não haveria outro caminho a seguir, senão aquelle por onde tínhamos vindo? Facilmente nos responderam : as canôas pequenas, temendo temporaes semelhantes ao que havíamos apanhado, procuram a beirada da margem esquerda do Tocantins, bem junto á terra firme, indo assim passar pela foz do rio *Mupy*, affluente do grande rio, por essa mesma margem, cujas nascentes são os campos baixos e alagados do centro; e por esse caminho saem as canôas muito ácima, quasi junto á *Cametá-Tapéra*. Não se afoutam a essas viagens pelo meio do rio, ao largo dessas ilhas, como a do Joróca, onde ainda estavamos atracados.

Emquanto se fazia vapor na caldeira, o pratico Lourenço veio conversar comosco e nos descrever as paragens que tínhamos deixado atraz, e por onde não tínhamos passado. Se quizessemos regressar dali e sair pela foz do Tocantins, aproveitando o *canal do Limoeiro*, na margem esquerda do rio, teríamos de tomar um bom pratico para evitar os bancos de areia, que circumdam de lado a lado o citado canal, passando em frente do povoado de *Janua Cœli*, logar aprazível e pittoresco.

Lembrei-me bem da villa do Limoeiro quando, em 1887, a visitei, ainda freguezia. E'um ou dois arruamentos de casas pequenas, porém alegres, que a familia Novaes, tendo á sua frente o illustre geographo paraense Dr. Carlos Novaes, pretende elevar á categoria de séde de comarca. Uma pequena igreja catholica dá-lhe o cunho cultural da terra, e uma escola mixta, actualmente regida pela professora D. Violante Duarte, distribue a instrucção primaria pelas crianças da villa e dos arredores, onde não existe quasi analphabeto. Nesta villa, ha uma collectoria estadual, independente da de Cametá.

O furo do Limoeiro para baixo separa o continente da grande ilha do *Tatuóca*, que fórma, com o archipelago das ilhas adjacentes, a ponta occidental da barra do Tocantins, passando este furo a denominar-se *Curuçá*, nome do rio

que nasce na dita ilha e de uma povoação que lá existia no tempo da revolução de 1835. Destruída esta pelos cabanos, foram os habitantes obrigados a passar para o Limoeiro, dando começo á actual villa. Pouco ácima, antes de encontrár o furo do *Pagé*, perde esse nome, para se chamar furo do *Japihim*, até desaguar na bahia de Marajó.

Quando, em 1886, demarqueei, como engenheiro, a ilha do *Japihim*, pertencente ao senador José Garcia da Silva, laborioso senhor de engenho e emprezario da navegação a vapor no districto, reconheci perfeitamente a topographia desse terreno. A ilha do *Japihim* fica situada entre os furos *Japihim pequeno e Japihim grande*, e entre o furo do *Pagé* e a bahia de Marajó, ali chamada do Pacajá. E' esse o caminho por onde passam as cânôas dos cametaenses, que vão annualmente aproveitar o verão nos seringaes das ilhas de Breves ou de Gurupá. Essas embarcações são verdadeiras *andorinhas* de mudança: levam familias inteiras, com homens, mulheres e crianças, pequenos moveis, panellas, paneiros com flôres, gallinhas e patos (*xerimbabos, neologismo indigena*). O furo do *Pagé* é um ponto obrigado dessa navegação, e, por uma velha usança fetichista, o forasteiro que por elle passa, é obrigado a deixar alguma roupa do corpo, para abrandar os manes occultos que ali moram, com o fim de lhe darem propicia viagem; e se isso não fizer, nunca mais por ali voltará. Colloquei nesse tempo um marco de grosso *acapú*, bem fronteiro á bocca do dito furo estreito e lugubrememente sombreado com os ramos dos arbustos carregados de trapos, camisas, calças, saias encardidas pelo tempo. O commercio desses forasteiros, que abandonam as terras do Tocantins durante seis mezes, é feito pelos aviadores da cidade de Cametá, á espera das arrobas de borracha que hão de trazer. Quantos por ali não têm passado pobres e voltado ricos, ou não regressaram mais, uns por terem fallecido, outros por terem fixado residencia e estabelecimentos commerciaes nas ilhas e nas margens do Amazonas, onde abundam cametaenses abastados, agentes opulentos do engrandecimento do Es-

tado! A indole do cametaense é genuinamente aventureira, visto que em toda a parte do Pará e Amazonas encontra-se daquelle povo.

Quando concluimos esta conversa, a *Alcobaça* desatracava da beira e fazia-se ao largo. Não havia quem não predissesse bom tempo para a jornada do dia. Costeámos a ilha do *Corrêa* e enfrentámos a terra firme, onde está situada *Cametá-Tapêra*, primitivo lugar em que foi fundada por Feliciano Coelho de Carvalho a cidade de Cametá, e onde se acha sepultado Francisco Coelho de Carvalho, governador e capitão general do Estado do Maranhão, e pae de Feliciano Coelho, a quem doara aquellas terras, como primeiro donatario, e fallecido abi no dia 15 de Setembro de 1636.

Apossou-se de nós um respeito historico por aquelle lugar. Avistam-se ainda hoje as ruinas da casaria antiga, habitada pela fidalgagem portugueza, rodeada dos indios mansos, catechizados pelos missionarios. Dahi sahiu apparelhada, no dia 28 de Outubro de 1637, a grande esquadilha de Pedro Teixeira, o mais heroico e cavalheiro colonizador do Pará, com uma guarnição de indios cametaenses, escolhidos talvez por serem os mais destemidos e aventureiros, para irem assentar os marcos limitrophes do Brasil nas margens do *Napo*, na fralda dos Andes, fronteando com o Perú. Se não fosse essa viagem arriscada de 2 annos e quarenta e quatro dias, em que a tripolação heroica ficou dizimada pelas doenças, pela differença do clima e pelo cansaço, que seria hoje o Brasil?!

E' bem possivel que as tendas de Quito estivessem agora arvoradas na região baixa do grande rio, tão cobizado pelos estrangeiros. O que, porém, em Cametá-Tapêra parece ter desafiado a acção do tempo, é o grande cruzeiro de madeira levantado no meio do arraial. Talvez seja o mesmo com que, em 1634, á moda dos primeiros colonizadores, saltara Feliciano Coelho de bordo da sua náu, acompanhado dos frades de S. Antonio, levando assim arvorado o sagrado symbolo da Redempção, que fincara no mesmo lugar, em que ainda hoje está, celebrando nesse dia, por entre as pompas da natureza

opulenta e ante o indigena absorto e calmo, a primeira missa no Tocantins !

Foi talvez em um dos quartos ou cellas de uma velha casa arruinada, e que pelo tamanho nos pareceu a antiga morada dos religiosos, que o immortal jesuita Antonio Vieira escrevera algumas das suas cartas dirigidas á corôa de Portugal, estigmatizando as licenças regias, que permittiam o *resgate* dos Indios a esses novos *bandeiristas* do *ouro animal*, que entravam pelo Tocantins, para reduzir á escravidão as tribus daquelles herôes que, como os melhores, eram vendidos por bom preço, em Belém.

Dali sahira Antonio Vieira em viagem de estudo e catechese até ao Alto Tocantins, no anno de 1653, chegando até á cachoeira da Itabóca.

Grandes homens eram esses missionarios ! Não ha no Brasil deserto algum, em que possa chegar um homem civilizado, onde não se encontre o vestigio antigo do pé de um jesuita. Esfarrapados, famintos, tendo a cruz por bordão, elles enveredavam pelas florestas invias ou pelos campos selvagens, e, com a mesma sêde de conquistar almas para Deus e accumular dados para a sciencia, appareciam audaciosamente em frente ao terreiro da taba. Fincavam a cruz, e, antes mesmo de abrirem o breviario, já tinham feito observações astronomicas e topographicas, que determinavam aquelle ponto na carta geral do mundo christão. Ainda hoje os archivos das colonias em Hespanha, sobretudo de Simanca, estão repletos de manuscriptos inéditos, escriptos por aquelles missionarios, e que ultimamente o americanista hespanhol de La Espada tem publicado em boletins interessantissimos. Não é muito que aqui se reconheça que foi uma Carta antiquissima do territorio das Missões, levantada por um jesuita e encontrada em um daquelles archivos, que deu o maior ganho de causa ao Brasil, na pendencia com a Republica Argentina.

O pratico Lourenço pareceu ter comprehendido a nossa admiração, e, pelo tympano telegraphico da machina, senti-

mos que a lancha caminhava á meia força, até deixar de ver-se a extensa praia que fronteira aquelle logar historico. Seguindo pela mesma beira, passámos em frente á foz do igarapé *Guajará*, que fica quasi *vis à vis* com a ilha do *Cacaoal*. Todas estas ilhas têm o mesmo panorama, a mesma topographia e a mesma cultura das anteriores.

Pouco depois, avistámos a linha de laranjeiras, então embranquecidas de flores, que arborisam o logar denominado *Pacajá*. As laranjas ali têm um sabor especial como as da Bahia, sobretudo uma qualidade a que chamam *laranjinha de Cametá*, por ser exotica em outra qualquer parte a não ser naquella região. Esta laranjinha, quasi espherica, tem a casca fina e a doçura de um favo de mel; a arvore tem as folhas pequenas, pouca ramagem e uma delicadeza de existencia, que lhe dá uma duração muito inferior ás da sua especie.

*Pacajá* é hoje um logar muito decadente: poucos habitantes ali representam as grandes e velhas familias de outr'ora. Na capellinha branca, agora fechada e triste, já celebrou em outros tempos o culto catholico um vigario natural daquelle mesmo logar, em que morava.

Notámos que o rio formava, na margem do *Pacajá*, uma enseada, cuja ponta meridional sendo dobrada, entrega á vista do observador a ilha do *Croatá*, e fronteira a ella a *Aldeia*. Foi este ponto um dos logares estrategicos fortificados com artilheria de pequeno calibre pelos soldados da legalidade contra a revolução da *cabanagem*, em 1835.

Não ha viajante que, visitando Cametá, não tenha tomado um carro de luxo para ir visitar esse aprazivel arrabalde da cidade, chamado *aldeia dos Parijós*, do nome de alguma tribu ou familia de indios da vizinhança. Forma um arraial ou praça com frente para o rio, tendo na face septentrional importante igreja de N. Senhora do Socorro; e na parte occidental, tres ou quatro casas de telha, rodeadas de choupanas, que ficam apinhadas de povo e adquirem mais vida durante a festa da padroeira, em Outubro ou Novembro de cada anno.

A barranca do rio levanta-se como uma muralha, ora branca, ora irisada de argila de côres diversas, prolongando-se assim até á cidade de Cametá, na distancia de 2 a 3 kilometros daquelle ponto.

Atracámos em Cametá no trapiche do *Teso* (Antonio Alves da Silva), o mais importante commerciante do districto, hoje fallecido. Desembarcámos no antigo Porto Real, officialmente conhecido como Porto da Liberdade, rodeado de sobrados que fazem o melhor ponto de vista da cidade, porque na maior parte da frente a construcção antiga fez que as casas dêssem os fundos para o rio, por causa da serventia das pontes e banheiros particulares, que quasi todos possuem, desagradando a vista de quem se approxima, por parecer uma cidade construida sobre estacadas, abuso que já em parte vai acabando, pela linha do cáes construido de argamassa e cimento, na maior parte da frente. Cametá é uma das cidades mais antigas do Pará. Sua historia começa em *Cametá-Tapéra* com a fundação do primitivo estabelecimento por Feliciano Coelho, no começo do seculo xvii.

Sem duvida, grande numero de colonos cuidaram de estabelecer-se em outro ponto mais ácima do rio, já para se livrarem da tutela immediata da administração do primitivo nucleo, já por acharem que o novo logar escolhido tinha maior salubridade e vista mais aprazivel. O que é exacto é que esta feitoria se tornou em breve maior que a primitiva, sendo assim transferida para lá a séde da administração local, passando a chamar-se propriamente Cametá, em contraposição ao antigo logar, que começaram a chamar Cametá-Tapéra, por designar a palavra *Tapéra*, na lingua Tupy, *logar abandonado*.

Os velhos não chamavam verdadeiramente *Cametá*, e sim *Camutá*, nome que tiraram, ao que nos referiram, de uma tribu de indios chamados *Camutás*, tribu que habitava no primitivo logar de *Cametá-Tapéra*, e com quem primeiro ali negociavam os portuguezes. Outros referem que o nome verdadeiro dessa tribu é o de *Cãu-e-tan*, mulheres de um só

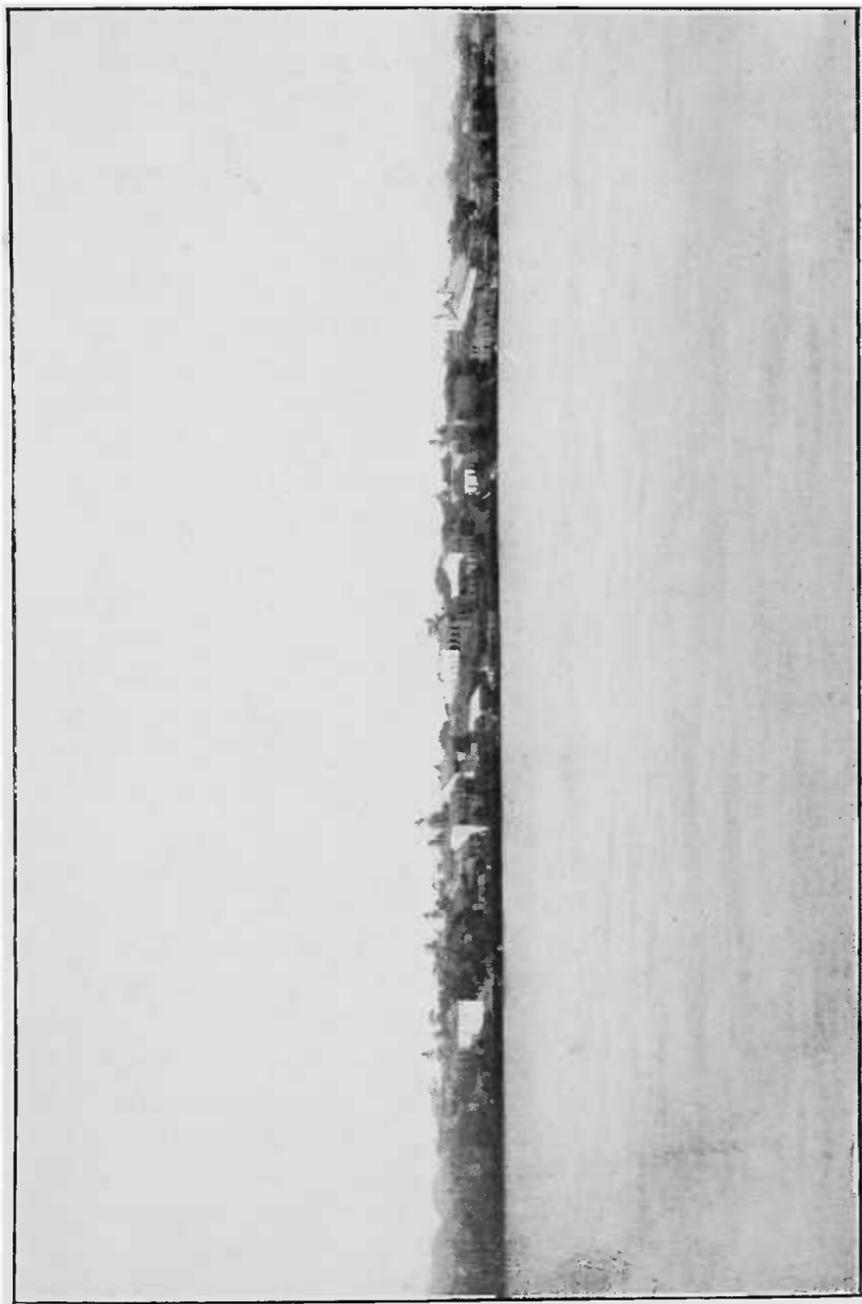
peito, talvez designando a mutilação de um dos seios do bello sexo da tribo, com o fim de melhor aprestal-o ao manejo das armas. Se esta versão é verdadeira, não será ella mais um documento para confirmação da poetica lenda de Orellana sobre a existencia das Amazonas no continente Amazonense?!

Os *Camutás* eram valorosos, hospitaleiros, navegadores e aventureiros, característicos que parecem ter deixado de herança aos seus descendentes, ainda depois de mestiçados com o sangue dos colonos. Parece que esta tribo de indios pertencia á *Confederação dos Tupinambás*, (que dominavam toda essa parte da Capitania do Pará, e cujos traços de passagem foram reconhecidos ahí pelos primeiros missionarios, sendo que a lingua *Tupy* era mais geralmente falada no antigo Baixo Tocantins.

Os americanistas que têm escripto sobre essa região affirmam que a palavra *Tocantins* ou *Tucantins* origina-se da composição de duas palavras indigenas: *tucan-tins*, que na lingua Tupy significam *nariz de tucano*. Com certeza assim appellidavam a grande nação que dominava naquelle rio, e que tinha como caracteristico physionomico o nariz recurvado como o bico da ave *tucano* (*Ramphastus Taca*), donde tiraram o nome. Na Europa, o nariz aquilino indica o typo da raça aristocratica; pois bem, os *Tocantins* parecem ter sido, pelo distinctivo que lhes notaram, os aristocratas das raças indigenas da America do Sul.

E' bom notar-se que os nomes ou appellidos das tribus pelos quaes eram conhecidas entre os colonos e até hoje entre povos indigenas limitrophes, não eram dados pela propria nação designada, que, parece, não tratava disso, mas pelas tribus que com ellas tinham relações ou guerras, e que assim os appellidavam quasi sempre com um titulo que traduzia odio, escarneo ou medo que delles tinham; taes são os nomes de *Carajás*, *Tocantins*, *Gaviões*, etc.

Saltámos em Cametá, e depois de palestrarmos com alguns influentes da terra, fômos visitar o Paço Municipal, bonito



Cidade de Cametá, vista de cima.



edifício, situado no centro da Praça Pedro II (antigo Largo da Polvora). No andar terreo, está a cadeia publica e ahi se aquartela o destacamento da policia local. Nos altos funccionam a magistratura da comarca e a Intendencia Municipal, cujo archivo possui quasi toda a Historia da antiga Provincia do Pará, e é um dos mais ricos do Estado.

Pelos papeis antigos que compulsei ligeiramente, ninguem pôde precisar a época em que a séde do districto foi transferida de Cametá-Tapéra para aquelle sitio, onde, pelos documentos, primitivamente existia a aldeia de *Murajuba*.

Cametá é uma das mais antigas cidades do Pará, mediando apenas a differença de 20 annos entre a fundação della e a de Belém, capital do Estado, da qual está distante cêrca de 200 kilometros.

Doadas aquellas terras em 1634 por Francisco Coelho de Carvalho, primeiro Governador e Capitão General do Maranhão, ao seu filho Feliciano Coelho, fundou este a cidade á margem esquerda do Tocantins, a 80 kilometros distante da foz, e deu-lhe o nome de Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá. No anno seguinte, o rei de Portugal, Felipe III, reconheceu essa doação.

Dahi em deante, em cêrca de quasi dois seculos, a historia da Villa de Santa Cruz passou quasi ignorada no remanso da paz domestica, por entre o labor dos lavradores da mandioca, milho, arroz, café, dos plantadores de cacáo e algodão, de que o districto começou a se mostrar sáfaro, e dos extractores de oleo de copahyba e azeite de andiroba, que tanto abundavam nas matas vizinhas. Por todo esse tempo, atravessavam a região bandos de colonos que iam rio acima para o resgate de indios, escravizando-os e vindo vendel-os em Cametá ou em Belém. Os Jesuitas, que nesse tempo exerciam preponderancia activa na consciencia dos administradores, ora toleravam, ora estigmatizavam esse commercio degradante, até que o Padre Antonio Vieira, celebre prégador jesuita, que por ali esteve em 1653, apostatando das suas primitivas idéas escravagistas, condemnou de vez esse vicio

administrativo, servindo-se do pulpito e da penna. Eis o que sobre este malfadado assumpto escreve o critico historico paraense, Sr. João Lucio de Azevedo :

— Para obtere renovarestes elemento (braços) indispensavel á vida da colonia, tres meios eram autorizados pelas leis em vigor : os *captivos*, os *resgates* e os *descimentos*. Eram captivos os indigenas colhidos em justa guerra, isto é, defensiva, ou para castigo de maleficios praticados ; resgatavam-se a troco de ferramentas e dices varios, os que já se achavam presos e amarrados, para serem comidos por seus inimigos ; desciam-se os outros que, deixando-se convencer pelos missionarios, abandonavam o sertão, vindo estabelecer-se na vizinhança dos povoados, de onde os moradores iam busca-los para o serviço.

Mas estes ultimos, apesar da brandura dos meios recomendados, não escapavam por isso á violencia, que era a fórma natural destas emprezas. A cobiça dos colonos era, nessa parte, patrocínada pelos missionarios, interessados em augmentar o numero e a população das aldeias, onde quasi exclusivamente dominavam, e assim se estabeleceu uma distincção auspiciosa, na qual á primeira vista se descobre o dedo astucioso dos Regulares. Os descimentos dos indios podiam ser de dois modos : o primeiro voluntariamente, indo os missionarios ao sertão persuadir-os da conveniencia de viverem com gente civilizada ; o segundo, por meio da coacção, obrigando-os por força e medo — a acceitarem esta conveniencia, que lhes repugnava. Semelhante proceder, diziam os letrados e theologos, « se não é rigoroso captivo, em certo modo o parece, pelo que offende á liberdade ». — Mas logo proseguiam : — « Comtudo, se estes indios são como os outros tapuyas bravos, que andam nós, não reconhecem rei nem governador, não vivem com modo e fórma de republica », — justifica-se a violencia empregada contra elles embora — « livres e isentos da real jurisdicção ». — Desta maneira se harmonisava a ganancia dos colonos com os affectados escrupulos dos missionarios, e se reduzia a lei á

prática abusiva de todos os tempos. Os indígenas descidos por meio de simples persuasão, ou melhor, pelo engodo de mesquinhas dadivas, eram considerados forros, e nessa qualidade tinham direito a salário ; mas, de facto, viviam tão inteiramente escravizados como os outros, com a diferença única de mudarem frequentemente de senhor. Vivendo nas aldeias sob a administração dos seus *principaes* ou dos missionários, eram forçados a trabalhar seis mezes, devendo ficar-lhes os outros seis livres para o descanso e para cuidarem das suas roças. No principio do anno, se affixava á porta da camara uma lista dos indios que cabiam a cada morador, com a designação dos mezes em que tinham de servir. Mas, primeiramente, ia o repartidor informar-se com o governador e mais autoridades sobre o numero dos indios precisos para o serviço do Estado, e estes iam em primeiro lugar na lista, todos os mezes, absorvendo frequentemente quantos havia promptos para o serviço. Sendo, como já vimos, producto do braço indígena todo o trabalho effectivo da colonia, não admira que, desta maneira, o descontentamento fosse geral, e as necessidades cada vez mais insoffridas. —

De todas estas negras cruzadas com o fim de reduzir ao captiveiro o elemento brasileiro-indígena, teve maior importancia, pela maior copia de mêsse colhida, a que se fez em 1659, quando desceram do Tocantins 300 escravizados.

Entretanto, a villa de Cametá não prosperava : uma ou outra casa de telha, pertencente aos magnatas usufruidores do suor alheio, e umas dezenas de casas de palha, em que se abrigavam alguns indígenas mais felizes, em uma vida semi-barbara, e alguns naturaes que começavam a formar o elemento genuinamente cametaense, que representou um papel importante no movimento anarchico da historia brasileira, no principio do seculo passado. A metropole portugueza não procurava escolher gente para melhor colonisar o Brasil, e teve disso exemplo a zona do Baixo Tocantins, para onde, segundo historiadores insuspeitos, veiu gente de má nota no reino, expurgados das listas criminaes de Lisbôa. Vale just-

tiça dizer-se aqui que outros portuguezes mais sensatos, mais laboriosos e com mais interesse pelo logar, ali se estabeleceram e ainda hoje por lá trabalham, quasi todos naturalizados e immiscuidos na communhão social brasileira.

Por outro lado, a região povoava-se de mamelucos, oriundos do cruzamento das raças branca e indigena, além de muitas familias de bahianos, mineiros, paulistas e de outras provincias do Brasil, que desciam pelo Alto Tocantins, vindo ali se estabelecer. Foi esta fermentação de elementos desconhecidos e até antagonicos, açulada pelo odio de raça e vinganças de injustiças soffridas no principio da colonisação, que preparou as revoluções barbaras e quasi comicas, conhecidas na Historia local pelos nomes de *guerra do maneta*, *dos Barbozas*, etc., nas quaes se commetteram scenas de uma selvageria indescriptivel. Ha quem assevere que da Camara Municipal daquella villa partiu, em 1821, uma commissão de patriotas atudaciosos, para assegurar ao Conde de Villa Flôr, na capital da Provincia, que não reconheciam a soberania da metropole sobre aquella zona do Brasil. Não ha documento que mostre a exactidão dessa versão, pois que taes commissarios nunca mais voltaram a Cametá, por terem sido, sem duvida, prisioneiros em algum navio de guerra e desterrados para as costas da Africa. No logar deste incidente lendario figura a verdadeira historia do cavallo — *Brasileiro* —, pertencente a um colono portuguez, de que os annaes do archivo da Intendencia guardam documentos authenticos, cuja leitura faria rir, se não fosse de um patriotismo edificante.

No meio dessa temporada, tão cheia de patriotismos inimitaveis e de vandalismos sem conta, apparecem em Cametá, de onde foram filhos, as figuras evangelicas e sabias dos dois *Romualdos*.

Romualdo de Sousa Coelho, bispo do Pará, nasceu naquella villa em 1762. Oriundo de uma familia pobre e brasileira, foi educado, na capital do Pará, sob os cuidados de frei Angelo, religioso mercenario, que para ahi o levara, sendo ordenado presbytero em 1785 e sagrado bispo desta Diocese

em 1819. Foi eleito deputado ás Côrtes Portuguezas, em 1821, e em Lisbôa, dizem os chronológistas, manifestou idéas adeantadas sobre a independencia dos seus concidadãos. Depois de ser eleito presidente da Junta Provisoria Civil e Militar, organizada pelos patriotas de 1823, coube-lhe a gloria de proclamar a adhesão do Pará á Independencia do Brasil, a 15 de Agosto desse anno. Foi elle quem conseguiu a deposição das armas dos anarchisadores de Cameté, em 1824. O seu bispado, prolongado durante toda a época sanguinolenta da cabanagem, evitou maiores desatinos, conseguindo, com a leitura das suas pastoraes cheias de evangelico christianismo, que as scenas de execução se não repetissem em maior escala na capital do Pará, onde, em 1836, obstou, com o crucifixo na mão, a que os revoltosos ateassem fogo á cidade, por occasião de abandonarem-na á legalidade.

Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo do Brasil e Marquez de Santa-Cruz, nasceu em Cameté, em 1787. Educado em Lisbôa a expensas de seu tio, o bispo Romualdo de Sousa Coelho, foi ordenado presbytero em 1810. Leccionou Latim, Philosophia e Rethorica no Seminario Episcopal do Pará, e, pelos conhecimentos elevados e eloquencia profana e religiosa, foi sagrado Arcebispo da Bahia e agraciado pelo Governo Imperial com o titulo de Conde e mais tarde com o de Marquez de Santa Cruz. Foi elle quem sagrou no Rio de Janeiro o segundo e ultimo Imperador do Brasil. Sua vida civil está cheia de postos de patriotismo e abnegação. Foi eleito presidente da Junta Provisoria do Governo do Estado em 1820, dirigiu e organizou, com ordem, o movimento da Independencia da antiga Provincia do Pará. Como deputado que foi em duas legislaturas, conseguiu ser presidente dessa Camara no Rio de Janeiro; nomeado conselheiro da Corôa, recusou a pasta do Imperio, que lhe foi offerecida por dom Pedro II.

O illustre escriptor Alves da Cunha, no seu excellente livro *Paraenses Illustres*, faz as mais sensatas referencias sobre estes dois homens de Estado. Só depois desses acontecimentos extraordinarios e do apparecimento destes apóstolos

da liberdade com ordem, foi que a Villa de Cametá, até então esquecida dos poderes publicos, conseguiu despertar a attenção da administração provincial. Em 1831, foi creado ali o juizado de Vara Branca, sendo o primeiro nomeado o Desembargador Joaquim Cerqueira e Silva.

Em consequencia da Independencia no Pará, e da adhesão que a esta fizeram quasi todos os colonos portuguezes que exerciam cargos na administração, a odiosidade da mestiçagem ignorante, dirigida pela atrevida heroicidade de Eduardo Angelim e Francisco Pedro Vinagre, accendeu o facho da revolução denominada *Cabanagem* por toda a Provincia do Pará. Cametá, chefiada pelo patriotismo e intelligencia do Padre Prudencio, tornou-se o abrigo não só das familias, que de toda parte para ali corriam aterrorisadas, como da propria legalidade, que ali se encarnou naquelle homem, que defendia os principios da autoridade, e conseguiu, por fim, dominar a revolta e restaurar a lei em todo o territorio paraense.

Prudencio José das Mercês Tavares, filho de um immigrado paulista que ali se estabelecera, nasceu em Cametá no principio do seculo passado. Apesar de revelar verdadeira inclinação para a carreira militar, fizeram-no seguir a vida ecclesiastica, na qual quasi sempre confundia a cruz misericordiosa do Christo com a espada arbitraria e violenta do soldado. Sua vida civil, proveitosa aos seus concidadãos, é até hoje um estímulo ao patriotismo. Eleito 2º juiz de Paz, tomou quasi por aclamação o logar do primeiro, visto que o cidadão para isso escolhido não tinha a precisa energia para dominar a desordem que, vencedora na Provincia, ameaçava a villa como ultimo baluarte.

Sem estudo algum da arte militar, tornou-se um verdadeiro general naquella campanha gloriosa, fazendo exercitar tropas regulares, organizadas com voluntarios do municipio; fortificou com entrincheiramentos todo o perimetro da villa, organizou uma marinha armada para defender o littoral, estabeleceu postos avançados, manobras do exercito legal bem

dirigidas, e desta fórma cortou o passo á revolução e feriu a moral dos vencedores sanguinarios. Nada escapou áquelle grande espirito : proclamações patrióticas aos seus concidadãos, providencias sobre a alimentação dos sitiados, e um respeito mantido com o maximo rigor em relação á ordem publica e á propriedade particular. Suffocada a revolução, para completa garantia da ordem, o Marechal Andréa nomeou para o commando civil e militar em toda a zona do Tocantins, comprehendendo Oeiras e Melgaço, aquelle bravo caudilho, cuja espada deu á lei o peso da força e da victoria. Cametá, prestigiada com o calor daquelles triumphos, foi elevada á categoria de comarca em 1841 e de cidade, em 1848.

A população augmentou com a incorporação de diversas familias, que tinham para ali fugido no tempo da desordem ; a agricultura, assentada com ordem e novos elementos, abriu para o municipio novas fontes de receita, cultivando-se então o café e o cacáo em maior escala ; a instrucção publica teve maior incremento no districto, e de uma aula de latinidade, ali creada, sahiram grande copia de sacerdotes para o clero catholico e não pequeno numero de doutores.

Os cametaenses começaram desde então a manifestar essa tendencia para a vida aventureira do commercio, que agora lhes é propria.

Amam effectivamente o lar, mas não se importam de o abandonar quando se trata de uma exploração rendosa para o commercio ou para os haveres. Quando se aproxima o verão, o Baixo Tocantins coalha-se, quasi phantasticamente, de uma esquadilha, que se dirige daquelles districtos para os seringaes das ilhas do Amazonas, ou para esse rio e seus afluentes. Até hoje, o cametaense é o maior competidor na concorrência que nos faz a immigração cearense no fabrico da gomma elastica : em qualquer braço de rio, logar inhospito ou aprazivel, encontra-se elle, ou como definitivamente estabelecido, ou como simples nomada.

Ha na Historia daquella época o apparecimento de um personagem que parece ter trazido consigo o exemplo desta propensão para o commercio, e o cunho do talento mercantil dos seus conterraneos : chamou-se João Augusto Corrêa. Nascido de familia pobre e honrada, João Augusto enfileirou-se ao commercio da Capital como simples caixeiro. A precocidade da sua intelligencia naquella carreira fêl-o interessado na grande casa commercial de que era empregado. O novel negociante demonstrou desde o principio perspicacia capaz de accumular riqueza : foi elle o primeiro a buscar relações commerciaes do Pará com os Estados Unidos da America do Norte, para onde fazia continuadas viagens, trazendo para esta praça generos até então ignorados, augmentando o *stock* de alguns, barateando ou melhorando outros, e fazendo tambem ali conhecidos os productos da Provincia. Como o Amazonas ainda estivesse vedado á navegação estrangeira, João Augusto trouxe para este porto o primeiro barco a vapor, visto que o commercio até então se fazia em navios de vela. Organizou a primeira Companhia de cabotagem nacional a vapor nos rios do Pará. Iniciou o melhoramento da edificação publica e particular, introduzindo na confecção das paredes o tijollo chamado *triangular*, até hoje empregado, e que não sabemos se é invenção sua.

Entretanto, o commercio entre a capital do Pará e Cametá fazia-se em barcos á vela, pertencentes a casas commanditárias de uma e outra praça; e foi nesse decennio de florescimento que uma calamidade publica veio ferir de morte aquella bella perspectiva : em 1855, appareceu em Cametá o verdadeiro *cholera asiatico* !

O mal surgiu com recrudescencia na manhã de 24 de Junho daquelle anno, e em tres dias morreram repentinamente em todo o districto milhares de pessoas. Propagada a peste em quasi toda a Provincia, continuou ella assustadora em toda a região tocantina, de onde as populações aterradas começaram a fugir, abandonando os lares.

Era então presidente da Provincia do Pará o Dr. Angelo

Custodio Corrêa. Educado em Pariz, formara-se em direito e estabelecera-se em Cametá, onde o suffragio popular o elevou ao cargo de deputado, chegando mais tarde a ser o primeiro magistrado da Provincia. Quando o cholera rebentou em Cametá, aquelle patriota quiz levar aos seus concidadãos o socego, medicamentos e soccorros; e, cercado de uma commissão de medicos, para ali partiu, e em poucos dias, já no regresso da viagem, ainda a bordo do vapor, succumbiu victima do terrivel *morbis*, que feriu a sua dedicação patriótica. A viuva foi, por esse motivo, agraciada pelo Governo Imperial com o titulo de Baroneza de Cametá com grandeza, pelo que lhe deu o Imperador uma pensão para sustentar a nova posição.

Desapparecido o mal, nunca mais aquella cidade gozou da merecida fama de logar salubre: as febres intermittentes continuam até hoje, sobretudo no interior do districto, a apparecer endemicamente em certa temporada do anno. Daquella época fatal parece datar o esmorecimento no progredir de Cametá, hoje tão infelizmente ali reconhecido. Nada parece sustar esse declinio lamentavel, nem ainda o apparecimento de notaveis homens de Estado, como o Dr. Joaquim Corrêa de Freitas e o Senador Manoel José de Siqueira Mendes. O Dr. Corrêa de Freitas nasceu em Cametá em 1829; formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, depois do que, percorreu em viagens de estudos quasi todas as capitães da Europa. Exerceu pronunciada influencia na politica da escola conservadora do Pará, occupou o logar de Lente Cathedratico de diversas cadeiras de humanidades na Provincia, foi eleito deputado á Assembléa Provincial, e prestou relevantissimos serviços no cargo de Director Geral da Instrução Publica, escrevendo diversas obras para o ensino primario. Foi membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, das Sociedades Geographicas de Pariz e Lisbôa, das Sciencias Medicas de Portugal, Cavalleiro e Official da Ordem da Rosa do Brasil, etc.

O senador Siqueira Mendes, nascido em Cametá, foi o

politico mais influente, mais popular, nos ultimos vinte annos do Governo Imperial. Como sacerdote, chegou á dignidade de conego do cabido diocesano; como politico, foi eleito deputado Provincial e Geral, em legislaturas seguidas, e escolhido senador do Imperio, quasi por acclamação dos seus concidadãos. Durante a sua influencia administrativa, começaram os grãndes melhoramentos, que vão fazendo da capital do Pará uma cidade moderna. Sem se esquecer da terra natal, fez fundar ali, para o ensino secundario, o collegio Marquez de Santa Cruz, e fez votar a lei que mandou construir o caes ribeirinho, em frente ao littoral da cidade. O Pará será ingrato, se deixar esse homem de Estado sem uma estatua, que faça perdurar a sua memoria. Entretanto, a terrapatria de tantos espiritos eminentes jamais conseguiu manter um desenvolvimento estavel. Foi embalde que se creou ali, cerca de 40 annos, um posto aduaneiro, que pouco tempo durou; o collegio Marquez de Santa Cruz tambem se extinguiu; mas em seu lugar existia o Externato Cametaense, subsidiado pelo Governo Estadual, com aproveitamento para o estudo secundario do districto.

\*  
\* \*

Sahindo do Paço da Intendencia, visitámos a igreja Matriz, que é um dos melhores templos catholicos do Estado. Existem mais duas igrejas: a das Mercês, que ficava contigua ao convento dos Mercenarios, que desabou arruinado pela acção do tempo, e a de S. Benedicto, construida, cêrca de 30 annos, ás expensas do povo, mas já carecendo de concertos; sem falar da Capellinha do Bom Jesus, pertencente á antiga familia Aguiar ou Nabiça e hoje entregue ao serviço do culto publico. Os arrabaldes de Cametá são pittorescos e communicam-se com a cidade por estradas ladeadas de grandes arvores, que lhes dão sombra e frescura quasi eternas: a do sul communica com o *Aricurá*, lugar que tirou o nome do igarapé que o atravessa. Esta estrada tem uma



Egreja Matriz (Cidade de Cametá).



ramificação, que conduz o caminhante á *Vaccaria*, nome dado a uma antiga fazendola, e ao *Cupijó*, povoado de lavradores, nas cabeceiras do rio do mesmo nome. A estrada do norteramifica-se em um ponto chamado *Cotovelo*, seguindo a do rumo noroeste para o *Curimá*, nome do igarapé que a atravessa, celebre pelas suas aguas frigidias, e para o *Pacajá* até ás margens do rio *Cupijó*; o pequeno ramo de nordeste dirige-se para a *Aldeia*.

O Sr. Carlos Redig, intendente municipal, conseguiu-nos dois pequenos carros de luxo, que levaram a nossa comitiva até ao arrabalde da Aldeia. Foi um passeio que nos encantou. As estradas são limpas e quasi planas, e me falaram que se projectava, com o auxilio municipal, assentar trilhos para estabelecer uma linha de ferro-carril, que ligue a cidade com o arrabalde, empreza que nos pareceu facil e de grandes vantagens para o logar.

Quando voltámos, cada um de nós trazia um grande ramalhete de flôres naturaes e escolhidas. Eram, sobretudo, jasmims e rosas de diversas especies, de que quasi todos os quintaes da cidade estão plantados. O districto de Cameté, nesse ponto, parece uma verdadeira Italia. Pode escassear o alimento; mas não ha quasi casa alguma, em cuja frente ou ao lado não se veja um jardim, onde nunca faltam as flores que servem de ornato para a cabeça das senhoras, e cujo perfume se estende ás roupas, ao interior das casas, aos armarios e guarda-roupas, e, sobretudo, ás redes de dormir. As ruas da cidade são quasi todas rectas, em grande parte calçadas, com macadam antigo, e um pequeno serviço de galerias internas para o exgotto das aguas pluviaes.

Além da lavoura do cacáo e da farinha de mandiôca, vimos uma pequena fabrica para o beneficiamento de olcos extrahidos de diversas fructas, sobretudo da *Ucuhuba*. Visitámos no *Curimá* uma feitoria para fabricação de licôres, geléas e compotas de fructas da terra, pertencente ao Dr. Manoel Smosthenes Pó, advogado intelligente e republicano philosopho, que abandonou a beca, para se fazer lavrador.

Os cametaenses são homens inteligentes, intrepidos e aventureiros. E' um povo que tem sempre dado uma nota de valor em todas as representações sociaes do Estado do Pará, salientando-se nas Camaras, nos collegios, nas associações, no jornalismo e em toda a parte, pelo talento e pela erudição. Nota-se nelles um poder de imaginação mais elevado do que o dos outros povos districtaes do Pará. São poetas quasi por indole. As canções populares acompanham os serviços de todo o genero. O violão e a viola estão quasi sempre juntos á enxada e ao machado. Em diversas viagens que hei feito a muitos outros logares do Pará, tenho visto sempre remos grosseiros e cachimbos com o talho quasi commum para o uso. De Abaeté para cima, vêem-se remos pintados com desenhos de graciosa imaginação; cachimbos, cujas cabeças, feitas de barro, representam desenhos tão perfectos, que não envergonhariam a um etrusco; nas cuias, que são o verdadeiro copo da gente pobre, ha pinturas que admiram; nos estaleiros, fabricam-se canôas com as madeiras da terra, cujo talho e dezenho dão sempre um cunho de artista ao fabricante. Ha por força nos elementos de organização daquelle povo alguma coisa extraordinaria. E' bem verdade que a raça vermelha é de todas as outras a mais fraca, por principio ethnico, e que custa muito a adaptar-se aos usos da civilização; e por isso, nessa lucta de invasões, tende a desaparecer. Mas nas tribus dos tupys existentes no Tocantins, e que formaram a primitiva gleba do districto de Cametá, havia tamanho cunho de valor natural, que deu aos mestiços delles provenientes, no cruzamento dessa raça com os aventureiros da Europa ou dos sertões da Bahia e S. Paulo, aquella gente heroica e ousada para todos os perigos.

O negro, provindo da antiga escravatura africana, tambem contribuiu poderosamente, sobretudo na formação dos mestiços (mulatos), para dar esse valor de resignação que se nota e o typo esthetico que forma a belleza das mulatas cametaenses.

Nos Estados Unidos da America do Norte a lucta da raça branca com a negra tem tomado proporções de um perigo

economico, social e politico. No Brasil, onde felizmente não dominou o egoismo saxonico, mas sim o espirito conquistador e enamorado da raça latina, a democratização do sangue caracterisou a psychologia nacional, fazendo dos conquistadores e conquistados, dos escravizadores e escravizados um povo novo, cheio de força, de imaginação, de vicios e de virtudes, que apenas se combatem no terreno da educação, e que com certeza imprimirão nas sociedades futuras um valimento distincto, não encontrado nos povos caducos e cheios de preconceitos.

Ha nas festas de Cameté ainda restos e vestigios do barbarismo africano e indigena. Em uma solemnidade religiosa, a de S. Thomé, levava-se a imagem do santo á egreja, ao toque de um tamborim e flautim. A imagem de Nossa Senhora do Rosario era, até bem pouco tempo, conduzida ao templo atraz de um bando de mulatas, que cantavam e dançavam em frente da imagem. O Espirito-Santo é festejado em fórmula de uma pomba pousada sobre uma grande corôa de prata ou de ouro. S. Benedicto também tem um tambor e versos cantados em frente da imagem, e quasi todas as festas têm uma bandeira para o seu distinctivo. Ha em tudo isso visivelmente uma fonte historica digna de estudo, e cuja narração nos não deve envergonhar, porque todos os povos têm ainda ou já tiveram solemnidades semeliantes.

Até no seculo XII, em França, havia procissões religiosas, em que os homens entravam nas egrejas cobertos de máscaras, representando diversos animaes, e assim cantavam, ao som do órgão, até mesmo em frente do santuario !

Nas festas citadas de Cameté percebe-se o dedo educador do jesuita, que, estudando a indole do selvagem, dirigia o espirito do noviço mais pelo sentido do que pela intelligencia, parecendo até lhe inculcar a idéa de amor ás instituições constituidas com aquella adoração á corôa do Espirito-Santo.

Os grilhões de ouro que rodeavam o collo das antigas mulatas, e o samba na casa da festa têm o cunho da raça africana, que ninguem pôde negar.

Em tudo, porém, transparece tanta poesia do tempo antigo, que se não encontra na mentirosa época de hoje. Os menestreis ou foliões compunham coplas para as cantar, acompanhando as imagens quando iam ás esmolos. O povo alegrava-se e folgava com as festas, e o commercio tomava desenvolvimento durante ella. Hoje, porém, a nova educação catholica vai cortando a barbaria dessas crencas populares, e a seccura do rito póde satisfazer á consciencia, mas não alegra o coração do povo. A estas festas tradicionaes a que se uniam e ainda se unem folguedos de arraial, seguem-se outras de character sempre indigena, a que a civilisação vai com reparos dando os fóros de cidade, taes são: o *entrudo*, as *fogueiras*, os *banhos de ervas aromaticas*, o *boi bumbá* de S. João, e o *cordão de pastorinhas*, na festa do Natal, etc.

O progresso do municipio de Cametá, sobretudo o da cidade, é hoje um problema que preoccupa todos os bons espiritos daquella terra. O municipio abrangia a principio toda a zona do Tocantins até aos limites do Pará com Matto Grosso, Goyaz e Maranhão; e por isso se chama geralmente *cametaense* a todo o filho daquella vasta região. Cêrca, porém, de 30 annos, a antiga Provincia do Pará creou os municipios de Abaeté, Igarapé-miry, Mocajuba e Baião, desmembrando-os do de Cametá e dando todo o territorio do *Alto Tocantins Paraense* ao municipio de Baião, que, por si só, era maior do que alguns Estados do Brasil. A nosso ver, a cidade de Cametá só se poderia desenvolver se a Estrada de Alcobaça ou, melhor diremos, a Estrada do Alto Tocantins, em vez de partir de um ponto como Alcobaça, onde não podem chegar vapores de grande calado na maior parte do verão, partisse do suburbio meridional de Cametá, seguindo para sudoeste, aproveitando as terras planas dos campos das cabeceiras do *Cupijó*, que, a nosso ver, não são mais do que pontas dos campos geraes do Tocantins, ha pouco descobertos pelos irmãos Pimenteis ao lado do rio Itacayuna, e que devem estender-se por essa região até á margem esquerda do Araguaia, o maior affluente do

grande rio. O rio Cupijó nasce justamente nos campos de que ácima falámos e em logar pantanoso e baixo, no inverno completamente alagado, a que os naturaes chamam *macruarães*. Este rio corre de sudoeste para nordeste, quasi com a mesma largura, em uma extensão de 70 a 80 kilometros, parallelamente ao Tocantins, desemboccando na bahia de Marajó, ahi chamada do Pacajá, em frente a um grupo de ilhas, sendo a maior a *Paulista*, formando uma barra de 780 metros. Tem as aguas negras e não conta affluente algum de importancia, a não ser o rio *Mupy*, que no inverno faz communicar com elle as aguas do Tocantins, e um outro varadouro ácima de Cameté, tambem só communicavel, de inverno, com o grande rio. O Cupijó banha terras feracissimas, cheias de madeiras riquissimas ou plantadas de mandioca, arroz ou milho, e conta cêrca de 1.200 habitantes, todos organizados em familias de lavradores.

Os campos que ficam na zona entre Cameté e o Cupijó prestam-se perfeitamente para a criação de gado, como provam alguns exploradores dessa industria, que ali já têm tido, como principio de fazendas, algumas rezes.

As duas estradas que ligam a cidade com esse ponto são de grande importancia actualmente, porém tornam-se longas, o que se poderia diminuir com um traçado mais recto. No nosso entender, as communicações existentes não attendem aos interesses commerciaes de Cameté : faça-se uma estrada de rodagem com um plano mais curto, subvencione-se uma companhia de ferro-carril, e desta fórma teremos todos os productos do *Cupijó* augmentando a vida commercial da cidade.

Se, por outro lado, a Estrada de Ferro de Alcobaça começasse de qualquer ponto do Alto Tocantins, seria de bom conselho que a Intendencia Municipal de Cameté conseguisse a subvenção de um vapor, com séde nessa cidade, para transportar os productos chegados na futura via-ferrea, fazendo em Cameté o *stock* de todo o commercio do grande rio.

Depois de visitarmos uma grande parte da cidade, ora a pé, ora a carro, fômos passar um despacho telegraphico para a Capital do Pará, por quanto já em Cametá existe um ramal da *Amazon Telegraph Company Limited*, desde o anno de 1895, graças aos bons serviços da politica republicana.

Nesse momento, ouvimos, pela segunda vez, o apito da lancha *Alcobaça*, que nos chamava para bordo. O nosso relógio marcava 2 horas da tarde, e, segundo o pratico, deveriamos chegar ainda de dia á villa de S. Benedicto.

## CAPITULO IV

Os archipelagos em frente á cidade de Cametá. — O que chamam *rio*. Povoação de Carapajó. — Sua bella tótopographia. — A pescã do pirarucú, do peixe-boi e da tartaruga. — Diversidade de especies entre o Baixo Tocantins e o Alto. — A villa de S. Benedicto. — Ainda outros preparados da mandiôca. — O *jaraquy*, a *maniquéra*, as farinhas de tapioca e secca. — Lenda da mandiôca. — Novos archipelagos junto á margem esquerda. — Igarapés S. José e Itapucú. — O antigo *quilombo* dos negros. — Villa dos Bragas. — Cidade de Mocajuba; seu actual desenvolvimento, historia, exportação,\*etc. — Os banhos no Tocantins. — O talento de armador dos cametaenses.

Grande calmaria reinava no rio, amenisada apenas pela aragem produzida pelo deslocamento do ar. A maré enchia, e é de notar que o movimento das marés, no rio Tocantins, é mais ou menos sensivel até Alcobaça, no inverno, e pouco passa de Baião, na estação secca. O rio em frente a Cametá tem a largura de cêrca de 16 kilometros, quasi egual á da foz (10 milhas), atravancado de dois archipelagos, que difficultam a travessia. O primeiro grupo dessas ilhas, que fica mesmo em frente á cidade, consta das seguintes: *Croatá*, fronteira á Aldeia; *Tayuna*, de onde se avista perfeitamente a edificação da cidade, com pequenos cacáoaes e excellente *assahysal*, tendo alguns moradores; *Mará*, a mais baixa de todas, muito procurada pelos pescadores; *Pacuky*, mais afastada do grupo, com alguns moradores, além de outras menores e de pouca importancia. O segundo archipelago, mais proximo da margem direita, tem como ilhas principaes as seguintes: *Parurú*, a maior deste grupo, com muitos cacáoaes e seringaes, grandes propriedades agricolas e al-

guma caça; *Oliveira*, paralela á primeira, com terras baixas e cacáoaes, pertencentes aos mesmos proprietarios daquella; *Cambraia*, *Bacury-tuba*, com os melhores cacáoaes do grupo; *Cuxiary*, com muitas estradas de seringueiras, havendo, além destas, outras ilhotas sem importancia.

Os braços do Tocantins, que ficam apertados entre essas terras, são pela sua parte tambem chamados rios, com a denominação das ilhas, entre as quaes ficam. Assim, chama-se rio do *Cuxiary* o pedaço do Tocantins que fica entre a ilha daquelle nome e a *Parurú*; rio do *Parurú*, o estreito entre esta ilha e a do *Oliveira*; rio do *Cambraia*, o estreito entre a ilha deste nome e a do *Oliveira*. Convém notar que as boccas do sudoeste dos rios *Parurú* e *Cambraia* estão seccando extraordinariamente, o que já impede o livre transito dos pequenos vapores, e fará, sem duvida, ligar estas ilhas entre si no futuro, formando uma grande ilha, tendo canaes no centro.

Em frente ao passo do rio que fica á margem direita e um pouco mais ao Norte, está situada a povoação de *Cara-pajó*, logar hoje decadente, mas que foi antigamente de importancia agricola e politica: era o baluarte partidario da familia Moraes Bittencourt, chefe da antiga escola liberal. Hoje forma apenas um grupo de casas velhas, tendo uma ou duas de excellentes aspecto, uma praça e uma igreja catholica. O panorama do rio, nesta parte, é bellissimo, e a terra firme em que está situada a povoação poderia perfeitamente prestar-se para a edificação de uma grande cidade.

\*  
\*  
\*

Á medida que a lancha *Alcobaça* seguia, rio acima, o Tocantins desassombrou-se de ilhas, e podia-se perfeitamente distinguil-o de uma a outra margem. A proa da lancha rasgava o leito do rio em um franjado de espumas brancas, surgindo daquelle superficie placida, onde se reflecte nitidamente, como em uma placa de cristal, todo o hemispherio celeste.

As aguas do Tocantins são extremamente claras no verão,

e até na profundidade de duas braças se pôde distinguir a brancura da areia do fundo salpicada de pequenas pedras de mil côres, desde o azul da saphira e o verde esmeraldino, até ao branco madreperolado ou da opala; no inverno, porém, as aguas turvam-se por effeito das chuvas, que fazem sangrar as nascentes sujas dos igarapés affluentes do grande rio. Approximámo-nos da margem direita: era bello e animador vêr de espaço a espaço a paizagem de grandes casas, logares de antigas propriedades ruraes, quasi todas cobertas de telha, cercadas algumas de um renque de quartos confortaveis, que serviam de senzalas da antiga escravatura.

Chamam-se no Pará *sítios* a essas casas, sédes das propriedades particulares, quer sejam situadas á beira do rio, quer no centro invio da floresta.

Não ha no Estado *sítios* mais apraziveis que os do Tocantins. Cercados de jardins e pomares, de onde realça o verde escuro das laranjeiras frondosas, enfrentados todos de uma extensa ponte estreita, que une a casa com a beira d'agua, no verão, são estas habitações construidas quasi todas sobre grossos esteios, que lhes servem de alicerce, tendo o soalho da moradia altura sufficiente para permittir penetre a agua por baixo da casa, sem jamais a attingir, o que, entretanto, não diminue a salubridade da habitação, tornando até pittoresca a moradia nesse tempo.

Iamos fazendo as nossas observações sobre a vida descuidosa e calma daquella gente. De cada barraca sahia para o terreiro limpo da frente um bando de crianças, que saudavam com acenos a passagem da lancha, emquanto a matilha dos cães ladrava, pelo rumor que a machina fazia, o que, sem duvida, ia perturbar o socego dos dónos. Em cada uma daquellas casas mora uma grande familia, que se não pôde absolutamente classificar de pobre, pois jamais lhe falta a alimentação sufficiente que tira do rio ou do mato, com pouco trabalho. Os rapazes são nédios e fortes, acostumados á pesca ou á caça e ao exercicio de «sports» nauticos, remando nas canôas contra ou a favor da maré; as raparigas, bonitas e

sadias, fazem quasi o mesmo serviço que os homens, á excepção da caça, remando nas canôas com tal pericia e elegancia, como se estivessem trabalhando num bastidor de bordado ou em machina de costura.

No serviço da lavoura, nas roças de mandiôca ou na colheita do cacáo, a mulher quasi trabalha mais que o homem. Em cada uma daquellas casas existem uma ou mais macrobias de 70 a 80 annos, avós daquella gente toda e que representam o respeito e a veneração da familia, dando-lhes conselhos, prescripções de caça ou pesca, e contando-lhes as historias dos antepassados sobre a cabanagem e guerras antigas, de que todos se mostram vangloriosos.

A organização da familia cametaense é, em relação ao meio em que vive, uma das mais perfeitas que tenho conhecido: amor e obediencia dos filhos aos paes, a quem servem quasi como verdadeiros servos; os paes são carinhosos para com os filhos, aos quaes consêntem casarem-se com a condição ou de virem morar na mesma casa, ou de fazerem uma ao pé, para a residencia da nova familia, o que deu origem ás pequenas povoações que existem por toda a parte; os esposos são unidos e muito ciosos do seu amor; finalmente, o cametaense não despreza o parentesco até á quinta geração, e o numero de primos e de primas é indefinido.

O respeito para com os mais velhos é mui religiosamente observado. Os mais moços quasi não cumprimentam os mais velhos senão tomando-lhes a benção. Vi muitas vezes uma rapariga de dezoito annos tomar a benção a um rapaz de trinta, que entrava, pela primeira vez, na habitação dos seus paes.

A abastança dessa gente é tal que, sendo pobres aqui, poderiam ser considerados ricos em relação ao proletariado camponez dos Estados do Sul. Basta dizer que aqui nunca se sente a secca tão prejudicial á cultura, pois as duas estações, inverno e verão, são em épocas do anno sempre regulares; na cabana do cametaense jamais falta o café, o assucar, o fumo, o peixe e a carne, quasi sempre de caça. Como é diferente a situação da pobre gente dos sertões do

Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, onde, em 1890, assisti a scenas de necessidade commoventissimas, produzindo a secca centenares de mortes pela fome!...

A região amazonica forma uma verdadeira providencia para o pobre : as necessidades são relativas á maior ou menor diligencia em procurar o trabalho, que é quasi sempre remunerado em excesso. Esta inércia estereotypada pelo descanço das redes, pelo que são criticados os paraenses, é um resultado fatal da riqueza natural da sua terra e da abundancia em que vivem.

\*  
\* \*

Emquanto faziamos estas considerações, navegando pela margem direita, vimos a bocca ou foz do igarapé *Bituba*, em cuja confluencia com o grande rio se avista um extenso casa-  
rão, já um tanto arruinado, com grandes cacáoaes ribei-  
rinhos, e onde estava situado o velho lavrador Dionysio Ribeiro,  
antigo sitio que fôra da familia Cardoso de Andrade (os Pica-  
rós), que tanto valimento tiveram na politica local.

O rio ou igarapé *Bituba* nasce nos campos da margem direita do Tocantins, atravessa essa região de sul a norte, e quasi junto á foz muda a sua direcção de sudoeste para no-  
roeste, banhando nessa secção os cacáoaes da varzea e terras  
cheias de seringueiras. E' um dos mais importantes affluentes  
do Baixo Tocantins.

A 4 ou 5 kilometros ácima, passámos em frente de um outro  
igarapé denominado *Ajará-panema*, tambem cheio de cacáo-  
eiros, com um sitio em cuja frente vimos um pomar, onde as  
goiabeiras amarellociam de fructos, dando provas de que a  
gente não necessitava dellas para os seus regalos de bocca.  
Dahi por deante, a varzea, na largura de quasi um kilometro,  
foi escasseando, e no seu logar apparecendo terras altas de  
um grés vermelho ou amarellado, formando uma verdadeira  
lombada de 10 a 12 metros, que descia a pique para o rio. A  
constituição geologica destas terras, de que trataremos mais  
tarde, em capitulo especial, parece pertencer á época siluriana

ou devoniana, trazendo de mistura uma argila calcarea que vem até á superficie, tornando assim mais solido o barranco por esse lado e quasi impossivel a sua derrocação pela corrente do rio.

\* \*

Acompanhando a nossa embarcação, ora adeante, ora atraz e aos lados, vimos uma fileira de bôtos (*Phœna brasiliensis*), que parecia não temerem nem o barulho do vapor, nem um certo numero de tiros, com que um dos nossos companheiros os mimoseou de passagem. Estes peixes vivem aos bandos, sobretudo quando se reúnem no tempo do cio ou quando fazem cercos para pegar os peixes menores, conduzindo-os até á beirada, pelo que, muitas vezes, se encontram peixes em secco nas praias, como resultado dessas perseguições. Os bôtos representam o golfinho amazoniense; são de côr branca ou malhada de vermelho, tendo o comprimento de 1 metro a 1 m. 50. Dentre elles, pertencente á mesma familia, existe um bôto pequeno, chamado *Tucuxy* (*Delphinus rostratus*), que é inimigo dos bôtos maiores e amigo por essa fórmula dos viajantes, a quem, em perigo de naufragio, costuma prestar soccorros. Esta crença é tão commum no Tocantins, que, quando se avistam os *tucuxys* no meio do rio, todos têm certeza de que se aproxima alguma tempestade. Sobre os grandes bôtos contam-se por aquellas bandas tantas lendas e *abusões* como, por exemplo, de transformar-se este cetaceo em guapo mancebo para vir nas festas namorar as raparigas ou em segredo gozar as mulheres, lendas que parecem tão ridiculas que me furtei da occasião de trazel-as para este livro. Não deixo de acreditar, entretanto, na acção toxica de algumas partes desse peixe, quando ingeridas em qualquer bebida. Dizem que o miôlo do bôto, ingerido em qualquer poção, difficulta as funcções cerebraes. As credices populares fazem que estas e outras partes do cetaceo, como os olhos, dentes, etc., em cuja applicação julgam encontrar virtudes preciosas, sejam objecto de mercancia na baixa plebe da Amazoniã. Não desfigurarei aqui, já que tratei deste assumpto, que a popu-

lação do Tocantins é, por sua vez, muito supersticiosa, dando virtudes sobrenaturaes a certas plantas, e passarinhos, por exemplo, o *Irapurú*, pequenina ave, que, por uma certa lei de magnetismo animal, anda cercado de outros passaros, que lhe rendem uma especie de vassallagem, dentre os quaes, sem duvida, tira as victimas para o pasto diario, Esta propriedade de attracção leva os naturaes a guardarem o esqueleto deste passarinho, depois de temperado com *carajurú* e outras ervas e bugigangas, como um amuleto ou talisman que lhes traz felicidade. O dente do jacaré ou da onça; o pello do *tamandua-hy*, etc., têm nesse rito fetichista outras propriedades cada qual mais extravagante, e algumas até sensualistas.

Muitas ervas odoríferas que se alastram pelos paúes, pelos campos, e pelo centro das matas, taes como a *peripioca*, o *cipó catinga*, o *yauara-tassiú*, o *pau de louro*, ralados, são utilizados nos cheiros da terra e banhos aromaticos, e dahi já passaram elles para o regimen therapeutico, pois são receitados pela medicina scientifica como tonificantes ou anti-nevralgicos.

\*  
\* \*

Seriam quatro horas da tarde quando a lancha passou junto a uma praia, ao longo da qual se extendia um cercado de talas de *marajá*, a que chamam *pary*. — O *pary*, segundo uma descripção de José Verissimo, no seu livro intitulado a « Pesca no Amazonas », é um panno de talas chatas, de um dedo de largura, tirados e affeioados do tronco da palmeira *marajá* (*Bactris marajá*) especialmente. Essas talas ou taboinhas são ligadas por fios de alguma fibra vegetal, *tucum* (*Astrocarium*), *curauá* (*Mauritia curauá*); cipós ou embiras, entrelaçando-se ora sobre as talas de modo a mantel-as juntas, como hastes de uma esteira de tabôa, ou as delgadas varinhas de um transparente. — Estes pannos de *parys* são sustentados na areia ou na vasa por meio de estacas de madeira, ás quaes são amarrados, descrevendo a *tapagem* uma linha curva aberta para a praia, desde o ponto em que a agua

costuma ficar na baixa mar até junto ao perá. Este serviço é feito com a maré baixa, de sorte que com a enchente fica o *pary* todo submerso, e com a meia vasante já é possível despescar a *tapagem*. Não pudémos, por falta de tempo, assistir a uma dessas operações. As tapagens ainda são feitas com mais facilidade na bocca dos igarapés, que enchem e vasam com a maré.

Quanto ás *cambôas* para apanhar os *maparás* e as tainhas, são ellas feitas com os mesmos pannos dos *parys*; mas, em vez de se fazer a abertura da *tapagem* para o lado de terra, é com menor entrada aberta para o lado do rio, de sorte que pôdem os pescadores, quando presentem ter o cardume entrado para o cerco, fechar a *tranqueira*, assim chamado um pequeno panno de *pary* que, á guisa de porta, gira, não sobre gonzos, mas sobre os amarrilhos de cipó ou embira, presos ao esteio que lhe serve de *couceira*. As canôas dos pescadores, que por ali andam silenciosos e de espreita, entram para as *cambôas* e com a maré baixa as despescam, empregando então ahí outros instrumentos de pesca, como: a fiska, a azagaia, os poçoes, paneiros, redes, etc. Os pescadores têm um meio de conhecer a maior ou menor quantidade de peixe que entrou para a cambôa, antes de fechar a *tranqueira*. Para isso, um dos homens que fica na sua canôa, junto á porteira, no maior silencio, mergulha no meio da abertura uma haste de madeira flexivel, deixando uma parte fóra d'agua, de sorte que o peixe desliza por junto da haste e fál-a oscillar mais ou menos; e a maior ou menor oscillação dá o signal de um bom ou máu dia de pesca.

Na região de que tratamos presentemente, não vi casa alguma grande ou pequena que não tivesse no porto uma pequena *tapagem* de *pary*, a que chamam *cacury*, que é uma despensa natural da familia. Consiste o *cacury* em uma rede de *jussáras* ou varas, tecidas com cipós, solidamente ligadas a uma estacada para isso preparada, mais ou menos persistente, conforme a força da correnteza do rio, parede que se dirige em linha recta, desde a beira do rio, para o meio, até cêrca de 4 ou 5 metros do logar em que fica a agua na

baixa-mar, e que termina na abertura de uma cerca do mesmo material, com a fôrma de um coração, ficando a sua extremidade ligada á da parede ou *aza* do *cacury*, por onde o peixe resvala para dentro do cercado, sem poder mais de lá sair. As *tapagens* tem a duração de um dia; a cambôa, a de um curto periodo de annos, e o *cacury* é permanente.

Dentro das cambôas costumam-se armar *cacurys* provisórios, o que facilita despescal-as, por ser o logar para onde os peixes cercados mais affluem.

Além destes tres systemas de pescarias ha ainda a *lanceada*, feita com grandes redes de malha, com maior ou menor extensão, conforme o pessoal de convidados ou aggregados naquelle serviço. Fazem-se as lanceadas ao longo das extensas praias, taes como são feitas nas costas de Portugal, de onde nos veiu esse ensinamento. No Tocantins, depois de tapar a bocca dos igarapés, arrasta-se a rede ou lancêa-se o mesmo igarapé, aguas abaixo, até ao cercado da foz. Com o mesmo systema de tecido de rêde pouco se usa ali da *tarrafa* e do *puçá*. O processo mais condemnavel é já hoje vedado por leis repressivas em todos os municipios do Tocantins: é o das *tinguijadas*. Consiste em irem os pescadores a algum igarapé, e, enchendo d'agua a canôa pelo meio, dentro della trituram uma certa porção de timbó (*Paullinia pinnata*), raiz-cipó muito venenosa, que, depois de pisada, é misturada de infusão com a agua do fundo da canôa, addicionando-se depois uma certa porção de lama ou vasa para fortalecer o veneno. Procuram-se as nascentes desse igarapé e, chegando lá, lançam, ás cuiadas, o liquido venenoso para a agua, que leva de mistura a substancia toxica com a corrente. Immediatamente os peixes daquelle meio, grandes ou pequenos, formados ou em embryão, são victimados pelo toxico e, quando não chegam mortos, vêm embriagados ou narcotizados até á tona d'agua. As canôas de pescadores, que então por ali andam, recolhem-nos em cestos, apanhando á mão ou por meio de fiskas as victimas daquelle processo barbaro, sendo que algumas vezes a manança é tão grande, quando é copioso o cardume, que os peixes

apodrecem, ou são devorados pelos jacarés e pelas lontras. Se a fonte é menor, usam apenas das folhas do cunambi (*Baillera aspera*), arbusto de forte substancia toxica e que é preparado quasi pelo mesmo processo já descripto. Nos pequenos poços basta revolver a lama do fundo para embriagar o peixe e despescal-os.

O *matapy* é uma armadilha de pescaria de origem indigena: consiste em um cylindro feito de talas de maior ou menor largura, a que se ajustam nas duas extremidades troncos de cones ou funis para o lado de dentro, tambem de talas, destinados a dar entrada ao peixe, difficultando-lhe a sahida com as talas a pique desse funil, a que chamam *lingua do matapy*. Este cylindro é collocado no fundo do rio, entre estacas, a que se prende, amarrando-se em cima do matapy algumas pedras para ajudar a sua submersão. Colloca-se sempre este aparelho em direcção da corrente, de sorte a facilitar a entrada do peixe que desce pelo rio e que para ahi é attrahido pelo engodo que costumam collocar dentro dessas arapucas, taes como : a raiz da mandiôca e o pirão da farinha amassada com manteiga de tartaruga, o que attráe muito o pescado. O *matapy* é armado de preferencia na baixa-mar e colhido na prêa-mar, pela corda que para isso fica amarrada em uma pequena boia, puxando-se aquella gaiola para fóra d'agua e despescando-se á vontade.

Com o auxilio da fisga ainda ha outro meio de pescar nos igarapés, durante as noites escuras, a que chamam piraqueira: a canôa é tripolada por duas pessoas, das quaes uma pega o *jacumã* (remo que se maneja na popa, fazendo a vez de leme) e outra leva um facho acceso na mão esquerda e na direita vai munida de uma azagaia. O peixe, despertado por essa luz vivissima e inesperada, julgando ser dia ou fascinado pela chamma, vem á tona d'agua e deixa-se facilmente fisgar pelo pescador. Esse genero de pescaria opera-se sob o maior silencio e bem rente á margem e junto ás tocas ou buracos onde os peixes costumam descançar á noite.

Com a linha ou barbante de algodão ou fibra vegetal

faz-se uma serie de armas de pescar, taes como : o *caniço*, a *siririca*, o *espinhel* e a *linha* propriamente dita.

O *caniço* é feito de junco ou vara de pequeno diametro, de 1 a 2 metros de comprimento, ficando a parte mais fina amarrada á linha munida de um anzol ; o pescador, depois de *iscar* esse anzol com qualquer engodo, péga na extremidade livre da haste e, sentado na barranca ou em uma canôa fundeada á margem das ilhas ou igarapés, mergulha a linha no fundo o mais distante possivel ; logo que sente tremer a linha e com ella o caniço, dá um arranco com este para fóra d'agua, puxando para ahi o peixe. Este systema é conhecido na Europa Meridional.

A *siririca* ou *pindá siririca*, de onde se faz onomatopaicamente o verbo *siriricar*, consiste em um caniço mais comprido que os outros, cuja linha tem cêrca de 0 m. 50 de comprimento, e na extremidade desta linha ha um anzol envolvido em pennas encarnadas de passaros. O pescador vai aos logares em que abundam os tucunárés (*cycla temensis*) e risca com a linha á flôr d'agua, descrevendo grandes arcos de circulo de um para outro lado ; o peixe, julgando ser o chumaço de pennas alguma fructa ou peixe daquella côr e de que gosta, arremessa-se de guelras abertas sobre elle, deixando-se agarrar no anzol. Esta pescaria é feita de dia.

O *espinhél* consiste em uma linha mais ou menos comprida, que se estende no meio do rio, em direcção normal á da corrente, sustentada nas duas extremidades por boias de *aninga*, de *mirty* ou de qualquer vegetal fluctuante, que são fixas ao fundo por meio de pedras ou pedaços de ferro, a que dão o nome indigena de *poita*, termo da lingua tupy que significa *ficar*, *permanecer*. A linha do espinhel tem, de distancia em distancia, outras pequenas linhas munidas de anzões, de tenda ou de ferro forjado, todos iscados e promptos para apanharem o peixe que desce pela corrente.

A *linha* propriamente dita tem muitas braças de comprimento com a grossura proporcional ao anzol, e adherente a um peso de chumbo ou pedra, destinado a dar á isca o

mergulho na profundidade propria ao peixe que se deseja pescar. Uma certa tremura na linha dá o signal de bom resultado, e o pescador colhe-a com mais ou menos agilidade.

A pesca do peixe-boi, do pirarucú e das tartarugas, que já vão rareando muito no Baixo Tocantins, faz-se com extraordinaria paciencia, morosidade e um cuidado que chega a reduzir á condição de estoicos as poucas pessoas que ainda nella se empregam. Imagine-se um homem, de pé no banco da proa de uma canôa, immovel, sem fazer o menor ruido, sob um sol equatorial de 34° centig., passar quasi um dia inteiro armado de arpão, á espera que o pirarucú ou peixe-boi ou a tartaruga venham á flôr d'agua para lhes arremessar essa arma com tal certeza, de modo a não perder o alvo, o que fugentaria o peixe e fal-o-ia perder tempo. A haste do arpão tem amarrada na extremidade contraria á fisga uma forte linha de pescar, de modo a permittir que o peixe fisgado corra ferido até á distancia em que perca o alento e a vida, e os pescadores possam acompanhar a presa, na sua vertiginosa carreira, porque a extremidade da linha está amarrada na proa da canôa.

Os escriptores coloniaes falam, no seu tempo, da abundancia extraordinaria dos cetaceos no Baixo Tocantins. As tartarugas e os pirarucús são abundantes nos lagos e ressecas do Alto Tocantins, onde os vi em grande quantidade, notando que a sua pesca não é muito appetecida.

Além destes, ha ainda outros systemas de pescar de somenos importancia, taes como : o arco, a flecha, a espingarda, as bombas de dynamite, com que se matam os jacarés e os peixes, que costumam fluctuar.

Nas poças d'agua que ficam na areia e nas pedras depois da vasante das grandes marés, gapoia-se, para as despescar dos peixes miudos que ali ficam, sobretudo camarões. Chama-se *gapoiar*, termo indigena, o trabalho do dessecamento d'agua, quer seja de dentro de uma canôa, quer do interior de um poço.

O rio Tocantins apresenta duas secções mais piscosas

que as outras : uma que se estende de Abaeté a Moca-juba, e outra acima de Baião até á parte encachoeirada do rio. A fauna ichthyologica apresenta variadas e riquissimas especies verdadeiramente dignas dos estudos dos especialistas. Não trataremos de certos animaes marinhos, que em determinadas épocas têm entrado pela foz do Tocantins e apparecido até acima de Cameté. Em 1833, estando um aviso de guerra no porto daquella cidade, deu signal para terra de que um monstro marinho tinha seguido rio acima ; e dois dias depois, em uma das praias de cima, amanhecera encalhada uma enorme baleia. Já se têm apanhado por ahi mesmo algumas *tartarugas do mar*. Finalmente, os espadartes apparecem frequentes vezes em Cameté.

O professor José Verissimo escreveu o seguinte : — A bacia fluvial Amazonica é a mais rica em peixes de infinita variedade. Luiz Agassiz, que especialmente lhe estudou a fauna ichthyologica, encontrou ahi nada menos que 1800 especies, mais que as então conhecidas na bacia do Oceano Atlantico, o dobro das do Mediterraneo, já então larga e profundamente estudadas, dez vezes tantas quantas conhecia Linneu no mundo inteiro, cêrca de um seculo antes. —

O Tocantins, que pertence, sobretudo na sua parte septentrional, á mesma bacia do *oceano doce*, não é menos fértil nessa riqueza zoologica, tendo apenas a infelicidade de não ter entrado por elle um especialista para o estudar detidamente.

— A existencia da fauna ichthyologica, segundo o autor citado, distincta não só na mesma bacia, mas no mesmo rio, é uma das mais frisantes. Assim, as especies do rio Pará, do mar á foz do Tocantins, differem das que se encontram na rede de anastomoses, que unem o rio Pará ao Amazonas propriamente dito. As especies do Amazonas, além do Xingú, differem das que ficam mais acima; as do curso inferior do Xingú, das do curso inferior do Tapajoz. As dos numerosos igarapés e lagos de Manáus, egualmente se diversificam das do curso principal do grande rio e dos seus principaes affluentes. —

Egual diferença nota-se na zona ichthyologica do Baixo e do Alto Tocantins. Ha especies aqui que não são encontradas lá, mas essas em pequeno numero; outras existem em uma e outra região com caracteristicos, fórma, tamanho e sabor differentes; finalmente, a maior parte das especies habitam todo o valle, diferenciando-se apenas pelos nomes por que são conhecidos nos Estados do Maranhão, Goyaz, Matto-Grosso e Pará.

As especies mais conhecidas no Tocantins paraense são as seguintes: Ordem dos *cetaceos*: *peixe-boi* (*manatus americanus*), o *bóto* (*phoca brasiliensis*), o *lucuxy* (*delphinus rostratus*). Classe dos *peixes*: o *pirarucú* (*arapaima gigas*), a *pirarara* (*silurus pirara*), o *tucunaré* (*cichla temensis*), o *aruaná* (*osteoglossum bicirrhosum*), a *pirahyba* (*bagrus reticulatus*), o *surubim* (*platystoma tigrinum* ou *pimelodus tigrinus*), o *piranambú* (*pimelodus piranambú*), o *curimatá* (*schezodon fasciatus*), o *pacú* (*prochilodus argenteus*), a *piranha* branca, preta ou vermelha (*serrasalmo piranha*), o *candirú* (*cetopsis candirú*), o *poraqué* (*gymnotus electricus*), a *pescada* (*sciaena amazonica*), a *piralininga* (*pirapitinga Goliath*), *acarás*: *bandeira-assú*, *péua*, *miri*, etc. (*acará* gen.), o *acary* (*chaetostomus*), o *tamuatá* (*callichthys cataphratus*), o *jaraqui* (*pacus nigricans*), a *sardinha* (*chalceus nematuri*), o *peixe cachorro* ou a *icanga* (*cynodon vulpinum*), o *aramaçá* (*pleuronectes aramaça*), a *tarihyra* (*erythrinus trahira*), a *tainha* (*mugil incilis* ou *M. brasiliensis*), o *matrinchá* (*bricon lundú*), o *camorim* (*diodon hystrix*), a *raia* (*raja*), a *corvina* (*corvina adusta*), a *piramutaba* (*piramutaba piramuta*), o *mandi* (*pimelodus maculatus*), o *mapará* (*hypoptalmus edentatus*), o *aracú* (*erythrinus brasiliensis*), a *caranha* ou *tambaqui*, a *solea* ou *solha* (*solea brasiliensis*), o *ituhý* (*loricaria rostrata*), etc.

Notei que, no Alto Tocantins, os peixes que no Amazonas se chamam de *pelle* são mais abundantes e mais saborosos: as pirahybas e os jaús são os maiores dessa especie, e não

ha sobre elles o temor popular de causarem a morphéa, molestia que por ali não encontrei.

As regiões encachoeiradas são ferteis dos seguintes peixes : a *matrinchá*, o *cachorro*, etc. A *caranha*, que é o mesmo *tambiqui* do Amazonas, só é encontrada ali; entre outros peixes daquella região vi *surubim*, de caúda muito comprida, o qual chamam *surubim chicote*.

\*  
\* \*

Deixando esses apontamentos ao estudo dos competentes, vou continuar a narração da viagem, reatando-a da villa de S. Benedicto, aonde chegámos ás 4 horas da tarde. O logar é de uma pittoresca apparição de casas brancas com telhados alinhados em uma só rua fronteira ao rio, na sua margem direita, e do qual está perfeitamente defendida pelo barranco elevado e pedregoso. Na mesma linha das casas, e muito mais elevada que ellas, ergue-se a igreja do orago, uma das melhores do Baixo Tocantins.

O sol dardejava ainda com inclemencia os seus raios tropicaes, o que já ia tornando demasiado incommoda a permanencia a bordo. Desembarcámos immediatamente e subimos até á villa, pela escada da ponte do coronel Cotta, pois que todos os proprietarios têm mais ou menos rusticas pontes para sua serventia. Em cima, uma linha de grandes arvores, em frente ao arruado, dava-lhe o effeito de um bosque, que a viração do rio completava com a doçura de uma temperatura agradável e suavissima. Os dois irmãos Cottas, um grupo de velhos patriotas, foram os fundadores e sustentáculos do engrandecimento daquella terra. Com a elevação desse povoado á categoria de villa, facto que occorreu neste mesmo anno de 1896, os benedictenses correram a machado grande numero dessas arvores tão bellas e de frescura tão deliciosa, para que a marinhagem e os passageiros dos navios que passassem pelo rio pudessem vêr toda a linha de casas, que ficavam encobertas a principio, afim de não taxarem de injusta a munificencia do poder legislativo do Estado.

A nossa comitiva, depois de cumprimentar o coronel Cotta, seguiu até á casa de uma velha tia que nesse anno ali residia, senhora de extraordinarias virtudes e cuja riqueza, outr'ora tão conhecida no districto de Cametá, a cobiça de uns e a ganancia de outros têm devorado lentamente. D. Josephina Lobato e Silva casou-se com um laborioso portuguez, negociante em Cametá, que lhe legou, com uma filha, um nome honrado e uma riqueza invejavel; agora vivê pauperrima, cercada apenas da felicidade de possuir uma filha exemplarissima, um genro honrado e uus netinhos adoraveis.

A bôa senhora, no seu contentamento, servia-nos de cicerone e foi nos levar a todas as casas daquella bôa gente, homens quasi tódos lavradores ou pescadores. Visitámos as escolas, onde notámos algum aproveitamento; fômos á egreja, e ali vimos a sepultura do talentoso cametaense Dr. Benedicto Cotta, joven jornalista, a quem a morte arrebatou no começo da carreira.

S. Benedicto só tem uma rua principal e é rodeada de uma facha de mata virgem em uma largura de 2 kilometros, além da qual se extendem campos imprestaveis á cultura, atravez dos quaes se caminha quando se quer ir do Tocantins para o Cairary, affluente do Mojú. Ao sul da villa e na mesma margem do rio, vimos uma grande casaria de fazenda velha, a que dão o nome de S. Vicente, pertencente ao lavrador Quintino Barrosó, oriundo de uma antiga familia abastada de Cametá. Para ali fômos por uma estrada bem sombreada, porém cheia de sinuosidades, devido a uma gruta ou vallado que se estende pela terra dentro e se transforma em um igarapé durante o inverno. Adeante encontrámos uma casa de forno de fabricar farinha. Bellas raparigas, vestidas de saias curtas e camisolas de algodão azul, estavam por ali satisfeitas, na faina da fabricaçào. Invadimos a rustica *usine*, e cada qual procurou, com mais ou menos impertinencia, saber das minudencias daquella fabricaçào, a que as moças respondiam com grandes gargalhadas, como se achassem graça na nossa igno-

rancia a respeito. Foi ali que vimos o *jaraqui*, excellente e odorifera bebida, clara e doce, feita de uma certa mandiôca, a qual, depois de ralada, é collocada em massa dentro de cochos a que chamam *camas*, e em logar assombreado, afastado do contacto de qualquer pessoa, para não perturbar a fermentação durante tres dias, em completa immobildade. Qualquer movimento no vasilhame que contém a massa prejudicaria o bom exito do preparado.

Soubemos mais que da mandiôca se extrae uma aguardente de 38° a 40°, e de excellente paladar, tudo pelo effeito da fermentação da massa. A *maniquera* é feita da mandiôca chamada *maniocaba*, cujo caldo, tirado da massa, é cozido com arroz até uma certa temperatura, e tomado frio como um mingáu, ou antes como um refrigerante agradável.

Além da farinha *d'agua*, que se faz da mandiôca fermentada, fabrica-se no Tocantins e no Pará a farinha secca, simplesmente com o auxilio da mandiôca ralada, e a farinha de *tapiôca*, feita propriamente da tapiôca extrahida da mandiôca. Ali nos contaram a lenda da *maniva* ou da mandiôca, a qual revela, com ingenuidade selvagem, a graça e a poesia natural dos primitivos habitantes das nossas terras. Não vai fóra de proposito a sua narração no texto deste livro, desde que tem ella intima relação com os individuos e com as cousas da grande região que estamos estudando.

Em uma das tribus da grande e valorosa nação dos Tupinambás, nasceu uma menina, alva como a lua, graciosa como o sorriso da primavera, á qual os ditosos paes deram o nome de *Mani*.

Não havia na tribu quem, ao alvorecer dos dias claros, não ouvisse pelos atalhos dos caminhos que contornavam as choupanas, o canto fresco da criança, como a prenuciar o bom dia. Todos amavam aquelle anjo, e iam satisfeitos visital-a como uma graciosa mensageira de Tupan. Como as flores que se estiolam em peregrina existencia, succumbiu Mani ainda criança, e foi sepultada, como uma devoção da tribu, bem no centro do descampado da aldeia, onde o sol das bôas

auroras pudesse chegar, para despertar a alegria da morta, e onde o manso clarão da lua cobrisse da frescura necessaria o viço das flores, de que ella era irmã.

Todos na tribu levavam ao tabernaculo daquelle amor uma gotta de pranto amigo, ou regavam-no com grandes baldes d'agua fria, para lhe minorar o calor do sol abraçador. Algum tempo depois, nasceu do centro do tumulto querido uma plantinha verde como a esperança, de talo roxo como a saudade, a qual chamavam planta da *manióca* ou mandióca, termo indigena formado de duas palavras: *mani* e *oca*, que querem dizer : casa de Mani.

Aquella planta cresceu sob a veneração da tribu, até quando o sol abraçador do verão, rachando a terra, mostrou a batata preciosa, que todos elles tomaram como um presente de Mani. Molharam-na no rio, ralaram-na e comeram a farinha, como presenté de Tupan, e tomaram por preciosa aquella planta.

Em pouco tempo, todas as nações de Indios adoptaram aquella sagrado alimento, como a divulgação do mesmo nome daquelle criança, alva como a lua, graciosa como o sorriso da primavera.

\*  
\* \*

Depois de uma excellente palestra, que tivemos com o Coronel Izidoro Cotta, voltámos á villa, onde, assentados em alguns bancos rusticos, continuámos a pedir esclarecimentos sobre aquella região. O Tocantins, em frente a S. Benedicto, tem uma das maiores larguras do seu desenvolvimento, a qual propriamente não apparece, por causa do grande archipelago, composto de extensas e numerosas ilhas e que é talvez o maior grupo insular da zona tocantina, formando diversos districtos dos municipios de Cameté e de Mocajuba. Estas ilhas são separadas por estreitos, canaes ou furos, a que dão, como já dissemos, impropriamente, nomes de rios com a denominação dos logares que banham. As ilhas mais importantes desse grupo são, a correr rio acima, começando de

Cametá, as seguintes : *Pirahyba*, quasi junto da terra firme dessa margem ; *Portilho*, á igual distancia das duas margens ; *Juba*, com mais proximidade da margem direita ; *Mendaruçú*, e *Mutuacá* com grandes estabelecimentos commerciaes, grandes casas cobertas de telha e trapiches com pontes de madeira para atracação de barcas a vapor, carga e descarga de mercadorias ; *Juaba*, uma das mais importantes do grupo, pelo tamanho e pela cultura, e celebre pela povoação do mesmo nome, situada junto ao continente da margem esquerda, e para onde está projectada uma estrada de rodagem, que a ligará com o alto *Cupijó* ; *Turema*, terra de gente valorosa e muito dada ás artes, possuindo ahi uma banda de musica ; *Furtado*, muito pittoresca e commercial ; *Sant'Anna*, uma das maiores ilhas do Baixo Tocantins, com lavoura de cacáo e extracção de gomma elastica ; *Vizeu*, com grande importancia commercial ; *Jacarécaya*, com plantação de cacáo e borracha ; *Innocente do Vizeu*, com uma excellente egrejinha, onde é adorada a S.S. Trindade. Em frente a esta ilha existe a povoação de Vizeu, que passou ultimamente para o continente dessa margem, com indicios de futuro florescimento, devido ao patriotismo dos districtanos.

Entre as menos importantes, notam-se as que ficam juntas da *Mendaruçú*, que são as seguintes : das *Preguiças*, dos *Quindiques*, das *Mulatas*, do *Rapazinho*, etc. Todas estas ilhas são mais ou menos cultivadas de milhares de pés de cacáoeiros, alguns com antiguidade de seculo, e mais ou menos fructificantes ; em quasi todas ellas ha estradas de seringueiras e com grande fabricação de sernamby, estabelecimentos commerciaes, numerosas casas cobertas de telha, com plantações de arvores fructiferas (sitios). A população condensada nessas ilhas regula de 2 a 3 mil habitantes.

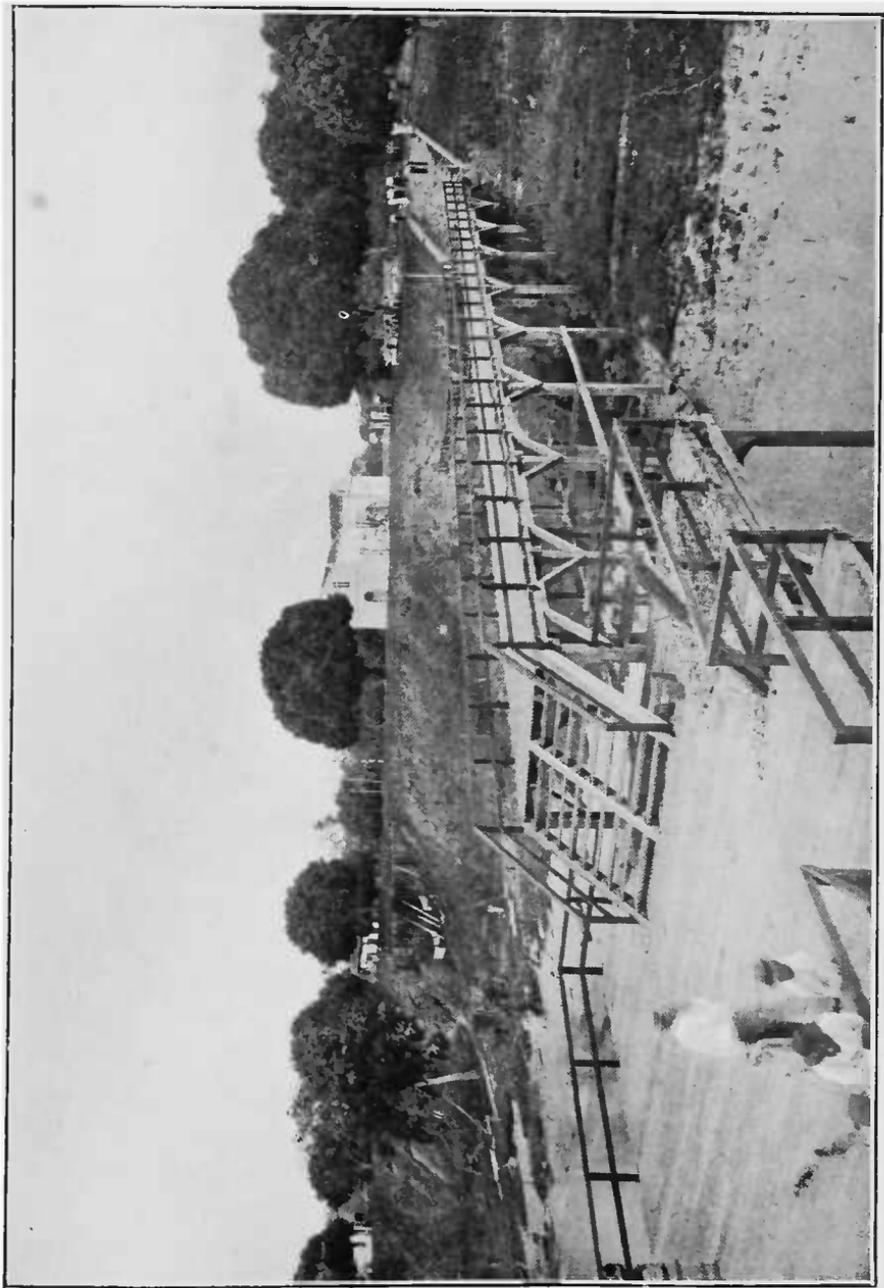
Dos estreitos, a que chamam *rios*, distinguem-se como os mais importantes os seguintes : rio do *Mendaruçú*, rio do *Juaba*, rio do *Furtado*, rio do *Vizeu*, e rio de *S<sup>ta</sup> Anna*. Desses, o que notámos de mais aprazivel perspectiva, em outra viagem que ali fizemos, foi o rio do *Furtado*, por

nos parecer uma avenida ladeada, de uma e outra parte, de *sitios* de admiravel belleza. Nesta parte do Tocantins notam-se como verdadeiros affluentes: o igarapé *S. José*, que fica quasi junto a um povoado desse mesmo nome e onde existe uma egrejinha com essa invocação; o *Itapucú*, verdadeiro rio, que corre com a inclinação de 10 a 12° em relação ao Tocantins, e que, nascendo nos campos da margem esquerda, depois de um grande desenvolvimento, vem desembocar no grande rio, ácima da povoação de *Juaba*. Foi nas cabeceiras ou nascentes do rio Itapucú que se estabeleceu, pelo correr do anno de 1861, um grande quilombo de escravos fugidos, que formaram desde então uma aldeia, para cujo exterminio fôram infructíferas todas as expedições militares que contra elles remetteu o Governo Imperial, durante o tempo da escravatura no Brasil. Estes negros, que assim viveram por largo tempo em verdadeira communa republicana e com jurisdicção policial por elles investida, estão hoje, depois da grande lei da abolição de 1888, reduzidos a pacatos e simplórios lavradores, reconduzidos voluntariamente ao regimen legal do Pará.

\*  
\*  
\*

Já com o crepusculo tomámos novamente a *Alcobaça*, para continuarmos a nossa derrota. O rio tinha a immobilidade apparente das prêamares, a mata estava quieta e toda a natureza envolvida na calma acquiescente dos bons tempos. Entretanto, do meio do mato sahiram gritos agudos de saracuras e o coaxar de um ou outro sapo (*Hyla*), a que os naturaes dão a virtude de anunciar as chuvas. Effectivamente, pelo que nos succedeu á noite, tivemos de acreditar que desta vez aquelles barometros animados não se enganaram.

Algum tempo depois, passámos em frente a um povoado já arruinado, a que o povodá o nome de villa dos *Bragas*, por ser, sem duvida, este o nome da familia dos primeiros fundadores. Este logar foi a antiga séde da villa de N. Senhora do Carmo do Tocantins, que, conforme o manejo politico e a importan-



Cidade de Mocajuba.



cia local, tem passado dali para *Carapajó* e desta, para S. Benedicto. Notámos que o Tocantins ia formando nesse ponto uma grande enseada, bordada sempre de terras altas e tabatingas de diversos matizes, sementeiras de casas mais ou menos elegantes e pomares mais ou menos extensos.

Com o cair da noite, avistámos uma linha de luzes, como illuminação de uma cidade moderna. Estavamos em frente a *Mocajuba*, um dos logares do Pará que maior incremento tem tomado com o advento da Republica e subsequente conquista das garantias municipaes.

A cidade está construida sobre um terreno de *tabatinga pedregosa*, quasi sobre uma pedreira, em uma elevação de 10 metros de altura, ácima do nivel da prêamar de Junho. Tem 4 ruas parallelas á direcção do rio, cortadas por 5 ou 6 travessas, todas em geral bem niveladas e com boas edificações. Tem 2 praças, em cada uma das quaes ha templos catholicos, se bem que, como acontece em toda a parte do Estado, com graves defeitos de architectura. Entre a melhor edificação existente, ha o Palacete da Intendencia e a Cadeia Publica, cujos planos tenho a gloria de haverem sido levantados por mim, com modificações suggeridas pelo espirito pratico de João Vicente de Leão.

Entretanto, o verdadeiro patriarcha do progresso de *Mocajuba* foi o velho senador Jacyntho Machado Moreira, espirito conservador e de conciliação, e um dos chefes do Partido Republicano no Baixo Tocantins. A primitiva freguezia de *Mocajuba* foi creada pela lei provincial n° 228 de 1853 no logar e com o nome de rio *Maxi* ou furo *Tauaré*; e por outra lei de 1854 foi transferida para o ponto em que hoje se acha a cidade, logar de um antigo sitio cedido por João Machado, para nelle ser edificada a nova Povoação. A sua topographia é plana, de aspecto risonho em frente ao rio, e declina para o lado oriental em terrenos baixos e alagados, que contornam um excellente campo para a criação de gado, onde o sabio prelado paraense, D. Antonio de Macedo Costa, possuiu, em outros tempos, uma fazendóla, de que, parece, não

tirou melhores resultados. As plantações ribeirinhas não medram em proporção, porque a formiga *saúba* as devasta continuamente, prejudicando os próprios alicerces de algumas casas. O primitivo templo catholico foi reduzido a cinzas por um incendio, sendo no mesmo logar construida a nova matriz. A população é, na sua terça parte, adventicia ou nomada : sóbem muitos para o Alto Tocantins em busca de castanha e do caucho ; outros vão, no verão, para o córte da borracha, e alguns atravessam os campos em procura do oleo de copahyba. O commercio cresce ; o porto da cidade é frequentado por vapores de diversas companhias e de casas particulares. O Municipio exporta principalmente cacáo, borracha, castanha, estopa, azeite de andiroba e outros oleos vegetaes. Pelo ultimo recenseamento, conta o districto 4663 habitantes. O nome de Mocajuba foi, sem duvida, tirado da fructa *mucajá* ou *macaúba* (*Acreomia sclerocarpa*, Mart), como tratam no sul a fructa dessa palmeira, que abunda naquelle sitio.

Logo que a *Alcobaça* deu, com o apito, signal de atracção, saltámos por uma excellente ponte, construida de madeira da terra, em 2 lances e com 4 pé direito de alvenaria de pedra, obra mandada construir pelo Estado. Após a visita que fizemos á Matriz e á Intendencia Municipal, fômos á casa commercial do senador Jacyntho Moreira Machado. Sendo collocadas algumas cadeiras na calçada da frente, como é uso nas cidades do interior, ahí esperámos o velho politico, que tinha ido ao rio tomar banho no banheiro ou casa propria, como é uso naquelles logares.

O cametaense, é em geral, um homem limpo ; banha-se no rio uma ou duas vezes por dia, e as crianças ali fazem exercicio de natação, quasi seu unico recreio durante a parte do dia, sabendo nadar desde a idade de 5 annos. O banho é tomado em nú e mais ou menos demorado, e não escolhem hora, sendo preferido o tempo da maior calma do dia. Não ha reccio nem exemplo de congestões : o lavrador se banha ao voltar do trabalho, transpirando, sem se quer

descansar, ou então em acto continuo ás refeições, sem dahi provir prejuizo algum. Todos sabem nadar, ora á flor d'agua, ora mergulhando como peixes, indo boiar á grande distancia, segundo o maior ou menor folego da pessoa, passando ás vezes dois minutos. O banho particular do povo do interior é o das 7 horas da noite, antes da ceia; não usam em geral de toalha, ficando molhados e com a roupa apégada ao corpo, conforme o systema Kneipp. Usam roupas leves, muito limpas e sem gomma, o que coadjuva a passarem excellentes noites frescas, como em geral são as de todo o Estado do Pará.

A noite se enfarruscava, promettedora de grande chuva, enquanto a mareta do rio, picado pela enchente que começava, matracava os degráus da escada, como a preludiar o máu tempo.

Um dos nossos companheiros não poude deixar de se entusiasmar pela intelligéncia daquelle povo, onde, crianças e velhos, todos porfiavam em nos dar esclarecimentos com que pudessemos elevar a terra do seu berço.

Mocajuba é o berço do proficiente médico Dr. Cruz Moreira, e era ali que residia o talentoso joven Augusto Vicente Leão, que, desde criança, revelou uma vocação natural para a arte de armador de construcção naval. Na zona tocantina os meninos têm por brinquedos pequenas embarcações, feitas por elles, e algumas tão perfeitas, como se tivessem sahido do estaleiro do mais exagerado armador. Na hora da enchente do rio se vêm os portos de Cameté e dos sitios vizinhos juncados de velas brancas dos pequeninos barcos, que balouçam aos gritos triumphantes da meninada alegre.

Todo o emprehendimento deve ter por fim aperfeiçoar a propensão natural de um povo. Em Cameté, está-se vendo que uma Escola Naval seria de grande utilidade para a sciencia das construcções desse genero, e encontraria discipulos naturalmente adeantados. Não foi sem causa que Pedro Teixeira, em 1617, escolheu aquelle ponto para

armar a flotilha em que os portuguezes subiram pela primeira vez o rio Amazonas até ao Perú, para assentar marcos limitrophes nas margens do Napo.

\*  
\* \*

Logo que embarcámos, a lancha desatracou do porto e foi rio acima. A noite estava sem estrellas, e na escuridão que envolvia a nossa embarcação se distinguíam as fagulhas, que saíam de envolta com a fumaça da chaminé, por effeito da lenha, que, em toda aquella navegação, é preferível, pela barateza, ao carvão de pedra.

O vento rijo de nordeste annunciava-nos a chuva, e com ella, a impossibilidade de fazermos as nossas observações durante a noite; porém, o pratico Lourenço, com a pachorra habitual aos marítimos do Amazonas, assegurou que nos forneceria todos os esclarecimentos da secção atravessada naquelle lapso, e cuja veracidade foi por nós confirmada, quando tivemos de fazer a volta desta viagem.

## CAPITULO V

Archipelagos e rios. Cacáoaes. O *Tauare*. A garganta do *Marariá*. A dança no Tocantins. Ilha do *Bacury*. Cidade de Baião. Historico do seu estabelecimento. Divisão judiciaria. Decadencia das cidades do interior. Igarapé do *Limão*. Diversidade de Povoações. São Joaquim ou *Ituquára*. Cultura do tabaco. O rio *Paranámiry*. O rio *Matacurá*. Ilha do *Jutahy*. As *tapéras*; antigos cafesaes abandonados. O pratico Feliciano. As *tartarugas* e os *jaboíys*. A *matá-matá*. Ilha do Tycucuasú. Rio Paranamucú. Comunicação fluvial entre o Tocantins e o Amazonas. Joanna Peres. Lagos da margem esquerda. O *Anil Grande*. Serra do Trocará: estudos de Hartt. Terras calcareas. Conchas marinhas nas terras altas. Tintas feitas de tabatinga. A zona dos castanhaes do Tocantins. Sua exploração. Ilha de *Itapepucú*. Transporte do gado do Alto Tocantins. Igarapé *Murú*. Indios *Apiacás*. Praia da *Mortandade*. O *Juquirapuá*. Pederneiras. Chegada a Alcobaça.

A secção do Tocantins, comprehendida entre Cameté e a garganta da Mangabeira ou *Marariá*, está, como já dissemos, semeada de continuos archipelagos, constituídos de pequenas ilhas, mais ou menos approximadas da margem esquerda, formando os mais importantes districtos de Cameté e Mocajuba. São exdruxulos, quiçá bizarros, os nomes de alguns desses monticulos, de terra mais ou menos de alluvião, mais ou menos esboroados pela corrente do rio na parte meridional, e accrescidos pelas terras e areias arrastadas na parte N., derribando assim o plantio dos cacáoaes e prejudicando o valor das plantações, até das existentes no continente.

Já no fim do capitulo anterior citámos os nomes de algumas dessas ilhas que nos pareceram mais importantes, quer sob o ponto commercial, quer á vista da sua topographia.

Não vale a pena descrever a geographia dessa parte do Tocantins, visto que as ilhas hoje existentes pódem, daqui a cem annos, nem ter menção topographica do logar. Continuarei, por isso, a tomar nota sómente das mais notaveis pela cultura productiva e estabilidade creadôra.

Sahindo de Mocajuba, entrámos no rio ou canal do *Tauaré*, que se acha entre o continente e a ilha do mesmo nome, plantada de cacáoaes e seringueiras, e com grandes casarias, tendo um igarapé que a atravessa de N. O. a S. E., chamado *Tatúoca*. Quasi em frente a esta ilha, um pouco afastada do continente da margem direita, fica a ilha do *Camaleão*, com alguma plantação de cacáo.

No canal do *Tauaré* desagua, na parte meridional, o rio *Icatú*, que corre de L. para O., tendo por affluente o *Outirý*, que faz o seu curso de S. para N. até á sua affluencia com o *Icatú*.

O *Icatú* e seu affluente têm certa importancia, por serem a moradia de grande numero de lavradores, que constituem, no primeiro, um povoado florescente.

Sahindo do *Tauaré*, e depois de alguns kilometros de navegação, encontra-se a foz do igarapé *Jambuassú*, que nasce nos campos do centro, cujas margens são povoadas de muitos habitantes, com riquezas de cacáoaes e seringaes. Em frente á foz deste igarapé, está situada a importante ilha do *Angapijó*, muito commercial e productora. Mais ácima, fica a foz do igarapé *Irindeua*, povoado de agricultores.

No percurso da nossa derrota, passámos pela garganta do *Marariá*, que fica entre a ilha deste nome e a barranca da *Mangabeira*, formando um estreito de 900 metros de largura, o qual representa para o Tocantins o mesmo que o *Estreito de Obidos* para o Amazonas.

A chuva continuava torrencialmente, e, apesar do grande ruido do vento que fustigava as obras mortas da embarcação, ouvimos os sons harmoniosos de uma musica de clarineta e ophicleyde, que partiam de um grande barracão da beirada, a que as luzes, collocadas na frontaria, davam de noite o

aspecto de um palacio de fadas : era uma dança ou *pagóde*, baile ou folguedo, como ha muitos naquella risonha região.

Olhámos com os binoculos e vimos rapárigas e velhas, trazendo vestidos de côres claras, e com grandes ramalhetes de flôres naturaes á cabeça. Dançavam, não com a seriedade triste das cidades, mas rindo-se e palavreando, procurando em altas vozes contrariar o signal do marcante. Os cavalheiros, rapazes nédios e sadios, balouçavam-se, em mangas de camisa engommada, como é costume da gente pobre da terra. Ao redor do mirityzeiro, que servia de ponte rustica á habitação, uma grande quantidade de canôas esperavam o fim da festa, para reconduzir os donos ás respectivas residencias.

A dança representa, para o habitante do Tocantins, um elemento necessario á vida : não se passa um mez, ás vezes uma semana, em que aquelle povo, folgazão e alegre, não ache motivo para organizar um baile, serão dançante ou *pagóde*, conforme ás classes que se destinam ao folguêdo.

Nas cidades, os bailes são em tudo semelhantes aos seus congeneres das capitaes : dança-se a quadrilha ou contradança, a valsa, a polka, a schottisch, a mazurka, etc., ao som de philarmonicas, bôas orchestras ou simplesmente piano. Os convidados vão a elles com o vestuario apropriado ao fim da festa celebrada : os homens usam desde a casaca ao paletot, e as senhoras desde a seda ao cretone. Este ceremonial convencionado nas bôas rodas já tem chegado ao proprio interior dos municipios de Cameté e Mocajuba, onde a educação do povo tem acceitado a reforma dos primitivos costumes.

O que, porém, representa uma feição verdadeiramente local e sociologicamente typica, são as danças populares, e até as contradanças francezas, entremeiadas de marcas da terra, em lingua perfeitamente vernacula e algumas vezes rusticamente districtal.

Não falaremos aqui dos *sambas* ou danças de tambores, nas quaes o cunho da raça africana foi até certo ponto modificado pela educação dos mestiços. Este genero de dança vai

sendo pouco e pouco abolido da sociedade tocantina, visto hoje até os mulatos já saberem *marcar quadrilhas*.

O *sairé*, dança religiosa, originaria da raça indigena, já está quasi abolido, ha mais de 30 annos; mas, em seu lugar, têm sido creadas, por uma especie de evolução, e em pequenos centros, outras semiselvagens, semibarbaras, taes como : o *aturiá*, o *gallo*, etc.

O *lundú*, dança genuinamente brasileira, goza simultaneamente do espirito das tres raças, que se condensaram para lhe dar o cunho do nosso nacionalismo : tem elle os requebros da *africana*, o isochronismo da *india* e as harmonias da *européa*. Parece não se compadecer com o nosso patriotismo envergonharmo-nos de levar o *lundú* para os nossos salões, quando elle é verdadeiramente a dança classica e a que mais genuinamente representa a musica nacional.

Em outra viagem ao Tocantins, notei, num serão dançante em um sitio, que os homens se reuniam em um lado da sala, sendo as mulheres que vinham dar-lhes a honra de lhes offerecer o braço, achando eu isso de uma simplicidade toda racional.

No Alto Tocantins, a dança á viola, em grandes rodas, quasi sempre só de homens, é a mais usada da plebe; os menestreis improvisadores cantam, ao desafio, coplas de uma admiravel poesia nativa, algumas tão correctas que não envergonhariam ser apadrinhadas pelo talento do poeta mais rigoroso.

\*  
\* \*

Do *Marariá*, o Tocantins alarga para cima em uma verdadeira enseada ou bahia, ficando no centro a grande ilha do *Bacury*, uma das maiores do Tocantins, e que por ella se prolonga numa extensão de mais de duas leguas. Esta ilha é limitada no perimetro por terras mais altas que as do centro, é cortada de muitos rios ou igarapés, que nascem em charcos ou pantanos, formando alguns grandes lagos muito piscosos, dos quaes um dos maiores e mais central é o *Turussú*.

Estes lagos são marginados por campos que já se prestam para alguma criação de gado ali existente. Terminando o perímetro dos campos, ha *torroadas*, como chamam as terras altas cheias de bons seringaes, que se prolongam até á beira da ilha.

A ponta meridional da ilha do *Bacury* fica ácima da cidade de Baião, tendo quasi em frente desta localidade a pequena ilha do *Sacahy*, della separada por um braço do Tocantins, chamado *rio do Sacahy*.

\*  
\* \*

Pela madrugada do dia seguinte, saltando da rêde e fazendo enrolar as sanefas do convez, tivemos de ficar marávilhados ante o bello panorama das altas barrancas de Baião. O céu estava de um azul lavado, tal como acontece quasi sempre nos dias successores das noites tormentosas; o sol alastrava a immensidade do espaço de uma luz vivificante e bôa, dando á linha da mataria da beirada uma côr de verde de primavera.

As admirações cresciam, mas nenhum de nós tinha palheta e pincéis de artista para dar ao leitor destas notas uma copia daquelle quadro soberbo de manhã tropical.

Enfileirada no elevado taboleiro, a que a tabatinga do rio serve de pedestal, uma linha de casas soffríveis deu-nos a entender que estavamos em frente á cidade de Baião.

Ha uma certa mania em todo o territorio paraense, em quererem os habitantes de qualquer lugar que elle seja elevado á categoria de villa ou de cidade, sem que para isso contribuam com outros melhoramentos mais dignos de interesse. Já o Dr. Couto de Magalhães, presidente da antiga Provincia do Pará, escreveu no seu relatorio de 1864, entre outras verdades, as seguintes :

— Não ha povo, talvez, no mundo inteiro, mais heroico, mais capaz de soffrimentos do que seja o de vossos comprovincianos; entretanto, vós, os homens das cidades, que pela maior parte viveis á custa delles, quando se vos conta que as pobres choupanas em que elles vivem são mal cobertas

de capim, não têm divisões nenhuma internas, respondeis: E' a preguiça; não querem trabalhar; têm a facilidade dos productos espontancos!

Conversei com quasi todos esses homens que ahi existem espalhados pelo immenso valle do rio Tocantins, e notei um traço muito caracteristico dos filhos da vossa Provincia, e é que, ácima de tudo, o paraense ama a independencia.

Eis a razão pela qual elle ama a agricultura: é também essa a razão porque elle se isola para os matos; nesses matos, vai ter alimentos grosseiros, e muitas vezes soffre o tormento da fome; mas, ao menos, sabe que não está sujeito ao commandante da guarda nacional, ao vigario, ao subdelegado, ao inspector de quartirão, ao recrutador, que muitas vezes são outros tantos tyrannetes, que os opprimem. Por esse motivo, a tendencia do povo é fugir dos povoados.

Notei a um amigo meu a facilidade com que se povoara a fronteira do Espirito-Santo com a Provincia de Minas Geraes. Esse homem era experimentado e destes talentos positivistas, que gostam de observar as cousas e de raciocinar sobre ellas.

Disse-me elle: —Esses logares se povoam muito de pressa, porque ainda se não sabe bem se pertencem a Minas ou ao Espirito-Santo; mas, desde que houver ali autoridades, sobretudo desde o momento que se elevarem a villas, que houver camara e eleições, todo o mundo quererá ser vereador, todos quererão ser autoridades, todos quererão mandar e ninguem obedecer; o resultado é que as povoações decrescem e decrescem numa progressão rapidissima, de modo que de ordinario se reduzem outra vez a nada.

Comecei a observar, e, infelizmente, a experiencia me tem mostrado em quasi toda a parte.

Os romanos, quando queriam flagellar uma das suas provincias, enviavam para ellas proconsules, como Verres.

Quando vós quizerdes punir alguma povoação, que vos tenha feito algum mal, elevai-a á villa; e eu vos asseguro que isso será peor do que quantos Verres houve na antiquidade. —

de campo, não têm divições, nenhuma interna, respondeis: não, e responde: não querias trabalhar; têm a facilidade dos povoados espontâneos!

Conversei com quasi todos esses homens que ali existem espalhados pelo famoso valle do rio Tocantins, e notei um traço muito característico dos filhos da vossa Provincia, e é que, além de tudo, o parangue ama a independencia.

Essa a razão pela qual este ama a agricultura: é tambem essa a razão porque elle se isola para os matos; nesses matos, vai ter alimentos grosseiros, e muitas vezes soffre o tormento da fome; mas, ao menos, sabe que não está sujeito ao commissario da guarda nacional, ao vigario, ao subdelegado, ao inspector de quarteirão, ao recrutador, que muitas vezes são outros tantos tyrannetes, que os opprimem. Por esse motivo, a tendencia do povo é fugir dos povoados.

Sede a mim atenta para a facilidade com que se povoara a fronteira do Espirito-Santo com a Provincia de Minas Geraes. Esse homem em experimentado e destes talentos possuidor, que gosta de observar as cousas e de raciocinar sobre ellas.

Dizão-me elle: — Estes lugares se povoam muito de pressa, porque ainda se não sabe bem se pertencem a Minas ou ao Espirito-Santo. Logo despois que houver ali autoridades, sobre tudo despois de se elevarem a villas, que houver camara municipal, logo a vontade quererá ser vereador, todos quererão ser alcaides, todos quererão mandar e ninguém obedecer; o resultado é que as povoações decrescem e decrescem numa progressão rapidissima, de modo que de ordinario se reduzem outra vez a nada.

Comencei a observar, e, infelizmente, a experiencia não tem mostrado em quasi toda a parte.

Os romanos, quando queriam flagellar uma das suas provincias, enviavam para ellas proconsules, como Verres.

Quando vós quizerdes punir alguma povoação, que vos tenha feito algum mal, viciaes a villa; e eu vos asseguro que isso será peor do que quando Verres houve na oppressão. —



A ladeira de Baião.



\*  
\* \*

A cidade de Baião occupa verdadeiramente uma topographia admiravel. Situada ácima de um barranco argilo-pedregoso, que lhe serve de muralha ou cáes natural, se estende sobre o taboleiro ou planicie elevada, a 40 metros ácima do nivel do rio, na margem direita do Tocantins, onde se podia edificar, com todos os melhoramentos hygienicos, qualquer cidade moderna importantissima. As casas, porém, são todas antigas e de apparencia pobre, a não ser o bello edificio da Intendencia Municipal, uma ou outra edificação de gosto, e uma igreja catholica. A cidade tem no seu littoral uma ponte de madeira, que, apesar de muito elevada ácima do nivel d'agua no verão, ficou em Fevereiro de 1896 com o leito a 2 metros abaixo do rio. Vimos atracada a um dos esteios dessa construção uma canôa puramente typica do logar, que conduzia 2 ou 3 bois, destinados ao matadouro da cidade, que raras vezes tem carne verde para o seu abastecimento.

A antiga e tradicional escada de 126 degráus de taboas de acapú está convertida em uma rampa cimentada de beton e de declive suave, pela qual o viajante se transporta de baixo até á cidade alta. Entretanto, ainda existem outras escadas particulares, dentre as quaes uma junto á casa do Tenente Coronel Tocantins, muito trafegada pela serventia publica.

Apezar do forte talúde, vi por essa ponte subir uma velha de 115 annos, chamada Victorina, que representava um bom attestado da longevidade do povo.

A historia da cidade de Baião prende-se aos tempos coloniaes. O primeiro estabelecimento que deu origem a esse logar data de 1694.

Antonio de Albuquerque Coêlho de Carvalho, antigo governador geral do Maranhão e Pará, desejoso de povoar e engrandecer a capitania de Cameté, concedeu a um laborioso portuguez, chamado Antonio Baião, uma sesmaria nas terras daquella capitania, com a condição de, no esta-

belecimento, construir uma casa decente. Em realização deste fim, escolheu Antonio Baião para a sua sesmaria o logar em que está hoje situada a cidade do seu nome.

Sob o governo de Fernando da Costa de Athayde e Teive, capitão daquelles districtos, Manoel Carlos da Silva, que era tambem director dos indios, teve ordem do governador para fundar ali um logar, o que elle executou em 30 de Outubro de 1769, sob o titulo de *Logar do Baião*, fundando a povoação com 30 indios. Em 1833, foi elevado o logar á categoria de villa com o nome de *villa do Tocantins*, e em 1841, lhe foi restituído com a mesma categoria de villa o seu antigo nome de Baião.

Só depois da proclamação da Republica, foi ella, em 1891, elevada á categoria de cidade e séde de uma nova comarca com um districto judiciario, distribuído em 7 circumscripções :

Comarca	Districto judiciario	Circumscripções
Baião	Baião	1 <sup>a</sup> ) Cidade ; 2 <sup>a</sup> ) Umarizal ; 3 <sup>a</sup> ) Matucará ; 4 <sup>a</sup> ) Alcobaça ; 5 <sup>a</sup> ) Areião ; 6 <sup>a</sup> ) Itacayuna ; 7 <sup>a</sup> ) São João do Araguaya.

A população do municipio de Baião, pelo ultimo recenseamento, é de 5.851 habitantes; mas a cidade do mesmo nome não conta mais de 500 almas. O territorio do municipio é vastissimo, tem uma superficie maior que a de muitos Estados da União, limitando-se com o Maranhão, Goyaz e Matto-Grosso.

Convém notar que, no computo da cifra recenseada para a população, não se contou o numero provavel dos indios espalhados em todo aquelle grande territorio, os quaes pódem ser calculados no numero provavel de 6 a 7.000 almas.

A critica que fizemos sobre o ultimo cóstume das populações paraenses, de quererem elevar á categoria de villa ou cidade os principaes logares dos seus districtos não se refere

particularmente a Baião. Falaríamos da mesma fórmula em relação ao maior numero de villas e cidades do Pará acostumadas ultimamente a receberem essa prebenda do poder legislativo, que melhor agradecem do que se este lhes concedesse uma estrada ou uma ponte, de que têm mais restricta necessidade para a utilidade publica.

Muitos criticam que quasi todas as antigas cidades, villas e povoações do Pará estejam em via de decadencia : é uma verdade de que não devemos fugir. Antes de se introduzir a navegação a vapor no Amazonas e Tocantins, essas povoações faziam o seu commercio por meio de barcos á vela, que simplificavam o numero dos portos ; a pequena população, fugindo do territorio ainda não explorado, condensava-se nos primeiros nucleos ; a pequena riqueza particular, modelada ainda pelo feudalismo antigo, á custa da escravatura legal, centralizava-se ao lado dos primeiros donatarios, que assim formaram, com esses amigos e vassallos, as primeiras villas e cidades da antiga Capitania e da Provincia. Logo, porém, que os barcos a vapor abriram o seio dessas aguas, descobrindo e explorando, ponto por ponto, o territorio extenso e feracissimo, permittindo a atracação em qualquer parte das margens intermediarias, a edificação e a população das cidades ficaram diminuidas, e em maior proporção se foi alastrando o commercio e augmentando o numero de habitações nas margens do rio, até então despovoadas. Desta maneira, as cidades do interior do Pará estão na maior parte condemnadas á decadencia, salvo se, por um principio contrario á liberdade commercial, os poderes publicos prohibissem a atracação dos vapores nessas centenas de portos intermediarios ás cidades, o que seria um absurdo.

O mesmo não acontece com as cidades do interior de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, que prosperam continuamente. As estradas de ferro não pódem parar de *fazenda* em *fazenda*, e estas são obrigadas a se communicar com aquellas por meio de centros commerciaes, villas ou cidades, que

augmentam na razão directa da maior producção da zona servida.

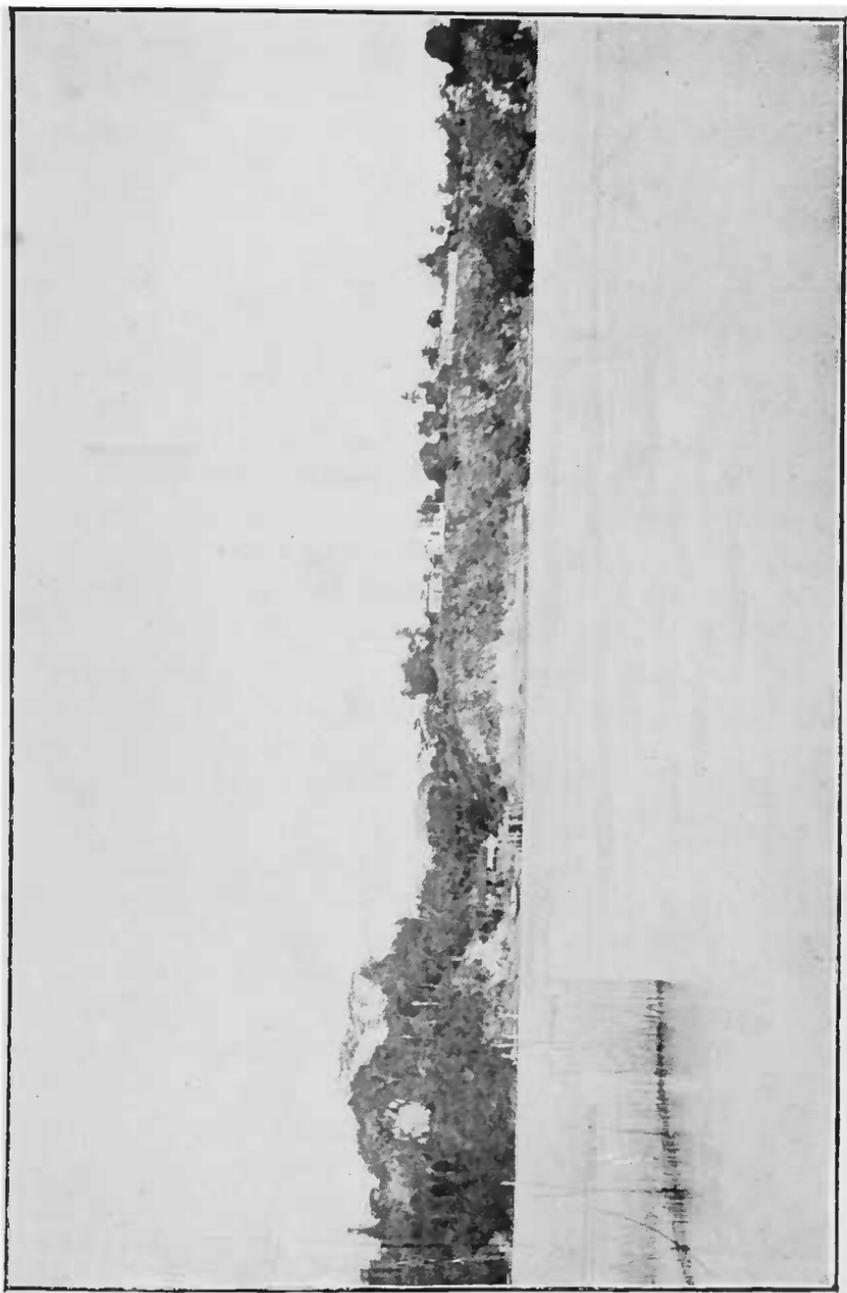
Em todo o caso, já que tratamos de Baião, devo dizer que é uma das cidades do Pará que têm melhores elementos de prosperidade. Sendo séde de um municipio tão extenso, a navegação a vapor lhe não pôde roubar a importancia de ser um ponto obrigado para a subida e descida das cachoeiras nas quatro 5<sup>as</sup> partes do Tocantins. A' medida que a industria extractiva augmenta as fontes da receita, o erario municipal cresce de rendimento, e os grandes saldos já vão apparecendo carecedores de uma bôa e efficaz applicação.

A opinião publica é servida em Baião por dois hebdomada-rios bem redigidos, mas que, infelizmente, se digladiam na politicagem, o que, esqueci-me de dizer, é mais uma causa da decadencia das cidades do Pará.

A cidade de Baião tem dois arrabaldes, ou antes duas pequenas povoações limitrophes : *Limão*, ao N., com habitantes que se entregam ao cultivo do cacáo e á extracção da gomma elastica, e *Bella Flôr*, ao S., povoada por lavradores de mandiôca.

O *igarapé do Limão* corre entre margens barrancosas e elevadas, e contorna quasi todo o perimetro da cidade, correndo de S. para N. E. E'uma mina de madeiras preciosas, mas de difficil transporte, por causa do declive do terreno, o que me parece não ser uma causa justa, visto que a propria declividade pôde, com pequeno esforço, ser transformada em uma poderosa força de tracção.

Notei que a secção do rio Tocantins, entre Baião e as primeiras cachoeiras, é de uma topographia muitissimo variavel : as aguas cahidas com violencia daquelles saltos arrastam massa enorme de terra e areia, destruindo ilhas existentes e formando com esses destroços outras novas, abrindo nos bancos novos canaes e obstruindo com as areias os já existentes. A praticagem da navegação muda as suas direcções de anno a anno, e essa differença é muito maior quanto mais rigoroso é o inverno que acabou. Assim, nos disse-



Cidade de Baião.



ram que, depois do ultimo inverno de 1895, ficou modificado o canal do baixo Tocantins, assim como a grande *ilha do Xiqueiro*, a qual foi, ultimamente, rasgada por canaletes, que, com o auxilio do grande rio, hão de destruil-a completamente com mais alguns invernos. Em todo o caso, a navegação sempre se faz, nesta secção, mais ou menos proxima á margem direita, e a ella nos vamos referir nesta noticia, deixando as particularidades da outra margem para um resumo de informações colhidas dos praticos e das pessoas conhecedoras daquella zona.

\*  
\* \*

Seguindo rio acima, encontra-se a margem direita coberta, em certas porções, de casas ou sitios muito proximos uns dos outros, formando o que no districto chamam *povoações*, onde, na maior parte, não existem mais de uma a tres casas cobertas de telha, sendo as outras de palha e de apparencia pobre. Dellas as principaes são : *Maracanã*, *Calado* e *S. Joaquim*, hoje *Ituquára*, onde existe uma egrejinha catholica; as menos importantes são : *Cuxiuará*, *Flechal*, *Bôto* e *Assahyzal*.

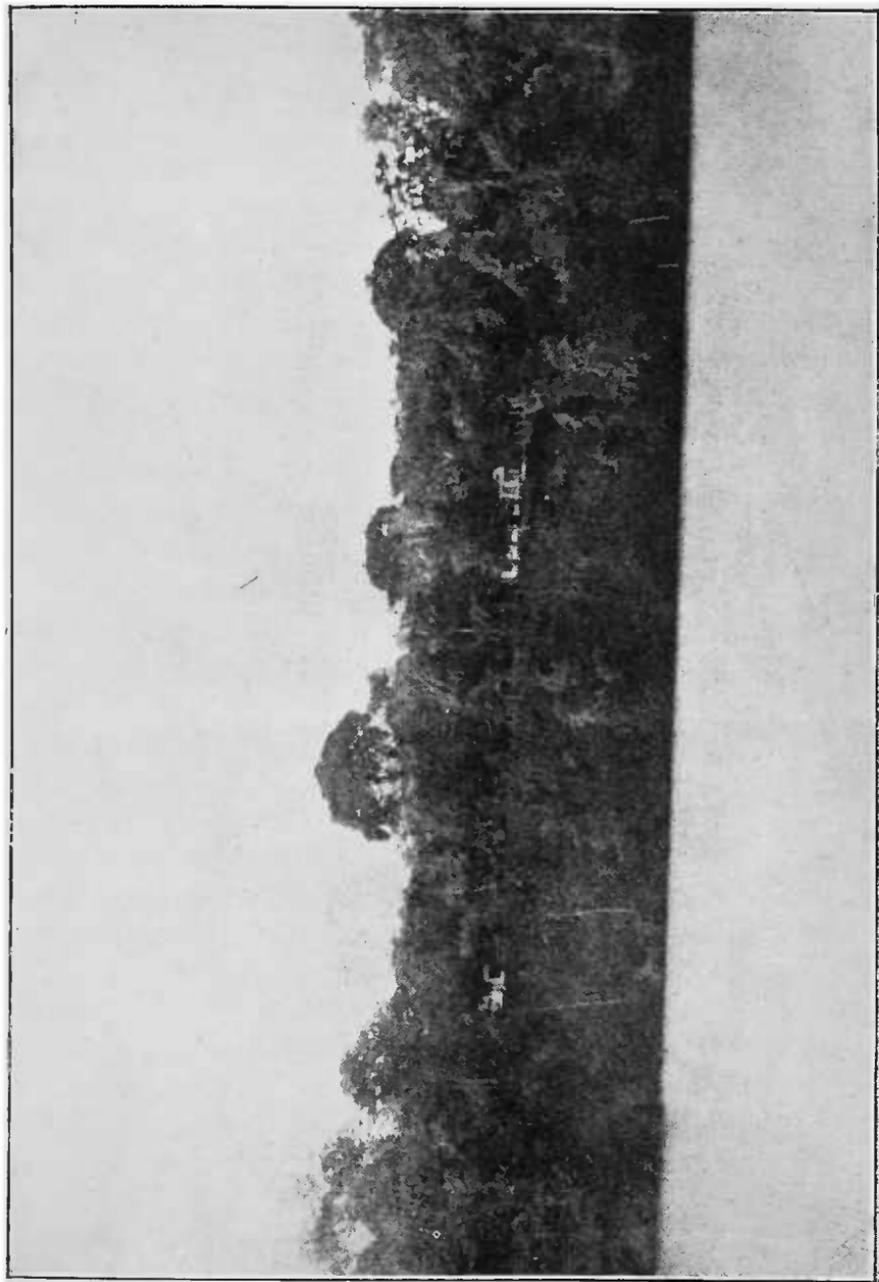
Era bello vêr-se por todos os lados, quer junto ás margens do rio, quer coroadas as ilhas, uma fimbria de areia branca, tão alva que a luz meridiana do sol fazia brilhar como uma chapa de prata. Os marinheiros então nos garantiram que, para nos maravilharmos com as bellezas naturaes, a viagem deveria ser na estação secca, quando o rio se apresenta no seu *esqueleto* (foi a linguagem que empregaram); isto é, reduzido aos dois terços de largura, com extensas praias de areias alvejantes coroadas de cómoros de mata, como *oasis* do deserto africano. O rio, com effeito, fica reduzido ao talweg, os pequenos igarapés affluentes séccam, e, por um phenomeno natural, a mata torna-se mais verdejante, despindo-se dos galhos e folhas apodrecidas pela enchente, as quaes se transformam pelo calôr em humus ou adubo vegetal. Estas praias se prestam á pesca das tartarugas, que, fugitivas das perse-

guições crescentes do baixo rio, desóvam ali, com mais effi-  
cacia para a sua procreação.

Notei nas terras das margens que iam passando exten-  
sas plantações de tabaco, que me disseram ser em maior  
quantidade para os taboleiros do interior do continente. Os  
melhores productos do municipio de Baião são, com effeito:  
a castanha, o cacáo, a borracha e o tabaco, sendo que este  
ultimo producto é um dos melhores reputados entre os simi-  
lares, no mercado do Pará. Baião produz quasi todo o tabaco  
que se consome na região do Tocantins, de sorte que o que  
chega a Belém recebe um preço proporcional á sua procura.

O tabaco do Tocantins, assim como o de todo o Pará, é  
muito aromatico e produz uma fumaça branco-azulada, muito  
semelhante ao fumo das Antilhas; o seu preparo é um pouco  
differente do do resto do Brasil: decótam-se as folhas das  
arvores, prendem-se umas ás outras com *embira de munguba*,  
em logar sombreado e ventilado, onde ficam de 15 a 16 dias,  
para produzirem o começo da fermentação; aproveita então  
o preparador todo o succo da planta carregada de nicotina, e  
reune essas folhas assim preparadas, addicionando-lhes algu-  
mas vezes a erva doce, que lhe dá um sabor agradável; envolve-  
as em um arrocho de cordas, cuja pressão elle muda dia a dia até  
chegar a formar a massa compacta, negra ou amarellada,  
quando então substitue as cordas por uma fibra vegetal de  
*timbó-hy*, *guarumã* ou pela *jacytára*, ao que se chama *um*  
*mólho de fumo*, cuja medida de comprimento e grossura é  
variavel, conforme a vontade do productor ou segundo á exi-  
gencia de quem fez a encommenda, regulando cada mólho o  
peso de 1 a 16 libras.

Estes mólhos são guardados em paiões ou giráus ventila-  
dos, dentro das habitações, durante o praso de 1 a 3 annos,  
visto que o tabaco que se chama verde tem um preço  
muito inferior ao que completa aquelle tempo. A qualidade  
deste genero varia conforme o cuidado do productor e a  
especie vegetal que forneceu a folha. Esta planta tem diver-  
sas especies, que são distinguidas pelo seu maior cresci-



Trecho da ilha do Jutaby.



mento e pelo tamanho e fórma das folhas, sendo as principaes as seguintes : a *gentio*, que é menor, mais duravel e de melhor qualidade ; a *couve*, a *mupiny* e a *mapuriquy*.

\*  
\* \*

A lancha entrou por um canal ali chamado *Canal do Paranámiry*, que fica entre a *ilha do Jutahy* e o continente da margem direita.

\* A *ilha do Jutahy* é uma das maiores do baixo Tocantins, com algumas estradas de seringueiras, cêrca de 1.000.000 de pés de cacáoeiros, abrindo-se no centro um campo extenso, onde se acham estabelecidas algumas fazendolas de criação de gado, mas em quantidade tão diminuta, que o numero de rezes não chegava a 300.

Ella prolonga-se desde a frente de São Joaquim ou *Ituquára* até quasi duas leguas ácima, dividindo o Tocantins em dois canaes : o Oriental e o Occidental, prestando-se ambos, conforme a estação do anno, á navegação das lanchas a vapor.

Até á ponta meridional do *Jutahy*, contam-se na margem esquerda outros grandes sitios, verdadeiras povoações, cujos principaes são : *Pae Lourenço*, em frente a Baião, *Pirrolonga*, *Sacahy*, *Salve Rainha* e *Praia Alta*.

Estes sitios são todos de lavradores de mandiôca, de povo pertencente ao Estado do Pará, com alguns immigrants vindos de Maranhão e Goyaz.

Continuámos a nossa viagem, cada vez mais admirados de tudo o que nos cercava, quando o pratico Lourenço nos avisou que passavamos pela foz do rio *Matacurá*. Este rio tem extraordinaria importancia no districto de Baião e apresenta uma topographia especial : quem navéga da foz para as nascentes, não lhe dá, a principio, a importancia que tem, á vista da sua pouca largura e quasi nenhuma habitação ; mas, depois de cêrca de 2 kilometros na mesma direcção, apparece cercado de sitios admiraveis, em uma distancia de mais de 6 kilometros, com uma largura de 1.200 metros. Este rio-lago, que tem a mesma configuração do São Lourenço, nos

Estados Unidos da America do Norte, aperta-se, depois daquella distancia, e continúa procurando a nascente nos campos, quasi com a mesma largura da secção da foz. O lago que fica no meio do curso do rio é marginado por terras muito productivas, pertencentes a diversos proprietarios, dos quaes o mais importante foi o Sr. Tocantins, cidadão abastado que ali lançou os fundamentos de uma povoação chamada *Matacurá*. Como era commerciante, obrigou enthusiasmicamente aquelles moradores a só construírem casas embarreadas, assoalhadas e cobertas de telha, para o que mandava buscar, por sua conta, esses materiaes, adeantava-os áquella gente, a quem cedia terras para trabalharem, indemnizando-se, mais tarde, com o producto desses trabalhos, e provocava desta fórma o adeantamento daquella lugar. Assim foi que o rio *Matacurá* se aformoseou com uma avenida de casas bem construidas.

No meio deste lago ha uma ilha que chamam *da Ponta*, por formar uma ponta muito saliente. Como affluente do rio *Matacurá*, despeja as suas aguas na secção do lago um rio chamado dos *Curumys*, nome tirado da lingua *tupy* e que quer dizer *meninos*. Este rio, de pequeno curso e pouca largura, tem, no emtanto, praias onde os primeiros moradores viram algumas vezes uma multidão de crianças, filhos dos indios daquelles arredores, descerem por ellas para tomar banho no dito rio, e por isso chamaram rio dos *Curumys*.

Depois da foz do *Matacurá*, continuámos viagem sem incidente algum : o crepusculo dava aos panoramas das secções bellas scenas ribeirinhas, dignas de copia.

Escreviamos as nossas notas, olhavamos admirados para a direita e para a esquerda, emquanto 2 ou 3 tripolantes, acocorados sobre a borda da embarcação, assobiavam á *surdina* arias da cidade, olhando estupidamente para aquellas maravilhas, desejando, quiçá, a proxima volta aos centros populosos, onde todos tinham deixado as familias.

A navegação foi-se tornando cada vez mais difficil, sendo

necessario caminhar á meia força, sondando amiudadamente, afim de não perder o canal, que, como já dissemos, é, neste ponto, muito variavel. Em todo o caso, quando tinhamos de vencer alguma corredeira, era bello vêr-se como a lancha andava a toda força da machina, para ganhar pollegada por pollegada do terreno.

Alguns kilometros antes de chegarmos á foz meridional do já citado *Paranámiry*, vimos um logar pittoresco, em fórma de barranco elevado e sustentado por grandes rochas negras, em cima do qual se estende um taboleiro ou planicie para o centro das terras e onde, segundo antigas tradições, houve um principio de povoação, a que deram o nome de *Paranámiry*, hoje reduzida a simples *tapéra* e, mais do que isso, substituída por um cemiterio districtal.

O clima, á vista do proprio thermometro de bordo, notámos que era o mais cálido do Baixo Tocantins, nesta secção; pouca ou quasi nenhuma viração soprava, e o ar do dia era quiéto e abrazador, sendo depois rapidamente modificado pela chegada da noite. Foi esse o dia de viagem em que me considerei mais fatigado, fazendo-se a respiração para nós como se estivessemos nas proximidades de um forno, tanto assim que a comitiva passou toda para a proa, onde a velocidade da embarcação fazia refrescar mais um pouco a temperatura. Notámos que as terras dessa margem do *Paranámiry* devem ser especialmente ferteis para certos generos de cultura, taes como : o tabaco, o café, o algodão e cereaes. Avistámos alguns caféeiros na beirada, que, pela copa frondosissima, bem podem servir como demonstração a esta nossa asserção.

O Pará, nos tempos coloniaes, foi uma das primeiras terras do Brasil em que se plantou e donde se exportou o café; e nisto estão de accordo diversos chronistas. Chegou a produzir o sufficiente para abastecer o seu proprio mercado, o que já não era pouco. Os velhos sitios do Baixo Tocantins e as *tapéras* têm áreas, mais ou menos grandes, plantadas só de caféeiros, já hoje desprezados ou abafados pela mata, vis-

to que os seus herdeiros preferem os lucros mais promptos e mehos trabalhosos da borracha ou do cacáo, que vão, pouco e pouco, tórando-se exclusivamente os unicos productos da Amazonia. Isto, a nosso vêr, parece aggravar a situação economica do Baixo Tocantins, onde os cacáoaes e seringaes vão rareando, na falta do replantio e de melhor procura commercial.

\*  
\* \*

A lancha, ao cair da noite, parou em frente a uma casa de palha debruçada sobre a margem do rio, onde morava um preto chamado Feliciano, pratico da navegação desse logar em deante. Começámos a parlamentar em altas vozes, a pedir que o homem nos acompanhasse, tratando-o com os termos mais delicados, dizendo-lhe o Sr. Lourenço que a lancha levava um doutor para Alcobaga ou mais ácima, o qual desejava pedir-lhe algumas informações. O preto a isso mostrou-se um pouco lisonjeado, e, dando uma gargalhada, como signal de assentimento, chegou ao terreiro da casa, dizendo que ia mudar de roupa. Houve uma tróca de ditos e gracejos de parte a parte; perguntámos-lhe se tinha peixe, respondeu-nos que nesses dias havia estado *panêma*, o que na linguagem tupy quer dizer sem sóрте.

Cinco minutos depois, uma canôa desatracava de terra, trazendo-nos o tal pratico acompanhado de dois menores, que eram, sem duvida, seus netos, os quaes, apenas o deixaram, regressaram para a terra.

Feliciano era um preto velho, perfeitamente retinto, de feição amavel e intelligente; trajava de mangas de camisa, perfeitamente limpa, tendo um gorro encarnado na cabeça grisalha. Deu-me as boas noites, e presenteou-me com uma tartaruga, que havia trazido de terra, para achega do rancho. Este mimo foi recebido por entre aclamações, e todos os companheiros foram de accordo que o dito animal fosse nessa mesma noite assado vivo no proprio brazeiro da

fornalha, como usam na terra, que, sem duvida, imita o primitivo costume indigena.

A tartaruga e o *jaboty* (kágado) assim preparados, sómente depois de assados é que são abertos e desprovidos dos intestinos e fézes; lavados depois em môlho de limão e pimenta, são comidos mesmo dentro do casco que lhes serve de prato natural.

Esses chelonios são divididos em varias especies, das quaes conheço as seguintes: a *tartaruga grande* (*Emys amazoniensis*), que é a maior do valle do Amazonas, contando ás vezes mais de 1 metro de comprimento; a *cabeçuda*, mais propriamente encontrada nos lagos; a *pitiú*, a *aperêma*, a *mussuan*, a *machado*, que são as mais saborosas e communs nos brejos; a *matá-matá* (*Chelys fimbriata*), sobre cujo nome o Dr. Emilio Goeldi fez um estudo muito curioso.

A *matá-matá*, que ora se póde considerar como um kágado, ora como uma tartaruga, verdadeiramente amphibia, vive de preferencia no fundo dos lagos e igarapés, sendo por isso difficil a sua captura, e tem um casco todo cheio de sinuosidades e protuberancias, o pescoço comprido como uma serpente. Apresentando uma figura de aspecto repugnante, é um dos mais exquisitos animaes que existem na actualidade. Este chelonio, com as suas numerosas excrescencias cutaneas, com os appendices e filamentos exteriores da cabeça, parece quasi constituir uma especie antediluviana, adequando-se perfeitamente ao nome *matá-matá*, páavras, segundo as pesquisas de Goeldi, originarias da lingua dos *Aruans*, grande nação de indios que occupou quasi toda a ilha de Marajó, e onde em maior abundancia apparecem esses animaes. Segundo a opinião de Goeldi, *matá-matá* significa: *pelle-pelle* ou *pelle com fatura*. E' este chelonio uma das boas peças da cozinha amazoniense.

Os *jabotys* (kágados) são em quantidade extraordinaria nas matas do Alto Tocantins, sendo até exportados para o mercado do Pará. Delles conhecemos apenas duas principais especies: o *tucumã*, que tem pintas ou manchas encar-

nadas no casco e na pelle ; e o *tinga*, que as tem esbranquiçadas.

\*  
\* \*

Logo que o velho pratico chegou a bordo, tivemos motivo de nova prosa, multiplicando as interrogações que a cada momento faziamos sobre o caminho percorrido. Desejava eu passar, ainda de dia, pelo canal do *Travessão dos Patos*, em cuja margem direita existe a povoação desse nome, na qual estava estabelecido o commerciante Francisco Gonçalves, por alcunha *Sapucaya*.

Infelizmente, só ás 7 horas da noite chegámos a esse logar, e, em outra viagem que ali fiz, verifiquei que o *Travessão dos Patos* é uma linha de arrecifes de constituição granítica, mergulhada no fundo do rio, e contornando o seu *talweg* ou canal, que, nesta pequena secção, é immutavel. Esta linha de pedras forma, em relação ao rio, uma curva graciosa e de grande raio, com a abertura voltada para a margem direita.

*Patos* é o ponto mais importante desta secção, e já foi outr'ora apontado para ser o inicio da Estrada de Ferro de Alcobaça, hypothese que falhou em todos os sentidos, não só porque a sua situação é da margem opposta ao traçado, como tambem por não offerecer ancoradouro ás embarcações, que teriam de baldear as cargas dos wagons, por causa da *corredeira* que lhe fica proxima.

Têm havido diversas tentativas para o balizamento deste canal, fazendo-se por meio de boias fluctuantes, o que será de grande vantagem para a navegação do rio, e nesse sentido já ahi têm trabalhado algumas commissões de engenheiros e pilotos. No verão de 1896, ficavam essas pedras todas a nú, sendo excellente occasião para se effectuar aquelle serviço, se os poderes publicos tomassem mais cuidado com essas *pequenas cousas*, bastando para isso mandar desçaçar sobre as pedras as ancoras a que seriam ligadas as correntes das boias.



Indios Anambés.



Observando-se os factos geographicos que se passam na margem esquerda, não sei por que motivo tão desprezada da navegação dos botes goyanos, temos diversas ilhas mais ou menos importantes, cujas principaes são : *Tijucuassú*, a maior do grupo, proxima á parte occidental da grande *ilha do Jutahy*; a do *Espirito-Santo*, a dos *Anjos* e a das *Onças*.

Em frente ao inicio deste grupo de ilhas fica a foz do rio *Paranamucú*, affluente do Tocantins naquella margem; tem um curso muito extenso, correndo parallelamente ao grande rio, formando com este um angulo de 10°. Nasce nas planicies alagadas, junto á serra do *Trocará*, e recebe em todo o seu percurso de muitas leguas, como affluentes, todos os igarapés e riachos que descem desta e da serra fronteira.

O *Paranamucú* é uma especie de sangradouro dos brejos daquellas paragens, e sua verdadeira origem tem sido até agora ignorada, pelo terror infundido aos exploradores, por causa das tribus selvagens, que elles julgam por ali habitarem. Mais abaixo, o *Paranamucú* se communica com o *Lago do Ouro*, que dá suas aguas para o rio *Araticú* ou de *Oeiras*, fazendo desta fórma uma comunicação segura pelo centro destas terras, entre o Alto Tocantins e o municipio de *Oeiras*, já no Amazonas.

Em 1835, por occasião da revolução da *Cabanagem*, não podendo os *cabanos* subir o Tocantins, devido á defesa da legalidade em *Cametá*, se utilizaram dessa comunicação do rio *Araticú* com este canal, para chegarem ao Tocantins, que atravessaram, tomando na margem direita um dos dois rios *Arateri* ou *Murú*, cujas cabeceiras communicam com o rio *Mojú*, e assim, em 3 dias do Tocantins, se reuniam aos comparsas daquella banda.

Do mesmo ponto, segundo *Ferreira Penna*, communicam-se os indios *Anambés*, existentes no Tocantins, com os seus compatriotas do rio *Pacajá* :

— Subiam pelo *Cairipy* em montarias, chegavam á aldeia do *Tauá* nas cabeceiras deste igarapé, e dali atravessavam para o *Cururuhy*, que é um confluente do *Pacajá*, fazendo

a jornada em 7 dias, isto é, caçando e pescando, segundo o seu costume em viagem, o que quer dizer que se pôde fazer a travessia em 2 ou 3 dias, do Tocantins ao *Pacajá*. —

Esses caminhos ainda hoje são escolhidos pelos habitantes de Oeiras e do Mojú, quando vão para o córte da castanha no Alto Tocantins ou para a salga do peixe, que é ali abundantissimo.

Pela importancia que ligamos a esta communicacão natural com o Amazonas, fizemos, ha poucos mezes, uma viagem áquelles logares, entrando pela foz do rio *Paranamucú*, ahí chamado rio da *Joanna Peres*, por causa da povoacão desse nome que fica á margem esquerda do dito rio, 3 kilometros distante da foz; mais adeante o mesmo rio toma o nome de *Areal*, por ser muito secco em virtude de bancos de areia. E' nesta secção que elle recebe, pela margem direita, um affluente muito menor, a que então denominam *Paranamucúa*, o qual separa um pedaço do continente da margem esquerda do Tocantins, formando a ilha do *Xininga*, em cuja costa está a florescente povoacão do mesmo nome.

Tomariam os geographos este rio pelo que chamam *Paranamucú*?

O que é certo é que elle communica mais adeante com o mesmo rio, que continuavamos a navegar, e que, depois de um certo curso, deixa o nome de *Areal* para tomar o de *Carará*, recebendo, pela margem esquerda, um affluente chamado *Mariano*, e dividindo-se mais adeante em canaes ou furos, dentre os quaes escolhemos para a navegacão o denominado *Furo do Anil Grande*, que vai até ao lago desse nome, em terras pertencentes ao Sr. Manuel Gonçalves da Costa, e que foram por mim demarcadas, formando o perimetro de 3.200 metros com 120 de maior largura.

Deixando o *Lago do Anil Grande*, o furo navegado por nós toma o nome de *Anilzinho*, banhando territorios cheios de seringaes e de outros grandes lagos, entre os quaes foram por nós observados os seguintes: *Chavante*, *Páu da Zoadá* e *Ferreira*, na margem esquerda, formados todos pelo iga-

rapé do *Chavante*; o *Miserento* e o *Pobreza* ficam na margem direita, havendo de ambos os lados campos de certa importancia.

O *Furo do Anilzinho* continúa até se ligar com o igarapé *Tacurúa*, affluente da margem direita, e que vára no Tocantins, tendo no seu curso duas quédas d'agua de alguma elevação. Depois da affluencia do *Tacurúa*, o Anilzinho começa a ter o nome de *Ipahú*, correndo com este nome até ao centro das terras do Tocantins, na serra do Trocará. E' em seguimento do curso do rio e por alguns dos seus affluentes que se dão as communicações de que a principio falámos.

Entre o rio Paranamucú e o curso do pequeno igarapé *Trocará* eleva-se a serra deste nome, de cuja estructura geologica ainda não vi descripção alguma superior á de Hartt, que visitou esses logares em 1870 :

— A terra firme ácima do Trocará forma uma planicie elevada com um declive ingreme para o rio. E' composta de uma serie de camadas de argillas arenosas e, mais ou menos ferruginosas, supponho eu, da idade terciaria, as quaes, perfeitamente horizontaes, jazem sobre camadas antigas, que ficam por baixo.

Nestas camadas de pouca consistencia, o rio tem escavado um valle mais ou menos estreito que chega ás formações mais antigas que offerecem irregularidade no leito do rio, formando a cachoeira. A camada siliciosa sempre achei em baixo dos *strata* de argillas. E' notavel que a base metamorphica do valle do Tocantins cresce em altura subindo o rio, formando assim uma serie de cachoeiras. Logo abaixo do Trocará, a terra firme consiste numa planicie menos elevada do que a de cima, e formada de camadas de argilla *feldspathica*, mais ou menos arenosas, passando de uma tabatinga fina branca ou diversicolorada a uma areia argillosa mais ou menos ferruginosa. Em alguns logares, encontra-se um *grès* de grão grosso e muito ferruginoso. Esta formação de materiaes vindos das terras altas do sul,

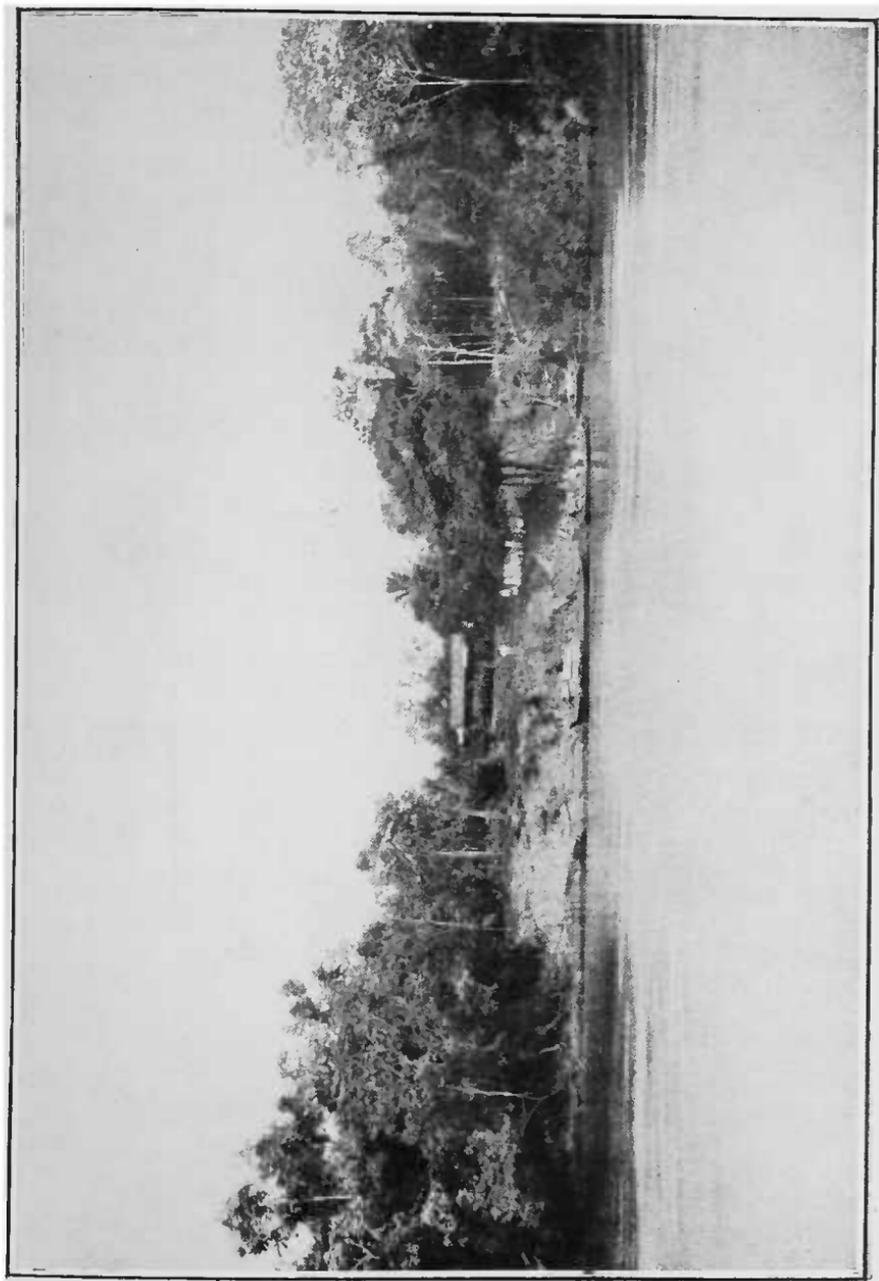
vai diminuindo em altura para o Norte, de sorte que as barreiras que limitam o valle do rio são muito mais altas na vizinhança de Baião do que na vizinhança de Cameté.

Nesta formação de materiaes molles, o rio tem escavado um valle muito largo, cujo leito fica abaixo do nivel do mar. O fundo deste valle está cheio de depositos alluviaes formando um archipelago ou um *plexus* de canaes separados por ilhas de pouca estabilidade, ora crescendo, ora desaparecendo. —

Notei na minha viagem, em diversos pontos do Tocantins, sobretudo na ultima região citada, porções mais ou menos extensas de terras calcareas da mesma qualidade que as observadas por aquelle professor, no Amazonas; como tambem, confirmando uma idade geologica mais remota, se acham, em muitas partes dos terrenos marginaes da foz do Amazonas e do Tocantins, monticulos de conchas marinhas da especie denominada *sernamby*, cujos similares vivos são muito conhecidos em quasi toda a costa do Norte do Brasil. Estas conchas, que demonstram palpavelmente uma existencia oceanica nesses logares, já hoje tão afastados do mar, são reduzidas a cinza e esta, por um processo rotineiro, transformada em cal.

Ha nas varzeas do *igarapé do Aricurá*, ao S. de Cameté, terrenos alastrados dessas conchas, e supponho que são aproveitadas para a incineração.

Outra especialidade que encontrei no Baixo Tocantins: grande numero de casas, sobretudo as de *jupaty*, nos sitios, são pintadas com tintas de côres variadas, formadas das tabatingas existentes nas margens, dando-se ás vermelhas o nome indigena de *cury* e ás amarellas o de *taudá*. Estas côres entranham de tal sorte nas fendas e fibras do *jupaty* e até nos póros das argamassas, que nem ainda as nossas chuvas torrencias são capazes de laval-as e extinguil-as. O processo para se obterem estas tintas é muito rudimentar: basta diluir a tabatinga na agua commum. Queremos crêr que a industria poderia dellas tirar melhor resultado, sujei-



Entrada do Rio Andirobal.



tando-as a processos mais aperfeiçoados. Já ouvimos dizer que, antigamente, os vapores da *Amazon Company* tinham o casco e as obras mortas pintadas com essas tabatingas, extrahidas nas margens do Amazonas.

O rio Paranamucú, pela sua importancia de comunicar o Tocantins com o Amazonas, devia merecer do Governo do Pará uma exploração especial ; sua navegabilidade por barcos a vapor, em grande parte do inverno, é feita sómente pelo rio Tocantins até á povoação de Joanna Peres.

Notei que neste, como em outros rios, a denominação primitiva muda constantemente, tomando nomes dos sitios por onde passa. Assim, o rio Paranámiry, na foz de cima, chama-se do *Andirobal*, por passar junto a um terreno desse nome.

\*  
\* \*

A ilha de *Jutahy* é o marco limitrophe inferior da riquissima zona de castanhaes no Tocantins, toda comprehendida no territorio do Estado do Pará. A região dos castanhaes estende-se rio acima, começando na margem direita do *Matacurá* e na margem esquerda do districto de *Joanna Peres*, seguindo no rumo de S. E. e S. O., e assim forma a região privilegiada que confina, por um lado, com do Estado do Maranhão, e pelo outro com os campos geraes do Araguaya.

Os unicos castanhaes explorados pelos extractores ou *cortadores* são os que ficam a 2 ou 3 kilometros da normal, á beira do Tocantins, sobretudo os da margem direita.

A castanheira (*bertholletia excelsa* ou *juvia*), da familia das *myrtaceas*, faz parte da secção das *lecythideas*, de Ricardo Schambourg. É, segundo o Barão de Humboldt, o mais notavel exemplo do poder das forças organicas na estrutura dos seus fructos, especie de côcos arredondados e revestidos de espesso lenho, os quaes contêm sementes tetraedricas, encerradas tambem num tegumento lenhoso.

As sementes, creadas dentro de um ouriço, são em numero de 12 a 16.

Esta arvore é uma das mais uteis da região amazoniense ; do seu fructo se utiliza a amendoa empregada nos confeitos e doces, e o leite, que se obtem ralando a amendoa e adicionando agua á massa, para ser então peneirada. Este leite é empregado no cozido de carnes e peixes, e na mistura de certas fructas acidas, como : *cupuassú*, *taperebá* ou *cajá*, etc., e nos mingáus de arroz ou farinha.

Da mesma amendoa se extráe um oleo finissimo que se applica na industria dos sabonetes, na illuminação e como condimentos culinarios.

A casca da arvore se abre em esteiras de excellente estopa; a madeira é apreciada nas construcções navaes.

As castanheiras elevam-se de 25 a 30 metros de altura, dominando por assim dizer a soberania das matas do Tocantins. O cortador da castanha não sóbe a essa altura para apanhar os ouriços, que, não sendo colhidos em completo estado de amadurecimento, se deterioram : é necessario obedecer ás leis da natureza, e deixar que os fructos amadureçam e cáiam, para os apanhar, sendo o maior trabalho das pessoas encarregadas desse serviço cortar os ouriços, o que fazem debaixo de pequenas barracas construidas provisoriamente no proprio centro da floresta. Em virtude das leis da gravidade, e devido ao seu proprio peso, os ouriços caem daquellas alturas com tal força, que, em certos logares, chegam a enterrar-se pelo solo a dentro; dahi, o perigo que ameaça, a cada momento, os colhedores inexperientes. Espera-se sempre que o vento agite os galhos da castanheira, cahindo então os ouriços maduros. Quando escasseia a quéda, os colhedores carregam em paneiros os fructos colhidos, para o igarapé proximo, onde se acha a montaria de transporte. Antes, porém, de se retirarem do castanhal, muitos desses colhedores pagam com a maior ingratição ás castanheiras o fructo que lhes deram, despojando o tronco da casca, para a reduzir á estopa.

O commercio da estopa da castanheira prejudica o viço da arvore e diminue della as colheitas futuras ; pelo que, é aconselhavel evitar o abuso no proprio beneficio do commercio e dessa industria extractiva, porque os lucros que se obtêm com a estopa não compensam os prejuizos com a diminuição da colheita da fructa.

Não conhecemos no mundo outro paiz, senão o Brasil, que produza e exporte essa castanha, a qual imprópriamente é denominada nos mercados estrangeiros « castanha do Maranhão », por ter sido aquelle Estado séde da capitania a que pertenceu o Pará nos primeiros tempos coloniaes. Esta castanha é bem reputada na Europa, sendo a Inglaterra o principal mercado consumidor, não havendo *stocks* desse producto, pela insufficiencia da quantidade exportada em relação á procura.

As maiores regiões productoras della no Pará são : o Baixo Amazonas e o Alto Tocantins. Em ambas as partes, as colheitas se fazem durante o inverno, e, quando aquelles dois rios enchem extraordinariamente ácima do solo plantado de castanheiras, é quasi certo se perder a metade da colheita, pois que o peso do ouriço impede a sua fluctuação, e a submersão em pouco tempo determina o estrago e o apodrecimento da amendoa. Assim, a colheita de 1897, no Tocantins, que era calculada, á vista do florescimento das arvores, em 50.000 hectolitros, ficou reduzida a pouco mais de 20.000, por causa da grande enchente do rio, que foi a maior no penultimo decennio.

As colheitas dos castanhaes variam no Tocantins de uma maneira espantosa, e em relação a agentes naturaes até agora desconhecidos. Assim, a colheita de 1895 apenas chegou a 9.000 hectolitros, quando a do anno seguinte só era determinadamente calculada em 5.000 hectolitros.

A maior parte ou quasi todos os colhedores de castanhas do Tocantins vêm do sertão do Maranhão e de Goyaz, aonde voltam depois de finalizada a colheita, excepção de alguns que ficam definitivamente estabelecidos nos sitios

proximos aos castanhaes; por isso, se deve exclusivamente á castanheira e ao caucheiro a pouca colonisação que já vai apparecendo nas margens do Alto Tocantins paraense.

Devido a ser feita no inverno a colheita, aquella massa de forasteiros e exploradores é perseguida pelas febres intermittentes, que dizimam annualmente muitos delles, o que é determinado pelo pouco cuidado com que essa gente vai ás matas — sem calçado, pisando em charcos, logo pela madrugada, bebendo agua das fontes infecciosas, mal se abrigando em palhoças provisórias contra as chuvas abundantes, e alimentando-se insufficientemente. Em todo o caso, é bello vêr as margens risonhas do grande rio, pelo tempo da colheita, semeadas de sitios cheios de crianças e mulheres, as pequenas povoações transformadas em cidades pelo povoamento adventicio, tudo fazendo crêr que se trata de uma grande feira ou de uma festa annual, para a qual nada falta, nem a musica, nem a *troupe du demi-monde* que ali se estabelece, em procura do ouro ganho pelos cortadores e, mais ainda, pelos negociantes ambulantes.

\* \* \*

Em frente á ponta meridional da *ilha do Jutahy* está situada a pequena ilha do *Itapepucú*, um pouco antes de *Patos* e mais proxima da margem esquerda do grande rio. E' coberta de um pequeno campo que fica quasi em secco no verão, dando em quasi todo o inverno ancoradouro a vapores de certo calado.

E' o logar para onde affluem os conductores de gado de Goyaz e Maranhão, e onde se encontram com os marchantes de Belém, fazendo-se ali a feira annual desse genero de commercio. Este gado desce das zonas extensas cobertas de pastagens naquelles dois Estados e adjacentes ao rio, que seriam os melhores abastecedores do genero para o Pará, se não fosse a grande distancia em que se acham e a reconhecida difficuldade de transporte. Durante esse trajecto a pé, é

grande a mortandade das rezes, a fuga de muitas e a porcentagem do emmagrecimento geral.

Empregam-se nesse serviço homens com um pequeno salario e que gastam muitos mezes para vir das fazendas goyianas ou maranhenses até ao ponto da feira, aproveitando para isso o tempo da secca, chegando alguns apenas a uma parte do caminho, em um anno, por encontrarem a cheia do rio antes do fim da jornada. O caminho se faz, ora pelas praias, ora pelas matas, quando faltam aquellas, demorando-se os conductores nas pastagens encontradas para refazerem o gado de outras caminhadas estereis.

O minimo do trajecto é de 3 mezes, e não são raros os actos de heroismo e abnegação dos conductores. Um dos motivos do emmagrecimento das rezes é, não só a escassez das pastagens, como a falta da ração de sal, com que o gado do Alto-Tocantins está acostumado pelos criadores, o qual, dizem, não só o faz engordar, como tambem o habitúa mansamente aos curraes.

Adeante da ilha de *Itapepucú*, pela margem direita, está a foz do *Igarapé do Murú* e em frente della a *ilha do Tauá*. Esse igarapé nasce em terras alagadas, que no inverno parecem communicar-se ao *Mojú*, atravessa terrenos cheios de castanheiras, e apparece no Tocantins ladeando barrancos elevados, logar de uma antiga povoação.

Segundo Ferreira Penna, o governador da capitania do Pará, Francisco Mauricio de Sousa Coutinho, querendo colonisar as margens do Tocantins, mandou extinguir a povoação de Alcobaça e fundar com 30 indios *aruans*, trazidos de Chaves, o estabelecimento do Murú, que, infelizmente, teve tambem pouca duração. Este acto governamental tinha por fim não só procurar melhor situação topographica, como apagar a memoria do fundador do outro estabelecimento.

Bem ou mal, embora arrastados pelos sentimentos de inveja, as autoridades dos tempos coloniaes procuravam, mais do que hoje, ganhar terreno aos desertos do Pará, onde estabeleciam feitorias e povoações, fazendo concessões a particulares, com o fim do povoamento da zona tocantina

ou para melhor fiscalizar os réditos da capitania, hoje Estado, que nesse tempo geriam.

Chronica mais moderna revêla que nessas immedições se estabeleceram alguns Indios *aráras*, vindos do Xingú por terra, e que tinham apparecido um pouco mais ácima na margem esquerda do Tocantins. Eram cêrca de 20 ou 30 pessoas, que foram baptizadas catholicamente pelo Bispo Macêdo Costa, que então lá se achava em visita pastoral e conseguiu socegar o animo dos habitantes amedrontados pelo apparecimento daquella gente, que, pela sua linguagem extranha, não sabiam explicar o motivo e o fim da jornada arriscadissima que tinham feito.

Desses indios, bem cedo transformados em cidadãos pacíficos e laboriosos, e que foram tomados no Tocantins por *apiacás*, existe ainda hoje o *capitão* Pedro, chefe de numerosa familia, que serve de parlamentar em qualquer investida ou apparecimento de indios naquella secção do Tocantins. Foi elle que, em Setembro de 1896, dirigiu uma diligencia para reconhecer uns indios que das matas tinham arremessado flechas contra os trabalhadores da E. de Ferro de Alcobaça.

\*  
\* \*

A *ilha* de *Tauá* é a maior do archipelago do *Murú*, onde tambem se acha uma ilha desse nome.

Tão celebrizado pelas suas praias, no verão, foi esse logar scenario de uma tragedia sanguinolenta na Revolução de 1835, sendo ali assassinados muitos *cabanos*, victimas de um engano urdido pelos legaes; pelo que, se ficou chamando da *Mortandade* uma daquellas praias.

Segundo testemunho ocular a nós referido, não foi esse o logar do assassinio do Padre Francisco gallego, como asseveraram alguns chronistas, e sim o *Areião*, muito mais ácima, quando aquelle sacerdote legal procurava fugir para o Maranhão; os seus assassinos, porém, receberam ali a justa recompensa daquelle crime, quando já desciam victoriosos do Tocantins.



Germano.

Indios Apiacaes.  
Capitão Pedro.

Ventura.



A ilha do *Juquira-puá* ou das *Criadas* fica situada mais acima e mais proxima da margem esquerda, tirando o seu nome de um grupo de casas ou sitio, estabelecido no continente fronteiro.

Nessa margem se acha a *tapéra* da antiga povoação de *S. Bernardo das Pederneiras*, mandada levantar pelo governador José de Napoles Telles de Menezes, em 1781, com uma organização meio fiscal, meio militar, afim de facilitar a navegação do rio, civilisar ou domar os indios das margens, impedir a fuga de escravos e desertores do Pará para Goyaz e cobrar os direitos do ouro que descia deste Estado.

Em todos os povoados das margens do Tocantins, edificados por ordem dos governadores daquelle tempo, houve começos de fortificações ligeiras, armadas com artilheria antiga, cujos canhões, de pequeno calibre, parece terem servido á causa da legalidade em Cameté. Hoje, nos logares desses povoados, que tiveram principios de florescimento, se encontram casas de commerciantes e proprietarios mais ou menos ricos.

*Pederneiras* tirou o nome do grande numero de pedras de fuzil, que alastram a zona desta região e que eram utilizadas como espolêtas nas espingardas antigas.

Tendo já falado na Serra do Trocará, devo dizer que é desse ponto em deante que começa o pequeno systema montanhoso da margem esquerda do Tocantins, formado de montanhas e valles, chamados englobadamente *serra*, os quaes ora se afastam para o centro das terras, ora se approximam até á beira do rio, formando assim grandes ramos de curvas, dos quaes o primeiro começa no Trocará, vai mais ao centro e vem apparecer no rio, junto á barra do *Mucúra*, dando origem ao travessão desse nome que atravessa o rio. Compõe-se de quatro serras, a saber : *Trocará*, *Piranheiras*, *São Francisco* e *Mucúra*.

Nota-se, na beira do rio, um elevado barranco chamado *Itúquára*, pertencente ao serrote da *Piranheira* e onde ha abundancia da pedra calcarea, de que já falámos atraz.

Um estudo bem aprofundado sobre a estructura geologica dessas serras chegaria a descobrir a origem da sua natureza vulcanica. Parecem grandes monolithos lançados de longe e juxtapostos ao solo. Assim, junto do *Trocará* ha uma ilha que a ignorancia do logar diz se mover de um lado para outro, por occasião das grandes enchentes do rio ; verdadeira lenda que causa riso de mofa a todos os viajantes que ali chegam, mas que poderia ser motivo de estudo ao especialista, para observar as circumstancias pelas quaes o povo acreditou na instabilidade da ilha.

Pela madrugada, chegámos ao porto de Alcobaça, e, quando acordámos, já a lancha estava atracada ao barranco do logar, que será um dia o porto da mais importante cidade do Tocantins.

## CAPITULO VI

Alcobaça. Casa do Noronha. Cemiterio da localidade. Triste coincidência. Inscricção hebraica ou phenicia. Má escolha do ponto inicial da estrada. Condições contractuaes. Dr. Amyntas de Lemos e o Sr. Charles de Coppet. Defeitos dos primitivos planos. Vantagens para a construcção. Vantagens do saneamento do solo, a exemplo das obras do canal de Panamá. Povoamento do solo. Terror dos Indios e apparecimento de alguns delles em frente aos trabalhadores da via-ferrea.

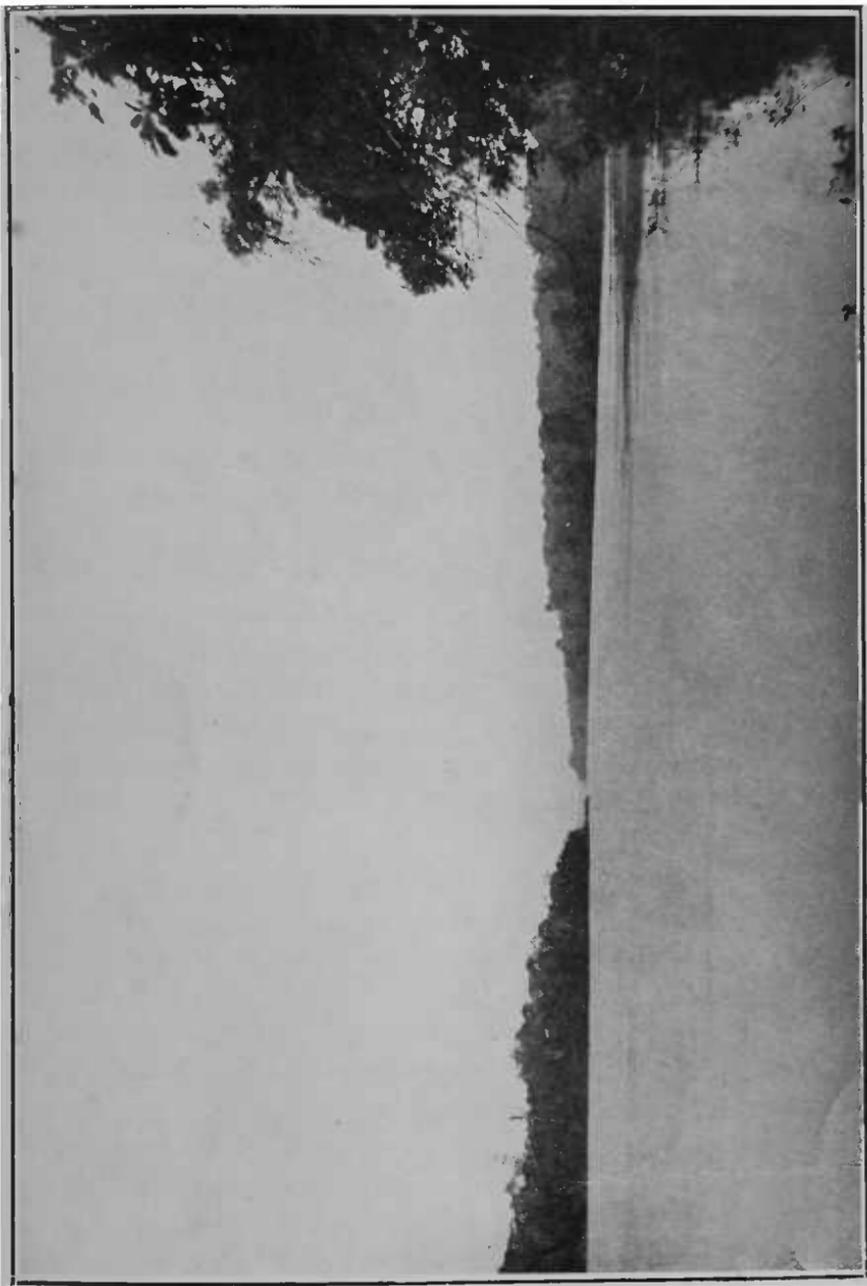
Alcobaça, nome tirado de um logar do reino de Portugal, foi fundada, sem duvida, por algum fervoroso colono da metropole, o qual, infelizmente, para justificar um tão máu baptismo, não deixou vestigio algum do primitivo estabelecimento. Ali se achava erguido, sem estylo algum, o casarão coberto de folhas de zinco, todo de madeira, destinado a servir de escriptorio e de residencia da administração e do pessoal tecnico da Estrada de Ferro de Alcobaça á Praia da Rainha, ultimamente transformada em companhia das Estradas de Ferro do Norte do Brasil. Oito a nove casas cobertas de telhas de zinco ou de madeira (cavaco, systema este introduzido no Pará por colonos francezes vindos do Canadá), destinadas a offerecer accomodações ao resto do pessoal de construcção, armazens, escriptorios, etc. completam toda a casaria, que formava naquelle anno a povoação, destinada a servir de ponto inicial á maior e á mais importante via-ferrea do Norte da Republica.

Pouco abaixo, com cêrca de 300 metros de distancia, existia o pequeno estabelecimento commercial do honrado cea-

rense, o bom velho Noronha, que se transplantara da villa de Barcarena, pouco distante de Belém, para aquelle ermo do Tocantins, com o fim de angariar alguns bens, que legasse á sua numerosa familia, o que não sei se conseguiu.

Do terreiro dessa casa via-se um chapadão alegre e aberto em frente ao rio, onde algumas cruces rareantes poderiam, naquelle tempo, assignalar o cemiterio da localidade. Quando, dois annos mais tarde, fui até ali acompanhando, como fiscal do Governo Federal, a commissão de engenheiros que ia atacar a construcção da via-ferrea, estivemos em bõa camaradagem no estabelecimento Noronha, cujo proprietario nos tratava sempre com a maxima gentileza. Depois de um lanche, fomos visitar a bella campina, que servia de risonha necropole, onde duas ou tres grandes arvores, ramalhudas no alto, bem juntas do barranco, dão sombra e frescura aos passeantes que por lá chegam, e uma certa vontade de descanso temporario, transformado em socego e conforto, aos que por ali residem eternamente. Um dos nossos companheiros, o engenheiro allemão Shwasser, rapaz intelligente e espirituoso, querendo poetizar o logar, disse-nos, com uma das suas melhores gargalhadas, que preferia ser enterrado naquelle bello pedaço de terra virgem e fresca do que nos velhos e já cançados terrenos, que servem de cemiterio do seu paiz. E, dizendo isto, escolheu um logar bem junto a uma das arvores, garantindo que seria bem doce dormir eternamente ali. Alguns mezes depois, esse engenheiro era atacado pelas febres intermitentes; fallecia; e fomos nós levar o seu corpo a enterrar no mesmo logar por elle ambicionado!

Perto ahi da barranca, quasi ao nivel das aguas, nas maiores enchentes do anno, existem gravadas na parede por instrumento antiquissimo, de que se não póde precisar a era nem a origem, letras ou caracteres hebraicos ou phenicios, que ninguem tem podido decifrar nem, talvez, tirar copia photographica, para as remetter aos competentes antiquarios ou a qualquer escola ethnographica do mundo culto.



Ilha dos Santos.



A minha opinião sobre a escolha daquelle logar para ser ponto inicial de uma Estrada de Ferro tão importante, é que se deveria, para isso, escolher melhor situação, a 2 ou 3 kilometros abaixo, onde o rio é mais largo e o ancoradouro mais fundo e mais livre. Alcobaça é uma localidade triste ; o rio aperta-se entre a ilha dos *Santos*, de uma e de outra margem, o que não só acabrunha o espirito do explorador, como fará continuamente variar o canal da navegação, que deveria ser bem franco, para permittir a atracação de grandes paquetes na baldeação das cargas chegadas nos carros da futura via-ferrea, e que devem ser transportadas dali para os mercados de Belém, da America e Europa. Sua situação deveria ser melhor estudada, avaliando-se sua importancia futura, demographando-se, planejando e até localizando a grande cidade, que, pelas imperiosas circumstancias topographicas do destino, sendo edificada, será talvez a mais importante do Estado, depois de Belém. Por tudo isso, as suas circumstancias topographicas são escassas e mesquinhas, offerecendo apenas uma lombada de terra entre o barranco, que foge cada inverno para o rio, e uma zona pantanosa para o centro, que serve de nascente aos pequenos rios da zona, envenenando as fontes e tornando más as condições de salubridade publica, condição mais importante pela qual o engenheiro moderno deve encarar o problema.

Como prova deste ultimo asserto, temos visto, em épocas successivas, como as febres intermitentes tem dizimado os trabalhadores da estrada, perturbando o trabalho e a economia dos syndicatos, desmoralizando a região, e retardando a conclusão do serviço. Da minha tribuna, no Congresso do Estado do Pará, tenho erguido sempre a minha palavra para profligar os abusos do ultimo syndicato explorador da construcção, que ali não tinha, a principio, nem medicos, nem enfermarias, nem ambulancias. Consegui ser attendido, e hoje a commissão constructora mandou para Alcobaça um distincto clinico, que ali reside ; construiu uma enfermaria,

com todas as condições hygienicas e fez edificar uma igreja catholica, de que eu tinha tratado na imprensa como uma das principaes condições de tornar estavel qualquer população sertaneja. Accusem ou me justifiquem os que têm egual amor ao desenvolvimento daquella terra, que nos deu o berço. Tenho, porém, a consciencia satisfeita por haver cumprido o meu dever, salvando os proprios interesses da companhia, que a principio encarou mal as minhas intenções. Às vezes se trabalha mais com a censura do que com os elogios; modela-se, falquejando a madeira ou ferindo a pedra. Hoje, dizem-me, Alcobaça vai tomando outra feição, melhor reputação para a Estrada, cujos trabalhos, ultimamente entregues á reconhecida proficiencia do Engenheiro Amyntas Lemos, devem ficar concluidos antes de 1911. Como bom chefe, goza da confiança dos seus auxiliares, infunde a maior coragem, e dá mais animação a todos os trabalhadores. Em qualquer tempo em que se tiver de festejar a inauguração do trafego daquella grandiosa via-ferrea, hão de me dar, por força, uma parte das suas glorias, desde que fui eu um dos engenheiros que mais propugnaram, em todos os terrenos da actividade social, para a sua feliz e mais immediatâ conclusão. Desde 1882, logo depois da minha formatura na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, publiquei em brochura uma longa *Memoria* sobre *Estradas de Ferro para o Norte do Brasil*, especificando, antes de todas, as de Alcobaça e de Mamoré, como as mais importantes e as mais urgentes, e apresentei este trabalho ao primeiro congresso de Estradas de Ferro, que naquelle tempo se reuniu no Brasil, merecendo ser discutida pelos mais abalizados profissionaes na materia, e fazendo determinar, naquelle mesmo anno, ao Governo Imperial a nomeação da commissão technica de engenheiros para a construcção da via-ferrea Madeira-Mamoré, a qual, infelizmente, foi tão mal succedida naquella occasião. Pereceram os engenheiros Pedro Leitão da Cunha e Indio do Brasil, e retirou-se, afugentado pelas febres intermitentes, o resto do pessoal, que deixou sobre o campo,

como despojos de vencidos, os seus utensilios de trabalho, tendas, locomotivas e trilhos, que até hoje ali se conservam abandonados e sujeitos á deterioração do tempo.

Começada a construcção da Estrada de Ferro de Bragança, fui um dos seus primeiros engenheiros, e nessa época o Governo Imperial assignava o decreto de concessão de privilegio ao engenheiro militar General Jardim para construir a Estrada de Ferro de Alcobaça á Praia da Rainha. Não quero aqui discutir, ponto por ponto, o monstruoso corpo daquella concessão. Basta dizer que o concessionario tem o privilegio da exploração de 3 a 4 kilometros de cada margem de todo o rio Tocantins, supponho que desde a nascente até á foz, pertencendo-lhe assim a melhor castanha, a maior cópia de riquezas naturaes e todos os pontos de embarque e descarga. Com taes condições, qualquer syndicato bem intencionado, na maxima certeza de lucros excessivos, já teria, ha mais de 20 annos, dado por concluido aquelle serviço. Entretanto, apesar de tamanho privilegio, apesar de obter garantias de juros dos governos da Republica e do Estado do Pará, apesar de tantas leis successivas e prorogações de mais licenças, esta construcção tem sida feita tão morosamente, que não ha disso exemplo nas estatisticas de todas as Estradas de Ferro do mundo. Digo mais : todo aquelle trabalho e todos os esforços dos iniciadores se teriam transformado em completo mallogro e aniquilamento, se não fosse a tenacidade do Sr. Charles de Coppet, que deve merecer aqui, para melhor recordação do futuro, a consagração de voto de merecido louvor. Graças a este cavalheiro, que por vezes repetidas e para aquelle fim tem ido a Europa, se deve a continuação lenta, porém seguida, dos trabalhos daquella via-ferrea, já hoje quasi concluidos.

Como fiscal dós Governos da Republica e do Estado, estive varias vezes naquella região, e tive nas mãos todos os planos, que, infelizmente, já tinham sido approvados no Ministerio da Industria e Viação. O traçado corre sempre junto á baranca do rio, descrevendo quasi todo o arco da curvatura do

Tocantins, desde Alcobça até á Praia da Rainha, com cêrca de 175 kilometros de desenvolvimento ; a meu ver, a linha devia correr mais para o centro, unindo quasi directamente os dois pontos extremos, o que não só diminuiria de muitos kilometros o percurso, e, por conseguinte, menos garantia de juros, como tambem faria evitar o maior numero de obras d'arte, pontes ou pontilhões, pois que, seguindo pela beirada, córta todos os affluentes daquelle margem, na foz ou na sua maior largura, e em alguns, que têm deltas, como o rio do Maranhão, córta em dois pontos. A linha pelo centro iria pelas nascentes ou atravessaria esses rios em pontos mais estreitos, deixando até de tocar em alguns, diminuindo assim o numero e a largura das pontes, substituindo muitas dellas por simples boeiros. Esse traçado, por mim muitas vezes suscitado em officios e documentos publicos, dirigidos ao Governo da Republica, acarretaria menor numero de kilometros e menos despezas para o syndicato, Entretanto, o traçado levantado pelos primeiros engenheiros daquelle serviço, foi feito a *vol d'oiseau*, procurando elles adivinhar muitos trechos, sem os percorrer com o transito e com o nivel, não só pelo medo das febres intermitentes, que já haviam atacado alguns delles, e receio dos indios do centro, como tambem para fazerem logo jús ao pagamento do contracto da exploração feito com os concessionarios dos privilegios, e voltarem todos, o mais depressa, para o Rio de Janeiro, onde haviam deixado as familias. Seguiram, por isso, com a exploração sempre pela beirada, ao alcance das habitações, do commercio e da facilidade do transporte. O que é exacto é que as plantas estão todas erradas, o *grade* mente, o constructor tem que começar até pelo reconhecimento em quasi todos os pontos do serviço. Em verdade do que digo, appello para o meu illustrado collega Amynthas Lemos, que me deve estar dando razão, e que deve ter sentido sérias difficuldades em realizar o contracto, que, na hora mais feliz deste Estado, lhe foi merecidamente confiado.

Infelizmente só fui nomeado fiscal, depois de terem, sido approvados estes planos pelo governo federal. Quando deixei aquella fiscalização, por se terem suspendido os trabalhos por causa das febres, que dizimavam as turmas e pela escacez do capital, cujos accionistas principiavam a desconfiar e descrer do resultado da empreza, em 1899, já os trabalhos da construcção se tinham iniciado em mais de 3 kilometros, emquanto a locação estava já no kilometro 23. Foi uma verdadeira *debacle*: o pessoal retirou-se em massa e espavorido, a bordo das lanchas atonetadas de gente, para Belém, emquanto a floresta, na sua tenacidade vencedora, tomava novamente conta da estrada larga, de onde a tinham expulsado, e os cactus, as trepadeiras teimosas e os arbustos de raizes duras conseguiram inutilizar o trabalho do homem. As chuvas torrencias e o sol ardente faziam fermentar e apodecer as enormes linhas, que já se achavam lavradas em esquadrias e nos logares proprios para as primeiras pontes e para um certo numero de boeiros, que, tambem pela primeira vez, via eu construidos daquella fórma. Tive occasião de vêr, junto aos igarapés dos *Santos* e *São Francisco*, linhas de madeiras de lei com que iam ser construidas as pontes provisórias, até que, mais tarde, chegassem as obras de ferro, encommendadas para as pontes metallicas definitivas. Posso afirmar que, em mais de 20 annos de exercicio da minha profissão e de viagens pelo interior dos dois Estados da Amazonia, nunca vi linhas de madeira tão extensas e com tamanha largura, tendo sido aproveitadas, por exigencia dessa fiscalização, sómente o *serne* reconhecidamente maduro. Essas linhas tinham mais de 40 metros de comprimento sobre cêrca de 2 metros de esquadria. Eis outro defeito que observei no plano approvedo para essa via-ferrea: escolheram para ponto inicial a povoação de Alcobaça, que fica a 30 metros antes do largo e profundo igarapé dos *Santos*, obrigando dessa fórma a empreza constructora a uma ponte carissima e dispendiosa, quando isso poderia ser obviado fazendo começar a

estrada depois desse igarapé, o que diminuiria o custo do 1º kilometro de tres quartas partes do valor da sua conclusão.

A empreza tem, em todo caso, grandes vantagens para uma construcção barata, sem contar com as difficuldades e escacez de pessoal de trabalhadores, que requer um salario duplo em relação aos outros serviços do Estado, á vista do grande afastamento em que se acha *Alcobaça* da capital e de outras cidades do Estado do Pará. A madeira é abundantissima e da melhor qualidade, mesmo á beira da Estrada, para a execução dos dormentes e das pontes, dos pontilhões e dos boeiros ou passagens, além da que tem de servir nas construcções das estações e das paradas. Todo o terreno tem excellente pedra, própria para obras d'arte e pissarra, e seixos rolados para substructura de toda a linha necessaria para a sua melhor conservação; as margens da grande parte dos igarapés são de rocha ou de terreno pedregoso, o que facilita em mais de 3 decimos a construcção dos pés direitos das obras d'arte.

Se a empreza, a exemplo do que tem sido ultimamente feito nas obras do canal de Panamá, cuidasse antes de tudo de sanear o terreno, desobstruindo os córregos e igarapés da maior parte das aguas estagnadas do centro, e *drainando*, de alguma fórma, os terrenos pantanosos, que acompanham, em certa zona, o lombo das terras altas da beirada, a melhor salubridade da região influenciaria para o melhor voluntariado dos trabalhadores, fazendo diminuir o salario e o custo kilometrico, condensando as populações estabelecidas nas linhas, que vão representar os melhores contribuintes para a renda do trafego. Em Panamá, ainda depois de estarem adeantadas as obras do canal, como, pela insalubridade da zona cortada, grassassem molestias de máu character, que occasionaram a morte de milhares de trabalhadores e de engenheiros, interrompeu a empreza o serviço para sanear a região respectiva, a conselhos de hygienistas abalizados, o que fez melhorar extraordinariamente o

estado sanitario dos trabalhadores, que agora proseguem corajosamente na sua faina, decididos a levar ao cabo aquella obra, que, sem duvida, dará a classificação do seculo xx. As despezas avultadissimas realizadas com esse melhoramento de hygiene regional foram compensadas decuplamente pelas vantagens que a companhia constructora tem conseguido no seu proseguimento incessante e progressivo dos trabalhos, e na quasi realização desse canal, que ha de representar uma nova era de prosperidade para a America do Sul.

Um dos mais serios e dos mais urgentes interesses que devem preoccupar a exploração de uma via ferrea é a colonização da sua zona, e esta se faz com maior condensação do povoamento, conforme ás condições da hygiene e da salubridade do solo, da conservação e do aproveitamento da vida, dos maiores ou dos menores lucros phisicos e sociaes. As margens do Tocantins são verdadeiros desertos. Entre Alcobaça e a Praia da Rainha, em um arco de rio largo, em grande parte navegavel, com terras feracissimas, castanhaes e cauchaes, em uma distancia de 165 kilometros, não se chega a contar mil habitantes ! Este coefficente minimo, que admiraria a qualquer europeu ou americano do Norte, á vista das montanhas alterosas e cheias de florestas virgens, é em grande parte devido ao terror infundido pelas tribus selvagens, que tem as suas *tabas* para os centros. Basta dizer que ninguem conhece o Tocantins senão em uma normal de 3 a 4 kilometros de cada uma das margens ; em rarissimos logares, devido á navegação de algum affluente, essa normal augmenta de maior ou menor extensão. Quando recomeçaram os trabalhos da Estrada de Ferro de Alcobaça, os trabalhadores de uma turma, que seguia na frente, foram presentidos por alguns indios que por ali andavam, e que lhes atiraram algumas flexas sem os ferir, o que mostra não terem feito pontaria, pois são os indios muito bons atiradores. O pessoal do serviço, não vendo de onde partiam as settas, aterrorisado, correu em tropel para a residencia do engenheiro em chefe, que teve a devida prudencia

de não ordenar a *batida* aos indios, mas sim de se limitar a mandar para o centro 4 ou 5 homens, com o capitão Pedro, o indio domesticado, a vêr o que aquella gente queria e quem eram elles. Depois de passarem 6 dias no centro da floresta, voltaram os nossos plenipotenciários, sem ter conseguido vêl-os, tendo apenas encontrado vestigios da passagem de alguns delles pelas matas. Os trabalhos da Estrada continuaram, e não consta, até agora, que nenhuma das turmas tenha sido interrompida pelo apparecimento aggressivo daquelles primitivos senhores do solo.

## CAPITULO VII

Sahida de *Alcobaça*. Ilha dos *Santos*. Chegada a *S. Francisco*. Travessão do *Góes*. Barra do Caripé. Modo de vencer as *corredeiras*, Travessão do *Mucura*. As *cobras grandes* do Tocantins. Diversas especies de cobras. Lenda da *Cobra Honorato*. Animaes fabulosos da Amazonia. Crenças feticistas do povo ignorante. Falta de instrução no Alto Tocantins. Ilhas do *Mucura*. Historia da india Jombré Scherer. Pedras no leito do rio. Naufragio do vapor *Iaco*, em 1891. Ilhas do *Licôr* e das *Pacas*. Estirão do *Calandrino* e ilha do *Arco*. Baixo do *Janaú*. O jacaré do Tocantins. Hospitalidade dos tocantinenses. Riacho do *Bacury*. Rio *Pilinga*. Antiga colonia dos *Arroyos*. Chegada a *Arumatheua*. As casas de commercio do Tocantins. A povoação do *Arumatheua*. Possibilidade de uma navegação permanente para aquelle logar. Casa de Raymundo Rocha (Mundicó). Hospedagem de Raymundo Maravilha. Manjares do Alto Tocantins.

Em *Alcobaça* deixámos a lancha a vapor, e nos baldeámos para um escaler de tolda, sob a qual se podiam confortavelmente abrigar tres homens. Ahi accomodámos os instrumentos, mappas e livros. Fiudo todo este trabalho, fizemos as nossas despedidas aos companheiros, que regressavam dahi para a Capital, e, sacudindo os lenços em despedida, nos afastámos do querido transporte, que nos tinha levado até ahi, emquanto os nossos remadores, methodicos e calmos, fendiam tranquillamente as aguas com os remos de faia.

Naquella separação saudosa, ouvimos que de bordo da *Alcobaça* alguém fazia um discurso vibrante, animando-nos a proseguir aquella temeraria viagem, desejando prompto e prospero regresso. Ainda de longe nos chegaram aos ouvidos brados de animação, emquanto a melancolia pelos

perigos iminentes e as saudades dos entes queridos, que atrás deixavamos por tempo indeterminado, envolviam-nos espiritos em um acabrunhamento silencioso, capaz de produzir lagrimas n'alma.

Sentámo-nos sobre a tolda, e o vento Sueste, refrescando o ambiente daquella manhã dulcissima, revolvía os cabellos das nossas cabeças descobertas, como um balsamo ás dôres esperadas de futuro, e como uma inspiração para traçar com lapis nas cadernetas os *croquis* das bellas topographias, que o scenario, de momento a momento, modificava. Qualquer barulho ao longe, proveniente do sussurrar do vento na face do rio, nós parecia approximação da guela medonha de alguma cataracta ou surgimento de algum monstro ainda não visto por nós, taes como os descriptos por Virgilio nas audaciosas viagens dos seus heróes. Ao envez de tudo isso, a natureza continuava regularmente calma na sua bondade sempre americana, sempre poderosamente rica. Não víamos, atravessando o espaço, a aguia altiva ou qualquer outra ave de rapina; não ouviamos da mata sair o rugido de um tigre ou o grito de um selvagem; na atmospherá azul, pares de garças alvas, com os pés pendidos para baixo, voavam de uma ilha para outra, e as gaviotas, redemoinhando, com os gritos tão conhecidos dos marítimos, pescavam na cerulea extensão do rio; das abertas clareiras da mata se erguia o côro alegre de uns passarinhos negros de bico escarlata, a que chamam *Bicos-de-brasa*, aqui conhecidos com o nome de *Tangurú-parás*, volteando ao redor de alguma lagoinha, que as chuvas da vespera ali tinham deixado.

Continuámos a viagem sempre pela margem esquerda, onde encontrámos, a poucos metros, separados uns dos outros, os igarapés dos *Santos*, de *Sant'Anna* e o córrego de *S. Francisco*, affluentes do Tocantins da margem esquerda, completamente seccos no verão, porém, avolumados d'agua e de corrente violenta no inverno, os quaes têm de ser vadeados pelas pontes da futura via-ferrea. Não falamos aqui de outros tres filetes d'agua durante o inverno, onde já se

acham construídos outros tantos boeiros na direcção da linha, como já tivemos occasião de tratar no capitulo anterior.

Defronte de Alcobaça e mais proximo á margem direita, existe a *ilha dos Santos*, com um pequeno pasto descoberto durante o verão, e que pôde francamente alimentar uma quantidade diminuta de rezes. Era ali que se soltava o gado, que o fornecedor dos trabalhadores da estrada de ferro abatia duas ou tres vezes por semana. E' cousa notoria que todas as ilhas do Alto Tocantins têm maiores ou menores pastagens nos centros, o que se não encontra nas ilhas do Baixo, parecendo isto uma providencia para auxiliar a pastagem solta do gado, que desce annualmente de Goyaz pela margem do rio. Nesta obra, chamo propriamente Alto Tocantins, a região daquelle valle situado ácima dos *Patos* ou de *Alcobaça*. Dahi, o clima parece que se vai tornando mais ameno e a temperatura mais doce, melhor a salubridade, que só é contrafeita pelas primeiras aguas do inverno, que fazem sangrar os igarapés das beiradas, trazendo para o rio as aguas estagnadas e lodosas do centro, mephiticas e septicas.

A largura do rio, defronte de Alcobaça, é de 1.200 a 1.500 metros, variando continuamente até na largura maxima de 6 kilometros, como sempre observei na minha viagem.

Saltámos no sitio *S. Francisco*, pertencente ao lavrador, a quem nos arredores chamam *Canella Fina*, homem magro, ossudo, amulatado, trabalhador infatigavel. Ali já existe uma boa plantação de caféeiros, de cacáoeiros, e um pomar de laranjeiras e mangueiras.

A casa é coberta de telha, porém mal acabada, edificada mesmo no beijo do barranco. Sentámo-nos em um grande banco de acapú, na extensa varanda da frente, de onde descortinavamos, mesmo por baixo das ramas de uma grande mangueira, cujas raizes se agarravam no declive do terreno, a largura maxima do rio. Aquella pobre familia nos offereceu chavenas de café, da propria cultura da casa; uma criança nos presenteou com uma vasilha cheia de ovos e um cesto de odoríferas mangas amarellas. Fiore, com a gulodice propria

do estrangeiro, não resistiu por mais tempo á tentação de chupar, logo após o café, dois ou tres daquelles pomos, que elle nos garantiu serem de uma doçura extraordinaria, o que tive occasião de verificar mais tarde.

O lavrador conversou algum tempo comnosco, indagando com interesse sobre a possibilidade e brevidade dos trabalhos da via-ferrea, em cujo projecto estava o logar do sitio *S. Francisco*, destinado á primeira estação ou parada do futuro trafego. Como ficaria desilludido aquelle pobre homem quando, ao começarem as construcções, viu quasi toda a sua plantação inutilizada pelo grande córte do terreno, mesmo por traz da sua casa, com uma profundidade de cêrca de 2 metros, sitiando-lhe a familia e a moradia, impossibilitando-lhe a criação no futuro, e mais do que isso, estimando-lhe pelo prejuizo apenas uma indemnisação mediocre e, parece, não effectuada! O terreno, effectivamente, mesmo por traz do *S. Francisco*, faz uma lombada ou cumulo de terras pedregosas, que foi preciso rasgar muito para dar um bom *grãde*.

Tomámos novamente a nossa embarcação, sob cuja tolda nos accomodámos do melhor modo possivel. O rio continuava sempre desafogado de ilhas, a viagem se ia fazendo no rumo de Sudoeste, passando, dahi a um kilometro, pela foz do igarapé do *Góes*, no alto de cuja barranca se estabeleceu, dahi a mezes, um rancho de trabalhadores e uma casa de maior capacidade, coberta de zinco, embarreada e edificada mais no alto, destinada a ser o segundo armazem para o fornecimento de viveres da futura via-ferrea. Ahi residiu o Engenheiro Hermano Bittencourt, onde o fui conhecer mais tarde, com a sua esposa, uma fluminense bem educada, e que, no meio daquella natureza selvagem, se vestia de gommado e pulseiras, tal como se estivesse na sua casa, nos arrabaldes do Rio de Janeiro.

Do *Góes* continuámos a viagem no rumo Sul, chegando, dahi a uma milha, á barra do riachão *Caripé*, em cujas margens do centro o Engenheiro Carlos Hungria foi em pouco tempo acommettido de febres intermittentes, tendo de retro-



S. Francisco.



ceder daquelle ponto com a 2ª turma de trabalhadores no inicio da construcção da via-ferrea. Chamam *barra* no Alto Tocantins, as grandes enseadas formadas na foz dos riachões ou rios.

Notámos que na margem direita se não via uma só cabana de morador ; disseram-nos que isso provinha do receio de investida dos indios daquella banda.

Passámos depois em frente das duas ilhas do *Tapayuna-quára*, que ficam enviezadas ao rio, formando no seu afastamento e curvatura a maior extensão da barra do *Caripé*.

\*  
\* \*

Eram onze horas da manhã, e fomos todos concordes de que estávamos com excellente appetite, fazendo honra ao almoço de conservas, que foi servido mesmo em cima do banco da canôa, não deixando de apreciar o bom vinho com que o Sr. Leitão enriquecera o nosso rancho. Em toda a viagem, tivemos sempre estomagos abertos para tres ou quatro refeições diarias, e o meu companheiro italiano se não esquecia de repetir que comia mais em um daquelles dias do que em uma semana, em qualquer de um dos primeiros hotéis de Belém. Não sei o motivo por que o appetite fica tão excitado nas viagens pelos rios da Amazonia, e parece até que seria de bom conselho medico aos doentes do estomago o empreendimento de viagem semelhante.

Junto das ilhas do *Tapayuna-quára* ha uma *corredeira*, como chamam ali a todas as fortes correntes do rio, quando este tem de passar entre ilhas, entre matas da beirada ou entre qualquer logar estreito. Notei que, sempre que chegávamos a uma *corredeira*, os remadores abandonavam as faias, e, segundo as categorias dos tripolantes, uns puxavam pelas ramas da beirada, outros empurravam a canôa com o auxilio de forquilhas, que apoiavam de encontro aos galhos da margem, finalmente, um ou dois, por meio de ganchos, à que chamam *bois*, pegavam nos ramos de deante, impedindo a canôa de abandonar o logar já alcançado : dahi a classificação dos

tripolantes, relativamente á pericia de cada um e á antiguidade do tempo de embarque, em *piloto*, *proeiros*, *contra-proeiros* e *remeiros*.

Em quasi todas as corredeiras, encontram-se *saraizaes*, como chamam certas arvores nascidas e crescidas nas praias e que as aguas de inverno submergem até junto ás ramas, succedendo estas apparecerem, não sei por que motivo, até nos logares de maior correnteza.

Uma das mais bellas enseadas desta secção é a do *Mucura*, que a navegação da margem esquerda costêa em toda a extensão da curvatura, divisando-se o espigão do mesmonome, que vem finalizar em terras altas até á beira do rio. E' neste barranco que se vê, no tempo da secca, uma galeria subterranea que se prolonga por dentro do referido espigão, quasi na altura de um homem, como se fosse um tunnel. Que daria origem áquella galeria de feitio tão regular, como se tivesse sido construida sobre o molde de uma *cambota*? Aonde irá dar aquelle subterraneo, dentro do qual nenhum audacioso até agora se atreveu a dar mais que alguns passos? As credices dos arredores explicam o apparecimento daquella galeria como tendo sido o logar da passagem de uma *cobra grande*, que desceu do centro da terra para o rio.

Esta abusão da existencia das cobras grandes nos poços mais profundos dos canaes de certos rios é commum em toda a extensão do Amazonas e do Tocantins.

A Sciencia ainda não deu a palavra segura sobre a possibilidade da existencia desses monstros, nem que classificações possam ter. As cobras conhecidas no Tocantins são em geral de tamanho regular, e quasi todas classificadas na fauna respectiva. Na ordem dos *ophidios*, na familia dos *reptis*, ha uma infinidade de especies, das quaes as mais conhecidas e mais numerosas são as seguintes: o *Surucucú* (*Bothrops mutus*), muito venenoso; a *Jararaca* (*Bothrops Jararaca*), extremamente bravia e perigosa; a Cascavel (*Crotalus horridus*), existente aos milhares nos campos do Alto To-

cantins, causando prejuizos ao gado e perigo aos transeuntes. No genero *Coluber* existem: a *Caninana* (*C. pæcilastoma*), bravia e perigosa; a cobra de cipó (*C. bicarinatus*). No genero *elaphis* vi ali a cobra coral (*Lycodon formosus*), de uma bella côr vermelha; a *Paraamboia* (*Bothrops bilineatus*), nome aquelle que na lingua tupy quer dizer cobra papagaio, por ser de uma côr verde-amarella; *Araraamboia* (*Cobra arara*), de uma côr encarnada, mesclada de branco. Em toda a Amazonia se nota que ha ophidios, que vivem simplesmente nas terras firmes, como a Cascavel; outros que se abrigam nas varzeas, junto das lagôas e dos rios, e têm uma existencia amphibia, como a *Sucurijú* (*Boa aquatica*), que com a *Giboia* (*B. constrictor*) pertencem ao genero boa; finalmente, outros têm uma existencia inteiramente aquatica, e deveriam ser estudadas na *ichthyologia*, taes como o *Mussu*, a cobra molle, etc. Deixo aos entendidos as particularidades deste estudo, que, com certeza, muito interessaria á sciencia.

Ainda ha pouco tempo, o illustre professor Emilio Goeldi fez no Museu do Pará uma longa conferencia sobre o apparecimento, no *aquarium* daquelle estabelecimento, do *Lepidosiren paradoxa*, peixe que os naturaes conhecem como cobra, denominando-o *Tarihiraamboia* (*Tarihira cobra*), e que no Amazonas se chamava primitivamente *Caramurú*. Este individuo, que, pela sua constituição anatomica e duplo systema respiratorio, póde ser reputado como um amphibio, é muito commum nas lagôas e nas aguas barrentas das varzeas do Baixo Tocantins, não tendo serventia alguma para o repasto, sendo, porém, de uma existencia preciosa para o estudo dos naturalistas. A giboia, de que ácima falámos, é a cobra que cresce em maior volume e, quando adquire um comprimento superior de 2 a 3 metros, dizem ali que se lança ao rio, vivendo no fundo d'agua como o *Sucurijú*, dando assim hypothese, pela sua transformação, á existencia dessas cobras grandes, de que tão amiude ouvi falar em toda a região do Tocantins, ainda ácima das cachoeiras. Entretanto,

a cobra grande me parece até agora um animal fabuloso e nunca me esquecerei da lenda da *Cobra Honorato*, que muito me divertia em criança. Era o caso de uma rapariga mestiça ter dado á luz duas cobrinhas, uma das quaes cresceu tão prodigiosamente que foi vista no Tocantins, em todo o districto de Cametá. A fabula impressionara o fetichismo da gente ignorante, garantindo que o Honorato se transformava em um guapo rapaz, para dançar nos folguedos e pagodes, guardando o incognito da sua condição.

Além da cobra grande, ainda ha outros animaes fabulosos na Amazonia, taes como o *Curupira*, pequeno caboclo, de pés voltados para traz, limitando-se a apparecer nos centros das matas, dando signaes por meio de guinchos ou assobios, duende que tem por costume desencaminhar os caçadores; a *Iara* ou *Mãe d'Agua*, bella rapariga, alva, de cabellos louros, cujo canto, á semelhança das sereias, desnortêa os pescadores e os fascina para dentro do rio, onde mora; *Acauã-êra*, grande ave derapina em fórmula de arara ou deacuã, toda negra, tendo o peito branco, com grandes garras e o bico roedor, e voraz, a ponto de devorar em pouco tempo qualquer animal ou homem até aos ossos; o *Janaú* ou *Janahúy*, animal que anda aos bandos pela floresta, como em matilha de cães ou pequenos lobos, perigosissimo e carnívoro, embebedando as suas victimas com uma forte *calinga*, de que dispõe para saciar a sua voracidade; a *Tapira-yauara*, nome que no tupy quer dizer *Anta cachorro*, animal gigantesco, que tem a fórmula de onça e as mãos com cascos como pé de anta, com as quaes cava a terra, para derribar a arvore em cujo ramo se refugia o adversario, que della foge.

E' natural o temor supersticioso a todas as pessoas ignorantes que atravessam essas extensas e sombrias florestas do Amazonas. O homem se sente pequeno, quando se acha dentro da magestade daquelles logares escuros, onde cada arvore tem a altura de uma cathedral e cada sombra parece occultar um adversario vivo ou um duende. Notei que, nos acampamentos feitos dentro das matas, os trabalhadores, ao se

encaminharem para o serviço, desatam as rêdes ou desarmam as camas, com medo de que a velha *mãe do mato*, protectora dos animaes fabulosos, venha collocar em cada leito algum graveto de madeira, como signal que possa fazer o effeito de morphina, prostrando em somno profundo o incauto que ali se deitar, predispondo-o a ser devorado por esses animaes.

Ríamo-nos todas as vezes que nos contavam estas historias, fructo sómente da ignorancia do nosso povo, carecedor de instrucção, unico meio que poderia pôl-o a salvo dessas cren-dices absurdas. Parece incrível que em todo o Alto Tocantins não encontrassemos uma só escola creada pelo Governo, apesar de uma população de centenas de individuos, e da existencia de povoações bem organizadas. Só no meu regresso a Belém, como membro do Conselho Superior da Instrucção Publica do Pará, propuz a criação das escolas de *Arumatheua*, *Areião*, *Lago Vermelho*, *Burgo de Itacayuna* e *S. João do Araguaya*.

\*  
\* \*

Em frente á enseada do *Mucura*, ficam as ilhas do mesmo nome. São duas ou tres corôas de areia cobertas de um arvoredado baixo e rareado.

Por occasião de uma segunda viagem que fiz para aquelles lados, visitei uma dessas ilhas, pernoitando em um acampamento ligeiro, ao relento, sob um luar admiravel, e assim passei uma bella e adoravel noite de verão. Foi quasi uma aventura indigena, em viagem de fiscalização dos trabalhos da construcção da via-ferrea, que ali me levou e que vou contar com interesse.

Desejava observar os ultimos trabalhos de exploração feitos pelo Dr. Carlos Hungria, e para ali me dirigi em um sa-veiro, que a commissão possuia no *Travessão do Mucura*, em companhia do Dr. Carlos Scherer, engenheiro. Chefe daquelles trabalhos, e do Sr. Adolpho Pontes Sousa, arre-matante da derrubada e destocamento da linha. Ambos esses

cavalheiros levavam as suas respectivas senhoras, e, por uma coincidência tragica, falleceram pouco tempo depois, quasi no mesmo dia.

Mme. Scherer era natural de uma tribu dos tupys, no Estado do Espirito Santo, e achava-se casada com o Engenheiro Chefe daquelles trabalhos.

Jombré Scherer era uma criança de 16 annos, muito morena, engraçada, brincalhona e loquaz, como os naturaes da sua raça. Dava gritos de satisfeita, todas as vezes que a nossa canôa corria algum perigo, ou quando nos achavamos em frente a um panorama vivo da natureza.

Carlos Scherer era natural da Allemanha, apesar de tê-lo ouvido algumas vezes jactar-se de haver nascido no Rio de Janeiro. Poderia ter apenas uns 34 annos, o que revelava na physionomia corada e viva, e nos cabellos mais louros que negros. Scherer era um desses estrangeiros intelligentes que em pouco tempo, á custa de muita habilidade, se fazem no Brasil medicos ou engenheiros, naturalistas ou artistas.

Não condemno a perspicacia dessa gente : quem lhes achar bons os medicamentos ou os planos, que os tome com proveito.

Não sou tão nativista, que deixe de condemnar o absurdo do bairrismo mal entendido ou do *jacobinismo* ignaro e selvagem ; não sou *positivista*, mas desejo para a minha patria a liberdade profissional para quem adquira habilitações pela experiencia ou pelo estudo proprio.

Carlos Scherer, de habilissimo desenhista que era, transformou-se, pela pratica, em engenheiro, chegando a obter no Brasil a chefia de commissões importantes.

Foi em uma commissão de exploração no rio *Doce*, no Estado do Espirito Santo, que o Sr. Carlos Scherer se encontrou com a indiazinha, de quem mais tarde fez sua esposa.

Jombré era filha de um *tuchaua* ou chefe de uma tribu dos tupys, numerosa cohorte de guerreiros e de mulheres

sadias e bonitas. Era com ênthusiasmo que Mme. Scherer descrevia a belleza de sua mãe e o amor apaixonado que o chefe indigena votava á esposa. Perguntei-lhe um dia a origem do nome Jombré, e ella me contou que, durante o periodo de gravidez, a mãe era gulosa por uma fructa da côr e do tamanho das ameixas, a qual no paiz chamam *jombré*, o que fez dar á recém-nascida o nome da fructa alimenticia.

Jombré não se lembrava senão de um irmão e uma irmãzinha chamada *Nhãnehu*, nome que ella repetia com amor. Vi-a muitas vezes, envolvida nos seus vestidos de sêda e rodeada do luxo com que a tratava o marido, monologar horas inteiras em um idioma extranho ou cantar coplas de cançonetas, em musica simples e selvagem.

Carlos Scherer respeitava aquellas occasiões de melancolia da esposa, as quaes terminavam sempre em um *chôro hystérico*; dizia-nos que *ella estava com o seu ataque de nervos*. Outras vezes, a india brincava como uma criança e corria pela casa em um estouvamento, só acalmado pelos conselhos de Carlos.

Quantas saudades não devia ter aquella senhora, da taba tão afastada, e como lhe não seria pesado o fardo da civilização em troca da innocencia e simplicidade da primitiva vida?!

A mãe morrera, deixando-a ainda criança, em consequencia de um máu parto que tivera. A narração desse lance da sua vida lhe é até agora tão dolorosa, que ao repetil-a ficava suffocada de lagrimas, sem poder terminar a lugubre historia que deu começo á desventura da sua familia e á sua felicidade futura.

Como usança religiosa da tribu, toda a aldeia foi levar o cadaver a um lugar distante, onde era, sem duvida, o cemiterio, enterraram-na e, como costumavam, velaram aquella noite em roda da nova sepultura, toda cercada dos fogos sagrados; o chefe viuvo se deitou sobre o cúmulo de terra que escondia os preciosos restos da esposa.

Quando, pela manhã, todos se ergueram para voltar á taba,

notaram que o chefe estava com as pernas presas de um começo de paralyssia, o que não o impediu de aconselhar que continuassem a marcha, ficando elle atraz acompanhado da pequena Jombré que o não deixava. Debalde o Tuchaua queria caminhar apressado ; as pernas não lh'o permittiam, e era obrigado a descansar a cada momento até que, approximando-se a noite, elle aconselhou á criança que seguisse só sinha para a aldeia, fazendo-lhe medo com as feras, que costumavam andar por aquellas paragens.

A pequenina Jombré resolveu ir vêr os irmãos, deixando o pae, que caminhava lentamente. Só muito tarde é que todos, inquietos pela demora do chefe, resolveram ir vel-o no caminho, encontrando delle só a cabeça, visto que o corpo tinha sido devorado pelas onças.

*Tec-nanga*, valente guerreiro e inimigo particular do chefe morto, revolucionou a tribu e se fez acclamar Tuchaua, com preterição dos descendentes daquelle a quem perseguia.

Jombré foi vendida pelo vencedor ao engenheiro Carlos Scherer, que existia então por aquelles sitios, a troco de uma espingarda ; seus irmãos foram expatriados, vivendo foragidos nas matas.

A pequenina india foi levada para o Rio de Janeiro, onde se educou em um excellente collegio, até que o seu protector se resolveu a dar-lhe a mão de esposo, sendo esse casamento muito commentado na imprensa nacional, tendo até uma revista de Berlim noticiado em termos lisonjeiros o enlace de um engenheiro allemão com uma princeza da nação dos Tupys.

O Sr. Carlos Scherer veiu em commissão como Engenheiro Chefe da Estrada de Ferro de Alcobaca, e foi naquella viagem á ilha do Mucura, que tive occasião de apreciar aquelle casal, que consorciava em si duas raças tão oppostas em indole e origem.

Scherer acariciava continuamente um bello cão, seu companheiro inseparavel, e fazia todas as vontades á mulher, como um pae pachorrento desculpa todas as travessuras de



Carlos Scherer.



Jombré Scherer.



uma criança. Mme. Jombré Scherer delineou na praia o nosso acampamento para a noite, á moda do que fazia a gente da sua antiga tribu : era um grande quadrado entremeado de forquilhas enterradas na areia, e onde suspendemos as rêdes para dormir, e no centro se ateou uma fogueira, em roda da qual se deitaram sobre a areia os que não tinham levado leito proprio.

Ríamo-nos daquella aventura, acccitando todos aquelles commodos, como uma observação da vida selvagem. Mme. Scherer estava satisfeitissima, e era de presumir que nos julgasse todos uns verdadeiros tupys, parecendo-lhe vêr naquelle pedaço de praia uma imagem fugitiva da sua patria.

Quando, alguns mezes depois, se deu a suspensão dos trabalhos da estrada de ferro, o Sr. Scherer, para aproveitar o tempo, arrendou um extenso seringal no districto de Breves, onde falleceu um dia depois de lhe ter dado a esposa a felicidade do nascimento de um filho. Depois da morte do esposo, a desventurada india teve de vender os brilhantes e as sêdas, perdendo em pouco tempo o filhinho, e, como remate desta triste narrativa, ficou ella reduzida á triste condição de criada de servir, vivendo desse salário em uma casa de Belém, voltando mais tarde para a tribu, onde continuou a vida selvagem.

\*  
\* \*

Deixando o archipelago do Mucura, que acabámos de celebrar com a historia dessa tragedia, continuámos a viagem pelo canal do mesmo nome, notando que a ponta septentrional dá ilha a que nos referimos, se approxima de 300 metros da margem esquerda. As terras de ambos os lados são altas e com ondulações para o centro; o proprio leito do rio está ahi atravancado de corôas de areia argilosa, especialmente de umas a que chamam *gulosas*, por serem tão finas que fazem enterrar, como em um abysmo occulto, as pernas dos que por ellas transitam.

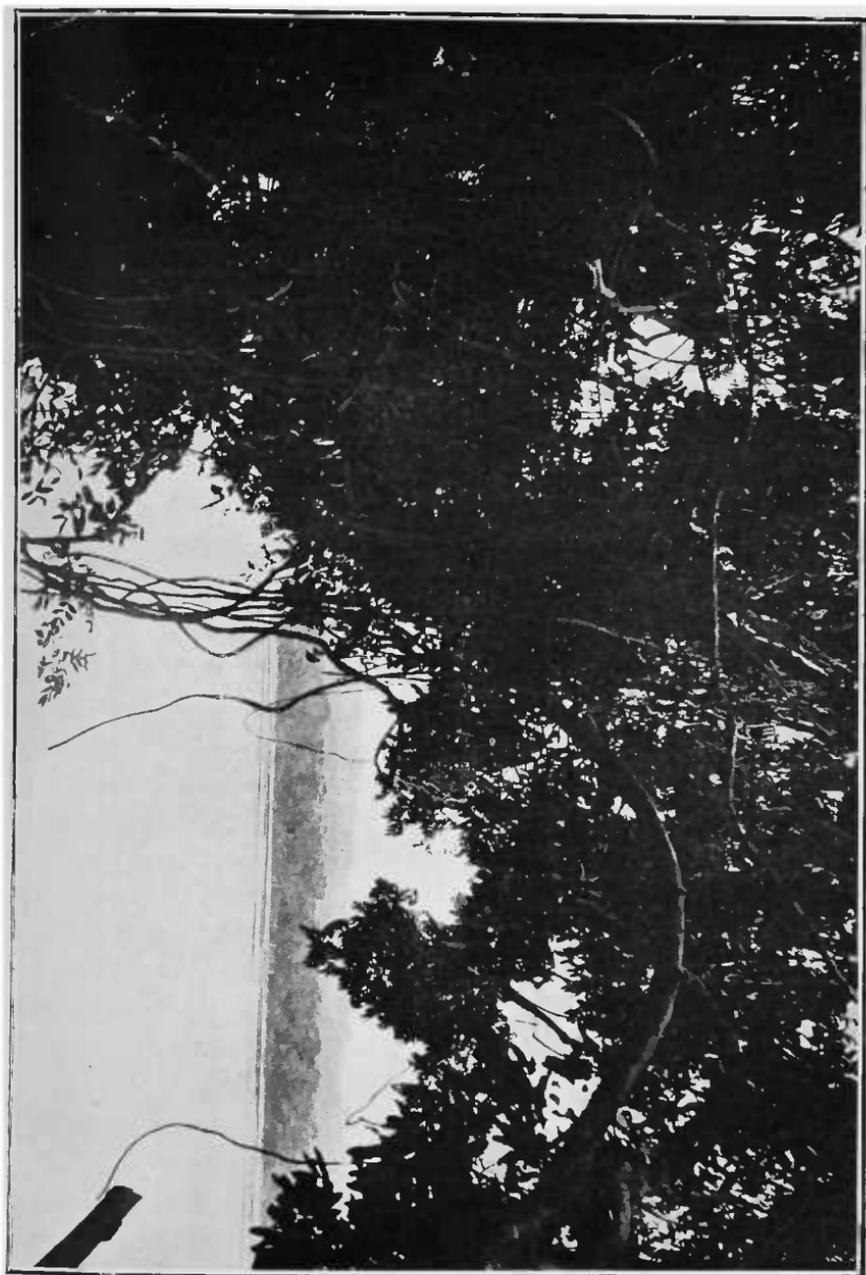
Notam-se, devéras, mesmo junto ao canal, grandes pedras

monolithas tão regulares, como se tivessem sahido de uma officina de cantaria. Foi em um grupo dessas pedras que, em 1891, bateu e naufragou o vapor *Iaco*, cujo casco ainda ali está servindo de abrigo aos peixes e pousada aos navegadores da margem direita. Já uma vez almocei em cima do convez desse navio naufragado, que a agua de invernos repetidos vai deteriorando pouco e pouco. Causa lastima ver ali um dos mais bellos navios da esquadriha mercante da Amazonia totalmente abandonado, e assim desprezado um capital de centenas de contos, que as companhias de seguro tiveram de pagar pela incuria dos praticos ou exigencia do commandante, que, contra o costume e o bom conselho, quiz fazer a viagem á noite, por aquellas paragens tão perigosas.

Nesse ponto, a parte mais desassombrada de ilbas é a margem direita; depois dahi, o rio apparece em toda a sua largura de 3 kilometros, dando origem ao que os naturaes chamam *ressaca*.

Convém notar que o Ribeirão do Mucura, assim como os menores affluentes do Alto Tocantins, são obstruidos na foz por matas e bancos de vasa misturada de areias, ficando na foz completamente seccos, no verão, e caudalosos, no inverno, sangrando o rio com as aguas impuras e estagnadas do centro, o que occasiona nessa época as febres intermittentes, que atacam os habitantes das localidades vizinhas. Na *ressaca* que descrevemos atrás nota-se um barranco assaz temido dos pescadores. As terras da margem esquerda começam a baixar depois do espigão do Mucura, enquanto alteam as da margem opposta, simultaneidade que notei em toda a região do Alto Tocantins, phenomeno geologico para mim sem explicação, de corresponderem as terras altas de um lado aos terrenos de varzea, do outro.

Conversando eu, algum tempo depois, com um velho de 116 annos, chamado Justino Moreira, um dos mais valentes caudilhos da *Revolução da Cabanagem*, e que, apezar dessa idade, ainda tinha o vigor sufficiente e a vista necessaria para caçar e pescar, contou-me esse macrobio que, em uma pescaria



Logar em que naufragou o vapor "Iaco" (1891).



naquellas bandas, em companhia de um filho, notara uma noite pararem as aguas, como se tivesse descido, atravessando o rio, uma gigantesca comporta ; fazia o volume de um monstro, como uma grande serpente, que algum tempo depois desceu para o fundo, desprendendo dali grandes borbulhas d'agua, que estouravam na superficie, produzindo a detonação de tiros de artilharia longinqua. E' escusado dizer que nunca mais aquelle pescador se afoitou a incommodar os peixes protegidos por tão desconhecido monstro, o que é mais um testemunho para a historia das cobras grandes.

\*  
\* \*

Depois de algumas horas de navegação, começámos a frontear um novo grupo de ilhas, cujas principaes são : a do *Licôr*, que no verão despraia completamente, ficando o canal da navegação, nessa época, situado á margem direita ; a das *Pacas*, de constituição pedregosa e com pouco arvoredo, uma especie de rochedo rolado para o centro do rio, dividindo-se, por entre as fendas das pedras, abysmos ou grutas ainda não vadeadas.

A direcção do Tocantins em toda esta secção é a de sueste. Junto á ilha do *Licôr* ha uma forte corredeira, devido ao estreitamento do rio. Mais ácima, está o travessão de pedra que corta o canal de lado a lado. Os remadores da nossa canôa fizeram mil esforços para vencer uma extensão de vinte metros, remando incessantemente durante meia hora, e suando em bicas, emquanto a canôa quasi nenhum movimento fazia para avante. Quando os tripolantes vencem uma difficuldade dessas, nota-se a alegria que se apossa de todos elles, que, abandonando os remos, se põem em pé, tiram as camisas, que enrolam em roda do pescoço, e, depois desta curta feria, continuam a viagem para vencer novas difficuldades.

Havia moradores na ilha do *Licôr* e na beirada da margem direita, formando uma fraca colonisação, que tem augmentado com as ultimas safras da castanha, que conseguirá, em

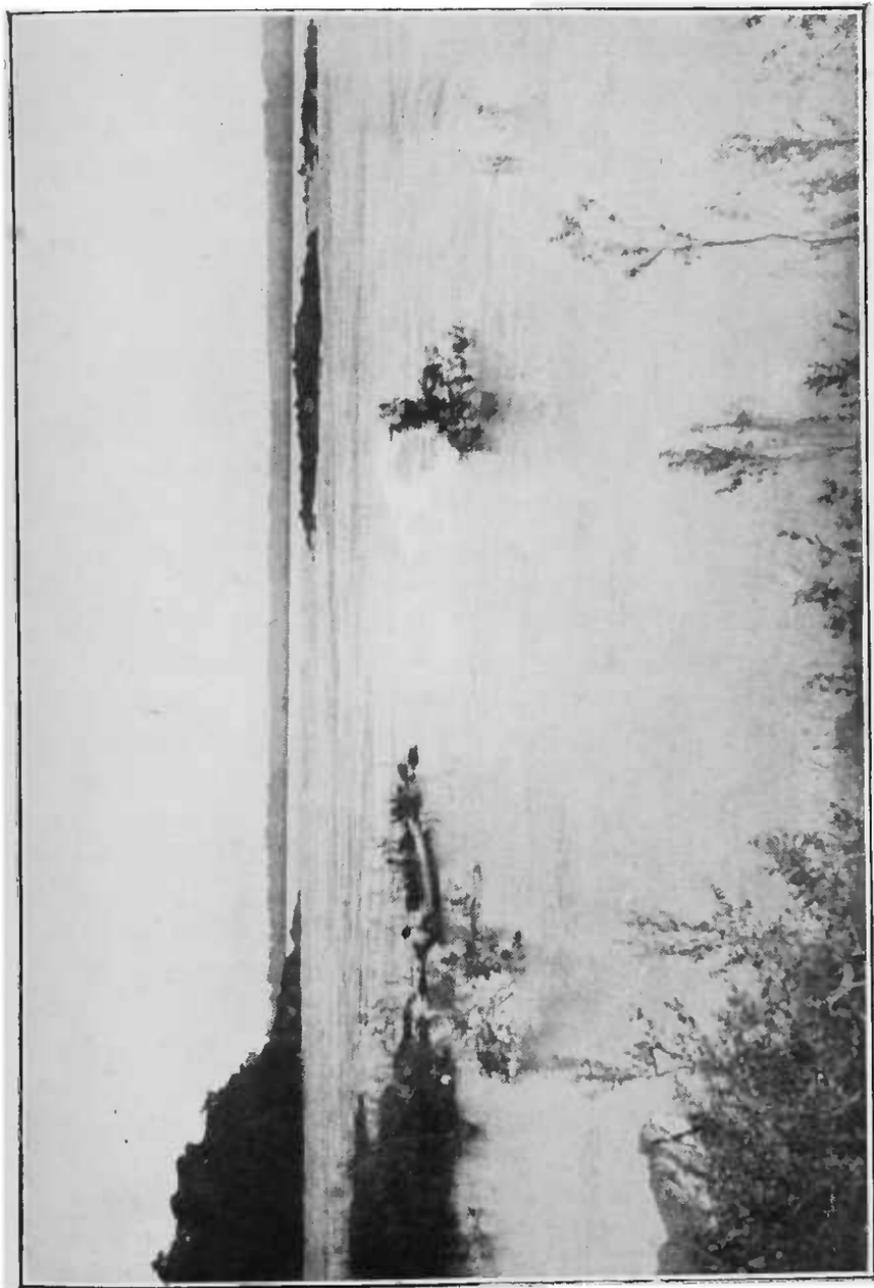
contraposição á incuria do Governo, o povoamento das riquissimas margens do Alto Tocantins.

Como dissemos, o rio aperta de mais em mais neste ponto, dirigindo-se pelo estirão chamado do *Calandrino*, até formar uma garganta de 600 a 700 metros de largura, perto do qual fica a *ilha do Arco*, assim chamada pela sua configuração topographica, e que está situada bem no centro do rio. Nota-se ahi completo despovoamento em ambas as margens, e, após este aperto de aguas, o rio se afunda na enseada do *Janaú-quára* (buraco de Janaú ou Janaúhy).

Divisando as terras altas da margem direita, em contraposição ás varzeas alagadas da margem esquerda, passámos pelo baixo do Janaú, onde existe a corredeira do mesmo nome. Toda esta descripção do valle do Tocantins é relativa á estação do anno em que realizei a viagem; se esta fosse feita no verão, outro seria o relatorio, visto que o itinerario seguido hoje pela navegação estava, naquella época, transformado em um extenso deserto de areia semeado das ilhas descriptas.

Dahi por deante, ouviu-se um ribombo de aguas revoltas, como um alarme das cachoeiras, que se approximavam. Negros gaviões, soltando pios estridulos, voavam pelo ar farejando carniça. Mostraram-nos uma praia, em cuja solidão, varrida pelo vento, uma grande onça raptou do meio de uma caravana, que ali aportara, uma pobre criança, para a voragem na matta. A magestade da natureza começava a nos causar terror, e só a curiosidade do desconhecido e a vontade de, com este relatorio, servir á Patria e á Humanidade nos abafaram a expressão de um arrependimento e deram com o silencio o assentimento á continuação.

O rio alargou, e as terras começaram a nos parecer, de margem á margem, com a fertilidade sufficiente a um bom aproveitamento de colonisação. O crepusculo cahia chumbado e triste, e os remadores começaram a fraquejar de cansaço, quando o proeiro nos gritou que, bem ao nosso lado, se estava vendo um *jacaré* (*C. niger*). Effectivamente, um pouco adeante, avistámos, como um tóro de páu negro, a cabeça do animal



Tapéira da Colônia dos Arroyos,



seguida de um rebojo d'agua no comprimento da cauda. Carlos Fiore pegou em uma espingarda, e, entusiasmado, atirou no monstro, que mergulhou, sumindo-se da nossa vista.

O Jacaré da Amazonia é um pouco differente do crocodilo africano, não chegando a possuir a ferocidade deste. O corpo do amphibio é revestido de umas escamas largas e duras, que se unem umas ás outras em todo o couro, formando em roda do monstro uma fortissima couraça, que zomba da bala ou do facão, sobretudo na cabeça, que é de uma estructura durissima. Ha diversas especies de jacarés, sendo os menores o *Tinga* e o *Corôa*, que são aproveitados na alimentação por uma grande parte da nossa gente. Estes animaes procuram de preferencia as varzeas lamacentas, dentro das quaes se enterram, vivendo assim durante mezes. O maior jacaré desta zona é o *Assú* (*Caiman niger*), que póde ter de 12 a 20 palmos, quasi especialmente carnivoro, e, junto das fazendas, é uma praga para o gado miúdo, devorando os cães de caça, e muito perigoso para as pessoas que vão ao rio tomar banho. O couro deste animal começou, ha certo tempo, a ser exportado para a Europa, onde a industria manufactureira o curtia e utilizava como materia prima de luxo para capa de estojos e até para luvas. Este commercio, infelizmente, está paralysado, tendo-se assim perdido a occasião de diminuir o numero de uma das mais infensas feras do Amazonas, e de auxiliar, por esta fórmula indirecta, o incremento da industria pastoril.

Com este simples incidente, terminámos a derrota do dia 9 de Março. Carlos Leitão foi de parecer que pernoitássemos na casa de um lavrador, seu antigo conhecido da Bôa-Vista, que presentemente ali residia com a família.

Subimos por um caminho tortuoso, cavado no barranco, que descia para o porto, e em poucos minutos entrámos naquella lar, tão pobre mas tão hospitaleiro, rodeados da criançada alegre, porém anemica, por causa das febres intermittentes.

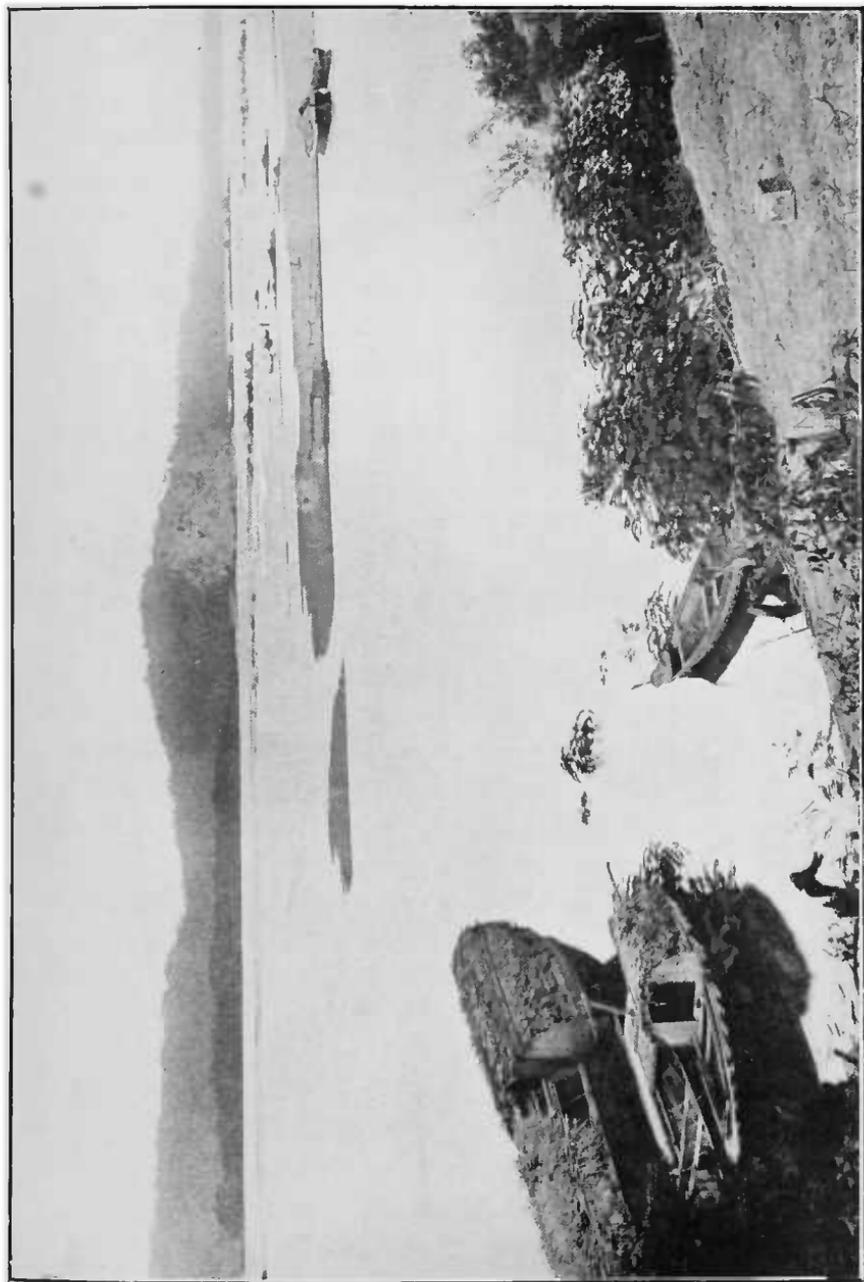
O grau de hospitalidade da gente do Tocantins é, como já dissemos, sempre o mesmo em toda a extensão do grande

valle. O *touriste* pôde fazer toda a viagem sem ter um vintem na algibeira, que lhe não faltarão, para matar a fome, um pedaço de carne ou peixe e as chicaras de café rotineiras e saborosas. Amarrámos as rêdes nos esteios da casa, e nos deitámos fátigadôs e satisfeitos por encontrar um bom lume, onde se preparou a ceia escolhida e profusa. Fóra, o luar dava um tom melancolico á paizagem, e os *bacuráus*, aves nocturnas, pousados na eira, chilreavam lugubrememente, estribilhados pelas corujas e pelo cantô compassado dos *jurutahis*.

\*  
\* \*

Logo pela manhã do dia seguinte, continuámos a viagem, sempre rodeados da passarada, que se fazia cada vez mais frequente. O cició das cigarras, despertadas pelo aquecer do sol, annunciáva bom dia. As terras da margem direita continuavam sempre altas, ondulando em fórmula de serrotes, ermos de habitação, porém cheios de fertilidade verdejante.

Passámos em frente á povoação do *Bacury*, assim chamada por estar situada na barra do riacho do mesmo nome, o qual entra no rumo de oeste para o centro. O rio forma então uma curva graciosa até ao estirão do *Arumathéua*, que é a povoação mais importante do Alto Tocantins Paraense. A navegação, durante o inverno, tem de atravessar duas ou tres fortíssimas corredeiras até chegar á villa, que, no verão, é enfrentada por uma praia de mais de 500 metros de largura, a que chamam propriamente *Praia Grande*. Na margem opposta, antes de chegar áquelle lugar, fica a foz do rio *Pitingá*, ácima do qual está a tapéra dos *Arroyos*, a mais importante colonia militar que ali existia até em principios do seculo. Este ponto, antigamente tão povoado, está hoje abandonado; das casas só restam escombros de paredes, e das extensas plantações só existem limoeiros e alguns pés de caféeiros abafados pela mata, que retomou o seu lugar com a força da fertilidade selvagem. Não ha ali um só morador; as quatro ultimas peças lisas da artilharia de campanha foram dali retiradas subrepticamente



A Praia-Grande (Arumatheua).



pelos insurgentes da *Revolução dos Barbosas*, em Cameté, no começo do seculo passado.

Emquanto viamos de longe os escombros, encardidos pelo tempo, daquelles lamentaveis destroços, a nossa tripolação se reanimava com a approximação do *Arumatheua*, ponto obrigado de *aguada* na navegação, e onde se encontra grande pessoal para completar as tripolações, carne fresca para fazer a *matalotagem*, folguedos para passar alguns dias, e mulheres que vendem caricias, fumo e aguardente.

A canôa fendia garbosa as aguas do rio, e os remos trabalhavam com ordem em uma cadencia rythmica e enthu-siastica, enquanto os barqueiros modulavam em côro uma daquellas sentidas cantigas do seu sertão, o que elles costumam fazer sempre que se approximam de algum povoado.

Momento depois, chegavamos á povoação, sendo gentilmente hospedados pelo Sr. Maravilha, na sua importante casa de commercio, talvez a segunda do lugar. Estas casas, como as de todo o Tocantins, vendem generos de especies bem differentes. São ao mesmo tempo tavernas, armazinhos e armazens ; ali existe desde o fumo até á sêda, e se compram nellas manteiga e fitas, sendo o credito ou o fiado um dos principaes incrementos do commercio.

Arumatheua está situada á margem esquerda do rio Tocantins, sobre o declive de um barranco silicioso-argiloso, de pouca consistencia, sendo este o motivo pelo qual grande numero de casas já ameaçam ruinas. Ha duas ruas, uma em baixo sobre areia, sendo as casas edificadas sobre estacadas, como verdadeiros trapiches, com pontes, e que as aguas de inverno lavam por baixo ; a outra, no torrão superior, que se vai esboroando pouco e pouco. As casas são sem alinhamento e quasi todas cobertas de palha, verdadeiros ranchos durante o inverno. A população nessa época sóbe a 800 habitantes, conforme a safra da castanha ; mas, no verão, fica reduzida e menos de 100 almas. Os moradores estavam construindo uma capella para o culto catholico. A situação é pittoresca, divisando em extenso horizonte a planura de lado a lado,

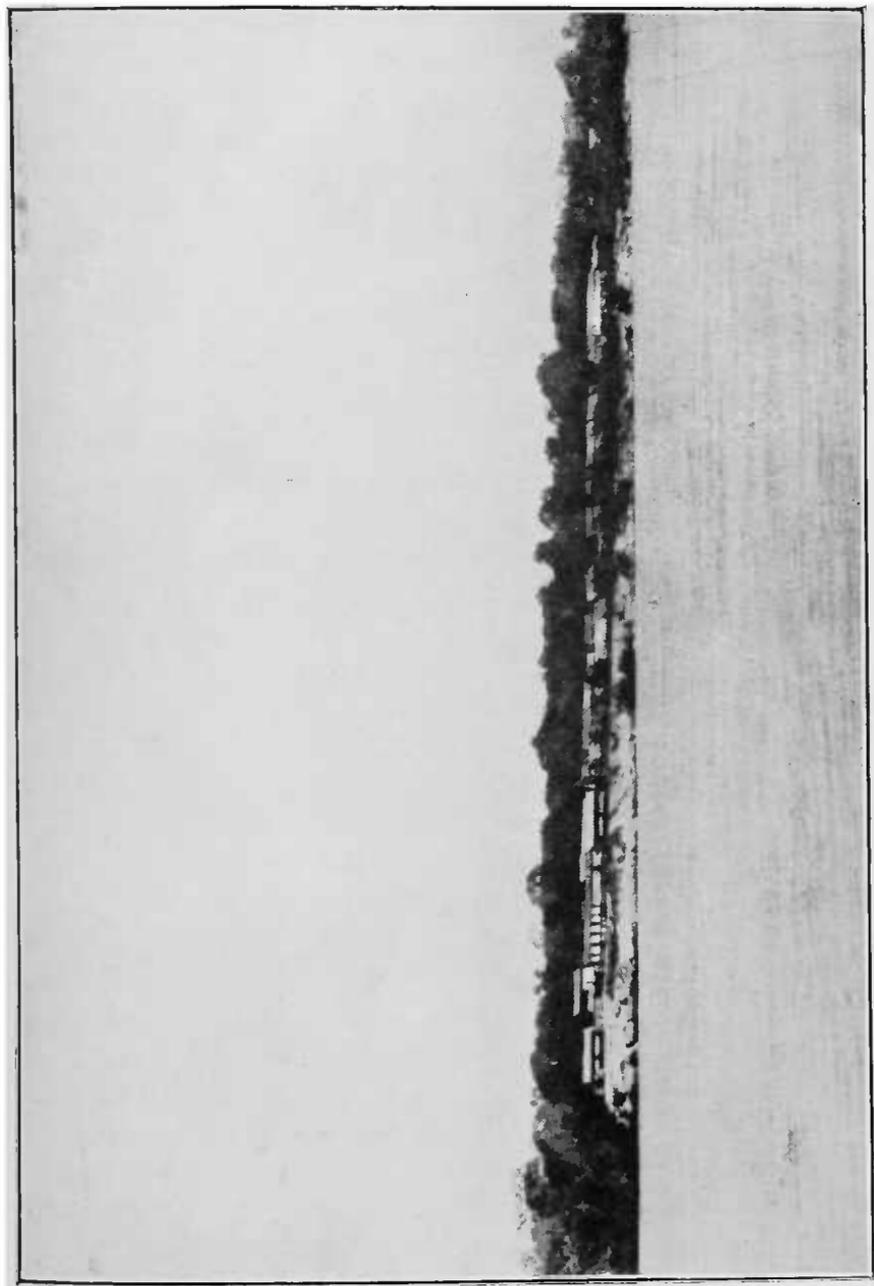
tendo em frente a bellissima *ilha do Arapapá*. Cercam-na de margem á margem innumerous e gigantescos castanhaes. O clima é ameno, refrescado por ventos incessantes; mas a salubridade é má, á vista das febres intermitentes no inverno, devido á serventia da agua do rio e ás infecções paludosas de um lago que fica por traz da povoação. Evitar-se-ia uma parte desse desastre, se a população abrisse poços ou se se fornecesse da agua do *Ribeirão do Pitinga*, situado na outra margem do rio, e que tem excellentes qualidades de potabilidade e frescura.

O terreno presta-se para diversos generos de cultura; está, porém, infelizmente, quasi todo abandonado á incuria, havendo no districto uma ou outra roça apenas para o gasto da casa, o que, ao lado da difficuldade de transporte, faz que os generos de primeira necessidade sejam ali trocados por preços exagerados. O traçado da futura Estrada de Ferro de Alcobaça passa a 2 kilometros de distancia no centro, e o terreno entremeado é fechado de mata virgem e castanhaes; mas, além dessa mata, se descortina um campo, onde já se têm feito tentativas de criação.

Arumatheua communica-se com o Baixo Tocantins apenas por canôas, e só no rigor do inverno, quando o rio cobre as ultimas pedras, é que os vapores de grande calado se atrevem a ir até áquelle ponto, sendo os primeiros recebidos entre festas, foguetes e acclamações, como o maior acontecimento do anno.

Acredito que, com um bom estudo do canal, poderia um vapor de pequeno calado e de fundo chato percorrer o rio até ácima do Arumatheua em qualquer estação do anno; mas, a falta de praticos e o receio de aventurar capitaes continuam a trabalhar pelo abandono de logares tão importantes e pelo desprezo de riquezas tão demonstradas.

Passámos dois dias naquelle logar, emquanto se carneava um boi e se preparava a carne ao sol, para a viagem. Visitámos todas aquellas choupanas e as quatro principaes casas de commercio; fômos á escola publica, creada pela



Povoação do Arumathena.



municipalidade de Baião, onde tivemos de lamentar a falta de frequencia dos alumnos. Visitámos a casa do Sr. Raymundo Rocha, negociante mais importante e chefe politico da localidade. E' um homem de boa apparencia, muito entusiasmado pelo Tocantins; goza de uma saude robusta, apresentando o semblante corado como de um europeu, o que nos garantiu ser devido ao uso da agua do Ribeirão Pitanga, a qual era por elle chamada *agua milagrosa*.

A sua casa de commercio póde ser comparada a um dos melhores armazens de Belém, e o seu movimento no inverno não fica inferior á de qualquer das primeiras casas da Capital. Elle e o socio Benicio Pimentel eram, ao mesmo tempo, autoridades locais, chefes e commerciantes; no seu gabinete de trabalho se encontravam livros de commercio, jornaes, revistas, mappas, retratos de grandes homens e reclamationes graciosas; a sua mesa é farta e opipara, sendo a hora das refeições conhecida na povoação inteira pelo toque de uma sineta, que faz a chamada.

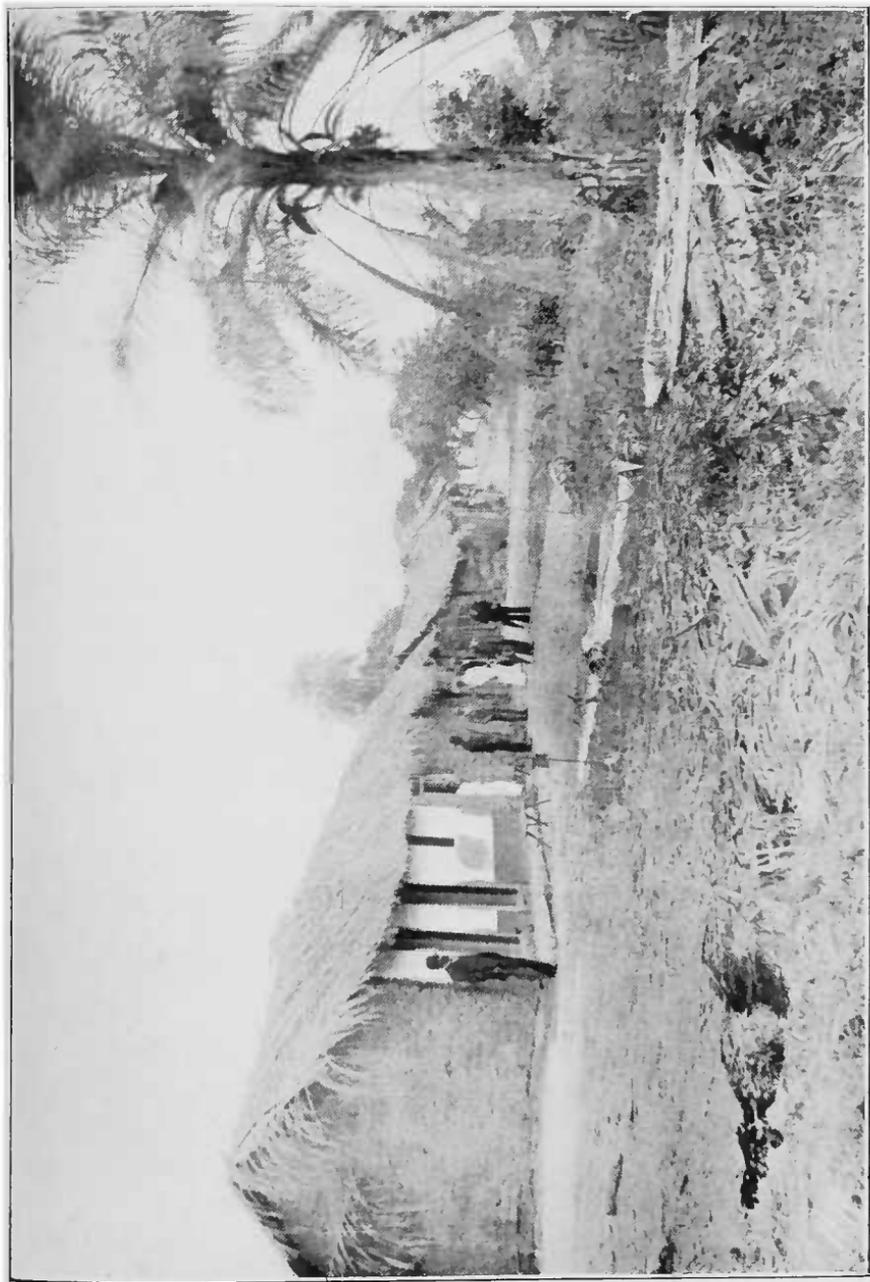
Arumatheua é, no inverno, uma verdadeira feira de castanha, tornando-se o maior emporio commercial do Alto Tocantins. Vêm-se ali, nessa época, o bulicio de uma gente ruidosa e alegre, cantigas de mulheres e crianças, serenatas de barqueiros, gritos de homens embriagados, rixas de ciúmes por toda a parte, scenas de pugilato e desordens, bailes e pagodes por noites repetidas. A febre da colheita faz todo aquelle movimento, e a aguardente, vendida a cantaros, o desvia para a desordem.

E' necessaria ali a presença de um destacamento militar no inverno, necessidade que neste ultimo anno o Governo attendeu, e com bom resultado.

Durante a minha permanencia, tive occasião de apreciar os manjares feitos á moda da cozinha alto-tocantinense: comi kágados e peixes, cozidos em leite de castanha da terra, e achei-os saborosos; fructas silvestres amassadas no mesmo leite, e até o café temperado pela mesma fórma.

O distincto capitão Raymundo Maravilha não se poupou

em nos obsequiar, e jamais me esquecerei das duas bellas noites de luar em que assistimos, assentados nos bancos rusticos do terreiro, ao trovar dos nossos barqueiros, acompanhado por duas violas, em canções melancolicas e doces que elles aprenderam nos longinquos sertões da sua terra.



A principal rua da (Povoação do Armathéua).



## CAPITULO VIII

Sahida do Arumatheua. Vícios das tripolações. A Cachoeira das *Guaribas* e a de *Vitam æternam*. Ilha das *Araras*. Travessão da *Cruz*. Cachoeira do *Tucumanduba*. Canal e ilha do *Acapú-rana*. Ribeirão da *Ararinhd.* Ilha e costa do *Breu-Branco*. Cultura no Alto Tocantins. Ilha do *Cacáo* e Travessão do *Arapary*. Povoação do *Bacury*. Ilha do *Cocal*. Abandono da margem esquerda. Ilhas do *Correinha*. Tragedia na *Pintaóca*. As mulheres do Tocantins. Rio e ilha do *Tucuruhy*. Ilhas do *Cupelobo* e do *Timbosal*. Aparição dos índios *Tapiris*. Ilha do *Caminho Longe*. Giria dos barqueiros. Necessidade da colonisação estrangeira. Ilha do *Inglez*. Ribeirão e ilha de *S. Miguel*. Ribeirão do *Macoary*. Lenda do *Tangurú-pará*. Ilhas e canal do *Defuntinho*. Riacho e ilha do *Xiqueirão*. Costa e Ilha da *Piranheira*. Archipelago do *Remansinho*. A grande ilha do Tocantins. Costa do *Remansão*. Sitio *Paraiso*. Os criminosos no Tocantins. Ilhas do *Bandeira* e *Areião*. Igarapé *Piteira*. Chegada ao *Areião*. Passeios ás matas.

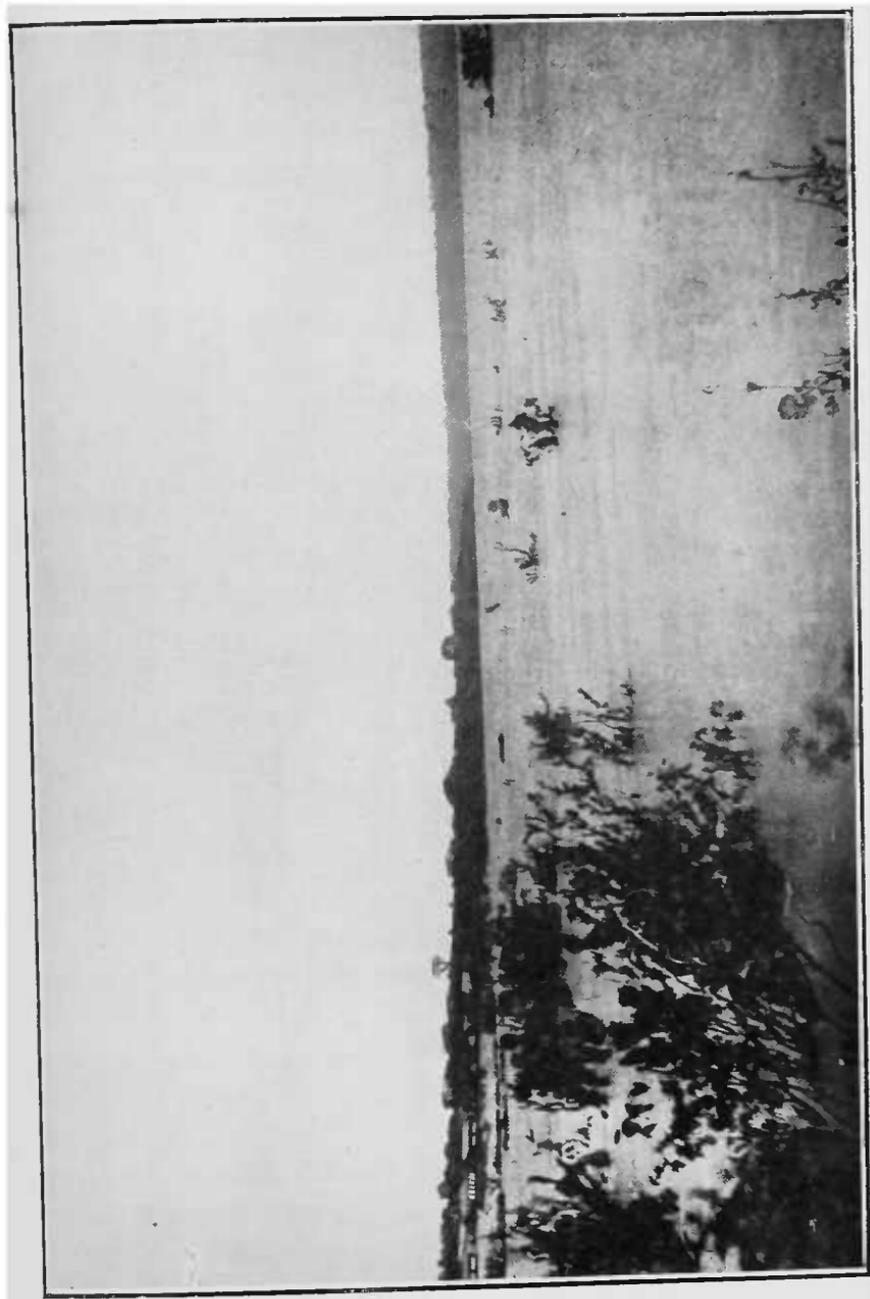
As 4 horas da tarde do dia 11 de Março, sahimos do Arumatheua, já em outra canôa de maior dimensão e com maior numero de tripolantes. A grande difficuldade para deixar o ponto de um povoado é conseguir que a guarnição da canôa vá para bordo; quasi sempre são os patrões os primeiros que embarcam, tendo de esperar uma a duas horas que os tripolantes cheguem um a um, quasi todos embriagados, desculpando-se de que ainda lhes falta uma camisa ou uma calça, pelo que pedem licença novamente para ir buscal-as, o que tudo se desculpa com bondade e paciencia evangelica. Tivemos de demorar, de porto em porto do povoado, durante tres longas horas, debaixo de um sol abraçador, o que me fez exasperar devéras. Dirigi-me energica-

mente a um tripolante, que fumava descansado no terreiro da casa do Sr. Rocha, parecendo não ter pressa de fazer a viagem. Houve uma altercação demorada entre nós, a qual terminou, ordenando eu que se desembarcasse a bagagem do mesmo, o que elle repeliu, avançando para mim de faca em punho. Devi á intervenção de Carlos Leitão o não ter sido victima daquelle assassino, que, por ser homem muito necessario para a viagem, consenti, á instancia de todos, que embarcasse. Aquelle desalmado estava completamente alcoolizado, o que deu causa ao seu atrevimento; mais tarde reparei que era um homem pacato, e em certa noite, em um rancho em que pernoitámos, o vi chegar-se a mim e, ajoelhando, de viola na mão, cantou umas coplas, por elle versejadas, pedindo-me perdão; levantei-o e abracei, transformando-se em o meu melhor amigo, durante o resto da viagem.

\*  
\* \*

O rio logo ácima está atravancado de pedras e cachoeiras, cujas principaes são : a das *Guaribas*, assim chamada pelo barulho que as aguas ali fazem, sobretudo no verão, muito parecido com o côro infernal daquelles animaes; a *Vitam æternam*, nome sinistro dado, sem duvida, por algum religioso, á vista das mortes antigamente ali succedidas, significando assim o caminho que tiveram aquelles infelizes. Todas estas cachoeiras se chamam *travessões*, por designarem linhas de pedras que cortam o canal. São excellentes logares de pescaria, no verão, onde ha, em abundancia, a *pirahyba*, a *caranha*, etc.

O grande rio parecia possuido de um engorgitamento extraordinario : a mata da beirada estava no fundo, e das grandes arvores submersas só appareciam na fluctuação as ramas, a que chamam *garranchos*, nas quaes agarravam os remeiros, para impulsionarem a canôa. Notei ali grande numero de aves aquaticas, dentre as quaes se notavam as garças



Arumatheua, vista da Cachoeira das Guaribas.



(*Ardea candidissima*) e os marrecões (*Chenalopex jubata*), que mariscavam os peixes descidos pela enchente.

Appareceu-nos em seguida a *ilha das Araras*, com o comprimento de 800 metros na direcção do rio, cuja ponta meridional fica proxima á margem esquerda e igual ás suas irmãs do Alto Tocantins, de uma constituição granitica e sem cultura, nem prestabilidade, servindo apenas de abrigo a uma ou outra choupana de pescador, pouco tempo depois abandonada e erma. Perto dahi, fica, para o lado da margem esquerda, a *Cachoeira* ou *Travessão da Cruz*, logar muito perigoso no verão, e cujo canal de navegação forma nesse tempo uma verdadeira cruz. Proximo a ella, está a *Cachoeira do Tucumanduba*, tambem sensível na estação secca, tornando-se no inverno uma velocissima corrente d'agua, cuja força pôde ser calculada de 20 a 35 milhas por hora.

A largura do Tocantins é, nesta secção, de 1800 metros; segue-se sempre pela margem esquerda, procurando intro-metter a canôa pelo mato da beirada, com o fim de evitar a grande velocidade do meio do rio, que é utilizada na descida. Em certas secções, ha pela beirada alguns canaes já conhecidos pelos barqueiros. Entrámos por um delles, chamado *Canal do Acapú-rana*, assim denominado por causa da ilha do mesmo nome, que lhe fica fronteira, tendo 1400 metros de extensão. A profundidade do canal, nesse tempo, era de 3 a 4 braças, conforme á sondagem que fizemos.

Desabou então sobre nós uma chuva torrencial. O bello panorama da tarde se transformou em trevas agonisantes, sendo nós obrigados a amarrar a canôa na beirada, onde passámos uma noite horrivel. Patrões e barqueiros se amontoaram em baixo da pequena tolda, onde o calor abafado e o suor copioso contrastavam com a chuva a cantaros e o vento agudissimo e frio, que zunia fóra. Foi, perto dahi, que falleceu, ha poucos annos, o santo missionario do Alto Tocantins, frei Gil de Villanova, quando descia, já muito enfermo, para a capital do Pará. Foi elle o fundador da villa da Conceição no Araguaya e o missionario que mais proveitosos

trabalhos deixou naquella região. De nacionalidade hespanhola, de familia illustre e rica, laureado em Direito, com muito talento e muita illustração, frei Gil abandonou tudo para se dedicar á civilização dos indios da America.

Continuámos a jornada na manhã do dia 12 de Março, e, com o clarear do dia, pude então reparar no archipelago das *Guaribas*, que tinhamos deixado atraz, e cujas ilhas principaes são : a *Cupim* e a *Tucumanduba*, proximas á margem direita. O rio tinha a largura de 2 kilometros com propensão a alargar de mais em mais. Disseram-nos que o *Canal Tucumanduba*, proximo á outra margem, tão tortuoso no verão, se torna no inverno uma verdadeira bahia, agitando-se nas tempestades em ondas perigosissimas como as do mar, tendo-se ali perdido em uma dessas occasiões um barco carregado de castanha, pertencente ao negociante Francisco Accacio.

Passámos mais tarde pela foz do *Ribeirão da Ararinha*, que vem do centro das terras occidentaes.

No Alto Tocantins chama-se *riacho* ao que, no Baixo, se diz *igarapé*, e chama-se *riachão* a um igarapé de maior porte.

Passámos entre o continente e a *ilha do Breu Branco*, tendo esse mesmo nome toda a enseada da margem esquerda que lhe fica fronteira. No verão, todo esse lado, desde o *Breu Branco* até ao *Arumatheua* ou mais abaixo até á barra do *Bacury*, se transforma em uma extensa praia de areia e cascalhos, na distancia de cêrca de 3 leguas, com a largura media de 500 metros, e por ella transitam as grandes boiadas que descem de Maranhão e Goyaz, fazendo os cavalleiros a viagem do Tocantins por terra.

Encostámos a canôa junto á barra do *Breu Branco*, e fômos almoçar na pittoresca vivenda de João Lambert e de seu genro, Antonio Duarte de Mattos, uma familia de lavradores e commerciantes, sendo o primeiro, filho do Pará e o outro, natural do Maranhão. A vivenda é vasta, coberta de palha e toda aberta na frente, tendo ao lado outra casa com uma engenhoca para moer canna, unica que existe em todo o Alto Tocantins e onde fabricam a *rapadura*, es-

pecie de Assucar em pães, da fórmula de parallelepipedo e de que se servem os habitantes daquelles sitios para o café e o chá. Ao redor da casa ha um bello pomar, onde eu e Fiore apreciamos uns figos, que ali são tão grandes como os da Europa, e umas tangerinas e laranjas dulcissimas e frescas. Mais adeante, ficam as roças de mandioca, donde fazem excellente farinha, e os cannaviaes extensos, cujas hastes crescem mais grossas que as do Baixo Tocantins, e tem maior porcentagem saccarina que as da varzea. Mais ao centro, ficam os castanhaes, cujo producto natural compensa largamente as fadigas daquelles bons lavradores.

Como não seria feliz o Tocantins, se todos os cortadores de castanha e borracha pensassem, como o Sr. Lambert, em cultivar a terra nos intervallos que ficam entre a colheita daquelles productos naturaes, fabricando a farinha e cultivando o café e o arroz, em vez de compral-os! Todo esse tempo que passam na indolencia seria preenchido mais effizamente no enriquecimento particular e no desenvolvimento e colonisação estavel da região aproveitada.

Agradecemos a hospitalidade daquella gente honrada, e continuámos a viagem, a uma hora da tarde. Pouco acima, vimos a *ilha do Cacáo*, na direcção do sul, e, junto della, o *travessão do Arapary*, tão perigoso nas grandes enchentes, e cuja corredeira nos foi agora muito difficil de vencer. Continuum-se a vêr pela mesma margem esquerda terrenos cultivados, cercados de gigantescos castanheiros, dando um exemplo da verdade affirmada no nosso periodo anterior, como uma satisfação, em miniatura, do desejo patriotico e scientificamente economico ali expendido.

Mais acima, acha-se a propria povoação do *Bacury*, formada de cabanas de lavradores e cortadores de castanha, carecedores de estimulos extranhos e das boas vistas de um governo sensato. Adeante do *travessão do Arapary*, o Tocantins se alarga de tal fórmula e em tão longinqua distancia na direcção de 15° S. E., parecendo ao espectador que, em vez de subir um rio, vai ao contrario sair para o Oceano. Nesta

parte se agitam tempestades como no mar, e ninguém pôde imaginar o numero de desastres que aquelle traço do rio tem causado nessas occasiões.

Pernoitámos nesse dia em casa do Sr. Angelo Pinto Caldas, que nos tratou com a fidalguia da hospitalidade sertaneja, dando-nos ceia de bom peixe, que compensou todas as afflicções anteriores. A noite tambem esteve admiravel: a abobada constellada do céu nos proporcionou algumas horas de conversação sobre assumpto astronomico, que não deixou de enthusiasmar a imaginação dos circumstantes.

\*  
\*

Na manhã de 13 de Março proseguimos a derrota, sempre á vista dos castanhaes immensos da beirada, que a propria mão do Creador ali plantou para augmentar o enriquecimento daquella região abençoada. Mais adeante, entra, pela dita margem, uma extensa resaca toda povoada de moradores, entre cujas habitações me mostraram uma de aprazivel apparencia, pertencente ao Sr. Manoel Miranda.

Emquanto este lado parece assim relativamente cultivado e cheio de moradores, a margem direita do Tocantins, desde em frente á Alcobaça até á *Praia Chata*, junto á villa da Imperatriz (hoje Santa Thereza), tem, talvez, umas oito casas em uma extensão de centenas de leguas! Só o medo infundido pelos indios e a falta de uma corrente de immigração estrangeira produzem o abandono de uma região tão aprazivel, que parece aos olhos do espectador um *Eden*, com as suas montanhas recortadas, por cuja encosta a mataria verdejante sóbe com um florescimento invejavel, dando maior gráu de capacidade á applicação de qualquer cultura, como o café, a exemplo das boas plantações que nos tempos coloniaes foram feitas em *Arroyos*. Talvez menos propria para a cultura seja a margem esquerda, que, após a resaca apontada, nos pareceu de terras baixas. Em seguida, passámos pela foz do *Ribeirão do Arapary*, formando-se ali a barra ou enseada do mesmo nome, com uma magnificencia

de topographia que nos admirou. Pouco tempo depois, fronteámos o archipelago do *Cocal*, formado de 3 ou 4 pequenas ilhas, que na estação secca se unem, por meio de praias, em uma extensão de 5 kilometros em frente ao sitio do mesmo nome, vendo-se a margem cercada de barracas de cortadores de castanha até a um logar chamado dos *Tres Ranchos*, onde aportámos para almoçar.

Foi-me grato encontrar ahi a tripolação de outra canôa, que, como nós, fazia a viagem de subida. Entre essa gente vi um indio *Cherente*, sobre cuja tribu e costumes falarei mais adeante. Era um rapaz de dezoito a vinte annos e de bôa apparencia, que descêra sadio e forte para a capital do Pará e dali voltava agora acommettido de febres, com os pés rachados de feridas, e com vontade de chegar á terra selvagem do seu berço. Conversei com aquelle indio por algum tempo, e me serviu grande parte das suas informações para um capitulo desta obra.

Em companhia dos viajantes, tomámos banho nas margens arenosas do rio, cujas aguas são tepidas e dão ao corpo uma frescura de saude, e ao espirito uma energia e decisão capazes de lutar contra aquelle isolamento. Vestimo-nos e tomámos a habitual chicara de café, que é quasi um licôr obrigado após o banho, ainda com a roupa molhada ao corpo, como usa a gente da terra, que ordinariamente se não serve da toalha para aquelle fim. Almoçámos regularmente; serviram-nos carne de caça, que começa dahi por deante a ser abundante, e bananas, cujas arvores crescem a esmo ao redor daquellas casas. Despedimo-nos dos companheiros da outra canôa, e fômo-nos encontrando intermitentemente nas diversas pousadas de cima.

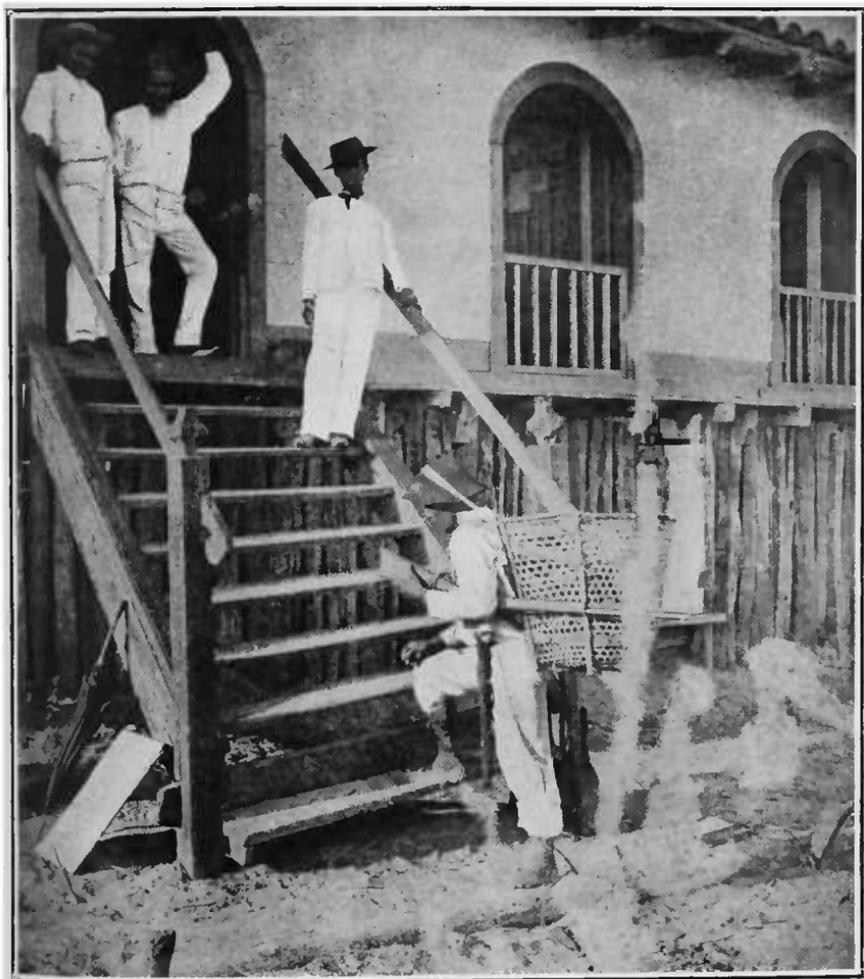
Pouco tempo depois, divisavamos as ilhas do *Correinha*, que são em numero de 3, unidas entre si, no verão, por meio de praias, das quaes a maior tem 500 metros de comprimento. Ha moradores nessas ilhas, assim como na margem esquerda, junto de cuja beirada continuavamos a navegar; entretanto, na margem direita, apenas se divisava aqui e ali a palha

solta de alguma barraca descoberta, em que se abrigam ligeiramente os cortadores de castanha no inverno. Destes pontos os mais importantes são : *Escada Alta*, *Piranheira*, *Pintaóca*, *Prainha*, *Samuúma* e *Queimada*. Entre elles desagua um igarapé ou riacho muito importante, chamado *Muruxaba*, que corre de leste para oeste, muito rico de castanhaes.

Na *Pintaóca*, annos atraz, os indios *Gaviões*, de quem trataremos mais adeante, mataram a flexadas dois pobres homens chamados Cecilio e João Melão, salvando-se um terceiro companheiro por ter abandonado a carga de castanha, e ter-se escondido na mata, que ladeava o caminho que seguiam. Estes indios guardam eternamente o sentimento da vingança, e não se esquecem da offensa, por maior que seja o espaço do tempo em que a receberam.

Contam que, alguns annos atraz, indo por aquella margem uma canôa cheia de homens civilizados, um delles disparou tiros de *rifle* sobre um grupo de indios que estava á beirada, correndo estes em debandada para a mata. Cecilio e seu companheiro, não sabendo desse incidente, se foram estabelecer em barraca para cortar castanha naquella beirada. Depois de alguns dias, notaram, ao se recolherem para a cabana, que uma arvore de ananaz silvestre estava varada de flexa, e encontraram outras fincadas no chão do caminho por onde transitavam. O homem selvagem tem comsigo esse sentimento de nobreza : avisa, antes de atacar. Era, pois, um signal para que aquelles forasteiros se retirassem, se não quizessem ficar varados como a fructa verde plantada na porta da choupana, além de que a flexa fincada no chão é o indicio de guerra ou de desafio.

Não se importaram aquelles pobres martyres com esses avisos, e tiveram de pagar com a vida a insensatez do malvado que, a tiros de *rifle*, talvez matasse algum dos parentes daquella gente assanhada pela colera. Ao voltarem um dia do centro, com os *aturás* (cestos que carregam ás costas), cheios de castanha, foram atacados pelos selvagens, que do



Um indio manso servindo de carregador.



meio do mato fizeram pontaria tão certa, que Cecilio e o seu companheiro foram varados de lado a lado por flexas de *taquára*, (especie de lança selvagem feita de bambú), atira das com tanta força, que atravessaram o cesto e os dois homens.

No dia seguinte, uma diligencia de muitas pessoas armadas fôram ao centro da mata buscar os dois cadaveres, decididos a dar caça aos assassinos. Os dois corpos foram encontrados na mesma posição em que tinham cahido, sem terem recebido após a morte o menor ultraje, pois nem sequer retiraram delles as armas mortíferas.

Mostraram-me de longe o pontozinho que servira de scenario a esta tragedia; e, enquanto eu pensava, com o enlanguescer da tarde, nos mysterios daquelle povo selvagem, me chamaram a attenção para uma canôa pequena e estreita tripolada unicamente por uma mulher, que, sentada na pôpa, remava e pegava ao mesmo tempo o *jacumã* (governo de leme feito pelo proprio remo). Aquella embarcação descia pelo meio do rio como uma setta, rodeada talvez de monstros marinhos e das aguas marulhosas do Tocantins, que, com a vermelhidão do crepusculo, serviam de trophéu áquella heroína e davam um tom poetico ao quadro. Grandes mulheres são as desta terra! Vão sósinhas ao centro da mata buscar a mandiôca, a castanha ou cortar borracha, sem temor das onças e serpentes; tratam da casa, como boas companheiras, cuidando dos filhos e dos esposos com toda a doçura feminina, e, quando é necessario, saltam sósinhas para uma canôa, accendem o cachimbo, e lá vão, a qualquer hora do dia ou da noite, rio abaixo ou acima, buscar um remedio ou tratar de algum negocio urgente.

Continuámos a viagem, enfrentando sempre as ilhas do *Correinha* e vencendo corredeiras difficeis. Fizeram-nos notar as aguas geladas do rio *Tucuruhy*, affluente da margem esquerda do Tocantins, de cuja foz nos approximavamos. A viagem continuava a ser feita de gancho e forquilha, e puxando-se a canôa tambem com o auxilio das ramas da beirada, o que fez que um dos nossos homens, ao pegar

um galho, dêsse com a mão em uma cobra pintada, que quasi o morde e que cahiu para o rio, sem dar loguar a que se pudesse classificar.

Para vencer as corredeiras do Tocantins nestelogar, entra-se pela foz do *Tucuruhy*, cujas aguas são mais tranquillias por causa do delta, e se toma adeante o furo do mesmo nome, o qual communica com o grande rio, correndo entre a varzea chamada *ilha do Tucuruhy* e as terras firmes e altas da margem esquerda.

Chegando ao rio, passámos em frente do porto do *Cupe-lobo*, assim chamado por ter sido logar de uma antiga aldeia de indios dessa tribu, que dá o seu nome ás ilhas fronteiras, em numero de duas, unidas por praias, durante o verão. A largura do Tocantins é ahi de 3 kilometros, e o seu povoamento nesta pequena zona, já apreciavel, é relativo ao numero de canôas, que nessa hora da tarde se viam pelo meio do rio, fazendo communicação entre os pontos, visto não haver quasi caminhos nem estradas pela mata.

Passámos em frente á foz do igarapé chamado *Tucuruhyzinho*, divisando nós immediatamente a *ilha do Timbosal*, por cujo furo passámos, o qual se acha situado entre ella e o continente. O *Timbosal* é formado do agrupamento de 4 ilhas baixas, inundadas no inverno, porém seccas e unidas no verão, e possuindo terras ferteis para o plantio da mandiôca. Pudemos vêr uma pequena roça em uma dessas ilhas.

O continente da margem esquerda tambem se chama *Timbosal*, e ahi aportámos para passar a noite, sendo-nos grato, ao subirmos a barranca, apreciar, já ao escurecer da noite, uma rajada de vento, que trouxe da mata proxima a invasão de um perfume suave e tão bom, que nos fez bater palmas, como se tivéssemos entrado em uma escolhida casa de perfumaria.

Um anno depois, a alguns kilometros abaixo deste logar, appareceram ahi indios vindos da mata e que pelos aenos denunciaram pertencer á tribu dos *Tapiris* (Antas). Estes selvagens, apezar do terror que infundirám com o seu



Almogo dos tripolantes.



apparecimento, se mostravam ainda mais aterrorisados, como se escapassem de uma perseguição atroz e sanguinaria. Parece que os *Tapiris*, tribu que aliás é pouco conhecida no Tocantins, acabavam de ser derrotados em uma guerra que lhes havia sido movida pelas tribus dos *Carajás*, a mais poderosa nação de indios daquela margem: Os vencedores perseguiram os derrotados, desalojando-os do seu paiz, e aquelles dois foragidos, que acabavam de chegar junto á margem esquerda do Tocantins, se diziam commissionados por seus infelizes compatriotas para procurarem nos braços da civilisação um refugio á perseguição atroz dos seus inimigos.

\*

\* \*

Os *Tapiris* são de estatura mediana, de um moreno claro, cabellos curtos, sem tatuagem alguma no corpo, fendo nas orelhas um orificio tão pequeno, como o que se faz nas nossas filhas para o ornamento dos brincós.

Ainda pela madrugada do dia seguinte continuámos a viagem, supportando o granizo de uma chuva miuda e insistente.

Começámos a percorrer um extenso e estreito canal situado entre a terra firme e a ilha, que, por ser muito extensa, denominam *ilha do Caminho Longe*, divisando-se barracas de cortadores de castanha em uma e outra margem. Esta ilha é baixa, calculando-se o comprimento em 5 kilometros.

As corredeiras se multiplicam, á medida que se avança no Alto Tocantins; e, na proporção das difficuldades encontradas, augmentam os esforços herculeos da tripolação. E' curiosa a linguagem empregada pelos remadores daquella navegação especialissima. Chamam á *canôa*, por exemplo; o *pau velho* ou simplesmente o *pau*, e usam de phrases como estas: *O pau vai ou não vai?* perguntam uns. *Se elle está acostumado a ir, porque não há de ir?* respondem com esta interrogação os outros. — *Elle vai com os mil diabos*, exclamam todos em côro, ao vencerem as corredeiras.

Quando, porém, a canôa passa por algum logar tranquillo

ou remanso, a tripolação deixa a forquilha e o gancho para trabalhar simplesmente com os remos, como se estivesse dentro de um porto, e apparecem então alguns trovadores, que, com o cadenciado das remadas, organizam coplas de um chiste e de estro poetico dignos de referencia. Ouvi delles versos como estes :

Vou-me embora, vou-me embora,  
Que me dão para levar?  
Levo penas e saudades  
P'ra no caminho chorar.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Levo o degredo na mão ;  
Se é por mim que fazem guerra,  
Descançados ficarão.

Meu coração tem uma dôr,  
Uma dôr que me consome ;  
Em cada suspiro que dou  
Minha bocca traz teu nome.

A imperfeição e o mutilamento de alguns versos são perfeitamente compensados pelo gráu superior de poesia natural irmanada com aquelles corações selvagens e sinceros, que vivem, dia e noite, juntos do grande rio e das florestas gigantescas, que lhes inspiram a maviosidade dessas imaginações.

Na continuação do percurso pelo longo *Canal do Caminho Longe*, fomos varias vezes surprehendidos por bandos de mutuns, pombos de diversas especies, cujos arrulhos, na phrase de Antonio Vieira, *são mais gemidos que vozes*. Finalmente, seria difficil enumerar os nomes e especies de toda a passarada, que a cada momento cortava a atmospheria e deleitava os nossos ouvidos com suaves cantos, estribilhados pelo grasnar rouco dos papagaios, atarefados nas comedias das matas.

Conversámos longamente sobre a probabilidade e feliz

exito de uma colonisação estrangeira naquella região tão safara e tão prestavel. Fiore inquietava-se a cada momento, levantando-se como para ir buscar no mesmo instante uma corrente immigratoria dos seus compatriotas tão *enganados*, dizia elle, *pelas terras cançadas do Sul*. Este paiz tão rico e na sua quasi totalidade desconhecido ha de ser o orgulho de futuros povos mais patriotas.

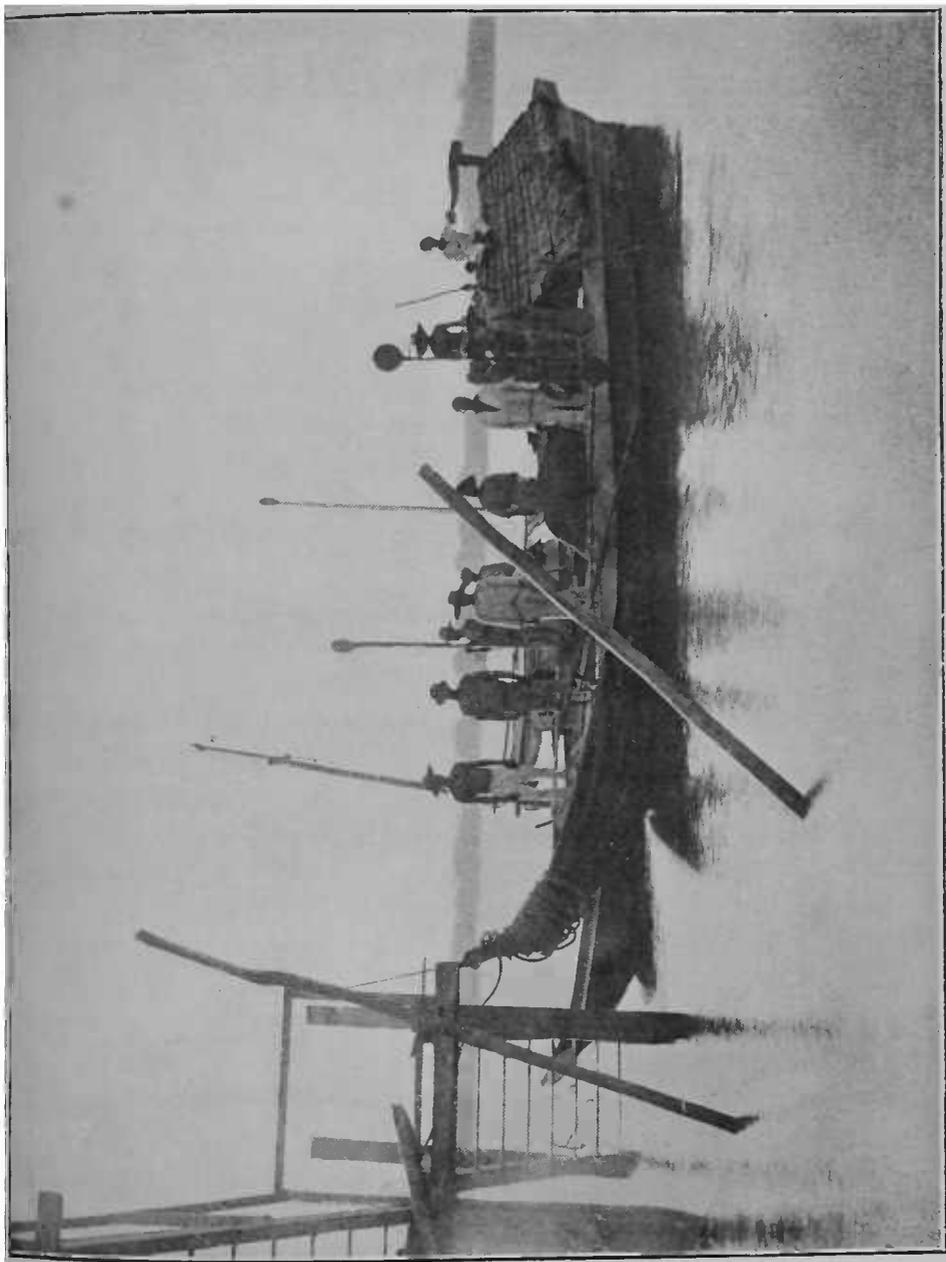
De uma a outra margem se alongam terrenos proprios para qualquer cultura, e campinas verdejantes aptas para a criação de gado ; por toda a parte se vêm terras sem braços, riqueza sem exploração, que é o mesmo que a opulencia occultada pela miseria. Apreciei mais tarde uma opinião de Mr. Coudreau, quando, conversando a esse respeito, me disse : — *Que nas margens do Tocantins se poderia assentar com vantagem qualquer das nações mais poderosas da Europa.*

A questão de salubridade da zona, que não é de pouca monta, será perfeitamente resolvida pelo desbastamento da mata, tão selvaticamente opulenta e tão sezonica. Substituam-na por terrenos cultivados, que entrarão ali, com o sol e o trabalho, a saude e o mais perfeito engrandecimento. Ha infinitos exemplos destes no Pará. As terras mais saudaveis são aquellas em que os seus habitantes se empregam em cultura de roças. Zonas mortíferamente sezonicas se têm transformado em regiões saudaveis, desde que se constróem ali habitações proprias, lavrando proficuamente as terras adjacentes. Italianos ou hespanhóes e até allemães, seriam bem localisados nas margens do Alto Tocantins, onde poderiam escolher a seu bel prazer a planicie ou a montanha para o genero de cultura que desejassem estabelecer, ou para o meio de vida que quizessem ter ; finalmente, campos intérminos para criação de gado, se desejassem continuar a ser criadores. O *bicho de seda*, tão desprezivelmente ali tratado, poderia da melhor fórma ser explorado, e constituiria uma nova industria para a região.

Continuámos a frontear a *ilha do Caminho Longe*, cujo canal, ora tão profundo (3 braças), se transforma, no verão, em extensa praia de areia fina e secca. Quasi no fim deste canal, encontrámos a foz do *igarapé do Inglez*, afluente da mesma margem do Tocantins, avistando-se, ao sair do dito canal, uma parte da *ilha do Inglez*, separada das quatro ilhas do mesmo nome, e onde se acha estabelecido um lavrador e commerciante, chamado Manoel Duarte (Borá), cujo appellido representa um nome de combate na encarnizada lucta da Bôa-Vista (Goyaz), de onde é filho. Cousa curiosa : entre centenas de individuos com quem tratei na minha longa viagem de Alcobaça para cima, não cheguei a vêr mais do que 12 paraenses, sendo o resto desta grande população composta só de maranhenses e goyanos, a quem chamamos impropriamente *mineiros*, denominando elles de *parázeiros* aos paraenses.

O archipelago do *Inglez*, cuja maior ilha tem 600 metros de comprimento, é um dos mais elevados do Tocantins; entremeado de terrenos araveis e de blocos de pedra, como de origem vulcanica. O grande rio tem ahi a largura media de 2 kilometros. Antes de finalizar o canal do *Inglez*, se avista, ainda fazendo parte d'elle e pela frente, a *ilha de S. Miguel*, com 2 kilometros de comprimento, do nome do ribeirão que lhe fica fronteiro á margem esquerda; á margem direita, na mesma direcção, demora o *Ribeirão Macoary*, mais estreito que o de *S. Miguel*.

A ilha de S. Miguel é subdividida em duas partes perfeitamente separadas no inverno, sendo a parte meridional mais baixa e completamente alagada. A margem direita do Tocantins nesse ponto é composta de varzeas inundadas pelas aguas de inverno. O rio volta visivelmente para leste, apresentando moradores e terras cultivadas na margem esquerda. Entrámos pelo *Furo do Defuntinho*; entre a ilha do mesmo nome e a margem esquerda, o qual fica em seguida á parte meridional da ilha de S. Miguel. A ilha do *Defuntinho* é ormada de tres partes ou tres ilhas parallelas, com cerca



Um bote Goyano.



de 2 kilometros de comprimento, separadas só durante o inverno. Foi-nos muito divertida a passagem pelo dito canal, subdividido em duas secções: de um lado, os a cada momento bandos de macacos (*simiæ*) de todas as espécies, e do outro o alarido dos bicos-de-braza. O bico-de-braza, ou *tangurú-pará*, como é vulgarmente conhecido, tem uma grande serventia na cultura do tabaco: devóra todas as lagartas que costumam dar nessa planta, sendo o seu canto tão conhecido signal de alegria para os lavradores de fumo. Sobre esse passarinho corre entre os naturaes uma lenda muito engraçada: o *tangurú-pará* (bico-de-braza) matou o avô do japihim (xéxéo), depois do que ficou vestido tódo de negro, como signal de luto pela sua crueza, tendo ainda o bico tingido pelo sangue do assassinado. O japihim imita o canto de todos os passaros, menos o do *tangurú-pará*, com receio de que lhe succeda a mesma sorte do seu infeliz ascendente.

A mata barrancosa da margem esquerda assemelha-se, com a sua verdejança opulenta, a bellos capiteis projectados pelo genio caprichoso de um artista, formando situações magnificas para futuras vivendas.

Logo que passámos a primeira secção do Furo ou Canal do *Defuntinho*, appareceu-nos pela proa a margem opposta, tambem elevada e rica. Parece incrivel que por esse furo tivessem passado, no curto periodo invernososo de Janeiro a Março, cerca de 300 botes de grande calado, procedentes do Alto Tocantins e carregados, no total, da insignificante fortuna de 2 mil contos!

As duas secções do *Defuntinho* distam uma da outra cerca de 1.000 metros, depois do que se sái no rio desassombradamente, divisando-se, pela frente, a *ilha do Remanso* e o grande vulto da *ilha do Tocantins*, a maior que encontrámos em toda a nossa travessia, e cuja superficie é, entretanto, muito inferior á do *Bananal*, já no rio Araguaya, a qual Levasseur equipara ao territorio do Reino de Portugal.

Navegando ainda pela margem esquerda, chegámos a

um lugar conhecido por *Piranheira*, sitio de antigas culturas e de bello panorama. Foi ahi o ponto escolhido para pernoitarmos. Mandámos atracar a canôa, e subimos com os nossos cargueiros a ingreme ladeira, toda plantada de cannaviaes abandonados e já cobertos de espinhaes e ervas selvagens, convertidos em um verdadeiro criador de formigas de fogo e mutucas, que nos perseguiram naquelle resto do dia. Entrámos em uma barraca abandonada, em cujos esteios carcomidos amarrámos as rêdes, onde só descansámos e dormimos, depois que as formigas e outros insectos malignos entenderam finalizar a perseguição, que cruamente fizeram á nossa epiderme.

No dia seguinte, levantámos acampamento, e seguimos a jornada no meio do canto dos passaros, volteando a costa da *Piranheira*. Achei exquisita ali a presença de certas aves que só tínhamos visto nas costas do mar. Além das gaivotas, que sempre acompanhavam a nossa viagem, vimos outras chamadas *tesouras*, cuja cauda comprida tem o formato desse instrumento, e ainda outras denominadas *corta-aguas*, cujo bico comprido traça na superficie do rio uma recta de centenas de metros, com a delicadeza de um bom tira-linhas. Só então vimos junto á margem direita uma ilha, a do *Xiqueirão*, em frente ao riachão do mesmo nome, cujas margens são fertilissimas de grandes castanhaes, e aonde afflue, no inverno, grande numero de cortadores. Em diversas observações, notámos que as aguas dos igarapés têm uma differença de 8 a 10 gráus centigrados para baixo da temperatura das aguas do grande rio, cuja velocidade foi ahi tambem calculada em cêrca de 18 kilometros por hora.

A costa da *Piranheira* é, para o lado meridional, povoada de muitos moradores e cercada de pequenas feitorias agricolas. Das matas vizinhas rescendia perfume agradável, que se misturava com o queimado das roças e com o cheiro acre dos cannaviaes e mandiocaes adjacentes, dando um tom de energia aos viajantes, alquebrados da jornada. Adeante, passámos entre as ilhas do *Xiqueirão*

e do *Remansinho*, dando esta ultima o nome a um riachão que corre fronteiro, na margem direita, de leste para oeste, tendo na foz 10 metros de largura. Vimos em um sitio daquelles arredores alguns indios domesticados, que, pela pressa da viagem, nos não pudemos certificar a que tribu pertenciam.

Às 11 horas do dia, aportámos, na margem esquerda, em um logar chamado *Raphael*, por nelle residir um ex-soldado desse nome. Almoçámos uns excellentes peixes, que Carlos Leitão fizera despescar de um espinhel que tinhamos encontrado mais abaixo, operação que repetimos muitas vezes, como se os espinheis extendidos no rio fossem de serventia publica. O velho soldado me contou anedoctas de fazer rir sobre as suas caçadas ao centro, e a sua nova vida de lavrador, môstrando [diversos productos das suas roças, que eram plantadas um pouco afastadas da beirada.

Ao sair daquelle ponto, fronteámos de novo a ilha do *Remansinho*, que calculamos ter 300 metros de comprimento, e que fica quasi unida á parte septentrional da ilha do Tocantins, confronte ao riachão do mesmo nome, que corre na margem direita de sueste para noroeste.

Nesta secção existem, daquelle lado, os melhores castanhaes, cujos principaes pontos e logares de barracas no inverno são os seguintes: *Jauary*, *Trapiche*, *Sucurijú*, junto do qual corre o riachão desse nome, *Ponta de Pedras*, *Samuhuma* e *Jacundá*, que fica já fronteira á grande *Cachoeira da Itaboca* e junto do *Riachão do Jacundá*, correndo de sul para norte, com pequeno angulo de differença da direcção do rio. Quanto á margem direita, só é povoada adventiciamente durante o inverno, e a esquerda continúa a ter moradores estaveis com principios de bôa agricultura.

Notamos então que a ilha do *Remansinho* forma um pequeno archipelago junto á do Tocantins, constituido pela *ilha do Cabello*, alta e elegante, e a da *Cotia*, que fica entre aquellas duas ultimas. Este grupo de terras altas faz que o canal da navegação se faça, durante o verão, junto á

margem direita; ao passo que as aguas de inverno tornam aquella parte de tão impetuosa corrente, que os botes aproveitam, para subir, os remansos da margem esquerda, só inundada nessa época.

A ilha do Tocantins forma uma das mais ricas situações do grande rio ; está livre de todas as inundações, porque as suas terras ficam a 3 metros de altura acima das maiores enchentes; demais, é formada de terrenos feracissimos, prestaveis a diversas culturas, cheios de grandes castanhaes como se fosse terra firme, e formando em uma extensão de algumas leguas quadradas, no centro, excellentes campos, que se prestariam não só para a sôlta, como tambem para a criação permanente de gado vaccum, se não fosse a grande quantidade de onças, que devastam e estragam mensalmente grande numero de rezes. A corrente d'agua, que passa junto, se prestaria a ser utilizada como força motriz para mover qualquer engenho ou serraria, havendo ali grande numero de madeiras de construção. No verão, ella fica unida á margem direita, pelas praias, á excepção de pequenos póços d'agua; possúe 20 moradores, todos empregados na lavoura e no córteda castanha.

A costa da margem esquerda, por onde continuavamos a navegação, chama-se *Ponta Grande*, seguida depois pela costa do *Remansão* ; *Ponta Grande* termina em terras altas como as de Baião, por effeito de algum espigão de serra que vem novamente, como já explicámos atraz, surgir nessa margem ; na costa se vêm excellentes e magnificos sitios, cuja moradia é invejavel.

Descortinámos dahi a grande bocca do *Canal do Inferno*, julgado até agora intransitavel, mas que forma, a nosso vêr, com o *Capitariquára*, o verdadeiro leito do rio e a passagem mais racional do Tocantins, depois de serios melhoramentos para a sua navegabilidade. Na costa do *Remansão*, a agua corre para cima, por effeito do remanso, e ahi a praia é formada de um grande pedral, o que produz um estrondoso marulho de aguas no inverno ; neste turbilhão se encontram diversas corredeiras, dentre as quaes a mais importante, a

mais longa e a mais difficil de ser montada é a do *Paraiso*, nome tirado de um excellente sitio fronteiro, pertencente a Manoel Joaquim, agradavel mulato já edoso, influencia politica e autoridade policial. Manoel Joaquim nos mostrou, guardados em um cofre precioso, alguns officios de simples expediente, remettidos pelas autoridades do Pará, como se fossem testemunhos do seu grande valimento e importancia; depois do que, nos levou ao seu pomar formado de alguns hectares plantados de bananeiras de diversas especies, cacãoeiros, caféeiros, goiabeiras, lorangeiras, etc. Ao descermos o barranco para tomar a canôa, contaram-nos que aquelle homem repartia ali a justiça sem as clemencias do seculo, e, não confiando na segurança das prisões, tinha sempre á sua disposição um certo numero de troncos de ferro ou madeira, para prender as pernas e as mãos dos delinquentes, auxiliando-se algumas vezes de cordas. Isto, que parecerá, no nosso meio civilizado, um extremo de perversidade, é, entretanto, ali necessario, porque a grande massa de forasteiros, que todos os annos invade aquella região pela ambição da safra da castanha, tem no meio de si muitos criminosos, homens perversos e desertores do exercito ou de revoltas anteriores, de sorte que os crimes lá se reproduzem, annualmente, com frequencia e quasi com impunidade incrível. E' necessario que o Governo do Pará tome providencias a esse respeito; entre ellas, que faça crear uma comarca ácima de Baião, cujo territorio já é extensissimo e impossivel de ser bem servido pela acção da justiça, que fica até agora tão distante. Assim, por exemplo, perto daquella beirada, um certo Felippe matára a propria esposa, lançando-a á voragem do rio. Ficou este crime impune, asseverando-se a innocencia do criminoso. A infeliz ia para uma festa com o assassino, e no meio da noite descia o rio, dando-se sem duvida uma scena tragica, de que resultou desaparecer a mulher e encontrar-se o homem, na beirada, em estado de embriaguez. Quando perguntei aos parentes se o cadaver da desditosa não tinha

boiado para se conhecer qualquer mutilação por meio do corpo de delicto, com ingenuidade rustica me responderam que a moça levava ouro comsigo, o que, segundo elles, faz pezar os corpos e conserval-os no fundo.

É muito perigosa a viagem nessa secção. Logo que embarcámos, divisámos, pela frente, a linha das primeiras pedras da grande cachoeira, e é provavel que o leito do rio esteja em grande parte semeado desses escolhos, porque sentimos varias vezes a nossa canôa esbarrar em pedras do fundo. Como sentinella ou atalaia daquelle canal, appareceu, pela frente, a *ilha do Bandeira*, de 600 metros de comprimento, cuja ponta meridional fica em frente ao *Canal do Inferno*. Fronteiro á ponta septentrional da mesma ilha, corre no continente da margem esquerda o *igarapé Piteira*, que dá o nome áquelle pedaço da costa. Depois da ilha do *Bandeira*, chega-se logo á do *Areião*, fronteira á povoação do mesmo nome, em cujo ponto desembarcámos, aceitando a hospitalidade do Sr. Francisco Accacio, moço bem intencionado e intelligente, a cujos esforços se deve grande parte do desenvolvimento daquelle logar elevado á categoria de povoação um anno depois desta minha viagem, com o auxilio das boas informações que dei sobre a sua bella topographia e do seu crescente incremento.

O viajante que sóbe o rio faz ali aguada. Areião tinha cêrca de 200 habitantes, e é formada de duas ruas ou dois bairros, um na terra firmé da margem esquerda, onde se acha a séde, e outro na ilha fronteira, chamando-se o primeiro *Areião* e o segundo *Nazareth*. No rigor do verão, aquelle braço do rio, situado entre as duas vias, se transforma em uma bella avenida de areia, communicando-se então os habitantes de uma e outra parte a pé enxuto, o que fazem em canôa, durante o inverno. A população do Areião varia consideravelmente. Aggregam-se a ella, durante o córte da castanha, centenas de forasteiros, de sorte que é difficil lhe dar um computo medio. A sua topographia é pittoresca e bella. Avistam-se, pela frente, as ilhas do Bandeira e do

Areião, separadas entre si por um braço do rio. Vê-se dali o desenvolvimento recto do Tocantins para baixo, e a Cachoeira da Itabóca para cima, prestando-se, assim, a ser o centro de um futuro commercio. Possúe a povoação uma ermida catholica, erguida a expensas do povo e sob a iniciativa do mesmo Francisco Accacio; uma subprefeitura policial, e uma escola primaria, creada por uma proposta minha. O clima é ameno e temperado por continuados ventos aliseos; a salubridade não é má, e mais satisfactoria seria, se a população cuidasse de melhorar os meios da alimentação publica, e se não entregasse com tanta loucura, todos os annos, ao embrenhado das selvas, para conseguir maior safra de castanha.

Passámos ali todo o dia 15 de Março preparando-nos, como o fazem todos os viajantes, para a subida da cachoeira, e aproveitando o tempo em fazer observações nos arredores, apanhar alguns animaes e sobretudo plantas, para, no limite da nossa competencia, melhorar esta noticia. Ora nos mettiamos pela mata a dentro, ora tomavamos uma canôa, e desciamos pelo braço do canal *Adrião*, que vai até Bruno, voltando sempre para a povoação com os chapéus cercados de flores silvestres, e carregados de pedaços de madeira, insectos e outras bugigangas, como diziam os profanos de lá, o que fazia vir as mulheres e os homens á porta das casas, para darem gostosas gargalhadas á nossa custa, como se nos considerassem doudos ou maniacos.

## CAPITULO IX

Tropeço da *Cachoeira da Itabóca*; ilhas e canaes que a subdividem. Verdadeiro curso do rio. *Cachoeira do Inferno*; sua inacessibilidade e belleza. A lenda do padre. Subida da *Itabóca*. Diversos meios de passar as cachoeiras. Rebojos e quedas que compõem a Cachoeira da *Itabóca*. *Cachoeira do Correão*. O *Caminho do deserto*; necessidade de ser substituído por uma bôa estrada de rodagem. O *Macaco cuziú*. O passaro *João-de-barro* e suas exquisiteces. Panorama tetrico da Cachoeira. Casa de José da Costa e excellentes qualidades desse logar para uma hospedaria. Historia visionaria dos barqueiros. Excursão ás matas; as principaes especies de madeiras do Tocantins. Interview com dois indios Cherentes: seus costumes e a facilidade da sua catechese.

A 68 kilometros de Alcobaga encontra-se a dentadura de pedra do grande rio, que com um fragor medonho despeja, por segundo, no plano inferior um lençol de muitos billiões de litros d'agua, capaz de saciar a sêde do mundo inteiro.

E' a Cachocira da *Itabóca* o tropeço daquella navegação, e ali está, como uma guilhotina, a ceifar dezenas de vidas por anno e a devorar riquezas com a insensatez de um perdulario.

Contaram-me que, dias antes, aquella cachoeira em lucta aberta com o barco de um tal Bastos, o tinha reduzido a gravetos, devorára-lhe a fortuna de contos, matára um tripolante e cuspira outros de encontro ás pedras da beirada, em trajes de selvagem.

Quem sabe se dahi a dois dias eu não seria contado no calendario das victimas? A *Itabóca* é o primeiro salto mais importante do Alto Tocantins. O rio nesta parte é atraves-

sado por tres grandes ilhas parallelas ás margens : a do *Areião*, cujo seguimento se chama do *Inferno* ; a do *Urubú* e a do *Capitariquára*, das quaes a maior é a segunda. São todas altas, de constituição granitica e em declive ascencional, e tão largas que apenas deixam o rio correr entré ellas por quatro estreitos canaes, que formam outras tantas cachoeiras : o da *Itabóca*, propriamente dito, entre a terra firme da margem esquerda e a ilha do *Inferno* ; o do *Inferno*, entre a ilha deste nome e a do *Urubú* ; o do *Capitariquára*, entre a ilha do *Urubú* e a daquelle nome ; e o do *Jacundá*, entre a ilha do *Capitariquára* e a terra firme da margem direita. A primeira cachoeira, apezar dos grandes perigos, é a de mais facil salto ; por isso, serve para a navegação ordinaria dos barcos e canoas, sendo as duas ultimas só procuradas, em casos excépcionaes ; por cortadores de castanha daquelle margem do rio. Os dois canaes que ficam mais proximos das duas margens são os mais seccos no verão, o que prova que o verdadeiro curso do rio passa pelos do centro.

Desejei, na manhã de 16 de Março, vêr de perto a horrenda Cachoeira do *Inferno*, de cuja navegação todos fogem com terror. Pousadas sobre as pedras carunchosas da beirada, candidas garças sacudiam as pennas, emquanto as gaiotas, soltando pios estridulos, pescavam sobre a superficie revoltá do canal. Grandes flôres claras, de pedunculos vergados, embalsamavam a atmosphera de um perfume selvagem, entregando-se ás espiraes das borboletas brancas, que adejavam doudamente de uma a outra margem.

Quem tem alma de poeta, acha belleza até nos precipicios.

O abysmo tinha a borda dourada de miragens. O sol, com os seus raios das dez horas, dava ás aguas daquelle inferno uma scintillação de aço.

Era a morte que estava deante de nós, para o temerario que sacudisse uma linha do leme para o meio.

Fiore declamou uns versiculos da *Divina Comedia* :

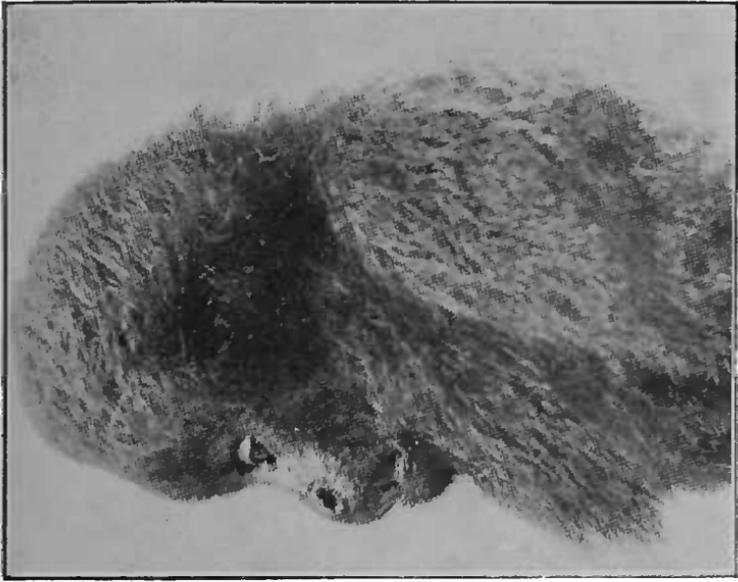
*Lasciate ogni speranza, o voi ch'entrate.* Calamo-nos todos. Interrompi o silencio, de admiração, perguntando se

alguem já tinha saltado aquella cachoeira. — Só um padre, responderam-me. — Um padre? retorqui eu. — Era um homem cheio de fé e de virtudes, accrescentou um velho barqueiro. Achou que era peccado chamar de Inferno a uma obra de Deus, e infundiu tanta fé e tanta ousadia aos seus camaradas, que fez a embarcação, em que vinha, saltar a cachoeira, enquanto elle dizia missa sobre a tolda da canôa!

Disseram-me ser a força da correnteza tão violenta, que fazia saltar para o secco os grandes peixes que desciam o rio. Enterneci-me distraidamente acêrca da lenda religiosa que acabava de ouvir, e me parecia ainda, na minha imaginação exaltada, vêr o sacerdote, como o Christo, atravessando impavido o abysmo.

Com fé ou sem fé, ninguem quiz imitar o exemplo do temerario padre, e a navegação pela Cachoeira do *Inferno* é até agora um problema difficil de resolver. Para o verdadeiro cientista, o canal do *Inferno* não só é o mais bonito, pelo que se devêra antes chamar do Cçu, como tambem deve ser o preferido para fazer delle a via da navegação futura. Não ha pratico nem piloto que conheça perfeitamente os seus pontos de quedas e a melhor passagem para botes, visto que todos correm delle, espavoridos. Acredito que uma commissão de engenheiros hydraulicos não teria difficuldades em fazer ali um bom estudo de sondagem, por causa das grandes pedras que vão das margens até junto do canal, e aonde qualquer pessoa se póde, a pé, transportar facilmente.

O outro canal, o de *Capitariquára* (que na lingua tupy quer dizer *logar de tartaruga macho*), tem a navegação conhecida por alguns praticos, e me asseveraram que os Coudreau pretendiam, na volta da sua primeira viagem, descer por elle. Tem um volume d'água inferior ao do *Inferno*, porém duas vezes superior aos da *Itabóca* e do *Jacundá*. Nelle ha tambem grandes pedras, pelo meio, e bellas e elevadas quedas d'água, sendo uma das principaes a que é feita



Guxit.



por tres pedras ou tres degráus regulares, cuja descida por canôa é perigosissima. A navegação por elle é preferida nos mezes de Agosto a Outubro, por faltar completamente agua no canal da *Itabóca* e no do Jacundá.

Ás 10 horas da manhã de 17 de Março subimos por nossa vez a *Itabóca*. Chovêra muito á noite; a agua engrossara de volume, e um vento de suéste dava ao corpo uma frescura incommoda. A subida dos botes nas cachoeiras é um trabalho insano. Na internada, o barco segue, palmo a palmo, pela beirada; os proeiros seguram com os ganchos em todos os ramos que pôdem servir de apoio a um impulso para avante, enquanto os outros tripolantes, munidos de grandes forquilhas, dão, com o peito de encontro ao tronco das arvores, o mesmo movimento. Nos rebojos mais fortes se recorre ao *puzador*, como chamam o trabalho que a equipagem faz com os grossos cabos de manilha: dois homens saltam n'agua, com risco de vida, levando a ponta de um ou dois cabos, amarram-nos fortemente em arvores seguras, e o resto dos remadores, na proa, puxam por elles a canôa para deante.

No rigor do verão, quando em mais de dois terços o Tocantins se transforma em areial, é quasi desta fórma que se faz todo o curso da navegação, sendo necessario em muitas partes, onde o rio é mais secco e a corrente mais forte, levar nas costas a carga das canôas e arrastal-as pela beirada.

A *Itabóca* compõe-se de diversos rebojos e quédas, cujos principaes são os seguintes: o *Arrepellido*, nome dado ao primeiro travessão da cachoeira, aonde a alma do navegante de primeira viagem jura nunca mais voltar; o *Tortinho* ou das *Tartarugueiras*, onde verdadeiramente o canal fica tão desviado e a corrente é tão forte, que a canôa só pôde seguir amarrando-se um cabo na proa e outro na pôpa, ficando um seguro na margem opposta ao outro, e formando assim um conjuncto de duas forças quasi parallelas e em sentidos oppostos; o *Correinha*, onde calculamos ser a velocidade d'agua de 80 kilometros por hora; o *Ananazinho*, perigosissimo

rebojo, sobretudo pela pedra do João Ayres, desgraçado que lhe deu o nome, depois de ter ali soffrido dous naufragios; no ultimo dos quaes perdeu a vida; finalmente, o *Correão* ou a quéda do João Corrêa, cuja maior altura é de 2 m. 30; sendo, no verão, mais difficil a descida, porém, no inverno, mais perigosa, á vista da enorme massa d'agua que augmenta a velocidade do ataque á cachoeira.

A differença de nivel entre o vertice desta quéda e em baixo ao rebojo do *Arrepellido*, é de 22 metros; cujas cotas são distribuidas irregularmente em uma distancia inferior a 3 kilometros.

Entre as pedras mais notaveis daquelle logar tão cheio de superstições fetichistas, notei uma que a ignorancia do povo diz — *que geme* —. Entretanto, estivemos algum tempo junto della, e Fiore lhe bateu com o couce da espingarda muitas vezes, sem que ella desse um pio.

Continuámos a viagem. A agua, impetuosamente levantando a proa e arrastando a pôpa da canôa quasi ao nivel das pedras da corrente, borrifava sobre nós, como se estivessemos sujeitos a um chuveiro.

Confesso que tive mêdo naquelle trecho de tão arriscada viagem. Tomava em silencio as minhas notas, quasi sem espirito para admirar as bellezas da Natureza, que, como perfida miragem, terá muitas vezes seduzido os incautos.

Ás 11 horas da manhã, depois do almoço, o piloto nos aconselhou que salvassemos o resto da cachoeira por terra, visto que provavelmente a nossa canôa teria de pernoitar amarrada ás espias da beirada, soffrendo toda a noite a impetuosidade da corrente, o que constitue um dos maiores perigos da navegação.

Desembarcámos, Carlo Fiore, eu e um rapaz encarregado de nos servir de guia. Cada qual tomou uma espingarda de caça, accendemos charutos, e, ao cheiro do oxygenio da mata, creámos alma nova. Tomámos uma estrada estreita, a qual chamam *Caminho do deserto*, muito batida, porque por ali se faz o carroto; a braços, da maior parte das cargas das

canôas, tanto de subida como de descida, pois as embarcações costumam subir e descer ali quasi completamente alliviadas de peso, obrigando os viajantes a fazerem duas estações de 3 a 15 dias, tanto em baixo como em cima da cachoeira.

Que bom seria se o Governo, ao lado de outras estradas de rodagem, algumas de menos utilidade, mandasse tambem abrir esta, que terá no maximo 2 ou 3 pontilhões, com largura precisa para o transito de carroças e animaes !

Com certeza, isto chamaria maior numero de concorrentes á navegação do Tocantins, abreviando de uns 15 dias o percurso da viagem.

O nosso guia era um mulato de feição espirituosa e meiga, sobre o qual, nos tinham segredado ao ouvido, recahiam suspeitas de uns 3 assassinios ; falava-nos alto como se estivesse no meio do barulho do canal, e narrava-nos com calor as minudencias da estrada.

O *Caminho do deserto* tem 3 ou 4 kilometros, e, contra a minha expectativa, é quasi todo plano, atravessado por 3 filetes d'agua, pequenos riachos situados entre grotas de menos de 1 m.de altura.

Caminhavamos sob uma abobada de arvores, poleiro cheio de bellas aves, nas quaes queria o meu collega a cada momento fazer alvo, sendo no mesmo instante por mim impossibilitado, sob o pretexto de que aquelles bonitos *specimens* da nossa fauna eram caça de quasi nenhum prestimo para a mesa.

Teriamos chegado com as sacólas vasias, se o nosso guia, sem nos consultar previamente, não tivesse matado de um tiro um exquisito macaco, ao qual chamam *Cuxiú*, classificado pelo erudito Dr. Emilio Gœldi como o *Pithecos Satanas*. É um bello animal, cujo cabello, penteado em dois bandós, me fez lembrar os *dandys* da rua do Ouvidor, e cuja barba, separada a *Carnot*, lhe dava os traços de um mulato velho com quem tinhamos estado dias atraz.

Fiore mandou assentar o corpo inanimado do animal em um toco de páu, e lhe deu a honra de passar para uma pa-

gina da caderneta os traços physionomicos daquella peça de caça, que nos garantiram ser de bom paladar.

A nossa digressão tomou dahi em deante um caracter venatorio.

Assanhadas pelos tiros, as aves ensurdeciam a mata em um còro de modulações variadissimas. Em certos sitios parecia estarmos no meio de um bosque. As trepadeiras, os arbustos e as urtigas fenecidas deixavam a nú as elevadas, limpas e cylindricas hastes das grandes arvores, cuja ragem altiva agitava um vento fresco de horizonte desfogado.

Em uma pequena ribanceira que tivemos de atravessar, vi o ninho exquisito de um passaro, que chamam *João-de-barro* (*Furnarius*).

Admirámos a contextura daquella pequena casa, toda feita de argamassa, e a intelligencia e habilidade daquelles passaros engenheiros, que dão á edificaçõzinha a resistencia precisa para soffrer o rigor de todas as intemperies, sem lhe rachar nem diluir uma linha. Esta casa tem um aposento reservado para a femea, e outro mais espaçoso para o macho.

Correm nestes logares muitas historias sobre as exquiritiças destes passaros, muitas das quaes ouvi referidas pelo Dr. Gœldi, que, em conversa, me disse estar em mãos com uma obra a respeito delles. Dizem, por exemplo, que o *João-de-barro* faz a casa com a porta da entrada sempre voltada para o nascente; que parece conhecer o calendario christão, visto que não trabalha aos domingos, passando o dia dentro de casa; que, finalmente, quando encontra a esposa em adulterio, a castiga, depois de encerrada, tapando a porta do ninho, que elle abandona para sempre no meio da mata, como uma sepultura. E são esses animaes que nós tão injustamente chamamos irracionaes?!

Em certas pontas o *Caminho do deserto* se torna pedregoso, e era quando mais distinctamente ouviamos o ruido selvagem do rio e, como um echo perdido, os gritos de coragem ou agonia dos barqueiros que subiam. Coitados! talvez

nessa hora estivessem sendo talhados sobre as pedras do canal, enquanto nós, gozavamos a vida, aspirando o ar embalsamado daquela natureza opulenta. « Os senhores querem vêr de perto a Cachoeira Grande? » perguntou-nos o mulato. Por unica resposta, seguimos uma vereda, que atalhava pela esquerda o nosso caminho. A alguns passos de distancia, appareceu-nos a clareira da beirada, e, sob o impeto da luz que nos fustigou a vista, a serpente indomavel da cascata, que estrugia, como uma bomba de encontro aos grandes seixos do canal. Um tenue vapor claro fazia ondear a corrente com os respingos d'agua. Lá estava em baixo a pedra do João Ayres, apenas uns 14 metros cubicos de granito, a zombar da energia humana, como se não estivessemos no seculo da dynamite!

Uma bomba, das que os anarchistas estão, a cada momento, estragando, sem attingir as suas victimas, lançaria muito longe dali aquelle estorvo da navegação do grande rio, alargando e desembaraçando o canal.

Em quanta cousa não tem o Governo ainda que pensar!

Em quanto eu fazia estas divagações, Carlo Fiorè, com a exequibilidade pratica que lhe reconheci na viagem, tinha cortado uns ramos de arbustos, dos quaes fizera assento na beira do barranco, e com a pericia de bom amator desenhava, como se estivesse no seu *atelier*, a perspectiva da cachoeira nesse ponto. Consultei o aneroide; marcava 161 pés de altitude; abri a caderneta, tomei as minhas notas, e, com as informações do guia, fiz no verso da pagina o *croquis* topographico do rio, das ilhas fronteiras e canaes.

Notei então que esbarrava com o pé em um pedaço de páu, que reconheci ser uma cruz fincada em terreno mais baixo; observei que havia ainda outras cruces enfileiradas por ali em niveis differentes. « Isto é um pequeno cemiterio? » perguntei. « Não, senhor, respondêu o guia; são as sepulturas da gente que por aqui morre afogada, e cujos corpos ficam enforquilhados nas pedras ou parados nos remansos : são enterrados por aqui mesmo. » Pobres infelizes, que, deitados

sob a areia humida, sentem correr por cima, tripudiando de colera, o mesmo rio que lhes serviu de verdugo!

\*  
+ \*

Depois de meia hora, abandonámos o sitio, continuando a jornada sem outro incidente. Após muitas consultas á nossa bussola, para reconhecermos o traçado do caminho, que percorriamos vagarosamente para estudar a zona com detença, chegámos, ao cair da tarde, ao descampado de uma grande roça, onde as cigarras ciciavam em prolongados *psios*, no prenuncio de um crepusculo quieto e morno.

Dava o sol uns ligeiros tons de fogo ao carvão das madeiras mal queimadas, que se intromettiam entre a maniva e o milho.

No fundo, com uma côr de ouro, apparecia a cobertura de palha da casa de um tal José da Costa. E' um creoulo sadio e forte, casado com uma velha, a quem respeita como mãe. Moravam em uma casa, ponto terminal do *Caminho do deserto*, situada no alto da *Itabóca*. Sendo ali o logar em que as canôas carregam e descarregam para subir ou descer o rio, é um pouso obrigado aos viajantes.

A casa era aberta, entrava-se sem pedir licença; no terceiro, em grupos aqui e ali, as tripolações das diversas canôas e barcos ancorados no porto, a poucos metros de distancia, assavam em fogueiras a *matalotagem*; e os patrões, espichados nas rêdes, amarradas dentro da casa promiscuamente, perguntam uns aos outros donde vêm e para onde vão. Que excellente logar para uma bôa hospedaria e uma afreguezada casa de commercio, com animaes e carroças para se transportar, em uma hora, a carga dos barcos, o que ali se faz em muitos dias! No entanto, a ignorancia ou a pobreza do dono da casa ainda não tinha descoberto esta verdade, que é palpavel aos olhos do primeiro viajante que lá chega.

Ultimamente soubemos que o intelligente apprehendedor paraense, Juliano Penna, entrando em combinações com esse mulato, de quem fizera seu caixeiro, estabelecêra ali uma boa casa commercial. O que parece certo é que o

creoulo Costa, pelo vicio da aguardente e desejo de querer representar o papel de branco rico, tem embaraçado a fortuna do novo estabelecimento, onde o nosso infeliz conterraneo, ha poucos annos, falleceu.

Ao escurecer, um remador da nossa canôa veiu avisar ao patrão que ella ficára amarrada aos cabos na cachoeira grande. Que noite de vigalias não passaria aquella gente, noite dormida aos sobresaltos, em cima da morte, com o perigo imminente de acordar na eternidade !

O systema nervoso dos tripolantes fica tão alterado, que muitos remadores me contaram, por vezes, os assombros das noites ali passadas. Percebe-se, dizem elles, o remar das canôas outr'ora perdidas na voragem, e se conhece a voz de antigos companheiros mortos ali, animando uns aos outros a remarem, ora para a direita, ora para a esquerda. E depois, ouvem o fragor da embarcação phantastica que bate de encontro ao rochedo, seguindo-se dahi a agonia das victimas e o silencio da natureza. Esse espasmo nevralgico é quasi commum aos viajantes da paragem; pela manhã, toda a natureza ri, com o perpassar da briza, da loucura daquelles sonhos.

Despertámos no dia 18 de Março aborrecidamente extenuados, como se nós proprios tivéssemos luctado com a cachoeira. Fômos muito cêdo ao banho no rio, cujas aguas têm, pela manhã, uma temperatura mais morna do que pela tarde, phenomeno que é commum em toda a região amazonica. Reparámos que o Canal da *Itabóca* tem ahi a largura de 1400 metros, inferior á parte baixa da cachoeira, defronte do canal do Arrependido.

Depois do banho, Fiore Leitão e eu tomámos as espingardas e seguimos para a mata; foi-nos então grato ver a opulencia da nossa flora e dissertar em commum sobre a nossa riqueza vegetal.

A flora daquella região é, no Baixo Tocantins, um pouco differente da do Alto em certas especies de madeiras; na varzea ou logares alagados, é o terreno muito diverso do da terra firme; e dahi, diversidade de condições de cultura e de generos de fertilidades.

Não somos especialista para fazer um estudo completo a esse respeito ; entretanto, daremos ligeiras considerações que hão de servir á competencia dos doutos. O *Acapú* (Andira Ambletii) e o *Páu amarello* são communs no Baixo Tocantins e não ha delles um só exemplar no Alto.

Vamos enumerar resumidamente as especies de madeiras mais communs e mais applicaveis á existencia pratica em toda a região tocantina. São ellas :

*Ipé* ou *pau d'arco* (Tecoma chrysantha), *Piquiá* (Caryocar villosum), *Maçaranduba* (Mimusops elata), *Umiry* (Humirium floribundum), *Pau rosa* (Dicypellium sp.), *Bacury* (Platonia insignis), *Sucuba* (Plumeria phagedaenica), *Lacre vermelho* (Vismia guyanensis), *Unany* (Symphonia globulifera), *Pau de Breu* (Icica glabra), *Taperebá* (Spondia dulcis), *Louro* (Ocotea sp.), *Cumarú* (Dipteryx odorata), *Angico* (Acacia angico), *Carepé* (Licania floribunda), *Arvore de pão* (Artocarpus incisa), *Uchi* (Saccoglottis Uchi), etc.

Ha outras especies, cuja classificação scientifica nos é completamente desconhecida, taes como : *Ilaúba*, *Jutahy*, *Jacarandá*, *Peroba*, *Macucú*, *Matá-Matá*, *Guajará*, *Ajarana*, *Guarúba*, *Pracuhúba*, *Pracachy*, *Muyraximbé*, *Genipapo*, *Amapá*, *Ucuúba*, *Muirapinima*, *Maracatiara*, *Umary*, *Pau Santo* ou *Coração de Negro*, etc.

Estas arvores têm utilidades multiplas. Assim, a castanheira, a andirobeira e as palmeiras de que atraz falámos, dão excellentes fructos, de que se extráem, oleos para diversas industrias ; outras dão fructos proprios para alimentação, como o bacury, umary, cutitiribá, etc. ; outras são prestaveis para a marcenaria, tinturaria, e outras, finalmente, são por si combustiveis, algumas das quaes, como a muyraximbé, chegam a rivalisar com o carvão de pedra e dellas se utilizam as fornalhas de muitos vapores que fazem as viagens dos nossos rios.

Ao redor dos câmpos do Alto Tocantins se encontram certas arvores que não existem no Baixo. Dou de proposito algumas que me mostraram, taes como : a *Aroeira* (madeira de cons-

trucção), o *Piquiseiro*, differente do piquiázeiro; o *Jatobá*, que se parece com o nosso jutahyseiro; a *Candêa*, bôa para combustivel; a *Jacareúba*, que ali chamam *Landri*; a *Guaibirabeira*, que dá uma das melhores fructas do campo, etc.

Finalmente, o observador que entra em qualquer mata do Tocantins, sobretudo sendo especialista, se sente devéras impressionado pela extraordinaria variedade das espécies, riqueza dos individuos e soberba altivez das arvores. Os cipós e trepadeiras se unem aos cactos e parasitas, formando junto aos maiores troncos grutas dignas da habitação de uma nympha, onde os mais corpulentos representantes da fauna tocantinense celebram os seus amores e povoam extensas regiões, não se encontrando ahi o vestigio da pégada do homem.

De volta desta nossa digressão recolhemos-nos á casa, guardámos cuidadosamente os *specimens* trazidos, e nos espicámos nas rêdes, descontentes pela nossa ignorancia em botanica, o que tanto nos embaraça de escrever nestas paginas um estudo serio sobre o assumpto.

Depois de algumas conversações com diversas pessoas que se achavam na mesma casa, soube que havia entre os tripolantes das outras canôas diversos indios, notadamente dois da tribu dos *Cherentes*. Com as informações obtidas delles e do outro que tinhamos deixado atraz, e com o testemunho insuspeito de diversas pessoas que frequentam annualmente aquella tribu, pude organizar sobre elles o seguinte relatório, que publiquei no jornal « *A Provincia do Pará* », e apresentei, em uma *memoria*, ao XVI Congresso Internacional dos Americanistas, reunido em Vienna, a 8 de Setembro de 1908, para o qual fui convidado expressamente :

— Em todo o percurso do Tocantins se encontram representantes da tribu dos *Cherentes*, gente accommodada e numerosa : uns, feitos tripolantes de botes ; outros, camaradas, quasi servos.

Habitam uma pequena região de uma e outra margem

do Tocantins, na confluencia dos tres Estados: Pará, Maranhão e Goyaz, maior deste que daquelles.

O cherente é manso, e tem uma constituição de familia bem regularizada, acceitando os bons officios da catechese religiosa, que ali é determinada pelo bispado de Goyaz.

Os chefes são respeitados, não só pelos seus na *aldeia*, como tambem nos povoados, onde entram fardados de capitães.

Quando o recenseamento da *aldeia* attinge a um certo numero de habitantes, funda-se uma nova aldeia proxima, sob a direcção de um outro capitão, indigitado pelo chefe da que foi subdividida.

Os representantes dessa tribu são de feições grosseiras, de estatura mediana, cabellos duros e grossos, sem nenhuma *tatuagem* ou marca no corpo, mas tendo todos os traços da raça mongolica.

Na aldeia andam nus, á moda selvagem; nas cidades, todos se vestem á paizana ou se fardam, conforme a sua categoria.

Baptizam-se para ser melhor conhecidos nos povoados, e praticam, por tolerancia, alguns actos da religião catholica; mas, no fundo, não abandonam as suas crenças primitivas. Solemnizam as estações do anno, fazem em certos tempos festas ceremoniosas ás formigas, aos peixes, ás caças, como um antigo celta.

Os chefes visitam, de annos a annos, a capital de Goyaz, para conseguir dos governadores e presidentes diversos brindes e uma quantidade de patentes com os nomes dos indigitados por elles, onde algum gaiato das chancellarias de Estado rabisca qualquer coisa, para enganar os incolas daquelles desertos. O melhor é que não só o Estado tem de dar as patentes, como, outrosim, fornecer as fardas e barretinas para os novos officiaes ausentes, em quem, gordos ou magros, têm ellas de servir.

A chegada do chefe na tribu é festejada como a de um embaixador: todos se acercam d'elle, ouvem-lhe os concei-

tos e narrativas, acceitam as graças e se compenetraram das novas posições.

O chefe da tribo é, como no Anglicanismo, o proprio chefe da religião. E' elle quem pontifica os actos do culto selvagem; para isso, reveste-se com os ornamentos peculiares da tribo, e na frente dos homens, que ficam de pé e em silencio respeitoso, canta, dançando, as orações invocadoras da occasião.

Seguem-se a esses actos do culto danças e folguedos, que se prolongam por muitos dias e noites. E' o tempo em que reina a communa na tribo: muita gente civilisada das villas e povoados proximos vão tambem á aldeia indigena *selvage-nizar-se* nesse tempo.

A constituição civil dos Cherentes não adopta completamente a egualdade: ha uma especie de aristocacia de casta a que pertencem, sem duvida, os descendentes de antigos heróes ou capitães. Os mancebos e raparigas dessa linhagem são destinados ao casamento; para isso, abandonam a familia, no começo da adolescencia, e se recolhem a dois grandes barracões, um destinado aos homens, e outro ás mulheres, a que a gente dos povoados chama *Convento*.

São effectivamente uma especie de recolhimento ou collegio, onde os moços aprendem o exercicio do arco para a caça e pesca, e as moças o traquejo rustico da casa. Os que não pertencem a essa linhagem formam a gleba da tribo, e são como que destinados á prostituição e aos trabalhos mais rudes.

O casamento é tratado entre as familias: são os paes que decidem do futuro dos filhos sem os consultar; e os declarados noivos acceitam o matrimonio, mais para se verem livres das prisões em que se acham, do que por amor. O dia aprasado para as festas nupciaes é de regosijo para toda a tribo, como se se tratasse da felicidade de um parente, mesmo de um irmão.

Prepara-se grande e abundante repasto, afim de chegar

para a vadiação de tres dias ; todos se vestem de ornamentos festivos.

A noiva, rodeada das duas familias, das suas amigas e dos velhos, espera na casa, onde se acha preparado o banquete das bódas.

O noivo, rodeado de todos os rapazes da tribu, tem de se sujeitar á provação do *tóro*, isto é, tem de carregar um pedaço de madeira correspondente ao peso da noiva, fazendo esse exercicio desde a porta do convento até á casa em que a sua predestinada o espera, sendo seguido em todo o percurso pela galhofa dos seus companheiros. Se o rapaz, por qualquer motivo, não dá conta de levar a carga até ao fim, é vaiado por todos, dando causa ao impedimento do acto.

Não duvidamos que esse facto, ás vezes, seja proposital, quando o noivo não sympathiza com a escolha dos paes.

A mulher indigena não tem verdadeiramente a posição servil e animal da mulher do Oriente. Está longe de se parecer com a escrava persa ou com a desgraçada chinesa : ninguem lhe nega a soberania da casa e a educação dos filhos até certa idade, sobretudo das meninas, que lhes pertencem até á adolescencia.

Emquanto o indio passa o dia a caçar, a pescar ou a dormir na *taba*, a mulher e a filha se empregam no roçado, na cultura da mandioca e no preparo dos manjares proprios do appetite indigena.

A conducção da mandioca em cestos proprios (aturás), trazidos por ellas da roça até á casa, faz desenvolver as forças phisicas do bello sexo, dando-lhes uma feição viril, estragando toda a plastica, que, como donzellas, tiveram nos primeiros tempos.

O indio, se não ama a esposa, tem-na como companheira amiga e necessaria.

Notei, na minha viagem, que os indios são de costumes mais puros do que os civilizados, em relação á temperança da carne. Se existe alguma prostituição na tribu, é ella ali

levada pela gente dos povoados. Contaram-me que, em uma cachoeira do Alto Tocantins, a que chamam do *Lageado*, perto das suas aldeias, se dão muitos abusos, commettidos pelos tripolantes dos botes que sobem, aos quaes vêm elles ajudar a puxar a embarcação á espia.

Os *Cherentes* são, como todos os caboclos, muitos supersticiosos, e guardam um culto sagrado aos mortos. Quando morre um indio dessa tribu, os seus parentes lhe fazem os funeraes.

Abrem na terra uma grande furna cylindrica ou cubica, tecem uma esteira nova, com a qual atapetam o chão daquella sepultura:

O indio morto é collocado sentado sobre a esteira, tendo o corpo apoiado na parede de terra; collocam junto delle os seus arcos e flechas, um balde d'agua e manjares, para não ter necessidade de voltar faminto ao mundo. Depois, lhe fazem uma cobertura sobre a cabeça por meio de outra esteira, apoiada por varas, como uma tolda ou catacumba rustica, por sobre a qual lançam terra, permittindo assim o isolamento do cadaver.

E' possivel que as varas, que apoiam, e a esteira se decomponham com o andar do tempo, solidificando a aboboda de terra interior.

O illustre paraense Sr. Barão de Marajó, examinando ultimamente a conservação das igaçabas desenterradas mezes atrás pelo Sr. Aureliano Guedes, nas regiões do *Amapá*, notou furnas similhantes, devidas, talvez, ao mesmo processo, que, isolando as igaçabas, determinou a sua conservação por seculos.

Quanto á posição sentada, em que enterram os indios, e em que, já notei, dormem os gaviões, estou de accordo com o finado professor Bezerra de Albuquerque em admittir a evolução da posição de descanso para o homem: a horizontalidade foi a ultima posição estudada.

Os *Cherentes* são espiritas: invocam as almas dos grandes caçadores, pescadores e lavradores já mortos, para saberem

delles os bons logares de caça ou pesca, ou se as chuvas tardarão á terra para fertilisar as sementes.

Os mediums que se prestam a este serviço, [considerado o mais sagrado do ritual indigena, são os homens mais velhos, experimentados, trabalhadores e mais honrados da tribu, além de serem os mais corajosos.

Recolhem-se a uma choupana, onde jejuam por muitos dias deitados no chão, talvez em orações, até que os espiritos invocados lhes falem, respondendo as questões suscitadas.

Acredito que haja em tudo isto muito embuste, superstição indigena ou credulidade infantil.

Esta circumstancia, além de trazer o testemunho insuspeito de uma raça primitiva em abono das theorias extravagantes de Alan Kardek, dão um certo cunho de superioridade á evolução subjectiva dos nossos antepassados.

O espirito, pois, para o indio, não só representa uma parte independente do corpo, como a função complexa da valentia, da intelligencia e da argucia.

Estas e outras minudencias me foram referidas por habitantes daquelles sertões e por dois indios dessa tribu, reduzidos á condição de criados de uma familia, que commigo pernitoiu em casa de José da Costa, na cachoeira da Itabóca.

Eram dois homens verdadeiramente philosophos: um moço e outro mais edoso.

Dormimos, eu e a tal familia, em uma varanda aberta; travei relações com o homem, ao qual pertenciam os dois bugres; e só então notei que, deitados no chão, por baixo da rede da senhora velha, os dois indios, como dois rafeiros, conversavam em voz baixa no seu dialecto.

O senhor me referiu grande parte do que já deixei dito; os indios o terminaram.

Pedi-lhes viessem para o meio da sala, afim de conversarem junto de nós, explicando o sentido das suas palavras.

Ficaram calados.

A senhora garantiu-me que elles sabiam cantar muito bem, e eu lhes suppiquei que o fizessem. O mais moço disse qualquer coisa, e o outro riu-se.

O homem explicou-me que estavam dizendo que eu nada lhes daria em troca. Afiancei-lhes pagar com roupas, e até dinheiro, a audição de um concerto cantante. Elles sentaram-se de cócoras no chão, e, depois de se consultarem sobre o trêcho a escolher, começaram a cantar, em um duetto afinado, cõpla indigena, realmente rica de harmonias.

Applaudimol-os todos; enthusiasmados, cantaram novos trêchos, cada qual mais cheio de melodiosas saudades.

Eram um barytono e um basso, e cantavam com tanta alma e estudo, que a caravana dos tripolantes das canõas ali estacionadas encheu a sala para os ouvir.

Senti que ali não estivesse presente o genio immortal de Carlos Gomes e o espirito creador de Gama Malcher, para se inspirarem naquella musica puramente nacional, virgem como o seio das florestas em que moram, e harmoniosa como o murmurio da vaga que vem tributar a agua crystalina á cachoeira fervente. Dizem que a introduccão do *Guarany* é tirada do trêcho de uma aria selvagem. Pois bem: quantas operas immortalisadoras se não poderiam escrever sobre os motivos daquelle canto tão simples e tão eloquente!

Com certeza, a *Iara* do Malcher receberia novos tributos da harmonia desta nossa natureza tão rica, onde os homens da floresta parecem aprender regras de harmonia no canto ameno dos passaros que os rodêam.

Os dois indios foram freneticamente applaudidos, e, como se não comprehendessem aquillo, se deitaram novamente por cima da terra suja, em baixo da rêde da senhora. Disse-ram-me que um se chama Antonio e outro José, pelo baptismo catholico. Na tribu teriam elles recebido outros nomes: um talvez se chamasse *Onça* e o outro *Cascavel*.

As crianças, entre os indios, têm o nome relativo ao primeiro incidente por que passam: se por cima de uma menina adeja uma borboleta, e ella ainda não recebeu nome, cha-

mam-na *Borboleta*; se se dá um facto entre um veado e um pequeno, chamam-no *Veado*. Conheci, nesta minha viagem, uma india chamada, na lingua indigena, *Junco* e outra *Lua*. Estes appellidos elles guardam depois do baptismo catholico, como um nome de combate.

Mas, como estavam differentes aquellà *Onça* e aquelle *Cascavel*, para, depois de serem tão soberanos entre os seus, se portarem com tão inclassificavel servilismo entre os brancos?!

E' tempo do Governo mandar instruir essa gente, pondo, ao menos, um mestre-escola ao encalço de cada tribu.

## CAPITULO X

Partida da *Itabóca*. *Rebojo* e *Igarapé do Bacury*. *Travessão do Pau do Gavião*. Caminho por terra. Enseada do *Jatobá*. Casa do negro Angelo. Os índios da margem esquerda da *Itabóca*. Ilhas do *Pirocaba* e do *Jacob*. Grande quantidade de peixe no verão, e imprevidencia do povo dos arredores. Ilha da *Mortandade*; terror da variola. Ilha das *Frecheiras* e sua excellente posição e condições de lavoura. A navegabilidade no alto da Cachoeira. Ilha do *Muruxisal*. O desprezo das castanheiras do centro. Enseada do *Muruxisal*. Bocca do *Tauhiry*. Ilha da *Prainha* e a do *Urubú*. Ilhas do *Cotovello* e *Cajueiro*. Ilha do *Vatentim* e a da *Capellinha*. Poética entrevista com 4 índios da beirada; seu exquisito commercio e costumes. Ilhota do *Ananazinho*, e ilha do *Ananaz*. Ilhas do *Repartimento*, do *Sucurijú*, da *Saude*, da *Bagagem*, do *Alexandre*, do *Pixuna Grande* e outras. Pedra do *Jahú*. Encontro com dois índios *Carajás*. Interview de um jornal do Pará com alguns excursionistas paulistas. Morro da *Praia Alta*. Riacho da *Cajaseira*. Ilha do *Puraquêquára*.

Após dous dias de estada em casa de José da Costa, chegou a nossa canôa, e tivemos de continuar a viagem, ora abeirando muito á margem, ora seguindo trêchos de caminho por terra, nas mesmas veredas que servem para *puxadourç* das canôas que tem de passar o medonho *Rebojo do Bacury*, e o *travessão* a que chamam *Pau do Gavião*.

Foi desta fórma que, na subida, nos livrámos destes perigos.

Na foz do igarapé *Bacury* tomámos novamente o bote, e descortinámos a enorme *Enseada do Jatobá*, como se estivessemos fronteiros a uma barra maritima.

Tomei, desde então, o proposito de, na volta, descer em canôa a grande cachoeira.

Os resultados das plantações são esplendidos. Vimos espigas de milho tão grandes como em nenhuma outra parte, medindo uma dellas 0 m. 35 de comprimento sobre 0 m. 05 de diametro. No inverno não se sente tanto o transporte das cargas, porque ha o Furo do Bacury, que desagua no igarapé do mesmo nome, e que fica cheio, tendo profundidade sufficiente para dar transporte até aos maiores botes, o que não só facilita esse trabalho, como salva as embarcações do perigo do rebojo. No verão, esse serviço é penosissimo; os botes gastam ali semanas com aquella tardia baldeação.

Perto do *Pau do Gavião*, estivemos em casa de um tal Angelo, negro sadio e moço, e já com uma phalange de filhos. A casa de vivenda daquelle rustico camponez está a uns 100 metros afastada da beira do rio e rodeada, como quasi todas as habitações dessa terra, de grandes roças e bananaes, que, pelo descampado, lhe dão um ar pittoresco e alegre. Examinámos algumas peças de caça que o negro trouxera pela manhã, e ainda mais nos certificámos da riqueza da fauna e da facilidade de vida naquelles sitios. Perguntámos se não tinham medo de indios no logar, e elle nos contou que perto dali, pelo traço de um caminho que seguia por traz da cozinha, passava um córrego, em cujas margens lamacentas se viam, por vezes, grande numero de pégadas de crianças e de homens, dando a entender que os incolas iam ali, como a um certo bebedouro, para espionar o que fazia a gente civilizada, sem nunca mostrarem signaes de inimizade.

O negro tinha, por prevenção, um indio que creara desde menino, e que lhe guardava a casa, como um rafeiro, indo algumas vezes para a mata, onde passava alguns dias com os seus companheiros da floresta, vindo contar ao amo que aquella gente nunca lhe pretendia fazer mal, e que, em muitas occasiões, escondidos por traz das arvores, tinham visto a familia passar pelo caminho, sem que disso suspeitasse. Quando ali chegámos, esse amigo da casa estava para o mato, e não nos foi possivel travar relações com aquelle representante da raça desprezada.

Os selvagens daquella margem esquerda do Tocantins não são de máus instinctos; não se sabe a que tribu pertencem, suppõe-se que aos *Cupe-lobos*. São pescadores, caçadores e usam de um pequeno vidro ou pedra lavrada em que apitam para se reconhecerem, fazendo assim, entre elles, uma especie de policia da mata.

Ha um anno os moradores da Itabóca viram um daquelles rapazes estar pescando com caniço em uma das pedras da cachoeira. Sentado á beira do abysmo, recebendo pela cabelleira crescida o vento forte do rio, pouco se importava o indio com a espionagem que os civilisados lhe estavam fazendo, e parecia prestar mais attenção ao resultado que lhe podia dar o anzol de pedra, mergulhado no gorgulho do canal, ou talvez distrahido por algum pensamento apaixonado, no desejo intimo do suicidio, viesse entregar o largo peito nú á bala traiçoeira dos civilisados, que os caçam como a feras. Felizmente nada lhe succedeu, e a visão, que tanto intimidou e tanto deu que falar aos habitantes da Itabóca, sumiu-se para o matto como um duende bemfazejo.

Depois de conversarmos largamente com o negro Angelo, despedimo-nos accumulados de presentes: ovos de gallinha, bananas e fructas silvestres. Fiore tinha representado papel de medico, receitando sulphatô de quininum em doses proprias para uma criança mortalmente doente de febres; eu, levava uma pequena ambulancia com diversos medicamentos, que iam distribuido por aquelle povo enfermo, de quem recebiamos acalorados votos de gratidão. Fiore acceitou, como penhor de agradecimento, um exquisito espanador feito do rabo embandeirado de um macaco, espetado em um pequeno pau e seccado ao sol.

\*  
\* \*

Continuámos a viagem pelo remanso do rio, seguindo até grande distancia, com o auxilio dos remos de faia. Pouco depois, passámos entre o continente e a *ilha do Pirocaba* com 3 kilometros de comprimento. E' dividida em 3 parallelas;

das quaes a menor é a do centro, que subdivide o Canal a *Itabóca* em dois, sendo preferivel para a navegação o mais proximo da margem esquerda. Na sua ponta meridional se acha a *ilha do Jacob*, que tem 180 metros de comprimento, afastada do continente 120 metros. Junto á do *Pirocaba* existe uma corredeira importante, onde tivemos de abandonar os remos para continuar o serviço com o gancho e forquilha. Assim se faz a navegação do Alto Tocantins, ora por um, ora por outro systema, conforme se segue por aguas tranquillias, remansos ou cachoeiras, rebojos ou corredeiras.

O rio forma ahi uma grande enseada, que é a verdadeira barra do *igarapé do Jatobá*, correndo na margem esquerda de noroeste para sueste com 6 metros de largura, e onde no rigor do verão se começa a fazer o desembarque da carga das canoas.

Além da barra do *Jatobá*, o rio alarga extraordinariamente, de sorte que mal apparece a mata da margem direita, observando-se, todavia, nitidamente a *ilha das Araras*, que fica na entrada do Canal do *Inferno*, cuja embocadura o sol da manhã prateava, parecendo ser a entrada de um rio de facil accesso. Via-se tambem, para traz, a ilha do *Capitari-quára* e a do *Inferno*, ambas ricas de castanhaes. No rigor do verão, quando aquella grande enseada, que estavamos agora costeando, fica reduzida na sua vastidão a praias extensas de areia ou a poucos palmos d'agua, o rio se torna abundante de uma extraordinaria quantidade de peixes, sendo digno de lastima que os habitantes dos arredores não se premunam com a salga para a estação faminta do inverno.

Passámos por uma casa de pousada na margem esquerda, onde os indios costumam commerciar com os civilizados. A canôa passou acima, entre a *ilha da Mortandade* e o cemiterio do mesmo nome, situado no continente da esquerda.

Aquella triste denominação lhe foi dada por ter servido de hospital de variolosos, na ultima quadra em que essa epidemia atacou a antiga Provincia do Pará. Houve scenas de uma degradante deshumanidade: os tripolantes dos botes, atacados pela variola, eram desprezados pelos seus compa-

nheiros nas praias, com medo do contágio, e ali morriam abandonados e famintos; mais adiante, novos atacados tinham a mesma sorte, até que o furor do rio dava conta do proprio bote e dos que estavam nelle enfermos, não havendo sequer, por sua vez, quem lhes dêsse sepultura.

Foi tal o terror infundido pela peste nos habitantes dos sertões de Maranhão e Goyaz, que não ha interesse, por maior que seja, que os demova a virem a Belém, quando suspeitam do apparecimento da variola na grande cidade. A Praia da Mortandade é para elles um triste aviso, circumdada de cruces, que olham para o rio.

A ilha, com 2 kilometros de extensão, é alta ao norte, baixa e cheia de pastagens ao sul, e parallela á *ilha das Frecheiras*, que lhe está proxima pela margem direita do rio, com 4 kilometros de extensão, tendo sido lugar de moradores antigos. Frecheiras é saudavel, excellente lugar para lavoura, de que ha exemplos em cafézaes abandonados, e tem campos de pastagem, que se prestariam para uma boa fazenda. São terras devolutas, que seriam facilmente adquiridas por quem de boa vontade quizesse ali constituir haveres. O rio ahi é tranquillo, como um ancoradouro ao lade de uma bahia revolta.

Desembarcámos na beirada do continente esquerdo, e passámos a noite abrigados nas barracas abandonadas, juntas a grandes arvoredos, vendo-se ali rastos de veados e caititús, que vinham continuamente á comédia das fructas. Efectivamente, a zona do Alto Tocantins, da *Itabóca* até ao Araguaya, é riquissima de caça, como teremos occasião de referir adiante.

Sahimos na bella manhã de 20 de Março, por aguas tranquillas e enrubecidas pelos raios do sol que começavam a dardejar. O leito do Alto Tocantins é formado como por uma escada com degráus de kilometros; em certos pontos é tão plano, que o horisonte se some numa longitude immensa e quieta; em outros logares, o declive é visivel e notavel pela maior velocidade da corrente.

A secção em que ora estávamos, poderia facilmente ser navegada por lancha a vapor, desde o *Bacury* até ao *Santo-Antonio*; disso já ha exemplo na exploração do Dr. Lagos, saltando este engenheiro, na enchente, a propria Cachoeira da *Itabóca*. Pelo Tocantins seguiu tambem, seguindo nos affirmaram, o rebocador Araguaya para o serviço da exploração do rio.

Fronteira á ponta meridional das *Frecheiras* está a embocadura do *Jacundázinho*, que corre na margem direita, acompanhando o Tocantins em grande parte de sul para norte.

A zona que começámos a percorrer dali por deante é completamente deshabitada, e no verão a maior parte do rio fica reduzida a praias, o que não impede que o canal do centro seja profundo. A fauna é riquissima: araras e papagaios de côres diversas e brilhantes cruzavam-se nos ares; e nas beiradas, os arbustos machucados assignalavam a passagem de manadas de porcos do mato, que por ali andam incautos, por não esperarem a bocca da espingarda de um caçador. Passei pela costa do *Muruxisal*, onde tive occasião de apreciar o bello canal situado entre o continente e a ilha do mesmo nome, subdividida em 3 ou 4, separadas entre si por novos canaes, que, no inverno, dão passagem ás canôas. Depois dahi, o rio estreita numa garganta de 1.500 metros de largura. Ha nesta margem grandes caçoeiras, como indicio de antigas lavouras e de terras improductivas, pelo abandono. No canal, o prumo accusava, em certos pontos, pouca profundidade e a anfractuosidade de grandes pedras ou rochedos junto á margem. Depois da ponta das *Frecheiras*, o grande rio fica desassombrado de ilhas, apresentando uma largura de 5 kilometros até á bocca do ribeirão *Tauhiryzinho*. Viam-se de lá ambas as margens do rio, elevando-se em grande morro, onde nós garantiram haver excellentes castanhaes. O Tocantins estava tranquillo e silencioso, ouvindo-se apenas ao longe o rouquenho regougar das guaribas. Quanta riqueza abandonada nessas exten-

sas regiões semeadas de castanheiras, cuja colheita só é feita a 2 ou 3 kilometros da beirada, pelo temor dos indios! Começa por entre varzeas baixas a parte do Tocantins denominada *Tauhiry*, quasi toda deshabitada e lugubre, como se não pertencesse ao bello rio ou tivesse sido o scenario de uma tragedia diluviana.

Mais ácima, só a margem esquerda é baixa e pantanosa, ao passo que a direita se recorta de serrotes, que, apezar da risonha verdura das suas matas, dão um tom de melancolica tristeza, pelo abandono. Os castanhaes daquela banda são muito melhores que os da esquerda, e mais procurados pelos cortadores, no inverno. Asseveraram-me que da margem direita seria facil a communicação com o *Alto Cairary* e *Alto Mojú*. O rio continuava a estreitar cada vez mais, até chegar a um grande pedral, em uma largura de 700 metros, que se chama propriamente *Bocca do Tauhiry*; e a pequena secção anterior, *Enseada do Muruxisal*. Na bocca do *Tauhiry* estão situadas duas ilhas parallelas: a da *Prainha* e a do *Urubú*; o canal da navegação, no inverno, fica entre a da *Prainha* e o continente; e no verão, entre as duas ilhas; a *do Urubú* é coberta de densa mata e tem 6 kilometros de comprimento; a da *Prainha*, empobrecida e pouco espessa, tem apenas a metade dessa extensão e se approxima tanto da terra firme, que em certos pontos o canal chega a ter apenas 8 metros de largura.

Dormimos á noite no bote atracado á margem, havendo já, entre os tripolantes, dois enfermos. Choveu a noite inteira e ainda na manhã de 21 de Março. Quando continuámos a viagem, chovia soffrivelmente.

Começámos a frontear a *ilha do Cotovello*, que segue parallelamente com a do *Urubú*, formando com o continente da margem esquerda o canal de inverno, muito estreito em certo ponto. Depois de 400 metros neste furo, a navegação fez um angulo para 55° S. O., e então notei que a *ilha do Cotovello*, quasi sem importancia topographica, está subdividida em duas, chamada uma, *Cotovello de Cima*; e outra, *Coto-*

*vello de Baixo*, formando reunidamente uma extensão de 4 kilometros.

Passámos em frente á *ilha do Cajueiro*, muito baixa. Convém notar sempre que todas estas ilhas apenas são rodeadas de agua no inverno; mas, no verão, são verdejanças no meio de um deserto de areia. Do Cajueiro em deante alarga o Tocantins para mais de 4 kilometros; porém, a viagem é sempre aborrecida dentro desse triste *Tauhiry*, onde nem o sentimentalismo pôde durar muito, porque os mosquitos e as mutucas fazem a cada momento despertar de qualquer abstração de espirito.

Avistámos a *ilha da Capellinha*, em cujo centro se forma um pequeno cumulo de pedra branca com o formato de ermida catholica. Mui proximo, ha uma corredeira fortissima; pelo que, nos approximámos do remanso da beirada, que adiante se extendia em placida enseada.

Assim navegámos em todo o dia 21 de Março, vencendo a maior corrente do rio, na parte encachoeirada, que denominam *Tauhiry Grande*.

Tinhamos já passado a bellissima *ilha do Valentin*, no paraná do *Tauhiry* (logar de pedras). Triste celebridade! Não vale a pena ter o nome gravado em qualquer daquellas paragens: cada ilha, rebojo, travessão ou cachoeira, traz em si gravado o sello das medonhas tragedias de que foram scenario, e o desgraçado dá o nome á pedra em que perdeu o barco, os bens e a vida!

O céu estava calmo; da mata nos vinha o som festivo da passarada livre, e o rio rufava o tambor das aguas precipitadas de toda a parte.

Estavamos a 195 pés do aneroide, ácima do nivel do mar.

Veiu-me á mente a magestade da Patria em que eu tinha nascido, o futuro grandioso que os seculos remotos destinariam áquellas regiões tão ermas, só povoadas de legiões de homens afastados das crenças e dos gozos da civilisação.

Ardeu-me o desejo de vêr aquelles indios, de cujas frechas

os barqueiros falavam com maior medo que das cachoeiras; e, por este impulso de imaginação, dei um grito para a mata, arranjei uma palavra que julguei ser da lingua delles, e inesperadamente ouvi outros gritos que responderam ao meu.

— São os *caboclos*, disseram os barqueiros com terror.

Percebemos então que, por baixo das ramadas, que com a enchente do rio cobriam a margem, quatro homens nós nos pareciam chamar com instancia.

O piloto quiz sacudir a canôa para o largo, mas eu pedi a todos me deixassem falar com aquella gente, quasi lhes garantindo que nada nos succederia.

Timidamente encostámos á beira, na apreciação inolvidavel do mais bello espectaculo que tenho presenciado.

Quatro bellos rapazes nós, de um amorênado claro e de cabellos negros, cortados na frente e mais crescidos para traz, nos esperavam em pé, fumando em grossos tubos de embira, cujo interior julgámos estar provido de folha de tabaco ou outra erva odorifera, cuja fumaça elles aspiravam a cada momento.

Corri para a prôa do barco, apertei-lhes as mãos, cheguei até a abraçar um delles, o que tudo correspondiam sem mostras de contentamento, como se não fossem esses os signaes de affecto na tribu.

Pedi então o exquisiteso cachimbo de um delles, e fumei por largo tempo, procurando comprehender aquella linguagem guttural que pela primeira vez tão deliciosamente eu ouvia.

Logo que eu e outro companheiro começámos a dar signaes de que verdadeiramente apreciavamos o trago daquella fumaça, notámos que todos ficaram satisfeitos.

Ouvimos nesse instante gritos de araras, papagaios, mutuns que pareciam vir presos, pelo meio da mata, nas mãos de uma phalange de phantasmas, que não viamos.

Os nossos quatro homens correram para aquelle lado,

trazendo-nos toda a sorte de animaes selvagens. Só então percebemos com terror que atraz de cada arvore parecia haver alguem que nos espreitava.

Animámos os barqueiros e começámos a trocar os mimos daquelles fidalgos da mata com a pouca coisa que conosco levavamos. Camisas, calças, paletots, facas, terçados, espelhos, farinha, sal, fumo, tudo foi trocado por magnificas araras, bellos papagaios, mutuns, infinidade de jabotys e quatis.

A nossa canôa ficou cheia dos presentes, e, em um relance de olhos, percebi que, embora involuntariamente, o selvagem tinha sido muito mais generoso que o civilizado; porém, nada tínhamos mais para dar que lhes pudesse ser util.

Mandei abrir uma grande lata de conserva de peixe, e offereci ao que me pareceu o mais intelligente do grupo.

O indio a recebeu, e foi buscar para mim um bello periquito rôxo, de olhos amarellos, um verdadeiro mimo de rei.

Cada objecto que davamos era levado pelo presenteado ao centro da mata a alguem que lhe entregava em troca as maravilhosas surpresas que viamos a cada momento.

Quando cessou aquelle exercicio de generosidades, por falta de munição da nossa parte, pude com mais vagar examinar os extraordinarios personagens que deante de nós tínhamos. Eram altos, de talhe bem conformado, sem visos de obesidade, pelo que, o collega italiano que commigo estava garantiu poderem servir de modelo ao mais rigoroso esthetico. Os olhos, negros e vivos, encobriam o defeito da falta de pestanas arrancadas em criança; as sobrançelhas, finas como traços de nankim, terminavam para dar começo ao nariz correctissimo; a ausencia da barba amenizava as feições, e deixava mais pronunciados os labios grossos, debaixo dos quaes se notava uma pequena cesura, onde cada qual trazia uma rodinha de madeira ou de vidro esfumaçado; as mãos e os pés pequenos completavam

a compostura daquelles Adãos, talvez tão innocentes como o primeiro pae da Humanidade no Paraíso.

Nenhuma palavra lhes comprehendemos que nos pudesse orientar de que tribu eram, e se a taba ficava distante. Por um certo receio que mostravam em entrar na agua do rio para vir á meia-nau, adivinhámos que eram habitantes dos campos, onde só havia riachos. Maravilhou-lhes a nossa embarcação, que parecia não conhecerem, e davam muito valor aos instrumentos cortantes, que, com certeza, lhes facilitaria os trabalhos.

O que mais encantou a todos, foi o asseio daquelles corpos, sem um arranhão de espinho, uma ferida ou cicatriz da mordedura de um animal damninho.

Que differença entre estes homens e os civilizados que tínhamos deixado lá em baixo e os que iam ainda encontrar rio acima!

Eram estes sadios e córados; aquelles, anemicos e doentes; estes, vigorosos e de cabeça erguida; aquelles, enervados e curvados sobre os punhos das redes, o pasto mais fertil do microbio da intermittente.

Tive então o orgulho nativo de apreciar a opulencia e a pureza do verdadeiro sangue brasileiro.

Pela primeira vez comprehendí que a radiante figura de Pery não foi uma ficção da ardente imaginação de Alencar.

\* \*

Os barqueiros notaram que já se fazia tarde. Despedimo-nos, e a nossa canôa zarpou da beira, no meio das nossas aclamações e adeuses. Acenavamos com os lenços, e chegámos a dar vivas ao Brasil, enquanto os selvagens nos olhavam, calados, fumando fleugmaticamente os seus cachimbos, como quatro bons inglezes que acabassem de fixar um negocio de chá ou de opio com alguma horda de barbaros nas margens do Ganges.

O sol quebrava a vermelhidão do occaso na verdura escura da floresta, emmoldurando aquella apparição sublime.

Oh! pobres filhos da America, que nem conheceis os limites da patria que a civilisação vos deu!

Adãos tão ingenuos, que nem sabeis commetter peccado, pelo qual algum deus vos expulse desse éden para a faina do progresso, que é o orgulho do espirito e a morte do corpo!

Nenhum impulso de catechese civil ou religiosa se faz para chamar aquelles irmãos aos nossos braços!

Sacudimol-os das suas terras, tomamos-lhes os rios e as margens, sitiamol-os, como bestas selvagens, em um assedio sem misericordias, e que já tem durado seculos!

Vamos buscar a immigração estrangeira, gastámos muito dinheiro, proveitosamente ás vezes, com uma colonizaçáo difficil e ainda não bem estudada, e nem um vintem para dar um consolo e um pouco de luz a esses milhares de brasileiros que occupam o centro do paiz, defendidos pelo terror que involuntariamente infundem á covardia civilisada!

Envolvido nestes pensamentos, olhei pela ultima vez para a fresta da mata, que, como um cofre de esmeralda, se tinha fechado, guardando aquelles homens mysteriosos.

\*  
\* \*

O Tauhiry é um trecho do rio Tocantins que tem mais de 30 kilometros, sem uma só moradia em qualquer das margens, e com tal correnteza, que a canôa, conforme a carga, só o vence de 3 a 5 dias, obrigando os navegantes a fazerem barracas provisórias na beirada.

O dono do nosso barco foi de accôrdo que se não devia pernoitar naquella margem, e, contra o meu voto, nos levaram para a ilha do « Ananázinho », que dista da beira do rio mais de um kilometro, e ahi vivemos vida selvagem, amarrando as rêdes nos galhos das arvores e ceando frugalmente alguma caça assada ao espeto.

Não cessavamos de commentar a entrevista que tinhamos

tido com aquelles extraordinarios filhos do coração da America.

— *Belli uomi*, exclamava a cada momento o collega Carlo Fiore na sua linguagem italo-brasileira. E cantrolava sobre o assumpto uns inspirados versos de Alfieri.

Um barqueiro, deitado sobre a tolda da canôa, buzinou por vezes repetidas.

O ermo mysterioso da mata não nos trouxe mais que o echo daquella corneta do rio.

O céu tinha o azul indolente de uma noite de verão, e a lua com um delicado arco de luz coroava, como um resplendor de ouro, a santidade da Natureza.

\*  
\* \*

Na manhã de 22 de Março proseguimos viagem, deixando a *ilha do Ananázinho* e, fronteira a ella, a do *Ananaz*, com 700 metros de comprimento, quasi sem mata, porém cheia de pastagens aproveitadas pelo gado, quando desce no verão.

A manhã estava sombreada, e, por entre o nevoeiro, cahia sobre nós uma saraivada de mosquitos, que nos fizeram passar momentos muito aborrecidos.

Perto do *Ananázinho* fica a corredeira do mesmo nome, e fronteiramente, mais approximada da margem direita, está situada a *ilha do Repartimento*, junto á qual passa o canal do verão.

O rio alarga de 3 a 5 kilometros; as margens são baixas e cheias de lagos proximos dellas; ha corredeiras fortissimas, que tornam penosa a navegação. Amarrada junto á margem esquerda, encontrámos a canôa *Salvador*, pilotada pelo proprio dono Thiago Gomes de Castro, proprietario e commerciante no *Lago Vermelho*. Conversámos com os tripolantes, que nos contaram terem estado com os mesmos indios do *Valentim*. Tinham elles dado aos selvagens 3 facões velhos, 1 salamim de farinha; e, em troco, haviam recebido 20 jabotys, 3 araras, 2 mutuns, 1 papagaio, 1 corica e 1 periquito, mostrando assim a falta de consciencia havida

na troca dos objectos, pois deram esses barqueiros a quarta parte das nossas dádivas e receberam dos indios quasi o dobro do valor dos presentes, com o que nos julgavamos generosamente compensados. Basta dizer que um negro, por uma caixa de phosphoros, recebeu uma bella rêde de maquirá! Este máu systema de tratar aquella gente ignorante ha de alimentar por muito tempo a desconfiança do indio, e afastal-o do trato enganador da civilisação.

Mais adeante passámos pela *ilha do Sucurijú*, nome tirado de uma das cobras mais valentes da Amazonia. Tem a ilha 500 metros de extensão e é formada de um bello palmeiral, que lhe dá um aspecto pittoresco. Em seguida, teve a nossa canôa de forçar a passagem pelo *Travessão do Sucurijú*, onde a agua fervilhava por sobre o pedral que se extendia ao lado do canal e que, apesar da grande invernada, apparece á flôr do rio. E' uma secção perigosissima, tanto assim que muitas vezes é necessario fazer a descarga das canôas para as ajudar a passar.

Seguimos fronteando outra ilha de 600 metros de extensão, cujo nome me não souberam dar. Dahi assistimos a um bello espectáculo: uma flotilha de canôas descia vertiginosamente o rio com a velocidade superior de 25 milhas por hora. Eram 3 botes, 3 igarités e 1 montaria, carregados de couros, castanha, gallinhas, papagaios, etc. Costumam, na descida, reunir-se muitas canôas para emprehender juntas a viagem, formando uma companhia accidental de soccorros mutuos, no caso de perigo; descem pelo meio do rio, aproveitando o *fio da corrente*, que é a da maior velocidade. Acenámolhes da beirada por onde seguíamos, com desejo de lhes comprar algumas gallinhas, pois já tínhamos a matalotagem quasi esgotada. Não attenderam aos acenos, nem sequer o podiam fazer, pois, se aproassem para a terra, não só perderiam a corrente, o que os prejudicaria em muitas horas de viagem, como tambem iriam dar a alguns kilometros abaixo de nós.

A margem esquerda é baixa, menos rica de castanha, porém

cheia, para o centro, de vastas florestas de arvores de quina, de cujo producto ninguem absolutamente cuida. Já tive occasião de vêr e apresentar aos circumstantes, em uma conferencia publica, que realizei no theatro da Paz, no Pará, em 1883, pedaços da casca desta arvore com a espessura superior á de uma telha de barro. A ignorancia daquelle povo faz preferível a extracção da castanha á da quina, quando esta, de colheita menos perigosa, lhe daria um resultado decuplo.

Depois da *Sucurijú*, fica o Tocantins desembaraçado de ilhas na extensão de 2 kilometros. A viagem continuou sempre pelo *Tauhiry*, nome que na lingua indigena parece dizer *logar de pedras*. Sentados na tolda do bote e abrigados do sol fortissimo das duas horas da tarde por meio de grandes chapéus que tinhamos comprado no *Areião*, continuavamos a tomar nota de tudo, costumes e topographia, admirados daquelle região e daquelles homens. A propria natureza parece que ali tem outras leis, pois os tripolantes, seminús, quando, depois de atravessarem alguma cachoeira ou corredeira, ficam extenuados de fadiga e lavados de suor, se lançam assim mesmo ao rio e tomam banho, sem prejudicar a marcha da canôa. A uma hora da tarde, é uso entre aquellas embarcações fornecerem aos tripolantes algumas grammas de farinha, que elles misturam com agua e chamam *jacuba*, para beberem, sendo isso uma necessidade tão grande como a propria carne.

Após a secção desembaraçada do rio, vê-se situada, ao meio, a *ilha da Saude*, de pouca extensão e sem importancia. O rio estreita e o canal da navegação no verão passa junto á margem direita, além das ilhas. Sentimos que as aguas corriam para cima, phenomeno devido ao remanso produzido por uma grande pedra, que, quando estão baixas as aguas, constitue um perigo.

Ancorámos em frente á *ilha da Bagagem*, junta á segunda *da Saude*, logar cheio de onças, que, no inverno, se retiram para os campos e, no verão, se approximam das praias do rio,

por onde passam as boiadas de Goyaz, constituindo isso um perigo aos boiadeiros. Mandei alguns trabalhadores roçar um pouco a beirada do rio, e desembarcámos decididos a passar ali a noite. A dormida não podia ser melhor. Fizemos fogo, preparámos a ceia, amarrámos as rêdes aos galhos das arvores, e dormimos em plena floresta, suspensos ao ar, como se fossemos descendentes dos simios.

No dia 23 de Março, continuámos a excursão, por manhã clara, e acobertados de um céu azul. Estavamos ainda em frente das duas ultimas ilhas, ambas com 1 kilometro de extensão; a da *Saúde*, coberta de coqueiros silvestres e de madeiras brancas, sem serventia, seguida de *saraisaes*, que, no verão, ficam em secco; a da *Bagagem*, mais ao meio do rio, tambem cheia de coqueiros, porém de terra mais firme, coberta de mata mais densa, e até de castanheiros.

Quasi todas as ilhas do Tocantins estão juntas á margem esquerda, talvez devido á altura da margem direita e da extraordinaria corrente que ha naquelle logar, em contraposição aos baixios do lado esquerdo.

Depois de 2.500 metros de navegação, enfrentámos a *ilha do Alexandre*, a mais bella desse trecho, com 5 kilometros de extensão. E' alta e situada no centro do rio, dando o canal para a navegação, durante o inverno, na margem esquerda; com bonita floresta e coqueiral extenso, constituindo um excellente pousó para os navegantes. Fica-lhe parallela, pela margem direita, a *ilha das Cobras*, com 1.500 metros de comprimento, ligando-se ao continente, no verão, por uma praia de areia, dando assim o canal para a esquerda. Parecia-me incrível que esses *saraisaes*, cujos ramos nos ajudavam a puxar a canôa, fossem de elevadas arvores, na estação secca, só atingidas pelas aves de rapina, que faziam ninhos onde agora nós com tanta facilidade tocavamos.

Dobrando o rio no rumo de 20° S. E., vimos, por cima da ilha do Alexandre, a *do Pixuna Grande*, a maior do *Tauhiry*, com 6 kilometros de extensão. Todas estas ilhas se seguem umas as outras, de sorte que a ponta septentrional

desta fica no vão das duas anteriores, e constitue ahí um logar de muita pedra, na estação secca, junto do ribeirão da ilha do ultimo nome.

O nosso almoço, como nos dias anteriores, continuou a ser jaboty ou kágado, que, pela enorme quantidade que existe na beirada, parece constituir a *providencia* dos viajantes do Alto Tocantins. Depois da ligeira refeição, continuámos a viagem, passando em frente ao *Ribeirão Jahú*, que corre pela margem esquerda do rio. E' notoria a pobreza d'agua dos affluentes do Tocantins, em contraposição com o Amazonas, que recebe no seu longo percurso grandes rios que nelle affluem.

Ao chegarmos em frente da Pedra do Jahú, a maior daquella beirada, a qual nessa occasião tinha 6 metros de altura, e fica fronteira á ponta meridional da do Alexandre, tivemos de recorrer ao trabalho da sirga, puxando a canôa por meio de cabos presos nas grandes arvores. Neste penoso serviço passámos grande parte do dia.

Transposto o perigo, avistámos, pela frente, uma ilhota, *Pixunhinha*, e outra maior adiante, denominada *Aranaquára*; porém, como já fosse tarde e os remadores se achavam extenuados de fadiga, abeirámos á margem esquerda, onde jantámos frugalmente e dormimos ao relento, como nas noites anteriores.

Na manhã de 24 de Março, deixámos a fortissima corredeira do *Jahú* e começámos a costear uma bellissima enseada, que denominámos *Bahia do Jahú*. Pouco depois, enfrentámos a ilha *Aranaquára*, de 1.800 metros de extensão, subdividida, na sua largura de 300 em 300 metros, em 3 partes ou 3 ilhas, a qual, pela sua posição topographica, se approxima da margem esquerda do rio, que continúa sempre baixa, em comparação com as terras altas da outra margem. A observação fez-nos certificar de que a mais elevada vertente do Tocantins fica no continente oriental, tanto assim que não só as terras da margem direita são mais altas, como tambem as ilhas que

lhes ficam mais proximas são mais elevadas do que as outras. Assim, por exemplo, a *Pixunhinha*, que fica á direita da *Aranaquára*, é muito mais alta do que esta, tendo grandes castanhaes, constituindo um excellente ponto para o córte.

As 3 secções em que se divide a ilha do *Aranaquára* são duas grandes e uma menor, separadas entre si por canaes de 200 metros de largura. Entre a 2ª e a 3ª ilha deste grupo se abre um furo em direcção sudeste, que vai da margem esquerda á direita; e, por um calculo de triangulação, se verificou ser de 6.850 metros. Junto á beirada encontrámos ancorada uma canôa, que descia para Belém, e da qual nos approximámos. Entre os tripolantes, vinham dois indios *Carajás*, com quem procurámos travar relações, para obter mais amplas informações sobre a existencia e costumes da sua tribu. Eram dois homens: um, moço, claro; e outro, já edoso, muito mais moreno. A cabeça e o nariz dos dois eram chatos, a testa curta e o rosto comprido. Sobre os olhos tinham a tatuagem de dois circulos azues, e debaixo dos labios um orificio, como tinham os que havíamos encontrado atraz. Eram de porte regular, os cabellos luzidios como ébano, e traziam, como quasi todos os selvagens, as partes genitales enleadas por um tecido de talas muito finas, com o fim talvez de evitar a mordedura venenosa de algum mosquito, se não se demonstrar o sentimento de pudor do sexo forte da floresta. Responderam alegremente aos nossos cumprimentos e nos deram, com intelligencia, as informações pedidas. Vimos delles diversos utensilios, como: frechas, uma corôa de ornamentação, um remo, e uma lança curta, com formato e desenhos exquisitos, lembrando o estylo chinez ou egypcio. Da sua conversação apenas pudemos comprehender a significação das seguintes palayras: *Fuiú*, sol; *Andú*, lua; *yaurupé*, ave; *taquira*, estrella; *canarú*, floresta; *coi-coi*, passarinho, etc.

Eis o que sobre esta tribu publicou « *A Provincia do Pará* », como resultado de um *interview* que teve com diversos cavalheiros que fizeram uma excursão do Estado de S. Paulo a Belém do Pará, ao chegarem aqui:

## DE SÃO PAULO AO PARÁ PELAS MATTAS

## Lendas e costumes dos índios

*Um interview d' « A Provincia do Pará ».*

Vamos hoje completar a noticia que hontem demos sobre a excursão de cinco cavalheiros paulistas atravez dos sertões brasileiros, dando conta de varios episodios de viagem que elles nos relataram no *interview* que obsequiosamente nos concederam.

Originou a excursão uma visita que o Dr. Caramurú Paes Leme tencionava fazer, atravessando o sertão, a seu pae, o Dr. Pedro Dias Paes Leme, tenente-coronel de engenharia reformado, residente em Leopoldina, onde se conservou desde a mudança de regimen no Brazil e onde habitualmente vivia já antes, quando exercia as funcções de director geral dos presidios militares, extinctos com o advento da Republica.

O Sr. Dr. Breyprim Paes Leme, desejoso de conhecer de perto as florestas e as differentes tribus que as povoam, se offereceu para companheiro da excursão, não tardando que o irmão de ambos, Sr. Pedro Dias Paes Leme, que já conhecia o trajecto a percorrer, se prestasse a lhes servir de guia, completando a expedição os Srs. Joaquim Albuquerque e Arthur Fagundes.

Feitas as malas, recheiadas as carteiras com o dinheiro preciso para occorrer ás despezas de tão grande digressão, enviaram o grosso da bagagem para Goyaz, montaram as respectivas bicycletas, e eil-os em carreira vertiginosa, pedalando ao longo das mattas, dormindo *à la belle étoile*, umas vezes; pernoitando nas cidades, outras, orientando-se nos caminhos, tomando notas e informações, conseqüendo, finalmente, ao cabo de longos e afadigosos dias, percorridas as 150 leguas, que os separavam de Goyaz, chegar a essa cidade, onde a velocipedia não era ainda conhecida, causando assombro a entrada daquelles 5 personagens extranhos, cobertos de pó,

sustentando-se sobre duas rodas, que os conduziam, ganhando em carreira os cavallos mais corredores.

Passada a estupefacção despertada por aquelle novo systema—novo para os goyanos—de transporte, todos quizeram vêr de perto as machinas, e foi tal o enthusiasmo produzido nelles pelo cyclismo, que os excursionistas tiveram de ensinar a toda a rapaziada fina a utilizar-se das machinas, offerecendo-lh'as, ao deixarem a terra, para proseguirem a sua derrota, como hontem dissemos, a cavallo.

Antes de chegar a Goyaz, já haviam causado assombro em varias povoações, chegando em uma d'ellas os habitantes a fecharem as portas, com medo de que os recémvindos fossem seres sobrenaturaes.

Os matutos chamavam as bicycletas cavallinhos de ferro, aranhas e outros nomes, attribuindo muitos aquelle modo de viajar á obra de feitiço, benzendo-se e tapando os olhos, horrorisados.

Um mais curioso dirigiu-se aos excursionistas nestes termos:

— O' *sinhô*, como é que se *tempéra essa tragedia*? E' com os pés?

Na povoação onde se deu este caso, ninguem lhes quiz dar de comer, não sendo pequeno o trabalho que tiveram os sympathicos excursionistas, para saberem quem era a auctoridade, afim de a ella se dirigirem, pedindo-lhe hospedagem.

Em uma das terras do interior tiveram noticias da revolta de Canudos, que, ao sairem de São Paulo, ainda não tinha assumido as proporções mais tarde occorridas, contando-se a esse respeito coisas extraordinarias como, por exemplo, que os insurrectos, em numero de cem mil, haviam batido as forças leaes e já se achavam quasi senhores da capital federal. Sem ser do mato, ha muitos que dão credito a petas semelhantes.

Deixemo-nos, porém, de tergiversações e sigamos com os excursionistas pelo rio Araguaya abaixo, depois de os termos entregado aos affectos do pae extremo em Leopoldina.

Travemos relações com os índios e, depois de percorrer varias povoações, vamos, por exemplo, assistir a uma festa —a Arnana—em Chambioá, tribu de Carajás.

E' a festa dos moços e moças solteiras, que dançam e cantam alegremente, vestindo a *arnana*, um traje de palha que os envolve completamente, não permittindo que os conheçamos.

E' por occasião desse festival que o chefe ou sacerdote da tribu lhes faz a tatuagem e fura os labios, mettendo-lhes o *oboá*.

A *arnana* leva muito tempo a confeccionar e dá bastante trabalho primeiro que esteja prompta a ser vestida; mas, terminada a festa, queima-se : não se póde dar nem vender. Isso seria um crime severamente punido pelas leis carajás, que são inflexiveis.

Por isso é que ninguém se atreve a revelar o nome dos que vestem a *arnana*, se por acaso o souberem, ou se porventura em uma volta de dança a singular vestimenta se abrir e mostrar o rosto de quem a envergue.

Se o delinquente fôr mulher, será despida e exposta á irrisão da tribu.

Nenhuma carajá se quer sujeitar a esse vexame; pois que a moralidade é para o indio uma religião, não podendo homem algum, quer da sua raça, quer *tury* (extrangeiro) possuir uma *cunhã*, sem que a receba segundo á norma da tribu.

A respeito da *arnana* contam os velhos carajás uma bonita lenda que vamos reproduzir:

Em tempos que elles não podem calcular, pois que contam pelos dedos das mãos e pés só até 25, houve uma grande festa á *arnana*. Uma *cunhã* curiosa quiz vêr quem era um dos moços que mais se distinguia nos requebros da dança. Sem se lembrar que a sua indiscrição seria castigada, não só conseguiu vêr quem era o moço embiocado na *arnana*, como o proclamou a toda a tribu.

Houve então uma lucta horrivel entre toda a tribu carajá,

não escapando senão um joven, que o rio levou na corrente até muito longe, deixando-o ficar n'um sitio deserto. Perto da praia havia uma choupana, da qual se apossou, vivendo assim isolado, no meio de uma floresta sem fim. Quando tinha fome, pescava ou caçava; se tinha sêde, debruçava-se sobre a praia e mitigava-a nas aguas do rio que corriam, corriam muito...

Se deixava um bom peixe ou qualquer peça de caça na choupana e sahia em busca de fructas, ao regressar, encontrava-a cozinhada. Quem seria a cozinheira? Pôz-se a espiar durante alguns dias, occulto com uma moita de verdura, e uma vez notou que um formoso periquito entrava na choupana. Approximou-se da porta, e, quando a avesita ia a sair, apanhou-a, chegando-a ao peito. O periquito desapareceu por encanto e o moço indio achou-se abraçado á mais linda princeza que se tinha visto até ali.

Casaram-se, e os filhos daquelle consorcio formaram a nova raça carajá, que mantém a tradição de occultar o nome do que vestir *arnana*.

Apreciam muito as araras os carajás, e só dando-lhes tabaco, que muito apreciam, rosarios, canivetes, tesoiras e outros objectos, se consegue obter delles uma daquellas aves.

Os excursionistas trouxeram uma lindissima, que ao vendedor deixou lavado em lagrimas, recommendando que lhe dêssem bom comer e a tratassem bem.

E' também grande o culto que os carajás têm pelos mortos. Não se julgue que sepultam um cadaver sobre o fundo da cova, lançando-lhe terra por cima. Não. Envolvem-no cuidadosamente em uma esteira e collocam-no em uma cova estreita, por fórma a deixar um espaço entre o cadaver e o solo. Em seguida, formam outro espaço com troncos e folhas de arvores, e é sobre esta especie de tampa que lançam a terra, sobre a qual collocam uma especie de cruz, a que chamam *echeio*.

Todos os dias vão deixar, sobre a campa da pessoa que

morre, sufficiente comida, para que não passe fome, encarregando naturalmente os urubús e as raposas de darem conta do repasto.

Os indios Chavantes têm medo uns dos outros, custando-lhes muito travarem lucta; raptam brancos, que estimam muito, para os casar com as filhas, obtendo assim um cruzamento de raça, que reputam distinctissima.

A maior offensa que se pôde dirigir aos Carajás é chamar-lhes macacos, que é entre elles synonymo de ladrão. Isto em portuguez, porque se fôr na sua lingua — *cocoy* — é uma graçola sem importancia.

Também é apodo pouco reverente *ridico* (ridiculo).

Perguntando um dos excursionistas a um carajá o que estava dentro da lua, respondeu: — Uma mulher (tohó) e um sapo (avequé).

São muito honrados, podendo-se-lhes confiar as maiores riquezas, que dão conta dellas.

Capitão é o nome que dão aos chefes, denominando de cadetes os filhos.

Os solteiros servem na guerra, e os casados trabalham, distinguindo-se aquelles destes, por usarem fitas nas pernas.

A' guisa de condecoração, marcam com um golpe no peito cada morte que fazem na guerra.

São ciumentos em extremo, e têm razão, segundo affirmam os sympathicos excursionistas, pois as indias carajás são bonitas, elegantes e muito intelligentes. —

Ao afastarmo-nos da canôa em que iam os selvagens, avisámos a *ilha da Cajazeira*, que fica perto da *Puraqué-quára*, ficando entre esta e a margem direita o canal de verão; o canal de inverno, que fica entre as duas ilhas, apresenta o panorama de um grande lago: rio calmo, ilhotas pelo meio. Muitas dessas ilhas perdem o arvoredado no verão, á semelhança das florestas da Europa na estação do outomno. O rio forma bellas enseadas, que as ilhas acompanham.

Avistámos o *Morro da Praia Alta*, que é o fim do *Tauhiry*, secção do Tocantins comprehendida entre o *Muruxisal* e essa praia, dentro da qual já estávamos com 4 dias de viagem. Esse morro é simplesmente argiloso.

Passámos pela foz do *riacho Cajaseiro* na margem esquerda, com 12 kilometros de largura. Pelo meio do Tocantins, viam-se ramas de palmeiras sairem á flôr d'agua: são grandes coqueiros ali plantados, e que, no verão, mostram a sua altura esbelta no meio das pedras e do areal extenso, em que se converte o rio agora navegado. Nesse tempo a pesca da tartaruga ali é abundante. Observou o nosso piloto que um desses animaes se aquecia ao sol, na pedra de uma ilha, junto á qual seguíamos. Apontou a espingarda e o matou. Um dos tripulantes saltou n'agua e, sem perturbar a marcha da embarcação, sem temer a correnteza, que era grande, foi buscar o animal morto. Actos semelhantes praticavam sempre que cahia ao rio uma das nossas araras, mostrando assim serem grandes nadadores.

A importante ilha do *Puraqué-quára*, com 4 kilometros de comprimento e 300 metros de largura, e com a sua área cheia de castanhaes, é obliqua em relação ao rio, prolongando-se de leste para oeste, esperando, sem duvida, que o rio a subdivida em duas ou tres, como as suas companheiras. Esta posição colloca ambos os canaes para o lado esquerdo e dá origem á grande *Cachoeira do Piquiá*, que lhe fica fronteira. Aportámos á margem esquerda, sendo a nossa ceia e dormida *à la nature*, como nas noites antecedentes, visto continuar a não apparecer casa alguma naquellas margens.

## CAPITULO XI

Ilha e travessão do Piquiá. — Ilha e travessões de Santo Antoninho. — Ilhas da Praia Alta e da Samuhúma. — Ilha do furo do Maranhão. — Rebojo do Lourenção. — Bocca do Tauhiry. — Casa de Raymundo Liart. — Noticia sobre os indios Gaviões. — Necessidade de uma colonia agricola para a sua catechese. — Visita dos Gaviões a Belém e seu regresso á tribu. — Continuação da viagem. — Praia da Rainha. — A caça no Tocantins. — Riqueza da fauna tocantina.

Proseguiu-se a viagem na manhã de 25 de Março, costeando a grande enseada do *Piquiá*, onde a corrente é fortissima, e avistando, pouco adiante, a ilha do mesmo nome, que tem 1.500 metros de comprimento. Junto á margem esquerda, fica, na direcção da ilha, o *Travessão do Piquiá*.

A ilha é baixa e se estende desde o seu travessão até ao *Furo de Santo Antoninho*, que fronteia a *Praia Alta*. A margem esquerda continuava sempre baixa e, abeirando-a, seguimos até ao *Travessão de Santo Antoninho*, onde encontramos navegação difficil. A agua fervia em espumas altas e alvas, como em um caldeirão ao fogo, e foi tal o perigo, que alguns companheiros mais intimidados acharam prudencia salvar o travessão por terra. Passado esse lance, a navegação se tornou calma. Sentámo-nos no toldo e começámos á interrogar o piloto, que é sempre um homem sério e uma especie de *doutor*, naquellas extraordinarias paragens. Disse-nos que, para subir o Alto Tocantins, as canôas pequenas são preferiveis; mas, para descêl-o, a embarcação de maior porte aproveita, com o pégo, a maior força da corrente.

Estavamos em frente á ilha de Santo Antoninho, que fica quasi em seguida á do Piquiá, tendo 600 metros de comprimento e 150 de largura. Ahi fica o *Travessão de Santo Antoninho de cima*, em contraposição ao outro que é *de baixo*, sendo aquelle mais forte que este, e onde as canôas, para o salvar, descrevem um arco de circulo.

Deste ponto seguimos no rumo de 35° S. E., notando que as varzeas da margem esquerda começavam a diminuir de largura, isto é, que as terras altas se approximavam daquella beirada. Julgavamo-nos isentos, por algum tempo, de outros perigos, quando nos annunciaram o 3° *Travessão de Santo Antoninho*, mais forte ainda que os precedentes, sendo necessario que os tripolantes saltassem á agua para vencer a correnteza, puxando a canôa por meio de cabos. E' verdade que aquelles pedacinhos amargos intimidavam as almas pequenas, mas não deixavam de tornar divertida a viagem. Tivemos ainda de passar por novo travessão com a mesma denominação dos anteriores. Disseram-nos os naturaes que, no inverno, ha 4 travessões de Santo Antoninho, reduzidos, no verão, apenas a um, o que prova que o espigão de pedra, que atravessa o rio de léste para oeste, se subdivide em 4, ao approximar-se da margem esquerda. Calculou-se ahi a velocidade da agua no rebojo, e verificou-se a média de 55 kilometros por hora. A vista do observador nota a ingreme elevação do rio dahi por deante, achando-se na cota superior desse talude a *Praia Alta*, em cuja frente está situada a ilha do mesmo nome, ficando o canal de verão entre esta e o continente oriental.

Ao deixarmos a *Ilha de Santo Antoninho*, seguimos em rumo de 64° S. E., medindo-se nelle a distancia de 3.000 metros. Entre a ponta meridional dessa ilha e a *Samuhúma*, acha-se o canal deste nome, dentro do qual ficou quasi toda a distancia de que falámos antecedermente. Tivemos de vencer a fortissima corredeira onde, pelo aneroide, se verificou estarmos a 250 pés ácima do nivel do mar.

Entre as duas ilhas anteriores o rio mostrou toda a mages-

tade da sua largura de 2.000 metros, pelas triangulações observadas na beirada. Approximavamo-nos da *Pedra do Maranhão*, que serve de cabeça ao temível travessão do mesmo nome. Para nos salvar deste perigo, eu e dois companheiros abandonámos o rio e seguimos em canôa pequena por um furo, que communica a parte baixa do travessão com a secção superior, formando uma ilha baixa e alagada, chamada tambem do *Maranhão*, com o comprimento de 2.100 metros. Na bocca superior deste furo, que dá uma largura de 1.000 metros para o canal, se acha outra ilha que tem a mesma dimensão e o mesmo nome da antecedente. Deste ponto seguimos no rumo de 25° S. E., havendo de lado a lado terras firmes e elevadas, mas longe de poderem ser classificadas como montanhas. Os *saraişaes* que ficam junto da beirada da margem esquerda são constituídos de ramos de *piranheiras*, arvores communs naquellas paragens, e tão fortes que resistem á correnteza da invernada, e tão altas que não deixam submergir as ramas em uma profundidade de 10 metros d'agua.

A navegação dobrou para 45° S. E., sendo calculada a distancia de 2.000 metros para chegarmos á *bocca de cima do Tauhiry* e salvarmos aquelle impecilho triste, que nos amofinava, já ha 4 dias. Como sentinella desta passagem, está situado o grande sorvedouro ou *Rebojo do Lourenção*, tão perigoso, que não ha canôa que o possa vencer no inverno; e, quando é atravessado, não deixa de infundir terror aos tripolantes.

Na bocca do Tauhiry passámos sério perigo na canôa em que seguiamos viagem; mas dei graças a Deus por me vêr livre daquelle trecho lugubre de rio, cuja garganta superior foi por mim calculada em 1.200 metros. A força da corrente era violentissima, e como que diabolicamente desejava submergir a embarcação, sendo nós forçados a mettermo-nos por entre a mata alagada da margem esquerda, onde um dos tripolantes teve de abrir caminho com o facão, organizando assim rusticamente um canal provisório. Estas florestas da beirada se acham submergidas,

apparecendo dellas apenas os ramos das *piranheiras* e dos coqueiros elevados, porém, entre os quaes cresce, parasitariamente, uma especie de trepadeira de folhas largas, que se avolumam, formando dali um bréjo.

O Tocantins, depois da garganta do Tauhiry, começa a alargar-se, produzindo uma enseada no rumo médio de 9° S. E., e, depois de 500 metros, forma uma largura uniforme e magestosa na direcção de Sul verdadeiro. Aguas tranquillias e panorama lindo, é como se pôde descrever o novo trecho do rio.

Logo ácima da bocca do Tauhiry, vê-se, na margem esquerda, uma povoação de 8 a 9 casas, algumas grandes e todas cobertas de palha. Depois de 1200 metros, passei em frente ao cemiterio da localidade, e logo em seguida appareceram as grandes roças do lavrador Raymundo Liart, a cuja casa nos dirigiamos, com o fim de observar alguns indios *Gaviões*, que lá estavam.

Ao chegar a Belém, entrevistado por um dos redactores do jornal « *A Provincia do Pará* » sobre a existencia dessa nação temivel de selvagens, eis o que escrevi sobre o ultimo dia passado no Tauhiry e a primeira conferencia que tive com esses bellos indios *Gaviões*, os mais perfeitos representantes da grande raça americana :

— Toda a margem direita do rio Tocantins, desde abaixo da cachoeira da *Itabóca* até aos limites do Estado do Maranhão, abrangendo uma área nunca inferior a 800 leguas quadradas, forma o paiz encantado onde habitam os *Gaviões*, a mais poderosa nação de indios da região tocantina.

Pela margem esquerda do rio, junto da qual passa o canal da navegação, sempre tem o viajante que admirar, quasi todos os dias, o sorriso das choupanas suspensas dos barrancos da beirada, a fogueira de algum pescador feliz ou o abrigo de um caçador de espéra; ao passo que a margem direita é um deserto, de que ninguem se approxima senão com receio, e onde nada se vê mais que o verde esfumado da floresta e o horisonte atopetado de nuvens, como a encobrir o desconhecido.

Quantas vezes na minha ultima viagem ao Alto Tocantins não atormentei os barqueiros com incessantes perguntas sobre a existencia mysteriosa daquella tribu, e o motivo de tamanho abandono daquellas terras tão superiores, em condições de clima e fertilidade, á outra margem!

Carlo Fiore, nas suas divagações de moço, sonhara estabelecer por toda aquella região umas centenas de milhares de familias italianas, fazendo daquelle paiz *um dulcissimo céu*.

Citaram-nos, então, as crueldades dos *caboclos*, cuja pégada parecia fazer maior mal do que a pata do cavallo de Attila.

Trucidamento de crianças, rapto de mulheres, homens *frechados* sem saberem donde partiam as settas, formaram um quadro de scenas medonhas, onde o *Gavião* refastellado, ante os *muquens* de carne humana, correspondia ao seu homonymo entre as aves.

Parece, entretanto, que aquella gente apenas defende o sólo da patria contra o invasor estrangeiro.

Quem sabe se tudo aquillo não representa uma vingança por antigas recordações de abusos commettidos nos remotos tempos coloniaes?

Sob estas tristes impressões continuava eu a viagem ao longo do rio, admirando o horisonte pardacento daquellas terras altas, a frescura das ilhas que desabrochavam á flôr d'agua, como gigantescas *victorias régias*, e o panorama de collinas mais distantes, que subiam ao céu com uma exuberancia de mata de castanhaes enormes.

Ninguem dali sabe dizer nada, senão cêrca de uma centena de passos da beirada para o centro.

De que mysterios se não cerca aquelle povo, cuja existencia historica ninguem precisa, e cuja constituição o tornou mais viril que os seus irmãos do continente?

Com estas reflexões, seguimos a viagem, rodeados dos perigos de que o Tocantins é tão fertil, como de bellezas. Só dentro do trecho que chamam *Tauhiry*, passámos 4 dias. Depois da extraordinaria entrevista que tivemos com uns in-

dios da margem esquerda, contaram-nos que os *Gaviões* tinham ali chegado á falla com os moradores, tendo-se até offerecido voluntariamente representantes daquella tribu para passarem alguns dias de visita em casa do cidadão Raymundo Liart, lavrador pobre, cheio de filhos e de bôa vontade.

Estavamos ainda afastados daquelle sitio na distancia de 17 kilometros, que, pela corrente impetuosa da *Cachoeira do Maranhão* e do *Rebojo do Lourenção*, não poderiam ser vencidos pela nossa canôa em menos de dois dias.

Esfalfados de fome, aborrecidos já dos *filets* de jaboty, que formavam o nosso unico alimento naquelles ultimos dias, alegrãmos-nos quando nos chegou, vindo do *Burgo de Itacayuna*, uma montaria tripolada por dois homens, com matalotagem de preparados de gallinha e carne de vacca. Isto muito nos satisfez, por vermos que estava quasi concluido o sacrificio, além de nos asseverarem os portadores que os *caboclos* estavam em casa de Liart, noticia esta que me encheu de contentamento, pois desejava vêr esses homens de quem me falavam com tanto horror.

No dia seguinte, desprezando todos os conselhos da prudencia, abandonei o barco em que subiamos, e tomei a montaria, com dois tripolantes e o Sr. José Clementino, genro do coronel Leitão, que me não queria deixar ir só.

A manhã estava esplendida. Um ar leve, ruflado de vi-ração amena, saturava a alma e o corpo de uma bemaventurança de vida. Bellos panoramas de ilhas e ilhotas que enxameavam o rio, pareciam querer vencel-o contra a força impetuosa da corrente. Bandos de araras e papagaios riscavam a cada momento a atmosphaera de phantasticos mozaicos; e a Natureza inteira tinha, naquella hora, a feição materna de um dia de risos.

Poucos momentos depois da partida, notámos que a montaria estava sobrecarregada, pois a muito custo podiamos vencer a correnteza, que formava já um dorso de vaga na proa do *calhambeque*.

José Clementino me avisou do perigo; calei-me. Disse

elle que seria de melhor conselho aportarmos á terra e esperar pela canôa grande, que estava agora por traz de uma ponta, atravez de cuja mata se ouvia a grita dos remadores.

Encostámos á beirada para deliberar; elle se decidiu a ficar, e eu cõtinuei a viagem.

Desviamo-nos da *Cachoeira do Maranhão* por um braço de rio, que atalha ao longo da ilha do mesmo nome, com a extensão de cêrca de 4 kilometros.

Entretanto, no *Rebojo do Lourenço* corremos sério perigo : a montaria foi jogada pela correnteza de encontro ao mato da beirada; a agua entrava por todos os lados, e, se não fosse o piloto ser um rapaz forte, alegre e habil, a canôa teria offerecido o flanco á corrente e o golphão enriqueceria com mais tres victimas a sua estatistica mortuaria.

Ali mesmo no meio do rio, ha poucos annos, tinha sobrado a canôa grande do desgraçado Lourenço, que deu o nome a tão tragico logar.

Era um ricaço dos sertões de Goyaz, que descia o rio em uma grande canôa, levando comsigo 8.000 couros, cêrca de 40 contos de réis, muita criação, etc., e, mais do que isso, trazia uma rapariga de rara belleza, irmã da propria esposa, que fôra por elle abandonada, para raptar a cunhada da casa da velha mãi, que a adorava mais do que o amante.

Ao vêr o Lourenço que descia a ribanceira para tomar a canôa, levando a *guyaca* (bolsa) da cinta cheia de moédas de ouro, a pobre velha, extorcendo as mãos, lhe gritou de cima : « Vai, desgraçado ; as aguas da cachoeira lá estão em baixq para me vingar !... »

Effectivamente, dias depois, se dava a grande hecatombe, no travessão de pedra que corta o canal, quasi perpendicularmente, na bocca de cima do *Tauhiry*.

Já o piloto lhe tinha feito vêr a sobrecarga do bote ; mas Lourenço lhe respondeu por vezes : « Ou vai tudo ou nada vai. »

Quando a canôa, ao passar o canal, recebeu a primeira pancada do rebojo, os couros que estavam por cima das duas toldas que todos os botes têm, deslizaram só para um

lado, desequilibrando a embarcação, que recebeu pela borda a primeira golfada d'agua, arrastando para o abysmo a infeliz rapariga.

Salvaram-se poucos; mas do Lourenço nem o dinheiro se achou.

Talvez por muito caro comprasse elle o direito de dar o nome á ultima pedra, que a futura E. F. de Alcobaça terá de salvar.

Quando, ao passar o perigo, um dos remadores me contou esta historia com a demonstração topographica da tragedia, foi como se me tivessem dito em Napoles: « Naquella brécha é que se sumiu o Silva Jardim! »

Estremeci de terror, e me arrependi de ter apressado com tanta loucura a visita aos representantes da ferozmente celebre tribu dos *Gaviões*.

A ultima estaca do projecto de estudos dessa tão importante estrada de ferro, destinada a communicar os feracissimos sertões de Goyaz com o mercado ascendente do Pará, fica bem junto de um pequeno cemiterio local.

Como por antithese, quizeram os engenheiros collocar o symbolo da vida futura sobre os destroços da morte.

Será uma triste consolação para os que lá se acham sepultados no meio de uma das mais opulentas regiões; ouvir o silvo da locomotiva tripudiante, sobre os seus jazigos, como a despertal-os, para assistirem á realização dos seus mais dourados sonhos.

A nossa montaria passou bem junto da margem. Tiramos respeitosamente os chapéus. Saudavamos b somno eterno dos mortos ou o sorriso da bemaventurança do futuro?!

O rio nos trazia da quietude do seu leito um arfar de briza perfumado e saudavel. Aves extranhas entoavam pela beirada cantos, que nos pareciam novos; como a denotarem zoologia de outras terras.

— Sr. Dr. não ouve, disse-me um tripolante, o gaviãozinho do sertão? Aquelle me faz lembrar a minha terra; parece que já estamos perto de Goyaz.

Effectivamente, eu ouvia de toda a parte sair esse canto, que tanta saudade despertava no peito rude do sertanejo. Aquelle passaro é o mensageiro do verão alegre, e acompanha, do centro para a beirada, as manadas extensas da corpulenta boiada, que procura, sequiosa, o rio.

Qual será o futuro daquella terra predestinada a ser o traço de união entre a barra do Amazonas e o centro do Brasil?

A florescente margem, que eu, com os olhos humidos de commoção, estava vendo, será bem cedo a topographia esquadrejada de uma grande cidade.

\*  
\* \*

Poucos minutos depois, chegavamos ao porto do Sr. Raymundo Liart.

O rio, na enchente, quasi que lambia a casa de forno, que ficava em baixo.

Subimos por uma escada rustica de madeira, collocada em posição inclinada, e, ao depois, pelos degraus feitos no proprio barranco até ao *plateau*, além de 20 metros de altura, rodeado de um risonho panorama de todo o rio; e onde ficam as quatro casas de palha, que formam o começo da Povoação do *Lago Vermelho*.

Anciava por chegar, para com mais brevidade vêr os indios que ainda lá estavam. E por felicidade minha, na primeira barraca em que entrei, deparou-se-me um mancebo de physionomia insinuante, longos cabellos negros, cahidos ás costas, sentado na ponta de uma mesa. A calça e a camisola de linho escuro que vestia, lhe davam um desageitamento no corpo, como se estivesse affrontado.

Era um *Gavião*, um representante da tribu mais temida dos desertos do Tocantins, um daquelles Attilas, ante o ruido de cujos passos os proprios indios fogem.

Saudei-o, falei-lhe, fiz-lhe acenos; o sympathico rapaz apenas respondia com um sorriso bom e aberto, deixando vêr uma fileira de dentes alvos e unidos.

Depois se levantou. O seu porte era mais elevado do que o dos outros indios que eu já tinha visto ; mostrava o perfilamento de um senhor e o contorno da fronte delineada de homem intelligente. No rosto, grandes olhos expressivos, nariz com insignificante achatamento, nenhuma barba, labios grossos, sobre os quaes notei a cesura destinada a receber o *batoque*, o que me pareceu geral em quasi todas as tribus do Tocantins. Tinha os hombros largos, pouca proeminencia do abdomen, as mãos delicadas e finas, mas os dedos dos pés quasi aleijadamente abertos.

Porém, o que aquelle rapaz tinha de mais digno de nota, era a cabelleira sedosa e negra, como se estivesse acostumado a tratá-la com algum oleo silvestre.

Nada percebi do que me dizia, nem elle entendia a minha conversa, limitando-se a arremedar erradamente as minhas phrases, como para me ser agradavel.

Nesse interim, chegou do mato o Sr. Liart armado de uma bôa espingarda de caça, trazendo ao lado uma veada gorda, que nos proporcionou excellente ceia.

Outro indio o tinha acompanhado até ao centro sem levar arma alguma, prestando, porém, um grande serviço com o seu excellente faro selvagem.

Liart nos asseverou que era o mais intelligente dos dois : a physionomia, effectivamente, era mais doce que a do outro, embora o porte fosse poucos millimetros menos elevado. No mato era de uma perspicacia extraordinaria : caminhava atraz do caçador, e o puxava pelo vestido, quando queria mostrar um veado ou outro animal, que sem esse adjutorio, passaria despercebido.

Era uma especie de cão de caça.

Ali não havia medo de uma traição do selvagem, porque não só não ia armado, como tambem o paiz onde reside a extraordinaria nação, de que era filho, ficava do outro lado do rio, que nesse logar tem cêrca de 4 kilometros de largura.

Os *Gaviões* poucas vezes descem á beirada ; as suas al-

deias, talvez cidades, estão no centro daquella grande região situada entre a margem direita do rio e uma parte do Estado do Maranhão.

Não conhecem embarcações e são bons andarilhos ; demonstram no mato uma intelligencia rara, que lhes faz descobrir rumos para tal e tal logar e evitar perigos, nos quaes o civilisado estupidamente cahiria.

As suas armas são a *frecha* de bico de osso de animal, a *taquára* de ponta de madeira, e o *arco* muito maior que elles, feito do pau do mesmo nome e tão grosso, que, apezar de o manejarem com a maior destreza, os dois homens nossos difficilmente o curvaram.

Estes *Gaviões* são uns cyclopes de força : devem ser oriundos de uma das tribus mais fortes que occuparam o sul da America.

Liart me asseverou que, pelo que tinha percebido, eram homens de viagens longas e pertencentes a uma nação poderosissima e numerosa.

Passei a tarde divertidamente, vendo-os atirar a *frecha* para o ar e acertar, na descida, em alvos que collocámos no terreiro.

Fil-os cantar e dançar, e na minha cadernêta de trabalho tomei nota de diversos nomes na significação da sua lingua, taes como :

*Arapucaré* ou *Uiaterinã* — onça ;

*Cori* — facão.

*Incra-piaré* — criança ;

*Cuira* — mandioca ;

*Chadreirinã* — rêde ;

*Dioterinã* — balaio ;

*Jarigrinã* — abobora ;

*Caunerinã* — cuia ;

*Cuinahará* — donzella.

Notei que muitas outras palavras, que significavam objectos apontados por mim ao indio, com um gesto de per-

gunta, tinham uma terminação « *nã* » para representar aquillo que poderia de qualquer modo ser apropriado ao homem.

Os *Gaviões* cultivam a musica, mas no seu inicio barbaro e quasi sem harmonia.

Trouxe delles um flautim e uma buzina, feitos de canna de bambú, um maracá de fructa de cuieira, que chocallham quando dançam, tocando tudo em um rythmo tal, que pôde ser qualquer coisa, menos a musica do futuro.

A dança é selvagem e desageitada, e para um dançar precisava que o outro se decidisse a imital-o.

Todos os objectos indigenas que pude obter nesse dia remetti, de presente, ao Sr. Dr. E. Goeldi, com destino ao Museu do Pará, sendo esses os primeiros artefactos de *Gaviões* que entraram naquelle estabelecimento.

Na apreciação dessas scenas de canto e dança chegámos á noité.

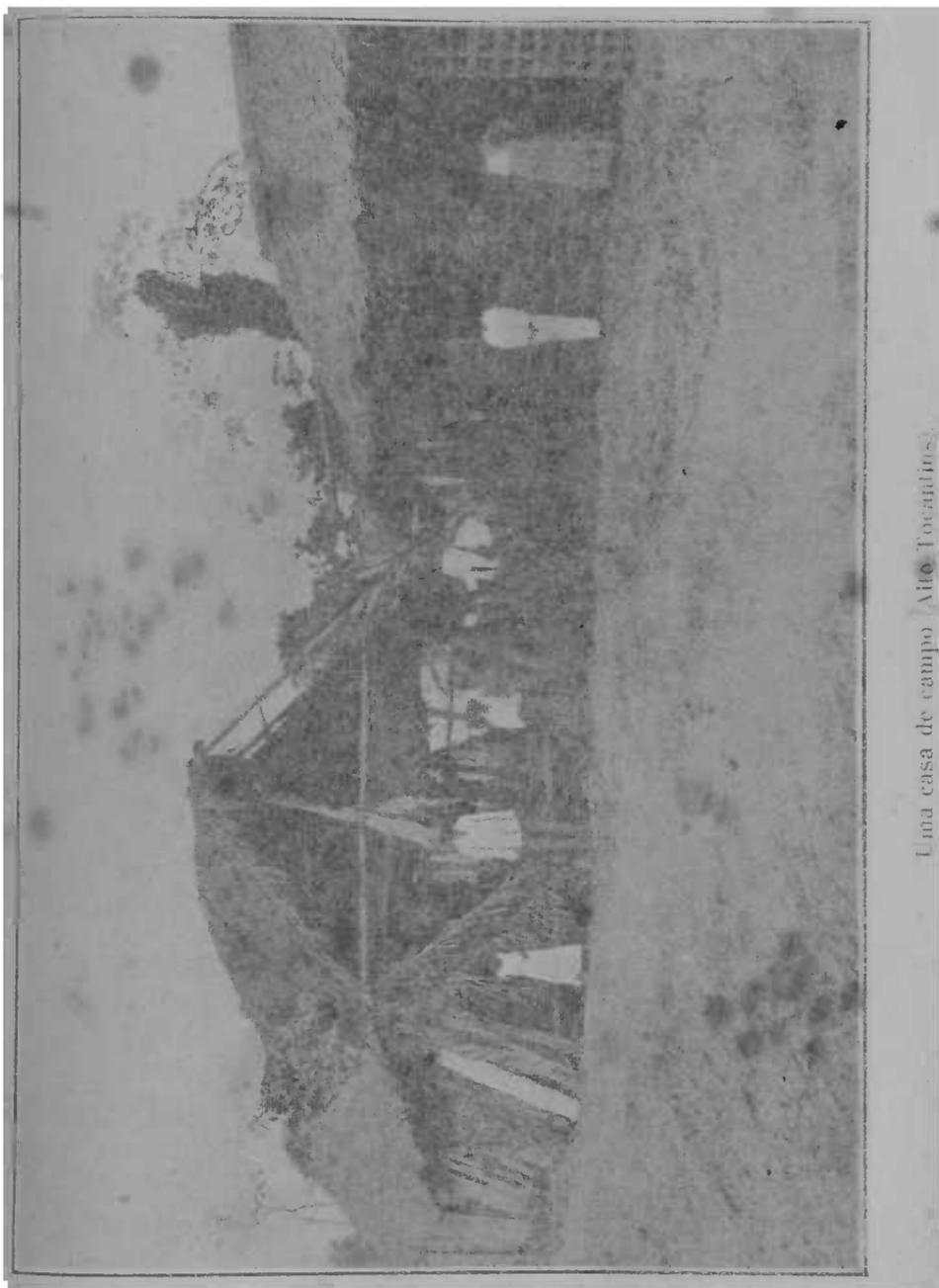
Liart se recolheu com a familia para o quarto ; eu, com outro companheiro e os indios, dormimos na grande sala aberta da frente. Notei que os *Gaviões* não dormiam deitados: acoraram-se junto de uma parede, da qual fizeram apoio, e dormiram melhor do que nós, nas nossas rêdes de fios claros, que a fidalguia da hospedagem nos tinha dado.

A lua da meia noite entrava com um clarão de bemaventurança na nossa sala, illuminando de brilho phantastico o rosto daquelles dois nazarenos, agora tão semelhantes, na posição, ás mumias egypcias.

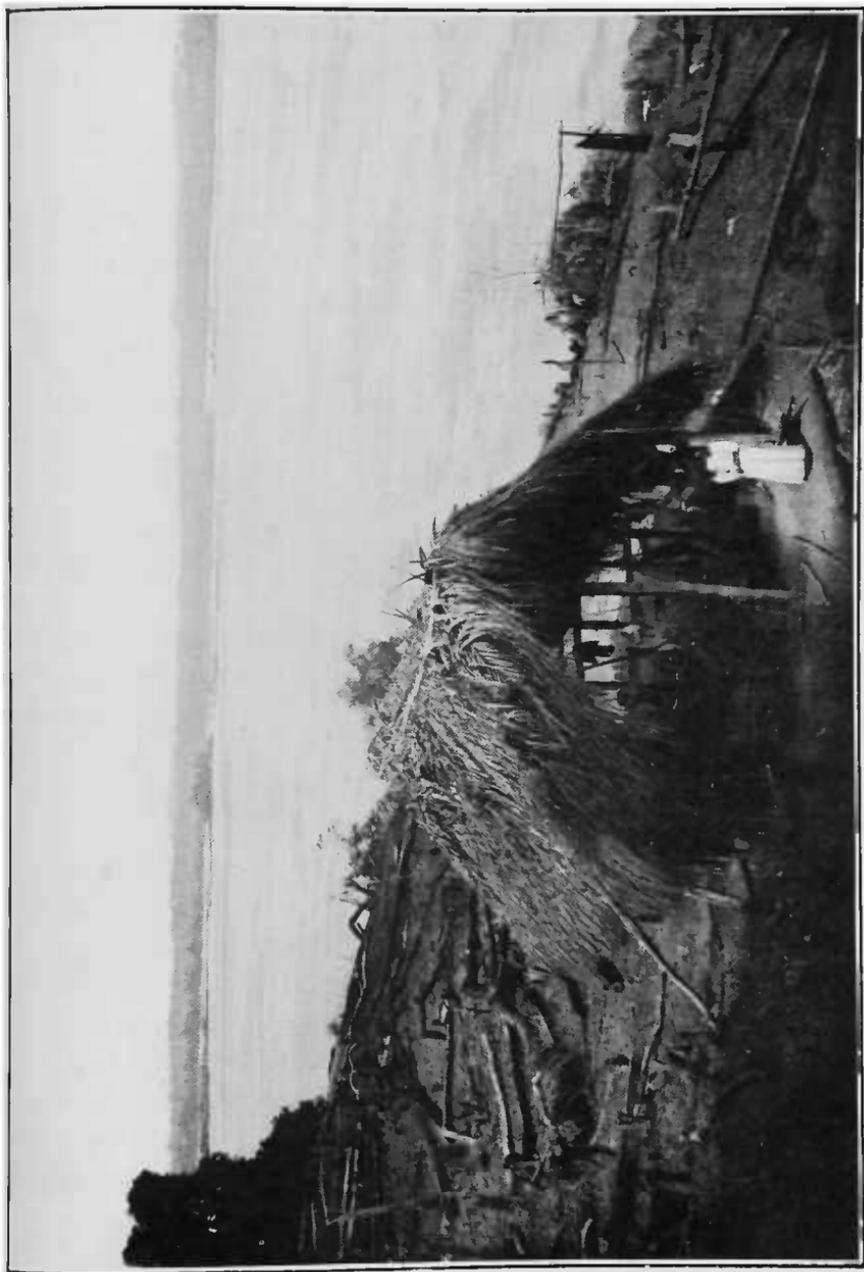
Perdi o somno a pensar na origem daquelles homens tão desprezados da civilisação e tão entregues á soberania das suas crueldades.

Lucta ingloria! Pretenderá a raça vermelha sobrepujar por essas violencias de insistencia a raça branca ou mes-tiça? Ou será uma vingança com que o primitivo homem americano se desforra do esquecimento a que tem sido condemnado, na sua propria terra?

Pobres illudidos, elles ainda ignoram quantos tiros uma



Uma casa de campo Alto Tocantins.



Casa da Roça, á beira rio.



Mannlicher ou uma Mauser pódem dar no tempo em que os seus arcos apenas acertam a pontaria de suas *frechas*.

O progresso, meus pobres amigos, tem uma lei inexorável, a qual pisa o mundo, ora com a pata de ferro de uma locomotiva, ora com o estylete fino do fio télegraphico.

Ninguem tem hoje o direito de ficar parado: a lucta pela existencia chama a postos todos os homens, victimas ou algozes. Todos trabalham, todos necessitam e todos se satisfazem.

Ah! pobres *Gaviões*, no dia em que o progresso tiver necessidade de vós ou das vossas terras, iremos ao coração da vossa patria, pedir-vos a rendição ou a morte, e dar-vos a enxada ou a sepultura.

E aquelles dois innocentes dormiam, como se estivessem no melhor dos mundos e como se vissem ha quatro mil annos antes de Christo.

Quando os clarões mansos da alvorada nos despertaram no dia seguinte, já os dois filhos da floresta estavam sentados em um banco baixo do terreiro.

Tivé pena de não saber saudal-os no seu idioma. Limitei-me a acenar-lhes com a mão; sorriram. Estavam satisfeitos.

O panorama era realmente bello!

A luz da manhã, de um branco azulado, deixava vêr os homens e as cousas envolvidas no ligeiro nevoado dos bons climas.

O povoado do *Lago Vermelho*, de que aquellas casas são o risonho inicio, forma o conjuncto de uma população de 60 almas, todos lavradores, caçadores e tiradores de castanha.

As casas são de palha, mal abrigadas, porém hygienicas; e se os habitantès não gozam muita saúde, é isso proveniente das febres trazidas, no inverno, dos castanhaes, que abundam na margem direita, semeada em extensa zona, de lagos e lagôas, a que os indios chamam, não sei com que significação, *cami-naús*.

Nesse logar o rio é largo, forma um estuario de 60 kilo-

metros de extensão, onde a navegação se faz sem risco.

Os barqueiros se aproveitam da noite e deixam a canôa ir de *bubuia*. Todos dormem, excepto o piloto, que serve de sentinella na pôpa. A propria corrente do rio impelle a embarcação. Quando ha qualquer perigo que evitar, como por exemplo, um garrancho, ervas ou paus, que descem tambem o rio, o piloto grita a postos aos remadores, e estes fendem a agua com os remos, salvando a embarcação do impecilho.

O *Lago Vermelho* é o ponto terminal dessa navegação pachorrenta : dali por deante está o Tauhiry, a Itabóca e o perigo.

\*  
\*

Lá para as 8 horas da manhã, vimos approximar-se uma dessas canôas.

Nella iam para a Capital do Pará dois indios *Cayapós*, da mesma tribu a que pertence um indio ultimamente chegado ao Rio de Janeiro, e que tanto deu que falar á imprensa fluminense.

Fiz os dois *Gaviões* descerem até á barranca, para vêr se, pela approximação dialectica da lingua, podiam-se fazer comprehender dos outros dois indios.

Falaram por algum tempo, mas percebemos todos que não se entendiam, não só pela entonação differente, como pelos gestos. Era como se um inglez estivesse a falar com um allemão.

Mas, meu Deus, como é difficil o estudo perfeito da ethnographia americana e mesmo brasileira !

Quantos idiomas differentes se falam em regiões mais proximas que a Hollanda da Belgica !

Quaes as origens de tanta gente ? !

De que Babel desceram povos que parecem irmãos ? !

Os *Gaviões* e os *Cayapós* já comprehendiam mais a nós do que os representantes das duas tribus se comprehendiam entre si.

De cima da ladeira vimos passar vertiginosamente uma esquadilha phantastica : barqueiros alegres nos gritavam adeuses, sem nunca os havermos conhecido.

Decidi-me a ficar mais aquelle dia em casa de Raymundo Liart: desejava saber os pormenores daquellas visitas que ultimamente elle estava recebendo da grande nação da margem opposta.

Os *Gaviões* anteriormente nunca tinham apparecido senão para exercitar alguma crueldade ou se fazer temidos.

\* \*

No mez de Dezembro do anno de 1895 os moradores da margem esquerda do Tocantins ouviram, com geral surpresa, da margem deserta do outro lado, fronteira á casa do Sr. Liart, repetidos toques de buzina.

Chegaram-se á barranca e perceberam, apezar da distancia, um grande ajuntamento de indios.

Eram os temidos *Gaviões*, que, depois de tantos seculos, davam mostras de querer parlamentar com os civilisados.

Viriam propôr o armisticio ou a paz?

Só o futuro dirá se aquillo era uma tregoa ou um tratado de pacificação completa, para cuja ratificação se torna necessario o concurso efficaz do governo deste Estado.

Raymundo Liart e alguns companheiros ousados, depois de curto conciliabulo de uma hora, decidiram ir á fala com os selvagens.

Esquiparam duas montarias com os poucos homens de que dispunham e com alguns insignificantes presentes, como: espelhos, terçados, etc., e abicaram para a extensa e arenosa praia da margem direita, onde os selvagens affluam como se irrompessem do chão.

— Animo, companheiros! diziam uns aos outros, vamos vêr o que quer aquella gente.

Aportaram á distancia, e Liart, como o mais corajoso, se levantou do meio de uma das canôas.

Dentre os homens vermelhos sahiu um, o mais alto, dizem que de feição féra, mas tendo impressa na fronte a soberania do mando. Era, sem duvida, o chefe.

Todos estavam nús, sem ornatos e sem armas.

O indio alto deixou os outros parados e avançou até ao centro da praia, ergueu o braço, e, gesticulando com imperio, falou por algum tempo na lingua da sua terra e em um tom que ninguem soube se era de exprobração ou de dôr.

Os tripolantes das canôas ficaram petrificados de commoção ante aquella scena.

Ninguem o entendia senão os seus, que naquelle momento estavam calados.

Que teria dito aquelle homem ?

Aqui estamos nós, filhos desta terra, nús e quasi famintos. Viemos daquellas serras altas que azulam lá ao longe; mas o cume dos nossos montes não têm a elevação necessaria para receber sequer o reflexo do sol civilizador, de que nos falam as nossas victimas nas suas contorsões de morte. Que tributo nos tendes pago dessa terra que nos pertencia e que vos demos? O desprezo ou o temor covarde!... Nenhum dos vossos governos tem sequer mandado indagar as nossas necessidades... Para que se lembrem que ainda existimos, é necessario que commettamos alguma crueldade... Então mandam soldados, não por nós, mas pelas victimas que quasi sempre são os nossos algozes; vêm, não nos ensinar a proceder com virtude, mas nos matar!... Aqui estamos hoje, delegados da nossa grande nação, cansados de vos vêr correr e de vivermos foragidos... Apresentai as credenciaes do vosso governo. Queremos a paz com honra: aqui vos entregamos as nossas armas; dai-nos instrumentos proprios para fertilizar a terra, que com tanto custo semeamos,

Teria sido este o sentido em que falou aquelle indio, que até os nossos homens respeitaram?

Depois desse discurso, talvez de muita eloquencia, Liart e outro companheiro tomaram os presentes que traziam e os levaram á praia, collocando-os em cima de uma pedra, á meia distancia do indio.

Este voltou para os seus, donde trouxe um maço de *arcos e frechas*. Queria, sem duvida, dizer: « Vós nos daes o superfluo do vosso luxo, e nós vos entregamos o instrumento do nosso trabalho. » Pareciam parlamentares de dois exercitos em campo de batalha.

Liart avançou para o indio e apertou-lhe a mão.

O selvagem pareceu ter comprehendido ser aquelle o signal de paz entre os brancos, e, como penhor da sua palavra, foi buscar, do meio do seu grupo, dois mancebos, e, gesticulando, os entregou aos nossos, dando a entender que queria que elles fossem para a casa dos civilisados aprender os seus usos, estudar a sua vida, demonstrando o desejo que a grande nação dos *Gaviões* tem de se sujeitar a uma catechese voluntaria e prompta.

Todos notaram o constrangimento com que os dois rapazes accederam á ordem do chefe, acostumado a ser sempre obedecido. O mais alto garantiu por gestos voltar dahi a dias, e, emquanto se tratava de mal cobrir a nudez dos dois prisioneiros voluntarios, embarcal-os para as canôas e zarpar em seguida, viu-se, de bordo, o chefe indigena repartir entre os seus os presentes que lhe tinham dado, e sumir-se aquella onda vermelha do sangue americano, no meio da floresta verdejante e fresca.

A chegada dos selvagens foi um acontecimento no povoado. Todos vinham vê-los, trazer-lhes presentes insignificantes e cercal-os de amorosidades simples.

Os indios correspondiam com um sorriso, suspiros de saudade pela *taba* distante, e movimentos demorados de quem não está a seu commodo.

Effectivamente, notei que aquelles homens pareciam possuidos de melancolia nostalgica. Estavam quasi sempre sentados e, se prestavam attenção interessada e tacita, demonstravam, ao contrario, dar pouca importancia ao que junto delles se passava. Pareciam collegiaes de um convento nos seus primeiros dias de férias. Parados, eram estatuas; andando, assemelhavam-se a automatós.

Notei que, para estudal-os, achava mais difficuldade do que em decifrar hieroglyphos em pyramides.

Quando, dias depois, se ouviu do outro lado novo toque de buzinas, os dois mancebos, que estavam sentados, puzeram-se de pé, como se fossem movidos por mola, mais pres-tes que um soldado ao ouvir o clarim do chefe.

Desceram á ribanceira, e, açodados, deram mostras de vêr logo uma canôa, em que se transportassem para se reunir aos seus.

Liart e a mesma gente os acompanharam.

Houve do outro lado nova troca de presentes, mais amistososa conferencia; e a chegada dos dois rapazes entre os seus foi recebida com gritos de satisfação.

Causou hilaridade a vestimenta que levavam, e tão calados e quiétos tinham estado, quanto faladores e espertos agora se mostravam, repartindo por entre os amigos as dadivas que tinham levado, narrando-lhes a vida exotica que haviam passado naquelles dias.

O chefe prestava attenção a tudo, e presenteou desta vez os civilizados, não só com *frechas e arcos*, como tambem com manjares, condimentados a seu modo: eram peças de caça assadas, suppõe-se que debaixo da terra, e temperadas com a massa do côco selvagem ou da mandiôca.

Depois de alguns minutos, o soberaño indigena retirou-se para o meio dos seus, e de lá trouxe, quasi arrastados, um indio e uma rapariga, dando mostras de que esses novos mensageiros fossem fazer a mesma visita que os outros já tinham feito.

A india, sobretudo, parecia tremula de mêdo, e suava até aos calcanhares.

Era uma bella Diana de 17 annos. Se lhe cortassem os braços, poderia representar a animada figura de Milo. Os cabellos, longos e soltos nas espaldas; olhòs rasgados e vivos, e sem uma tatuagem no rosto e no corpo, que eram perfeitissimos.

Lêvaram-nos, a ambos, para a canôa, seguindo-se a despedida tacita e talvez saudosa.

O chefe promettêra, ainda desta vez, voltar brevemente, e, com o resto dos seus, retirou-se para a mata.

Logo que a canôa fendeu as aguas azues do Tocantins, em direcção ao povoado da outra margem, pediu Liart a dois tripolantes que tirassem as camisolas, e, á guisa de ramo de figueira, as amarassem á cintura daquelle casal paradisiaco.

O homem accommodou-se; mas a mulher, vaidosa como sempre, até no seio da floresta, percebendo logo a falta de elegancia do vestuario, desamarrou a camisola da cintura, e pôl-a a tiracollo, não deixando de cobrir a nudez, que ella notou fazer reparo entre os civilisados.

Logo que chegaram á casa da familia, foram bem acolhidos os dois hospedes, um pelos homens e outra pelas senhoras. Deram-lhes vestidos completos, e fôï tal a mudança que se operou nelles, que ninguem diria que os personagens deste novo quadro era o mesmo e bello grupo que, ha uma hora, saíra, ingenuo, da Natureza.

Serviu-se a mesa do café. A india parecia constrangida, saudosa, porém cheia de curiosidade.

Sucedeu que uma das senhoras tivesse desabotado um pouco o casaco, por onde a india percebeu o bello effeito de uma renda da terra, e, olhando para a camisa que tinha, notou que nella não havia aquelle enfeite. Por signaes, deu a entender que desejava possuir um vestuario semelhante; e, como o desejo era ardente, a senhora foi buscar ao quarto uma camisa igual, e veio trazer-lh'a, dando-lhe a entender, por gestos, que a podia levar para a sua *taba*.

A vaidade da mulher primitiva nada esperou. Deante da admiração geral e do espanto e protestos das senhoras, despiu-se, e, lesta, tomou a vestimenta appetecida.

O resto do dia passou-se quasi sem incidentes. Os dois indios não se arredaram um do outro, como se fossem noivos ou irmãos.

Ao cair da tarde, ouviu-se, muito ao longe, do centro da mata fronteira, o toque de uma buzina.

A india correu para o terreiro, soltando palavras que ninguem percebeu, chorando.

Quem seria da comitiva, em retirada, que soltára tão desusadamente aquelle toque? Teria sahido elle como despedida do coração ardente de um amante, ou como o grito de colera do peito vingativo de um despeitado?

Dahi por deante, apesar de os levarem a visitar a casa de fôrno, as habitações e as roças, nunca mais a india ficou satisfeita.

A noite passou-a a rapariga entre lagrimas, e logo pela manhã cêdo deu mostras de querer retirar-se para o meio dos seus.

Liart e os amigos transportaram os indios á outra margem, que estava agora deserta, toda cheia do temor phantastico, e que os civilisados evitavam.

Logo que se pilharam em terra, fugiram e se perderam no mato, como animaes selvagens que conseguissem libertar-se das pêas de alguns dias.

Passado pouco tempo, fazendo-se annunciar pelos mesmos signaes, voltou novamente o chefe, com terceira comitiva, á fala com os nossos.

Deixou elle desta vez como refens dois homens, um dos quaes tinha ficado a primeira vez.

Foram estes os dois bellos rapazes que eu fui encontrar no *Lago Vermelho*, sendo que o mais intelligente e amigo do Sr. Liart, que acudia pelo nome de Valentim, ia dando mostras de apreciador da vida civilisada.

Perguntaram-lhe um dia o que aconteceria a quem quizesse ir vêr o paiz onde elle morava; respondeu insistentemente pela negativa; e, mostrando uma *frecha*, apontou para o peito, querendo dizer que seria morto inevitavelmente.

Raymundo Liart, porém, garantiu-me que, se o governo deste Estado o coadjuvasse, elle se obrigaria, com alguns companheiros, a ir até ao paiz dos *Gaviões*, deixando em refens na sua casa dois visitantes daquelles, com ordens precisas de

os matarem, se por acaso elle não voltasse dentro de 2 mezes.

No ultimo Mappa do Estado do Pará, do Dr. H. Santa Rosa, vem desenhada, quasi sem indicação, a enorme região habitada pela poderosa tribu dos *Gaviões*, sendo que o illustre engenheiro collocou o nome dessa tribu deslocadamente, já para as bandas do Maranhão.

Vale á pena conquistar aquella zona e civilisar aquelles homens, não a tiros de bacamarte, mas por meio de ensino e da prudencia.

Os gozos da civilisação se não devem tornar privilegio odioso dos que nasceram nas cidades; a mata risonha e selvagem da natureza paraense abriga milhares de homens que necessitam, mais do que nós, de confortos e commiseracão. —

\*  
\* \*

Conversei durante aquelles dias com o Sr. Raymundo Liart sobre a possibilidade de uma proxima catechese civil desses selvagens e a necessidade de levar alguns delles até á capital do Pará, não só para mostrar ao governador e aos homens da Sciencia a belleza daquelle typo incola, como tambem para mostrar aos selvagens os confortos de uma grande cidade civilisada e produzir nelles o desejo de melhorar as suas condições, chamando-os ao redil do progresso.

Effectivamente, coadjuvado pelo Sr. Alfrêdo Rocha, já hoje fallecido, homem trabalhador e intelligente, que na Praça do Commercio do Pará era apropriadamente cognominado Brasileiro Illustre, o Sr. R. Liart pode trazer 3 indios *Gaviões*, que foram apresentados ao Dr. Lauro Sodré, que se admirou da estatura herculea de um delles e da constituição viril e sadia de todos,

Ao chegarem a Belém, visitaram os indios todos os pontos principaes da cidade, admiraram-se dos bonds, dos relógios, dos pianos e dos sobrados; andaram pelas ruas, cobertos de trancelins ao pescoço e com 2 ou 3 chapéus sobrepostos na cabeça; constiparam e apanharam febres, pelo

que davam mostras de querer retirar-se para a sua tribu. O governador presenteou-os com cinco contos de réis em armamentos e ferramentas de trabalho, utensilios domesticos e confortos da civilização, mostrando-se elles soberbamente reconhecidos.

Raymundo Liart se compromettêra com o chefe da tribu a voltar com os 3 indios dentro de um mez. Finalizou-se este prazo, sem que Liart se pudesse desobrigar do que promettêra. A tribu levantou-se em massa para protestar pela demora dos seus companheiros, e os selvagens mais impertinentes se apresentaram na praia tingidos de preto, como signal de lucto ou de guerra.

Passaram-se 3 dias entre toques de *borés*, dando alarma de guerra a toda a nação offendida, quando appareceu na bocca do Tauhiry a canôa de Liart, que conduzia os 3 indios reclamados, os quaes iam agora maravilhados do que tinham ouvido e visto nas cidades, dispostos, sem duvida, a se empenharem para que os seus pudessem tambem usufruir os melhoramentos observados. A chegada da canôa foi recebida na praia entre *hurrahs* de satisfação. Os recémchegados foram transportados nos braços de seus parentes, e Liart foi por varias vezes abraçado pelo chefe indigena, que lhe manifestou, então, o desejo de, por sua vez, passar uma temporada na povoação do *Lago Vermelho*. Desta fórma, presumo que a grande nação dos *Gaviões* se ha de tornar bem cêdo uma collectividade poderosa e productora nesta nascente e esperançosa Republica.

\* \*

No breve relatorio com que informei a imprensa do Pará sobre aquelle trecho da minha viagem, deixei quasi narrados os melhores episodios succedidos na minha presença em casa de Liart, onde tive occasião de travar conhecimento com o Sr. Raymundo Vicente Braga, antigo professor publico na cidade de Bôa Vista, em Goyaz, e cuja familia tambem vive,

forasteiramente, nesse povoado. No empenho com que consegui perante o conselho da Instrucção Publica, de que era membro, a primeira escola para o *Lago Vermelho*, trabalhei da mesma fórma pela nomeação desse homem para reger o nascente estabelecimento primario.

No *Lago Vermelho* cultivava-se, sobretudo, a mandiôca, o milho e a canna, ao passo que os *Gaviões*, na outra banda, cultivam o milho, dando á mandiôca ou macaxeira apenas o trato necessario para unir a sua massa aos assados (*merabú* ou *arubú*).

Liart e Braga se pôdem vangloriar de ter sido os primeiros homens civilisados que chegaram á fala com a temivel tribu dos *Gaviões*.

Ligo tanta importancia á catechese e á colonisação dos *Gaviões* — e já alguém nesta terra me tem feito justiça a esse respeito — que julgo imprescendivel a fundação de um *burgo* ou nucleo colonial, na margem direita da bocca do Tauhiry, justamente onde os *Gaviões* costumam apparecer, logar em que as terras são ferteis, com campos proximos, no centro. Disso dependeria a solução do problema de povoar a margem direita do Alto Tocantins. Seria tambem um acto de justiça do governo do Estado dar um dos corpos da Administração do novo *burgo* a esse bom Liart, que tem conseguido captar a estima daquelles indios, a ponto de já ter recebido na sua casa, ultimamente, segundo nos contaram, a honrosa visita do chefe supremo da tribu.

Convém não desdenhar o estudo ethnographico sobre os *Gaviões*, cujos instrumentos e utensitios têm, realmente, muita cousa fóra de commum das outras tribus da sua raça. Vi, por exemplo, uma machadinha de pedra pertencente a elles, cujo feitio é muito semelhante ás que usavam os antigos Gaulezes nos combates.

A nossa estada na casa de Liart não serviu sómente para fazermos conhecimento com os indios. Visitámos tambem os moradores dos arredores, que estavam sendo perseguidos pela inundação do rio, de fórma a estarem já alguns sem

abrigo. Distribuímos entre elles alguns medicamentos contra as febres intermittentes, que ali grassavam.

Pela madrugada de 25 de Março continuámos a viagem em direcção á séde da povoação do *Lago Vermelho*. Com o lusco-fusco da alvorada já se descortinava o perfil do morro que tem aquelle nome, e que com o seu arvorêdo sombrio parecia tão perto e, no entanto, está muitas leguas distante, no centro das terras que ficam por traz do povoado.

Com a necessidade de observar os rumos da navegação, tomámos as seguintes notas: na direcção de 32° S. O. 1.000 metros; na de 28° S. E. 2.000 metros; na de 40° S. E. 1.000 metros. Neste ponto, apreciámos o alvorecer do dia, examinando a secção calma do rio, que cada vez mais se alarga, podendo ser francamente navegado por qualquer barco a vapor. Ahi a largura do Tocantins é de 2.000 metros.

As margens de ambos os lados são compostas de varzeas alagadas, que se transformam em extensas praias, no verão. Pelo meio daquella inundaçãõ diluviãna, em que estava agora transformado o rio, vlam-se passár, bólando, grossos troncos de madeira, especialmente de *aráparizeiros*, que seguiam pelo fio da corrente até ás pedras da cachoeira, indo desta fórma augmentar com mais esses obstaculos o perigo da navegação.

Começámos a enfrentar a grande e elegante *ilha da Rainha*, que fica fronteira á Praia do mesmo nome, destinada a ser o ponto terminal da futura Estrada de Ferro de Alcobaga.

No projecto definitivo foi condemnada está praia como estação terminal da via-ferrea, por não offerecér bom ancoradouro para os pequenos vapores destinados ao serviço da baldeação. Ali, o rio se espraia até muito longe, cêrca de 300 ou 400 metros, sendo, por isso, necessario levar a carga ás costas em toda essa distancia, durante 6 mezes do anno, afim de fazer a baldeação dos vapores para os carros da estrada de ferro e vice-versa. Para obviar a essa desvantagem,

escolheram os engenheiros, no projecto definitivo, a chapada que fica abaixo da casa de Liart e de que já falámos atrás, onde o ancoradouro é fundo em todas as estações do anno e a planicie mais prolongada e mais propria para receber a topographia de uma grande e bella cidade.

Junto á *Praia da Rainha*, o rio forma uma bonita enseada, cuja corda de maior arco tem a direcção de S. verdadeiro.

A *ilha da Rainha* é composta, no centro, de terras altas, onde verdejavam as castanheiras enfloradas, prometendo abundancia na proxima safra. E' calculado seu comprimento total em 5.200 metros.

Na parte meridional da *Praia da Rainha* ha um grande riacho ou córrego, tambem chamado *da Rainha*, e que tem agua em todas as estações.

Seguindo a navegação, tomámos nota dos seguintes rumos: 25° S. O. — 1.200 metros; no de 18° S. O. — 2.000 metros; no de S. — 2.200 metros; no de 15° S. E. — 600 metros; no de S. — 1.600 metros; no de 40° S. E. — 1.600 metros. No fim desta distancia está a ponta meridional da *ilha da Rainha*, depois do que, o Tocantins se desembaraça de ilhas. Com a face serena da sua superficie e com bôa profundidade no canal, permittirá a navegação franca para qualquer barco a vapor. Dahi por deante, são os rumos da navegação são os seguintes: no de 20° S. E. — 1.200 metros e no de 8° S. O. — 3.000 metros; sendo encontrada no fim desta distancia a povoação do *Lago Vermelho*.

As casas appareciam, de espaço a espaço, na margem esquerda. Pertenciam a lavradores, que se occupavam tambem na pesca, durante a estação secca; e na caça, pelo rigor do inverno. Caçam em pequenas canôas ou montarias, entrando com ellas nas terras alagadas, sobre tudo junto á margem, procurando nas torroadas os pequenos rebôlos das terras (*cami-naüs*), deixando a salvo da inundação os animaes silvestres que ali se abrigam. E' uma caçada commoda, certa, divertida e de pingues resultados.

A caça, no Tocantins, é um dos exercicios ue já vai sendo

abandonado pela ambição humana, mais propensa á borra-cha, ao cacáo e á castanha, que lhe dão resultados mais positivos. Entretanto, ha homens e até mulheres que a ella se dedicam exclusivamente.

As armas empregadas nos exercicios venatorios são : a espingarda de diversos systemas, entre os civilisados ; e a *frécha* ou *taquára*, entre os selvagens. O caçador surprehende a presa, andando pela beirada dos caminhos, ou, melhor, atalhando pelo centro da floresta, em busca da sombra das arvores cujos fructos cstejam, nesse tempo, a cair, e onde os animaes bravios costumam, como lá dizem, *vir fazer a comedia*. Outras vezes, elle indaga o logar certo da cama do animal ou a copa da arvore onde elle faz dormitorio, e, ao cair do crepusculo, vai ali buscar a sua *embiára* — nome que o caçador indigena dá ao animal de que elle anda, já alguns dias, á caça.

As pacas, as cotias, os veados, etc., costumam tambem aproveitar as noites, sobretudo de luar, para irem á *comedia*. O caçador, que conhece esses logares, levanta ali um giráu ou *mutá*, onde, com a maxima immobildade, a despeito das mordeduras dos insectos, espéra a chegada do animal, para lhe dar o tiro certo. Nas noites escuras, a caçada se faz por meio de um facho acceso ou de uma lanterna, cuja luz produz fascinação no animal, que se deixa assim matar á queima-roupa. Este genero de caça é tão decisivo para apanhar vivos os periquitos e as andorinhas, que, com a luz projectada repentinamente no logar em que fazem o dormitorio, os prostra por terra, de modo que uma só pessoa póde apanhal-os e encher com elles um sacco ou um cesto fechado.

As caçadas no Tocantins fazem-se ordinariamente aos sabbados e domingos. Reunem-se os amigos e vizinhos, e vão para o mato á caça das antas e dos veados. Distribuem-se em grupos. Uns seguem para o centro, afim de *bater* de lá os animaes ; outros ficam á beira das grotas ou caminhos — pontos obrigados para a passagem dos animaes que vie-

rem perseguidos do centro; finalmente, outros ficam em uma canôa á beira do rio, aonde a caça, em ultimo recurso, se dirige. Collocados a postos, esperam o signal convencionado das buzinas, que dá a direcção que o animal perseguido toma, produzindo o alarma ou attenção. Os cães, amestrados e lépidos, seguem, mesmo pelo *cerrado*, acompanhando a presa até á bocca da espingarda, que, por fim, tem de lhe tirar a vida. E' o caçador feliz obrigado a dar com a buzina o prazenteiro signal da victoria. Nos intervallos, é permittido ao caçador se entreter em atirar ás cotias, ás pacas, tamanduás, etc., desde que não vá prejudicar a espéra do animal destinado a fazer as honras daquelle dia.

No centro das matas, e muito fóra dos caminhos transitados, é permittido a cada um fazer *armadilha* — especie de laço feito de cipó ou cordél, o qual se prende, por uma das extremidades, ao gatilho armado de uma espingarda carregada, e que atravessa a vereda por onde os animaes costumam transitar á noite. Qualquer movimento que faz a caça, ao esbarrar nesse cordel, occasiona o tiro. A altura da bocca da espingarda e o calibre do tiro são calculados em relação aos animaes a que se destinam, desde a anta ou veado até ao tatú.

Para matar as *mucuras* ou *gambás*, animaes noctivagos, e de que se faz excellente manjar no Baixo Tocantins, empregam-se *mundéus*, especie de armadilha feita de váras, das quaes a principal é presa em uma raiz, com a maxima *tensão*, por um cordél ou *embira*, que a sustenta armada, tendo na outra extremidade o *pinguél*, que representa ahi o gatilho da arma, a cujo menor movimento a vára cae sobre o animal. Uma segunda vára, que já se acha sobre o terreno, faz que a caça fique entre uma e outra, sem o que poderia ella, fossando a lama ou a terra, livrar-se ainda da vára, que cahira sobre si. Qualquer petisco de restos das refeições da casa serve de engodo ou *isca* para o animal.

A caçada ás aves é feita por um ou dois caçadores, que

as procuram á beira das roças, do milharal amadurecido ou nas ramas das arvores, cujos fructos são por ellas appetecidos. Os patos do mato, os jaburús e outras aves aquaticas são caçadas ás margens das lagôas ou nos campos alagados. Para apanhar os passarinhos, ha, independente da espingarda e da *frécha*, o *laço*, a *arapúca*, o páu cheio de visgo, a *zarabatana* — especie de tubo cylindrico que se leva á bocca para soprar com força, na direcção do passaro, uma bolinha de barro. Esta ultima arma parece ser de origem africana, se bem que usada por algumas tribus indigenas do Brasil.

Não tratamos aqui da caçada ás perdizes, feita no Tocantins goyano pelo mesmo systema de alguns paizes da Europa; nem queremos tratar da raça ou indole dos cães *perdigueiros* ali existentes.

A fauna do Alto Tocantins é riquissima, notando-se, entre as multiplas especies, os seguintes animaes: o tigre (*Felis onça*); a sussuarana (*Felis concolor*); o maracajá (*Felis pardalis*); a anta (*Tapirus americanus*); o queixada (*Dicotyles labiatus*, de Linneu); o caitetú (*D. torquatus*); o veado galheiro (*Cervus paludosus*), o do campo (*C. campestris*); o vermelho (*C. nemorinus*); o branco, pardo ou mateiro (*C. rufus*); as lontras: a propriamente dita (*Lutra solitaria*) e a ariranha (*L. brasiliensis*); o guaxinin (*Procyon cancrivorus*); os coatis: de bando (*Nasua socialis*) e o mundé (*N. solitaria*); a paca (*Caelogenis paca*); o coelho do mato (*Lepus brasiliensis*); o preá (*Cavia aperea*); a cotia (*Dasyprocta aguti*); a capivára (*Hydrochærus capybara*); os macacos (*simiæ*), cujos principaes são: o de prego (*Mico*) (*Cebus apella*), o cayarára (*C. capucinus*), o da noite (*Nigripithecus trivirgatus*), o de cheiro (*Chrysthrix siurea*), o cuxiú (*Pithecus Satanas*) e as guaribas (*Myceles*); as preguiças, das quaes as mais notadas são: a real (*Bradypus tridactylus*, L.), a de colleira (*B. torquatus*) e a pequena (*B. ustus*, Lesson); os tamanduás: o bandeira (*Myrmecophaga jubata*, L.), o propriamente dito (*M. letractyla*, L.) e o tamanduá-hy-

(*Didactyla* ou *Fourmilier* de Buffon); os tatús: o canastra ou assú (*Dasytus gigas*, de Cuvier), o verdadeiro (*D. glyptodon*), o péba ou papa-defunto (*D. setosus*), o bóla (*D. Camurus*) etc.; a mucura ou gambá (*Didelphys Surita*), etc.

Das aves de rapina as mais notáveis e communs, no Tocantins, são as seguintes: os urubús: o commum (*Cathartes foetens*), o dos campos (*C. brasiliensis*) e o rei (*C. papa*); os gaviões: o caracará (*Falco brasiliensis*); o gavião ordinario (*F. sparverius*); o gavião pequeno (*Nisus striatus*); o chamado aguia (*F. destructor*) e o canaá (*Herpethotheres cachinans*); as corujas: a do mato (*Syrnium perspicillatum*) e a chamada murucututú (*Strix perlata*); o caboré (*Syrnium hylophilum*), etc.

Entre as aves trepadoras, as principaes são: as araras: a verde (*Psittacus chloroptera*) e a vermelha (*Ps. macáo*); os papagaios communs (*Androglossa aestiva*); os periquitos: verdes, de encontros amarellos (*Conurus xantopterus*), o de testa amarella (*C. canicularis*) e o tuim (*Psittacula passerina*); os tucanos: de papo branco (*Ramphastus toco*) e o de peito amarello (*R. Ariel*); o araçary (*Pteroglossus Beauharnaise*); os picapáus: o soldado ou de cabeça encarnada (*Picus albirostris*), o do campo (*Picus campestris*) e o da mata (*Picus iumana*); os anuns: o preto (*Crotophagus anú*) e o branco (*Guiraguira*), commum nas margens do rio Paranamucú, etc.; a cigana, que é muito commum nas ilhas e margens baixas de todo o Tocantins; a saracúra (*Aramides Chiricote*), etc.

Entre os passaros, temos: os bacuráus: o commum (*Caprimulgus albicollis*) e a mãe da lua (*C. grandis*); o pavão da mata (*Coracina scunata*); a araponga (*Chasmorhynchus nudicollis*); o bemtevi (*Pitangus bellicosus*); o tesoura (*Muscicapa Tyrannus*); o joão-de-barro (*Furnarius rufus*); os sabiás, conhecidos ali por caraxués: o lorangeira, piranga ou ponga (*Turdus rufiventris*) e o de peito escuro (*T. albiventris*); o sahy-azul (*Cæreba cyanea*); o tico-tico (*Fringilla matutina*); a patativa (*F. plumbea*); o canario (*Sycalis flaveola*); o azulão (*Guiraca cyanea*); o bicudo (*Orizobarus crassirostris*), etc.

Entre os pombos notam-se : o de bando (*Peristera rufala*); a juruty (*S. frontalis*); a rola vermelha (*Chamaeepelia talpacoti*); a rola pedrez (*Columbula squamosa*), etc.

Entre as gallinaceas, os mutuns : o verdadeiro (*Crax alector*), o pinima (*C. sclateri*); a jacútinga (*Penelope*); o jacú (*P. superciliaris*); o aracuan (*Ortalis aracuan*); inambú : pequeno ou de capoeira (*Crypturus tataupa*); a perdiz (*Tinamus maculosus*), commum nos campos do Alto Tocantins, etc.

Na ordem dos pernaltas notam-se : a ema (*Rhea americana*) existente nos campos do Alto Tocantins; a seriema (*Dicholophus cristatus*); o socóboi (*Tigrisoma tigrina*); o maguary (*Ardea cocoi*), etc.

Dos palmipedes, os mais communs são : o pato do matô (*Cairina moschata*); o marrecão (*Chenalopex jubata*); o marreco das lagôas (*A. brasiliensis*), etc.

Os meus escassos conhecimentos de Historia Natural não me deixam extender sobre este assumpto, além das notas esparsas que aqui deixo, proprias a receberem alguma utilidade dos mais entendidos.

## CAPITULO XII

Povoação do *Lago Vermelho*. — Vida patriarchal; mestre Germano. — Cami-naús ou cami-taús. — Limite occidental do paiz dos Gaviões. — Sangradouro e ilha do *Lago Vermelho*. — Largo Vermelho propriamente dito; lenda a respeito. — Ilha do *Jacaré*. — Furo e ilha dos *Macacos*. — Furo e ilha dos *Veados*. — Ilha *João Vaz*. — Chegada ao *Burgo de Itacayuna*. — Relatorio ao Governo sobre esse Nucleo Colonial. — Observações que ali fizemos. — Descobrimto dos *Campos geraes*. — Seu historico. — Expedições dos irmãos Herminio e Francisco Pimentel e seus companheiros; sua tenacidade e valor. — Volta e resultado da expedição.

O districto ou povoação do *Lago Vermelho* é formado por tres grupos de seis a oito casas, dos quaes o maior é ao que mais propriamente se dá esse nome, por ficar mais proximo do lago da mesma denominação. Esta povoação fica situada em um barranco de cêrca de trinta metros de altura, com degraus escavados na propria terra. É o ancoradouro obrigado das embarcações que sobem ou descem o rio. Quando subi aquella *escada de Jacob* no dia 25 de Março, dei em cima com o terreiro limpo, que forma a unica rua da povoação. Gallinhas mariscavam e cabras pastavam num silencio beatifico, enquanto as mulheres, descuidosamente, na sala aberta das casas, fiavam á roca ou catavam o milho extendido nas esteiras enxutas.

Parecia reinar ali a constituição da primitiva vida patriarchal: havia só uma casa de forno para fazer a farinha de todos aquelles lavradores. Mestre Germano, o negro patriarcha daquella aldeia, rodava ao forno, enquanto o rapazio xarqueava ao sol carnes de anta, veado e caitetú. Atribui ao uso

demasiado dessas carnes damnosas as feridas de máu character, que observei em muitos habitantes. Vi ali uma familia de homens e mulheres com um papo debaixo do queixo, uma especie de kisto cebaceo. Realmente, causa pena vêr moças bonitas com aquella deformação, e crianças, nas quaes aos sete annos já vai apontando o defeito.

Contaram-me que no Alto Tocantins ha povoações, no Estado de Goyaz, em que o mal é geral nos habitantes. Attribuem-no ao uso das aguas de certos córregos : dizem que são *muito finas*. Não duvido que haja realmente, nessas aguas, sáes, que dêem, por combinações organicas, origem ao mal.

Mestre Germano recebeu-nos com agradável hospitalidade; foi-nos, de casa em casa, apresentando aos seus *subditos*. Só os velhos eram casados ; os moços viviam amancebados, pela falta de padre e de juiz.

O Tocantins tem nesse sitio a largura de 2 kilometros. A margem direita é, ao contrario da outra em que está a povoação, baixa, semeada de *cami-naús* ou *cami-taús* (pequenos lagos), de que já falámos atraz, os quaes sangram no inverno, communicando as suas aguas com o rio, e no verão prendem enorme quantidade de caça nas ilhotas por elles formadas, dentro das matas da terra firme. Só alguns ousados caçadores e tiradores de castanha conhecem um pedaço da terra que dali se estende para o centro, por aquella margem, formando o limite occidental do mysterioso paiz dos *Gaviões*. Suppõe-se serem extensos campos em que aquelles indios, por vadiação ou necessidade, atacam fogo, no rigor do verão.

Do lago Vermelho se percebe o brilho phantastico daquelle incendio e até se ouve o estalido do tabocal queimado.

As terras altas se afastam ali em mais de uma legua para o centro.

Nessa região, o clima é ameno, as estações são regulares e a vasante do rio, que coincide com a chegada do verão, começa em Março e termina em Novembro, cobrindo de praias de areia as duas terças partes do rio.

As terras são férteis e a cultura tratada é a da mandioca e do milho.

Os castanhaes daquelle sitio, que, quando passei, já estavam floridos, deram, só no anno de 1895, mais de 300 hectolitros, e isto por falta de quem melhor os colhesse ou pelo medo que os tiradores têm de se internar para o centro, onde a cada passo encontram vestigios de indios, que não têm até agora dado signaes de inimidade.

A região semeada de castanheiras se circumscreve, por um dom feliz da natureza, sómente ás margens do Tocantins que são pertencentes ao Estado do Pará.

As outras margens desse rio, sitas já nos Estados de Maranhão e Goyaz, são cobertas de campos, onde reinam a industria e a constituição pastoril.

O dia que passámos no Lago Vermelho correu entre folganças e palestras alegres: estávamos como em férias dos perigos que tínhamos tido e dos que ainda iamos passar. De noite, ao clarão de uma lua diamantina e aos sons das violas monotonamente saudosas, a tripolação dos botes ancorados cantou e dançou nos terreiros. A poesia sertaneja saltava em *desafios* daquelles poetas improvisadores, que com humor chistoso conquistava o gargalhar de todos, e com um quebramento d'alma excitava toda a minha admiração.

De lapis em punho e com a caderneta na mão, copiava eu quasi tachygraphicamente, ao luar, os improvisos da musa sertaneja.

Na madrugada do dia seguinte, continuámos a viagem para cima, rodeados de um alvorecer de sul e estimulados de mais coragem para terminar a jornada.

A 1.200 metros, encontrámos o sangradouro do Lago Vermelho: é um riozinhoo de cêrca de 20 metros de largura, com vasante d'agua, em todas as estações, para o Tocantins.

Na foz desse sangradouro está situada a ilhota do Lago Vermelho, toda coberta de pastagens, utilizadas no verão pelo gado que por ahi desce.

Indaguei se o Lago Vermelho, propriamente dito, ficava

muito afastado da margem do rio ; asseveraram-me estar distante dali 440 metros.

Aportei, e, deixando alguns homens preparando o almoço, segui com os outros para vêr o lago.

Poucos minutos depois, descortinámos o panorama das terras altas que descem da povoação até á cava, de onde saem, como de uma fonte ferruginosa, as aguas vermelhas, tão differentes das do Tocantins e que serviram para denominar o lago.

Monstros aquaticos, taes como jacarés enormes e grandes peixes, até *pirarucús*, são ali vistos e pescados annualmente.

Contaram-me sobre aquelle lago uma lenda que enche de um temor sagrado o povo dos arredores e que, sómente por aachal-a impregnada de uma graciosa ingenuidade selvagem, aqui transcrevo em poucas palavras.

O Lago Vermelho, rodeado de arvores seculares, no meio de uma risonha perspectiva inimitavel, é habitado, dizem os homens, por uma *lua* que ali mora e que é a dona e a mãe daquellas aguas.

Quando ella ali está, pescador ou caçador que se aproxima, sente o marulho das ondas que, rugindo, o repellem com terror.

Em outras vezes, o lago é calmo e o sitio silencioso ; sem duvida, quando aquella *Diana* toçantina se distráe em caçar pelas matas circumvizinhãs, ou, enamorada, ouve idyllios dos faunos *curupireiros* daquelles sitios poeticos. Infelizmente, quando lá chegámos, a mysteriosa dama ahi não estava.

A frescura da manhã e o gorgeio dos passaros alegres envolviam a natureza com os tons calmos de uma paizagem quieta.

Ouvi silencioso e com accentuação de credulo esta narrativa e tomei na minha caderneta algumas observações.

Não haverá naquelle lago alguma mina metallica, cujas erupções em certas épocas lunares deem origem ao marulho e crescimento das aguas, que a ignorancia dos naturaes attribue a um factó de puro fetichismo ? Quando continuámos a viajar, escrevi esta nota, que, com certeza, será aproveitada



Belleza do Tocantins.



por outros exploradores que ali fôrem com mais poderoso recurso scientifico.

Começámos a avistar, a sudoeste, a *ilha do Jacaré*. E' baixa e quasi que completamente inundada no inverno, mas, apesar disto, já tinha um pequeno estabelecimento pastoril com cêrca de 300 rezes e casas de vaqueiros, que ali permanecem até no maior rigor invernos. O rio, em frente, é calmo, como se corresse sobre um *plateau*, mas, quem se approxima da ponta meridional, sente, ao envez, tão impetuosa corredeira ou *rapido* que os navegadores que sôbem procuram evitar, mettendo as canôas por um furo situado na margem esquerda, denominado dos *Macacos*, e que forma, com o rio, a comprida e estreita ilha do mesmo nome. Este furo tem a largura de 23 metros e apresenta nas margens o continuado panorama de coqueiros.

O Tocantins, depois da *ilha do Jacaré*, abre-se em uma largura de 4 kilometros. No sentido de evitar a continuada impetuosidade da corrente do rio, a navegação faz-se novamente por outro furo, chamado dos *Veados*, situado na mesma margem e que forma a ilha do mesmo nome, ainda mais comprida que a precedente, e onde ha um quarto de legua quadrada de boas pastagens.

Passando o furo e com mais alguma navegação do rio, começa-se a enfrentar a ponta septentrional da *ilha João Vaz*, avistando-se, pelo lado de oeste, a casa da familia de José Clementino, que ali era estabelecido com algumas dezenas de rezes, explorando assim os campos da ilha, que, embora de menor dimensão que as precedentes, é mais alta que ellas. Antes de chegarmos ao *Burgo de Itacayuna*, passámos pela foz do ribeirão, que faz limite septentrional do povoado, correndo pelas terras centraes em mais de uma legua.

Dahi a alguns minutos, saltavamos no Burgo de Itacayuna e eramos recebidos pelos colonos, tendo á frente Carlos Leitão, que nos cercava de obsequiosidades, de modo que compensassem os enfados anteriores. Eis os principaes trechos do extenso Relatorio que sobre esse Nucleo Colonial apresentá-

mos ao Governo do Estado do Pará, como resultado da comissão a nós incumbida naquella viagem :

— O primitivo estabelecimento, onde se asylaram durante quasi um anno os foragidos das luctas sanguinolentas da Bôa-Vista, estava situado bem junto á foz do rio Itacayuna, unico affluente importante da margem esquerda do Tocantins, desde Alcobaça até ao Araguaya. Era logar de uma topographia bem escolhida ; edificaram-se ali algumas barracas, fez-se até uma limitada plantação ; porém as febres intermitentes assolaram de tal fórma os immigrants, que lhes occasionaram verdadeira debandada, retirando-se uns para a Colonia Militar de S. João do Araguaya, outros para diversos pontos do rio, ficando, porém, a maior parte fiel aos compromissos tomados com o concessionario, que com elles se retirou, para formar um novo estabelecimento, em Agosto de 1895, a 18 kilometros no rio abaixo, na mesma margem esquerda, logar em que então se achava o Burgo.

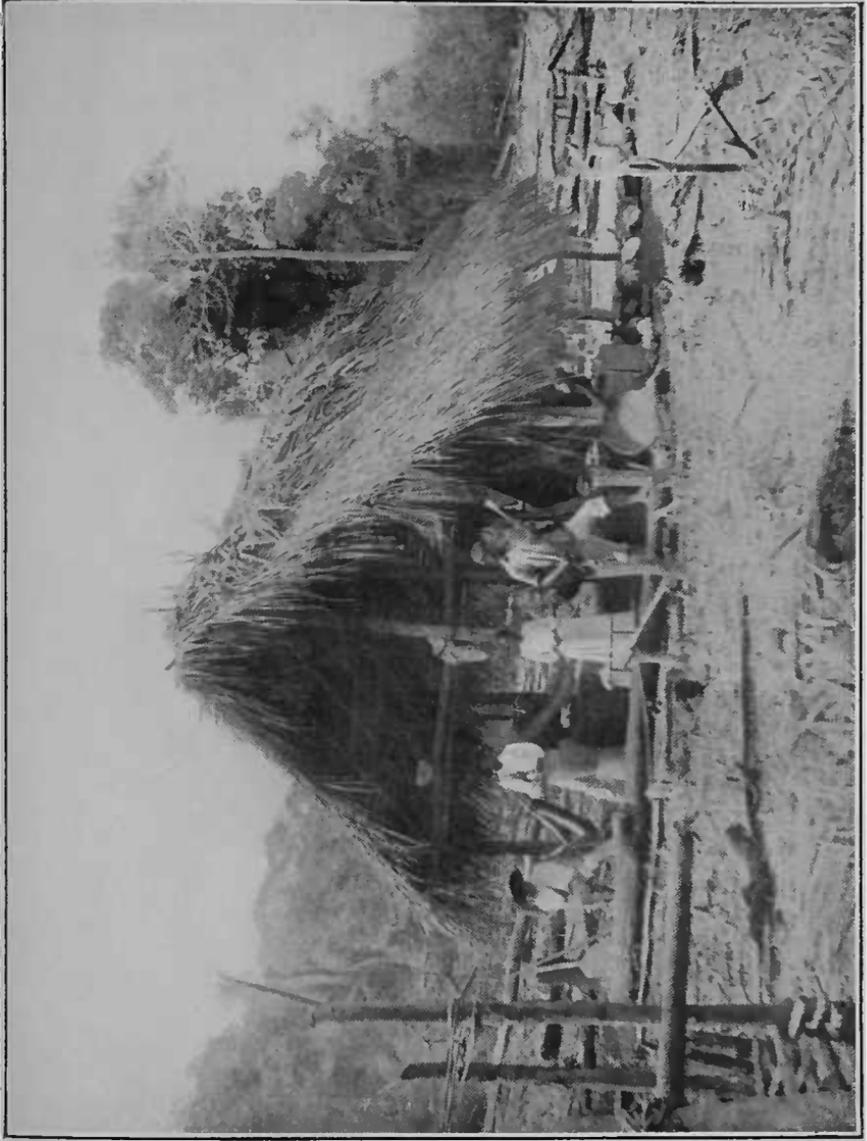
A situação topographica deste nucleo preenchia todas as boas condições necessarias a um futuro estabelecimento. As estações são regulares, o clima é ameno, a temperatura, até nos dias quentes em que lá estive, nunca vi attingir ao maximo de 28° centigrados, o que tudo contribue para satisfactorio estado hygienico, demonstrado pela população sadia que lá se achava, só havendo casos de febre entre as pessoas que vão accidentalmente colher castanhas na outra margem do rio ou em castanhaes desta mesma margem, conhecidos como pontos de infecção da molestia. As terras do Burgo formam, em uma faixa continuada de 130 metros de largura, um declive para o lado da barranca do rio, cuja taxa ascensional foi calculada ser de 18 p. 100 : isto, ajudado pela constituição siliciosa do terreno, que estabelece um excellent exgoto para as aguas pluviaes, auxiliando assim as boas condições hygienicas da zona. Por cima do declive, estende-se pela região mais proxima um *plateau* fertilissimo, cuja altura ao nivel das maiores enchentes do inverno é de 23 metros, e ao das aguas baixas do verão se

eleva de 38 a 40 metros. Neste planalto é que foram plantadas as grandes roças dos colonos, representando o trabalho mais importante daquelle nucleo. Estas roças ficavam em seguida umas ás outras, apenas separadas por diversos renques de algodoeiros ou carrapateiros, occupando uma área cultivada de 2.300 metros de comprimento, com a largura variavel entre 30 e 200, calculando-se o total em mais de 22 hectares. Já era um resultado bem lisongeiro, pois que, dividindo a superficie cultivada pelo numero de familias domiciliadas no Burgo, dava para cada uma mais de 2.500 metros, área superior á estipulada em uma das clausulas do contracto do concessionario com o Governo do Pará. As plantações eram magnificas, o que provava a extraordinaria fertilidade do solo, attestada pelos proprios immigrants de Goyaz e do Maranhão, que me garantiram ser esse terreno superior ao que deixaram nos seus sertões. Vi ali roças de mandioca no ponto de serem desmanchadas, milharal com grandes espigas, arrozal com um carregamento como nunca vi em outra parte, cannaviaes, plantações de batata doce, etc., tudo crescendo com egual desenvolvimento, como se essa terra tivesse uma fertilidade complexa para tão diversos generos de cultura. Eram essas as primeiras roças plantadas pelos colonos, que esbarraram então com a difficuldade de não terem fornos para o fabrico da farinha, moendas para o aproveitamento da canna, nem meios pecuniarios para os obter. Da sua parte, o concessionario não tem recursos para estabelecer fornos aos immigrants. Os lotes em que estavam localizados os colonos eram mal discriminados, por falta da presença de professional; e como era trabalho urgente, rectifiquei todas as medidas e ordenei ao concessionario que fizesse assentar os marcos divisorios, sendo eu nesse trabalho auxiliado por pessoa habilitada, que levei desta capital. Tendo os lotes agricolas, por uma clausula do contracto, de procurar as melhores condições de aguada, aprovei que os lotes se extendessem abeirando a margem esquerda do Tocantins, além de outros que ordenei ficassem marginaes a um riacho

que desagua dentro da zona colonizada, sem curso algum de navegação, porém com bastante agua até durante o verão. Muitos colonos, além da cultura, se entretêm em colher castanha dentro ou fóra dos lotes, pois que aquella região abunda em castanheiras. Uma das familias estabelecidas no Burgo começou a experimentar a criação do gado, utilizando-se da *Ilha do João Vaz*, que fica fronteira e representa uma área de 240 hectares, quasi toda coberta de pastagens. Dali sae o fornecimento da carne verde para os habitantes do Burgo, o qual se faz regularmente. Outras pessoas, oriundas dos sertões do Maranhão e Goyaz e que por lá têm passado, á vista dos bons resultados obtidos, garantiram-me que proximamente fariam eguaes tentativas na ilha do Jacaré, onde, aliás, já existem rezes, e no archipelago das *Tres Novilhas*, a alguns kilometros ácima, que serve para estação de solta e para as manadas de gado que descem daquelles sertões durante a feira annual de Itapeucú. As extraordinarias enchentes de Fevereiro de 1896 se sentiram de tal fórma no Tocantins, que inundaram aquellas ilhas criadoras, occasionando não pequenos prejuizos aos proprietarios.

Os campos geraes ali descobertos e que ultimamente occuparam a attenção do Congresso do Estado do Pará, verifiquei estarem situados a 30 ou 40 kilometros na direcção de 68° S. O. das terras do Burgo.

O terreno que tem de servir para nelle se abrir a futura estrada de rodagem, que communicará o rio com esses campos, é composto de uma grande chapada, só interrompida muito mais longe por um espinhaço de serra, cujo pico mais elevado é o do *Nascimento*, nome posto pelos exploradores que ali chegaram, no dia 25 de Dezembro de 1895, e cuja altura póde ser calculada em 180 metros ácima do nivel do rio. Este pico é avistado desde a bocca de cima do Taubiry até 44 kilometros do rio abaixo, e de cujo cimo os exploradores descortinaram uma grande parte dos campos. Estes, segundo alguns indios, se extendem desde a margem esquerda do Araguaia, acompanhando a zona de florestas que marginam o



Casa da Roça



Tocantins com larguras variaveis, até á margem direita do Xingú, prolongando-se até ás cabeceiras do rio Cupijó, algumas leguas atraz da cidade de Cametá.

A noticia do descobrimento destes campos e a de que o Governo do Pará ia tomar sobre si a respectiva exploração, fazendo abrir uma estrada de rodagem, despertou a attenção geral dos sertanejos de cima. A realização deste melhoramento daria como resultado o estabelecimento de uma colonia pastoril de mais futuro que a pequena colonia agricola já existente, produzindo despezas e utilizando a verdadeira vocação daquelles habitantes, que sempre foram criadores e só cultivam a terra por necessidade, para tirar desta o preciso á sua subsistencia.

Existiam então no Burgo Itacayuna, em domicilio proprio, 222 habitantes, compostos na maior parte de orphãos e mulheres, constituindo 55 familias agricolas. As barracas em que se acham morando essas familias eram em numero de 28 e quasi todas mal construidas, garantindo-me, entretanto, o concessionario que, para realizar a discriminação dos lotes, só esperava a chegada de um engenheiro que ordenasse a construcção definitiva das casas, que deverão ser de madeira de lei, do que ha grande cópia nas matas circumvizinhas, e cobertas de telha. Para isso reservou o concessionario tres lotes de terra junto ao *Riachinho*, onde devia tambem estabelecer uma olaria, utilizando-se do excellente barro daquelle igarapé, tendo já contractado um profissional no Estado do Maranhão. Notei o inconveniente de se acharem duas e até tres familias agglomeradas em uma mesma barraca. Disseram-me ser isso devido ao gráu de parentesco que existia entre ellas, além de ter o rio, na sua grande enchente de Março desse anno, carregado com muitas moradas, que linham o inconveniente, peculiar aos paraenses do interior, de se achar construidas junto á barranca do rio, sem attenderem os moradores ao prejuizo das cheias. Carlos Leitão, para dar guarida a muitas familias que ficaram sem casa, mandou construir um grande barracão de 25 metros de comprimento sobre 8 de largura com as precisas divisões.

Os edificios para escolas e ermida catholica, exigidos pelo contracto, ainda não foram levantados, pedindo-me o concessionario que determinasse o logar em que deveriam ser feitos. Perlo, vi muitas vigas, esteios, etc., que se destinavam a essas construcções. Tratando-se de duas casas para escolas, acho, no meu entender, que o Governo do Pará deve auxiliar o concessionario no desencargo dessa obrigação onerosa, e, quando menos, crear duas escolas elementares, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, á vista do crescido numero de crianças de ambos os sexos que ali se achavam abandonadas ao mais lastimavel estado de ignorancia. Para a constituição regular de muitas familias, julgo conveniente a autoridade de um juiz de casamentos na séde do Burgo, podendo o nomeado conseguir prorogação do prazo de 30 dias para prestar a devida affirmação, visto que, nesse lapso de tempo exigido pela lei, era impossivel qualquer pessoa receber ali o titulo de nomeação e descer até Baíão para confirmar todas as exigencias legais. Os habitantes do Burgo vieram para ali espontaneamente, achavam-se satisfeitos, só lamentando os inconvenientes da pobreza, que é extrema entre elles, por terem sido espoliados dos seus bens com a guerra civil da Boa-Vista. Gozam de boa saúde, e só encontrei doze pessoas atacadas de febres intermitentes, geralmente devido á infecção dos castanhaes onde trabalhavam. O Coronel Carlos Gomes Leitão lucta, entre muitas outras difficuldades, com a animosidade intransigente dos seus antigos adversarios politicos, que procuram fazer-lhe mal, prejudicando o desenvolvimento, ora aconselhando as familias a arriarem, sem se importarem com os contractos nem com os adeantamentos já recebidos por elles; porquanto, na sua ignorancia, julgam que o Governo deu ao Sr. Leitão o dinheiro necessario para estabelecer e alimentar todos os colonos por tempo indeterminado. Dos prejuizos desses adeantamentos se não póde livrar o concessionario, por falta de garantias para os obrigar ao cumprimento exacto daquelles compromissos. Não sei se a escolha do Coronel Carlos Gomes Leitão para assi-

gnar esse contracto foi ou não acertada: deveria, a meu vêr, um semelhante encargo recair em pessoa mais alheia ás luctas politicas dos centros de immigração. Acho, entretanto, que ode 23 de Julho é de difficil, se não de impossivel execução, sem acarretar gravames ao concessionario. O povoamento e culturação das margens do Tocantins desafiam todas as vistas de um governo sério. A iniciativa desses trabalhos, devida á administração do Dr. Lauro Sodré, representa um dos serviços mais proficuos deste importante lapso governamental.

Depois do estabelecimento do Burgo, muitas outras feitorias e casas e até povoações se têm levantado na mesma margem esquerda do Tocantins. As tribus selvagens dos indios já vão chegando á fala com a nossa gente, promettendo um serviço de catechese espontanea. O que desejo, porém, como paraense, é que outros contractos que se tenham de estabelecer para o serviço do povoamento de nacionaes ou extrangeiros sejam mais liberaes, attendendo ás difficuldades da extraordinaria distancia, falta de recursos medicos, quasi nenhuma valorisação da propriedade territorial, á vista da extensão indefinida das terras devolutas e do quasi nenhum valor dos productos agricolas, em razão das difficuldades actuaes da viagem. —

\*  
\* \*

Os dias que passámos no Burgo foram sempre occupados em observar os diversos elementos com os quaes elle terá o seu incontestavel desenvolvimento. Atravessámos as grandes roças, examinámos as plantações, a quantidade e a qualidade d'agua dos riachos e navegámos em canôa pelos arredores.

Um dos pontos que mais attrahiu a nossa attenção foi a momentosa questão do descobrimento dos *campos geraes*, que ficam situados atraz das serras de Oeste. Felizmente, ali estavam os dois irmãos Antonio e Herminio Pimentel e mais alguns dos audazes exploradores que fizeram tão temerarias viagens de muitas leguas, atravez da mata desconhecida e

extensa, arrostando a sanha dos animaes silvestres e a propria reacção das tribus de indios bravios. Essa expedição, que no Pará tão pouco mereceu dos poderes publicos, excitou a curiosidade e o interesse de certo jornal norte-americano, cujo redactor me escreveu de New-York, pedindo-me pormenores a respeito. Herminio Pimentel deu-me os extractos das suas viagens, que passo para este livro, no melhor interesse publico.

No sentido de aproveitar a boa feira do gado, no Pará, convidou Herminio a seu irmão Antonio, e, a 14 de Julho de 1895, desceu, com uma boiada, da sua fazenda « Novo-Mundo », situada no districto de Carolina (Maranhão), seguindo o transito dos boiadeiros annuaes. As demoras da viagem e os cuidados necessarios ao trato do gado fizeram que os dois Pimenteis só chegassem ao Burgo de Itacayuna em Outubro desse anno, encontrando já o Tocantins muito cheio, sendo-lhes impossivel continuar a viagem; e, por isso, resolveram soltar o gado na ilha do Jacaré.

Coagidos pelas saudades da familia e ouvindo falar na presumpção da existencia de campos para além das matas que circumdam o Burgo, decidiram, por mera distracção, emprehender a viagem para os descobrir, constituindo assim as bases de futuros estabelecimentos estaveis para a criação, organizando a verdadeira industria pastoril no Alto Tocantins Paraense. Nesse intuito, cercados de mais alguns companheiros, bem municados e resolutos, entraram para a mata no dia 18 de Outubro, procurando seguir, o mais possivel, a direcção de oeste. Infelizmente, após 6 dias de penosa viagem, tres homens deram parte de fracos, e voltaram todos, occasionando o mallogro da empreza.

No dia 9 de Novembro do mesmo anno, auxiliados pelos cidadãos Francisco Bezerra Nery, Hilario Gomes e Manoel Antonio, os Pimenteis entraram pela segunda vez na mata, continuando a mesma picada da viagem anterior, e reconheceram no fim de 8 dias, que o rumo de oeste tinha sido mal projectado e que os campos, que procuravãem descobrir, não

ficavam tão proximos como julgavam. Sendo o mantimento escasso para muitos dias, convinha que retrocedessem. Já desta vez experimentados, procurariam trazer maiores recursos e animo preciso para a expedição penosissima de que estavam agora convencidos.

Infelizmente, a terceira viagem, a 23 de Novembro, naqual os dois intrepidos irmãos Pimenteis foram auxiliados por Bezerra Nery e Heliodoro Lima, não deu ainda resultado seguro para os exploradores, e, após 15 dias de sacrificios, abnegações e necessidades, retrocederam para o Burgo, porém sempre animados e crentes do feliz exito que os aguardaria.

Era para admirar a tenacidade daquelles homens e a virilidade com que encaravam os perigos, e isso produzia o voluntariado de novos companheiros e o interesse que todo o Burgo começava a ter pelo resultado definitivo da empreza. Carlos Leitão era o proprio a os estimular, dando-lhes por sua conta a maior parte do mantimento.

Desta fórmula, os dois Pimenteis, acompanhados de Heliodoro Lima, Hermenegildo Brito, Anselmo Germano e dois assalariados de Herminio, sorridentes e calmos, em 18 de Dezembro do mesmo anno, cercados das aclamações da gente do povoado, emprehenderam a ultima viagem, levando cada um ás costas uma carga de 14 kilos, e que constava de mantimentos e armas para defesa. Antonio Pimentel se tinha constituido o guia da viagem, subindo ás arvores elevadas, de cujo alto indicava os angulos a fazer, á direita e á esquerda, em busca do *El-Dorado* que almejavam. Assim chegaram ao cimo de uma alta serra coberta de mata, a que denominaram *Espia*, porque de lá observaram a situação em que se achavam, em relação ao ponto da partida e ao campo a que se destinavam. A nordeste, viam as altas barrancas do Tocantins, por entre as quaes se destacava em alguns logares o fio azul da corrente; a sudoeste, depois de escalvas e valles, ficava o alto morro do Lago Vermelho, aonde chegaram a 25 de Dezembro, dando-lhe a denominação de *Nascimento*. Mais adeante, mas muito adeante, se elevava uma serra ainda

maior, por cujas encostas lobrigaram o esverdeado dos campos que procuravam. Pobres Moysés, que viam a terra prometida ao longe, onde, se tivessem a felicidade de tocar, não teriam a ventura de lhe gozar os fructos.

Retemperados por aquella miragem e recobrados de energia, proseguiram a espinhosa viagem, esfarrapados, quasi nús, com os pés sangrentos dos espinhos e da lida. Depois de 18 dias de jornada, faltou-lhes quasi totalmente o sal e a farinha; entretanto, os animaes de caça eram frequentes, e de toda a especie; e se a carga das espingardas lhes não serviu para defesa, deu-lhes, todavia, o manjar diario, que condimentavam com o succo e o leite da castanha, pois o castanhal pela mata se tornava mais denso.

Tres companheiros, já enfraquecidos pela derrota e desesperados do bom exito, foram de accordo que se dividisse o resto da farinha, afim de poderem tocar para traz; porém, os dois Pimenteis e Heliodoro Lima, de armas na mão, lhes intimaram proseguissem até aos campos ou até á morte. Este movimento de energia daquelles Colombos de um novo mundo produziu a harmonia na equipagem e restabeleceu a confiança nos chefes e o enthusiasmo na empreza.

O espirito de exaltação dos exploradores era tal que, apesar da alimentação soffrivel, cada um delles apresentava a phisionomia emmagrecida, como aquelles phantasticos heróes que o Dante pintou no caminho do Inferno, ou como os argonautas que procuravam o *Vellocino de Ouro*. Antonio Pimentel, na lueta das insomnias golpeadas pela energia viril, sonhou que vira uma barraca indigena bem proxima de campos extensos, tão risonhos como aquelles em que brincava na infancia. Os sonhos eram narrados aos pobres companheiros, em cujas faces amarellecidas parecia já perpassar o sorriso da descrença ou o idiotismo do sceptico. Dessas noites de vigílias, das quaes nenhum delles quer ter recordação, me falou Herminio Pimentel, narrando a crueldade da mordedura dos insectos, que lhes não davam um momento de descanso, emquanto junto ao rancho um daquelles homens, que mais

parecia espectro, fazia sentinella de espingarda ao hombro, evitando o assalto inesperado dos selvagens, a furia dos tigres e a correria dos animaes de caça, que pareciam se não incomodar com aquelles embarços.

No decimo nono dia, chegaram ao alto de uma serra coberta de grandes pedras e rodeada de um bosque formosissimo. Dali viram a seus pés, effectivamente, a immensidade do campo, semeada, aqui e ali, de altos morros que davam ao panorama tal frescura de paizagem, que a denominaram *Serra da Boa-Vista*. Acorados nas pedras, com os espiritos genuflexos ante a face de Deus, permaneceram duas longas horas em contemplação muda deante daquelle novo mundo. Desceram pela ladeira, e, em poucas horas, encontraram na mata uma picada feita de ramos quebrados, tal como procedem os indios que ainda não têm instrumentos cortantes. Seguiram-na, e ás 6 horas da tarde chegaram, effectivamente, á margem de um riacho, junto ao qual ficava uma cabana selvagem, dessas que elles fazem, para esperar a caça, á sombra de qualquer arvore gigantesca, cujos fructos amadurecidos dão comedia aos animaes. Era uma palhoça redonda, colmo ponteagudo, dando entrada por uma porta estreita, escura, porém cercada de setteiras, por onde passa a frexa do indio, que mata a caça, que exteriormente lhe fica ao pé.

Ao chegar á beira do riacho, avistando a barraca indigena, que já descrevemos, Antonio a apontou, como sendo a copia da que vira em sonhos. Effectivamente, junto della começavam as restingas de mata pouco espessa, por cujas clareiras se via o extensissimo campo, onde o vento de nordeste açoitava a immensidade da grama alta e selvagem. Longe, bem longe, aqui e ali, subiam ao ar espiraes de fumo, como a indicarem villas e tabas daquelle paiz desconhecido.

Os viajantes aventureiros bateram palmas de satisfeitos, e trataram de organizar uma barraca de campanha, onde pudessem passar a noite para, na phrase de Herminio, « troçarem no dia seguinte naquelle campo mais bello que os da sua terra ». Infelizmente, mal se haviam deitado, quando ouvi-

ram reboarem de todos os lados os *borés* e as buzinas, em sitios distantes, como a indicarem alarma de guerra. Amedrontados, ninguem mais pode dormir, ouvindo, pela escuridão da noite, aquelles toques, que parecia precederem legiões de phantasticos guerreiros. Logo pela madrugada, reconhecendo que não tinham mais munição para sustentarem uma lucta, pois a tinham gasto quasi toda nas caçadas da viagem, levantaram acampamento e fugiram pela picada que haviam feito, sempre perseguidos, até ao segundo dia, pelas buzinas dos selvagens e pelos temores do ataque.

Gastaram, em viagem redonda, 25 dias, chegando ao Burgo de Itacayuna em verdadeiro estado lastimavel, depois de atravessarem 124 ladeiras ou morros e 4 ribeirões.

Carlos Leitão, com a sua gente, os recebeu como a heróes: organizaram-se festas, curaram-lhes as feridas abertas nos pés e no corpo pelos espinhos da travessia e pelos insectos, fazendo-se de tudo communição official ao Governador do Pará.

Foi esta viagem interessante que excitou a curiosidade e o espirito investigador do jornalista new-yorkino. O caminho traçado pelos viajantes foi aproveitado pelos selvagens, que appareceram, mezes depois, nas cercanias das roças do Burgo, amedrontando os habitantes, que, para evitarem delles um ataque, organizaram muralha de pau a pique em roda de todo o povoado.

Tenho já, por varias vezes, defendido pelos jornaes a malevola intenção que querem prestar áquelles pobres indios, occultos na riqueza dos campos e afastados de uma civilisação, que os recebe de bacamarte ao olho e de facão em punho (\*). Tenho esperanças fundadas no futuro de que só esses selvagens trarão vida ao Burgo e nos levarão até á beira encantadora daquelles campos immensos, pasto de boiadas, que farão o nosso engrandecimento pastoril e perpetuarão o nome dos ousados viajantes que sangraram os pés demarcando o caminho entre a civilisação e a catechése.

(\*) *Vide nota no fim do livro.*

## CAPITULO XIII

Novas explorações. — Primitivo Burgo Itacayuna e seu abandono. — O rio Itacayuna. — Analyse scientifica da borracha do Alto Tocantins. — Exploração dos Pimenteis. — Obstaculos de navegação do Alto Tocantins depois do Lago Vermelho. — Outros obstaculos na foz do Araguaya. — A colonia militar de S. João do Araguaya; sua decadencia. — Antigas explorações no Tocantins. — Origem provavel desse rio. — Seus affluentes ácima do Araguaya. — Descrição geographica do Araguaya; sua importancia e seus exploradores. — Ilha do Bananal. — Affluentes do Araguaya e sua navegabilidade. — Communicações com Matto-Grosso. — Os campos do Araguaya.

Após alguns dias de estada no *Burgo Itacayuna*, onde tivemos occasião de fazer diversas observações e analysar devidamente as excellentes qualidades agricolas daquella encosta de serras ou terras altas, que se elevam para o centro, o Sr. Carlos Leitão, sempre com o mesmo trato fidalgo, cedeu-nos uma canôa e guias que nos ajudassem a explorar rio ácima, até ao ponto que fosse da nossa vontade. Na manhã de 2 de Abril, com animo esclarecido, alegres seguimos aquella nova derrota, experimentando as mesmas peripecias já descriptas, porém resolutos a prestar qualquer concurso ou serviço á sciencia e estimular de qualquer fórma e melhor vontade a outros exploradores e sabios de competencia reconhecida.

Em poucas horas, enfrentámos o logar, já *tapéra*, em que se assentaram as primeiras casas do primitivo burgo. A topographia ahi é mais bella, margens risonhas, parecendo incrível que aquelle paraíso, que se agora descortinava á nossa vista, se tivesse transformado quasi em um verdadeiro cemi-

terio da pobre gente, que, perseguida pela guerra civil e sofreda pela anarchia da Patria, veio buscar abrigo nas terras paraenses, dando-lhes em troca uma colonisação vigorosa, bôa vontade e trabalho.

Pouco adeante, está a foz do grande rio *Itacayuna*, affluente da margem esquerda do rio Tocantins, e que baptizou com o seu nome o esperançoso nucleo. Infelizmente, a intoxicação palustre, provinda das aguas de pantanos ou lagos existentes no declive das collinas proximas, dizimou a população ali asentada, afugentando-a para o logar em que está presentemente, menos bello, porém mais saudavel, a 11 kilometros rio abaixo.

Estivemos examinando detidamente a foz do Itacayuna, que tem cêrca de 80 metros de largura. Oxalá possuíssemos meios com que pudessemos fazer, por nossa conta, a exploração daquelle importante braço do Tocantins! Soubemos que, mezes depois, se descobriu nas margens daquelle rio, uma arvore, que se reconheceu ser da familia da *syphonia elastica* ou *hevea guyanensis*. Naturalmente, a descoberta da cultura de uma nova borracha, em uma zona onde se julgava não ter ella meios de existencia, lançou o espirito emprehendedor daquella pouca gente á caça desse ouro vegetal.

Os dois irmãos Pimenteis subiram pela primeira vez o *Itacayuna* em mais de doze dias de viagem, e, vencendo dezenas de cachoeiras e rapidos, desprezando novos affluentes que encontraram, procurando seguir sómente pelo que julgavam ser o curso do verdadeiro rio, descobriram castanhaes extensos e alguns pequenos seringaes.

Os Sr<sup>s</sup>. Carlos Leitão e Raymundo Rocha fizeram descer para o mercado de Belém centenas de kilos do novo producto, que foram bem reputados na Praça do Pará.

O meio de coagular o leite não é o mesmo que se emprega para a borracha do Amazonas. Seccam-no em grandes vasilhas ao sol, ou, melhor, empregam a potassa do sabão commum para esse fim, o que leva alguns a crerem que se trata

de um novo caucho ou de uma seringa de outra especie. O pharmaceutico Leandro Tocantins sujeitou uma amostra do producto ao sr. Bouhain, chefe do Gabinete de analyse e da Junta de Hygiene de Belém, e teve o resultado seguinte :

POIDS supporté	LONGUEUR OBSERVÉE en charge			LONGUEUR CONSERVÉE la charge retirée		
	N° 1 Série noire	N° 2 Série jaune	N° 3 Série blanche	N° 1 Série noire	N° 2 Série jaune	N° 3 Série blanche
	0	35 m	35 m	35 m	35 m	35 m
20	37	37	36	35	35	»
50	39	39	38	36	35	36
100	53	43	42	40	36	37
150	65	53	47	45	40	38
200	75	68	55	50	44	39
250	110	80	85	70	45	»
252	»	»	88 R	»	»	40 R
300	150	95	»	85	»	»
348	190 R	»	»	88 R	»	»
350	»	110	»	»	»	»
356	»	118 R	»	»	» R	»

NOTA. — La lettre R indique la rupture.

Os irmãos Pimentéis, cuja viagem tinha sido alguns mezes posterior á nossa, subiram o rio *Itacayuna*, que corre na direcção média de oeste para leste, notando que augmenta de largura logo após a sua embocadura. Depois de oito dias de viagem, chegaram a uma bifurcação do rio em dois ramos de igual importancia, uma na mesma direcção primitiva e outra na de sul para norte, acompanhando o parallelismo do Araguaia. Não duvidaram seguir a mesma direcção que haviam trazido, até que, ácima da bifurcação, tomaram pelo braço septentrional, que lhes pareceu mais largo, e viajaram assim tres longos dias, procurando já descobrir os falados *campos geraes* do Tocantins, de que elles se têm tornado os mais aventureiros exploradores. Effectivamente, no fim desses

dias, viram, pela margem esquerda, ladear o rio montanha de forte talude, a cujas escarpas conseguiram subir, e de onde divisaram, para o lado de oeste, matas baixas e caatingas, que conjecturavam ser inicio do *El-Dorado* por elles tão ambicionado. Com estes minguados resultados, voltaram esses rapazes tenacissimos, porém exploradores sem meios scientificos que os auxiliassem a trazer resultados mais proficuos e observações mais seguras. Os campos geraes não pódem ser, talvez, mais que o prolongamento dos campos das margens do *Araguayá*, ali chamados *campos dos Cayapós*, e que entram pela terra na direcção de oeste para noroeste, approximando-se ora do Xingú, ora do proprio Tocantins. Nesta vontade de explorar aquella riquissima zona, os Coudreau foram mais felizes do que todos nós. Tiveram bôas verbas de orçamento para fazer essa viagem, que não deu resultados mais positivos do que aquelles simplicios episodios narrados sem floreios de rhetorica; ao passo que, sem onus para os cofres do Estado, foi ella feita pelos dois pobres brasileiros, os Pimenteis, que nada mais ambicionavam do que encontrar campos, onde pudessem estabelecer no Alto Tocantins Paraense uma vigorosa e remuneradora criação de gado. Já o Sr. D<sup>r</sup> Carlos de Novaes, uma vez, no Senado Paraense, apresentara um projecto, procurando encaminhar scientificamente, com auxilios pecuniarios á custa do Estado, as explicações dadas pelos Pimenteis, tendo sido, infelizmente, a lei vetada pelo proprio Sr. D<sup>r</sup> Lauro Sodré. Não vá nisto qualquer ranço de jacobinismo em relação á felicidade dos Coudreau na empreitada que fizeram de explorar os nossos rios, nem exprobração ao ex-Governador do Pará.

Fizemos algumas observações na foz do Itacayuna, nome cuja decifração indigena não sabemos bem se deva significar: *pedra miuda preta*: (*Ita — cuij — una*) ou *logar de castanha preta*: (*Ê — tucai — una*). Depois do que, proseguimos viagem, tomando simplesmente notas sobre os principaes embarços que o rio apresentava para uma navegação regular. É bom notar que nos não passou despercebido

o cheiro e gosto da agua do Itacayuna, com algum pronunciamiento de antimonio, o que denota presença de prata na região banhada por elle ou por algum affluente.

Recapitulando o que já dissemos atraz com o que já observámos adeante e nos informaram pessoas seguras, podemos dizer que os obstaculos que difficultam a navegação no Alto Tocantins são os seguintes, começando no logar *Praia da Rainha*:

1º *Secco do Lago Vermelho*, um baixio de areia, que dá passagem franca no inverno, mas no verão sécca até 5 ou 4 palmos, pouco mais ou menos. E' o logar mais secco que existe;

2º *Secco Grande*, mais extenso que o anterior, transformando-se no verão em um canal de 6 a 8 palmos de profundidade. Dá passagem franca no inverno;

3º *Tauhyryzinho* 1º, conserva sempre um canal largo e franco;

4º *Pedral da Mãe Maria*, um pedral que divide o canal principal, que é fundo, em 3 canaes muito estreitos. É o caso da desobstrucção por meio de dynamite;

5º *Secco do Bacabal*, conservando no tempo da secca um canal de 10 palmos de profundidade;

6º *Pedral de S. João*, na confluencia do Araguaya com o Tocantins, perto da Colonia Militar de S. João do Araguaya. E' de pouca importancia e conserva sempre um canal franco. Deste ponto em deante, segue sempre navegação franca numa extensão de 60 a 70 leguas;

7º *Serra Quebrada*, ácima da villa da Imperatriz. E' uma passagem difficil, já por causa da grande correnteza, já porque os canaes, que se conservam, em tempo de secca, de 5 palmos, são tortuosos e têm apenas 10 metros de largura;

8º *S. Domingos*. E' um travessão de pedra de pouca importancia;

9º *S. Antonio*, cachoeira de pedra. O perigo ahi existe na forte correnteza, conservando canaes de profundidade ainda no verão;

10º *Secco da Corôa*, perto da cidade de Bôa-Vista. É pe-

rigoso por causa das voltas rapidas do canal, marcado por pontas de pedras ;

11° *Tres Barras*, corredeira de grande força. Conserva um canal estreito no verão e dá passagem franca no inverno ;

12° *Tauhyryzinho* 2°, conserva em tempo de sêcca um canal de 6 a 8 palmos de profundidade ;

13° *Secco Grande*, de pouca importancia, conservando sempre um canal largo.

14° *Pedral de Bôa Vista*. O leito do rio é pedregoso, conservando, porém, um canal fundo no verão.

15° *Cachoeira de Sant'Anna*, logo acima da cidade de Bôa-Vista. Não é perigosa e conserva sempre um canal franco. Da cidade de Bôa-Vista, segue outro trecho de navegação franca numa extensão de 200 leguas (pelas informações) até ao rio do Somno, que já é perto de Palmas.

Fui tambem informado de que entre o rio do Somno e Palmas existem muitas cachoeiras. Não tendo, porém, pormenores que me mereçam fé, deixo de as enumerar.

Sobre o rio Araguaya, poucas informações veridicas pude obter. Apesar de ser este rio pouco conhecido na zona tocantina, creio que as suas condições são muito mais favoraveis á navegação que as do Tocantins. Ouvi falar especialmente na fertilidade dos seus terrenos marginaes, existindo campinas, que se prestariam para a criação de gado.

Os obstaculos que o Araguaya tem no seu curso, desde a confluencia com o Tocantins até S. Vicente (30 leguas pouco mais ou menos), são os 3 seguintes :

1° *Carmo*. Conserva em tempo de verão um canal bastante fundo ;

2° *S. Domingos*, travessão de pedras, que deixa um canal para navegação ;

3° *Secco de S. Vicente*, com fácil passagem.

Ao chegar á Colonia Militar de S. João do Araguaya, nota-se a desidia, a incuria do antigo Governo Imperial que já ia sendo um pouco imitado pelos poderes publicos da Republica, que pareciam conluiados em abandonar aquelle importante

ponto da riquissima zona, que, mercê de algum favor publico, pôde vir a ser a chave do commercio de todo o Alto Tocantins e Araguaya, em cuja bifurcação ella se acha.

Parece incrível que aquella Colonia tão antiga não tivesse uma relação postal com a Capital do Pará, nem sequer uma escola publica primaria. Foi necessario que eu, como membro do Conselho Superior da Instrucção Publica de Belém, propuzesse a criação de uma escola para ali, o que, felizmente, já foi feito pelo Governo do Estado. No mais, tudo aquillo não passa de um amontoado irregular de casas velhas e arruinadas, com excepção de uma ou duas, pertencentes a modestos commerciantes. A justiça publica estava quasi completamente abandonada, e os criminosos de uns e outros Estados vizinhos passejavam por aquellas paragens desalmados e seguros.

O Tocantins parece ter sido mais cuidadosamente observado e considerado pelos antigos colonos portuguezes, independente das empreitadas de RESGATES, que os mais ambiciosos e estupidos fizeram para aprisionar ali indios, que foram reduzidos ao captivo.

O marquez de Pombal, estudando apaixonadamente a topographia do Pará, chamou devidamente o Tocantins, *corredor do Brasil*, significação acertada, porque, effectivamente, elle representa a communicação mais directa entre o norte e o sul da grande Republica. Antes mesmo das observações desse ministro, já muitos exploradores e sabios haviam percorrido a importante via fluvial, de cujas viagens, infelizmente, bem poucos deixaram traços e noticias para a sciencia.

— A primeira pessoa que a tradição registra ter entrado no Tocantins, segundo notas escriptas pelo Sr. Arthur Vianna, foi um padre, denome Christovam, o qual, em 1625, tornou a fazer segunda excursão, acompanhando o custodio dos capuchos, commissario do Santo Officio e visitador ecclesiastico, frei Christovam de Lisbôa. Em 1669, Gonçalo Paes e Manoel Brandão percorreram as terras do Tocantins, em procura de minas de ouro. Em 1673, o mestre de campo, o paulista Paschoal Paes de Araujo, commandando uma bandeira que for-

mára á sua custa, desceu o Tocantins no proposito de captivar os *Gradahús*. Em 1653, o Padre Antonio Vieira subiu o Tocantins até á cachoeira de *Itabóca*. Para defender estes pobres indios, enviou o Governador do Pará, Pedro Cezar de Menezes, o capitão Francisco da Motta Falcão chefiando uma partida de homens experimentados. Em começo de 1675, subiu o Tocantins, até ás aldeias dos *Gradahús*, o padre Antonio Raposo Tavares, chegado de Lisbôa, onde lhe foram commettidas a inquirição e a pesquisa das minas auríferas daquelle rio. Levado pelo ardor da catechese, o jesuita Manoel Motta, em 1721, subiu o Tocantins, até passar o boqueirão do *Tauhiry*, e penetrou no rio Itacayuna para missionnar os indios deste nome e os *Guaranyses*. Em 1746, o capitão Antonio Rodrigues Villares, guiando uma bandeira paulista, desceu aquelle rio.

Em 1780, os commerciantes do Pará, auxiliados pelo Governador Tristão da Cunha Menezes, enviaram uma expedição ao mesmo rio, a qual subiu até Goyaz, em 2 mezes e 20 dias. Em 1844, M. de Castelnau remontou o Tocantins até S. João das Tres Barras. Em 1846, o juiz municipal Rufino Segurado desceu e subiu o Tocantins, sempre com feliz viagem. —

Observando a confluencia do Tocantins com o Araguaya, que forma, pela divisão das aguas, a grande península Goyana, nota-se que o Araguaya se aproxima mais da direcção média do Tocantins, parecendo que o geographo se enganou ou trocou os nomes que deu aos dois grandes ramos do rio, aliás de igual importancia e com pouca differença de volume d'agua. Mas, onde verdadeiramente nascem um e outro? E' uma questão importante, a que daremos apenas algumas elucidações, visto não termos dados precisos para o affirmar. O Tocantins, que, na brilhante phrase de James Orthon, corre por um leito de diamantes, saphyras, opalas, ouro, carvão de pedra, petroleo, etc., é, depois do Amazonas, o mais importante rio do Brasil e um dos mais notaveis do mundo. A sua largura media é de 1800 metros, verificada em diversos pontos do seu curso, mesmo no Alto. Nasce no Pla-

nalto Central do Brasil, de tres correntes primitivas ; uma das quaes passa na fralda dos Pyrinêus, e outra alimenta a Lagôa Formosa, formando o que os geographos chamam *divortium aquarum*, cêrca de 1.500 metros ácima do nivel do mar, banhando no seu curso zonas riquissimas, assoberbado pela natureza opulenta. Na sua carreira afanosa, atravessa cachoeiras, saltos e corredeiras, formando as importantes ilhas de que já tratámos. Proporcionalmente, é o mais despovoado dos rios do Brasil, tendo entretanto no seu seio elementos para garantir a vida de cidades e villas, que, com auxilio de boa immigração espontanea, poderiam advir para o futuro, fazendo das suas margens centros e emporios commerciaes. Todavia, ninguem quer comprehender o alcance que está reservado aos audazes que queiram desbravar aquelles sertões ignorados, fazendo conhecer melhor os seus productos e garantir um futuro certo.

Os afluentes mais importantes do Tocantins, ácima da foz do Araguaya, são : o rio do *Somno*, navegavel em mais de 100 kilometros, o *Manoel Alves Grande* e o *Manoel Alves Pequeno*, o *Maranhão* e o *Paraná*. O Tocantins banha sobretudo os territorios de Matto-Grosso, Goyaz, Maranhão e Pará, e daqui desafiamos a quem não reconheça a sua superioridade de communicar, pelas suas aguas, as relações civis dos mais remotos centros da União. Já uma commissão de engenheiros brasileiros, designada para estudar o assentamento da *Formosa*, futura capital do Brasil, no grande planalto de Goyaz, fez ao grande rio preconcios que douram as paginas da obra que sobre o assumpto, com tanta competencia, escreveram.

O rio Araguaya, tão importante como o Tocantins, tem uma origem menos explorada. E' formado pela junção do *Rio Grande* com o *Rio Vermelho*, tendo este origem na serra do Ouro-fino, que é parte da do *Estrondo* ou *Serra Grande*, sendo aquelle proveniente da junção dos rios *Cayapós* e *Barreiros*, vindo este de Oeste e outro do Sul. Recebe o mesmo *Rio Grande* como afluentes, pela margem direita, o rio das *Almas*, o rio *Claro* e o ribeirão da *Agua Limpa* ; e pela esquerda, alguns córregos. O *Araguaya*, que separa o territorio do

Pará do de Goyaz, vai, pelo seu affluente *Tapirapé*, estabelecer os limites entre o Pará e Matto-Grosso ; no seu longo curso forma a grande ilha do *Bananal* ou de *Sant'Anna*, que divide o rio em dois grandes braços. O da esquerda se chama mais propriamente *Canal de Sant'Anna*, e tem uma largura de 260 metros com uma profundidade média de 3. A velocidade da agua, na superficie, é de 36 metros por minuto, tendo o rio fóra a largura de 700 metros. A ilha de Sant'Anna, uma das maiores da região, tem maior extensão do que muitos paizes da Europa. E' toda baixa e em grande parte alagada, tendo, no interior, uma grande zona de terra firme, sem serra alguma, com alguns lagos não de grandes dimensões, como dizem os mappas geographicos. Esta ilha não é saudavel, apesar de mostrarem robustez os *Carajás*, que moram nas suas margens ; mas não ha, entre elles, velhos, parecendo que morrem aos 40 annos.

O Araguaya, até ao extremo da ilha do Bananal ou de Sant'Anna, recebe, pela direita, o rio do *Peixe*, 122 kilometros abaixo da foz do rio Vermelho ; o *Crixá*, a 89 kilometros abaixo do rio do *Peixe* ; mais abaixo, recebe, como affluente, o rio *Crystallino*, que vem de O. e S. O ; no maior braço do rio, formado pela ilha de Sant'Anna, recebe o rio das *Mortes*, o mais importante de todos os affluentes, destinado a servir de via de communicacão entre o Pará e Matto-Grosso, junto de cuja capital elle nasce ; mais abaixo, o rio *Tapirapé*, que é o limite entre os 2 Estados já citados.

Os Carajás, que formam a nação indigena mais poderosa do Araguaya, denominam o *Crystallino* : MANRIEBERÓ — rio da mantrichã, nome de um peixe daquella região ; o rio das *Mortes* : YUAEBÓ, rio em fórma de pé ; o *Tapirapé* : MANAMBERÓ, rio da pedra ; o *Araguaya* : BEROCAN, rio grande. Parece que a palavra *beró* significa « rio » na lingua daquelles indigenas.

O Araguaya tem aguas mais calmas e cachoeiras mais faceis de remoção do que o Tocantins, existindo trechos perfeitamente navegaveis, até por vapores, como entre Leopoldina e Santa Maria, em uma distancia de 960 kilometros, ficando

Leopoldina situada num barranco da margem direita do rio Vermelho com o rio Grande, affluente do proprio Araguaya e a 98 kilometros distante de *Jurupensen*, já no territorio de Goyaz. A differença de nivel observada entre a maior enchente e a maior estiagem do rio é de 7 metros ; e a sua menor largura, na frente da Povoação de Leopoldina, é de 392 metros.

O engenheiro Joaquim R. de Moraes Jardim explorou, em 1879, por conta do Governador de Goyaz, todo o rio Araguaya, com o fito de estabelecer a sua navegabilidade. Foi elle quem precisou o grande trecho de pedras que fica quasi em frente de Leopoldina, e que serve de marco terminal da secção da actual navegação a vapor, apresentando, todavia, canal profundo, até ao travessão de pedras, um kilometro abaixo de *Itacayú*. O primeiro barco a vapor que inaugurou esse trecho de navegação, teve o nome de *Araguaya*, e foi transportado por terra, em pedaços, da antiga Provincia de Matto-Grosso, sobre 14 carros puxados por bois, atravez dos chapadões, que se interpõem entre a bacia do Prata e a do Amazonas, na distancia de 100 leguas, por logares invios. O segundo, foi o rebocador *Christovam Colombo*, que foi transportado do Pará pelo rio Tocantins, vencendo com grandes difficuldades e perigos as cachoeiras desse rio até a confluençia com o Araguaya, a cuja navegação se destinava. Para o futuro do Pará, o rio Araguaya trará maiores vantagens do que o prolongamento, depois da sua bifurcação. Os campos são ali mais viçosos e mais geraes, e as condições de colonisação mais estaveis e mais promettedoras. Já ali possuímos uma povoação, pertencente ao Estado do Pará, denominada *Sant'Anna dos Barreiros*, e onde se têm estabelecido antigos habitantes dos municipios de S. Vicente e de Boa Vista, em Goyaz, sob a illustre direcção de Frei Gil de Villa Nova, dominicano francez, que tão saliente papel representou na guerra civil que enluctou aquellas comarcas. As outras povoações existentes no Araguaya são : *S. José*, *Santa Maria* e *Leopoldina*, todas na margem direita.

A primeira tentativa para o reconhecimento do rio Araguaya remonta ao anno de 1720, em que o Capitão Diogo Pinto de

Gaia, por ordem do Governador Bernardo Pereira Berredo, o explorou, tendo visto toda a vasta ilha de *Sant'Anna*. Em 1731, foram descobertas as minas da *Natividade* pelo sargento-mór João Pacheco do Couto, o qual foi expedido com 80 homens pelo General Governador Alexandre de Sousa Freire. Em 1774, foi fundado com indios *Jauapés* e *Carajás* um logarêjo, com a denominação de *Nova-Beira*, na grande ilha de Sant'Anna. Em 1765, José de Almeida Vasconcellos e Soveral, á frente de uma *bandeira*, vogou o Araguaya entre o sitio *Bananal* e as povoações dos *Carajás*. Em 5 de Fevereiro de 1791, Thomaz de Sousa Villa-Real parte do Pará, e, navegando o Tocantins e o Araguaya, chega por terra a Goyaz, capital da Provincia. Em 1799, o ministerio dos negocios ultra-marinos recommendou muito particularmente a D. João Manoel de Menezes a navegação dos rios Araguaya e Tocantins, e a carta regia de 7 de Janeiro de 1806 concede inteira isenção de direitos, por 10 annos, aos que se estabelecessem nas margens desses rios. O Marechal Jeronymo Jardim, em uma conferencia que fez em 1894, no Club de Engenharia, no Rio de Janeiro, falou proficientemente sobre as *vantagens da viação ferrea e fluvial do Tocantins e Araguaya*, não só sob o ponto de vista estrategico, como tambem em funcção da economia commercial e agricola dos Estados, que elles, directamente, communicam. Para Goyaz, servirão não sómente os dois rios principaes, Tocantins e Araguaya, como todos os que a elles affluem, desde o seu ponto de confluencia; para Matto-Grosso, aproveitarão o Araguaya, que o sepára daquelle Estado, e o rio das *Mortes*, perfeitamente navegavel em cêrca de 800 kilometros, e que, com o nome de rio *Manso*, se approxima de *Cuyabá*, sua capital. Estamos convicto de que este ramo de viação mixta brasileira ha de ser o mais importante da viação geral da Republica, sobretudo quando a estreita faixa do littoral povoado se tornar insufficiente para remunerar o trabalho, e quando as terras centraes provocarem com os seus productos o consumo insaciavel das capitaes á beira-mar.

## CAPÍTULO XIV

Geologia do valle do Tocantins. — Edade geologica do planalto goyano. — Evoluções e actual feição topographica do solo. — Vertente e origem do Tocantins. — Constituição dos barrancos do Tocantins e Araguaya. — Estudo das cachoeiras feito pelo professor Hartt. — Dificuldade do estudo ethnographico no Tocantins. — Hypothese de tres ramos principaes de indigenas naquelle valle. Os *Tupinambás*, mestiçagem e mistura dos seus costumes com os dos conquistadores. Diversidade do ramo Cayapó: indios *Gaviões*, *Cherentes*, *Chavantes*, *Craús*, *Canellas*, *Tembés*, *Timbiras*, etc. *Caiapós* propriamente ditos. Opiniões de Martius. Terceiro ramo ou *Carajás*, nação conquistadora e irrequieta. *Apinagés* e *Apiacás*.

### GEOLOGIA

Só os sabios poderão precisar a antiguidade geologica do bellissimo valle tocantino, e os mineralogistas e chimicos demographar com exactidão a constituição metallurgica daquelle vastissimo territorio. Limitar-me-ei a citar opiniões, que reputo as mais assentadas, começando pelas observações expendidas pela grande Commissão Brasileira, encarregada de estudar o Planalto Central do Brasil, escolhido para ser a séde da futura Capital da União.

Tendo Elias de Beaumont, segundo diz Gerber, demonstrado com evidencia que a edade das diversas partes do nosso globo, isto é, a época do levantamento das mesmas ácima do nivel do mar, deve ser anterior á mais antiga formação limitrophe, cujas camadas se conservam horizontaes, assim como posterior á edade das formações, que, por effeito do proprio levantamento, se acham inclinadas,

é claro que, em vista do referido facto, de se acharem as formações de transição (paleozoicas) horizontalmente estratificadas, sem serem cobertas por formações secundarias ou terciarias, phenomenos de que não consta haver semelhante exemplo em outra parte do mundo, é claro, repito, que esta parte do continente sul-americano já se achava elevada acima do nivel dos mares, em uma época anterior ao tempo em que começaram os depositos submarinos; ou, em outros termos, o Brasil central já existia como um continente extenso, quando o resto do mundo ainda estava submergido no oceano universal, ou apenas surgiam partes delle como ilhas insignificantes. E', pois, o Brasil, e em particular a provincia de Minas Geraes, a quem toca a honra de ser o mais antigo continente no nosso planeta.

— Ao redor desta região, diz o Dr. Hussack, porém ao N. e O. na bacia do Tocantins-Araguaya e na do Xingú-Paraguay, a L. na de São Francisco e ao S. na do Paraná, houve enormes depositos de sedimentos, que, por transgressão, cobriram as margens da antiga ilha goyana e se estenderam sobre as enormes regiões, que hoje constituem grande parte das bacias mencionadas. Estes depositos têm permanecido em posição horizontal, como já demonstraram Derby e outros, em São Paulo, Paraná, Matto Grosso, Piauhy, Bahia e Minas Geraes, parecendo ter começado na época devoniana e continuado, com interrupções, até á época secundaria. As manifestações da actividade vulcanica, mais accentuadas nos limites meridionaes do Planalto, diminuem, parece, á proporção que se avizinham do equador.

Na bacia do Paraná nota-se abundancia do augito porphyritico, especialmente no Triangulo Mineiro, onde se ostenta a *Prinzeza do Sertão*, a cidade de Uberaba.

Na Rajadinha (Goyaz), perto de Mestre d'Armas e no lugar denominado *Olhos d' Agua*, junto das nascentes do Rio Urubú, um dos tres primeiros componentes do Tocantins, encontra-se o mesmo augito.

Constituido, assim, em terra firme, o continente que algum

dia se havia de chamar Brasil começou a soffrer a acção desnante dos agentes desaggregantes, que, em um sem número de seculos, lhe têm esculpido as actuaes feições topographicas, e cujos limites se patenteam claramente, attendendo-se para os valles das correntes d'agua pelo desnivel do alveo destas em varios pontos, e pela differença do nivel de um alveo a outro.

O chapadão amazonico do planalto se compõe, pela maior parte, como o da bacia do Paraná, de grés e schisto argiloso encostados a rochas metamorphicas, que apparecem nos valles dos rios. E' desconhecida a idade geologica destes stratos, pois ainda se não encontraram fosseis nesta região.

Orbigny referiu a idade carbonifera ás camadas adjacentes á barra do Guaporé, por se, apparentemente, assemelharem ás camadas carboniferas da Bolivia Oriental, na qual se têm encontrado fosseis. Tanto a formação devoniana como a formação carbonifera são apresentadas ao longo das margens amazonicas do planalto. E' muito provavel que taes camadas se extendam pelo planalto aedeante, e constituam, ao menos em parte, o chapadão de que tratamos. A apparente semelhança dos chapadões do Amazonas e do Paraná favorece este modo de vêr. Por outro lado, podemos suppôr que os stratos de idade secundaria das bacias do Parnahyba e do São Francisco se extendem pela divisoria das aguas do Tocantins e formam parte do chapadão amazonico.

A região ao sul deste chapadão abundante de schisto micaceo, comprehendendo as vertentes do Rio Corumbá e do seu affluente Capivary, apresenta ligeiras ondulações até encontrar o chapadão das *Duas Oitavas*, com cêrca de 1.000 metros de altura, no limite S. O. do Districto Federal, e encerra numerosos córregos e ribeirões, cada qual de maior volume d'agua relativo. Este ponto do districto é sobretudo interessante, porque ao mesmo tempo que se vêm as aguas correrem para o sul (Capivary, Duas Oitavas, Andréquicé, Piancó, etc), nota-se que outras procuram os rios do norte

(Barro Branco, João Leite, Mar e Guerra, Tanoeiro, etc.), e se vão lançar no rio das *Almas*, oriundo de uma das principaes cabeceiras do grande Tocantins. Este mesmo factó tambem se vê nas nascentes propriamente ditas do rio Corumbá, que vai para o Rio Paraná e estão ao norte do Rio das Almas.

Diz o Sr. Ernesto Ule, botanico da Commissão, o seguinte : — O Vargem Grande desemboca no Tocantins, e quer me parecer ser elle a propria cabeceira do mesmo ; pelo menos, constitue aqui a maior corrente de agua que corre para esse lado. —

Diz ainda o Dr. Eugenio Hussack que os rios das Almas e Corumbá nascem ao pé dos Picos dos Pyreneus, precipitando-se em bellas cascatas sobre as camadas do itaculimito.

As camadas de micaschito avermelhado e decomposto, cheias de filões e massas lenticulares de quartzó, são as que contêm ouro e são trabalhadas nas grandes lavras do Abbade e Vendinha : ellas é que fornecem este metal para as areias e cascalhos dos rios das Almas e Corumbá. —

Apezar desses poucos estudos e de outros que sobre este valle só agora começam a despertar a attenção dos americanistas que se interessam pelo assumpto, o Tocantins tem permanecido no abandono scientifico do seu verdadeiro valor territorial e da sua importancia geologica.

Acreditamos que, se não fossem os grandes rios navegaveis e a existencia das minas de ouro recommendadas á ambição dos primeiros colonos, o Brasil central ficaria por uma vez tão ignorado dos homens e dos sabios como o centro do continente africano.

O que não deixa de captivar a attenção dos viajantes é a belleza dos altissimos barrancos marginaes ao rio, quasi semelhantes, tanto no Tocantins como no Araguaya. Estes barrancos são formados, no alto rio, de cinco camadas distinctas : a primeira da parte inferior é de argilla arenosa e escura, seguindo outra de ocre amarello, sobre o qual está uma terceira,

rôxa, e, finalmente, uma de areia branca, por cima da qual está a terra vegetal (humus), não tendo esta mais de 0<sup>m</sup>,44 de espessura. Esta é, segundo Jardim, a formação geral dos barrancos do Araguaya, que em alguns logares se apresentam formados do conglomerato ferruginoso exclusivamente, ou formando este mineral base, sobre a qual ficam as camadas acima indicadas.

O professor Hartt, que em 1870 visitou as primeiras cachoeiras do Tocantins, expendeu sobre aquelle territorio opiniões, que devem aqui ser recordadas: —... Examinei minuciosamente a structure geologica das cachoeiras e da terra firme, subindo algumas vezes nas altas, para determinar a formação dellas. As cachoeiras são formadas de camadas de schistos, granwache e calcareo impuro muito antigas, muito inclinadas e metamorphoseadas.

Como não offerecem fosseis, será difficil a determinação exacta da sua idade geologica. Na minha opinião, são pre-carboníferas e provavelmente silurianas.

Como o rumo strihe destas camadas, é em geral, do N. E. e S. O, formam muralhas irregulares atravessando o rio e, no tempo do rio secco, cortadas por canaes tambem irregulares.

As camadas, geralmente fallando, são inclinadas para o sul. Esta formação, em alguns logares, está cortada por diques possantes de diorito, que tambem formam muralhas ou linhas de ilhotas, no tempo secco. Em Alcobaça, encontra-se uma formação differente, um quartzito muito duro e fino e de uma côr roxa, quasi horizontal e d'uma idade mais recente do que os schistos da cachoeira. Estas camadas antigas, que acabo de descrever, formam, por assim dizer, os alicerces daquella região. Sobre ellas jazem sem conformabilidade de estratificações uma camada de uma pedra siliciosa mais ou menos ferruginosa, amorpha e, em alguns logares, parecendo agatha ou jaspe e associada com um conglomerado ferruginoso. Este deposito mal se vê; descobre-se na beira do rio como na cachoeira das Guaribas, e em outros

logares para baixo, também formando massiços enormes, isolados. —

#### ETHNOGRAPHIA

Não posso aqui fazer um estudo completo sobre a importantíssima e pouco conhecida ethnographia americana.

A presença do homem da America Meridional, sobretudo no Valle Amazonico, é um problema que se tem procurado resolver com hypotheses. O encontro de alguns fosseis, se bem que raros, na vastíssima superficie brasileira, não lhe dá uma idéa anterior ao periodo historico.

Ao observador não passa despercebido a quasi semelhança dos costumes e pouca diversidade das linguas dos indios que habitam o Valle do Tocantins, levando assim a acreditar na simplificação de tres grandes correntes indigenas na occupação completa daquelle territorio, as quaes são:

I. Os Tupinambás ou os Tocantins, ou, como queiram appellar, os indios que primeiro occuparam o Baixo Tocantins;

II. Os Cayapós, subdivididos em Cherentes, Chavantes, Craús, Gaviões etc., que se derramam pelos sertões do Pará, Goyaz e Maranhão;

III. Os Carajás, subdivididos em Apinagés, especie de nação guerreira que veio dos sertões de Matto Grosso, chegando a occupar grande parte das margens do Araguaya.

Do primitivo tronco quasi nada existe : o escravizamento e a matança pelos primeiros colonos portuguezes lhes destruíram as tabas e os costumes. Por seu turno, o escravizado adoptou com as tradições fetichistas os modos grosseiros dos inimitaveis lusitanos do seculo xvii. A este extraordinario trabalho de mestiçagem deve o Pará o aformoseamento do typo *mameluco* ou simplesmente caboclo, que nacionalizou filhos de uns e de outros, formando quasi o curho do homem desta parte do Brasil. Foi dessa primitiva nação de indios que se occuparam os raros americanistas que subiram o Tocantins. Se não existem delles estudos mais sérios, devemos-o á Companhia de Jesus, votada mais a

conquistal-os para o Christianismo do que a estudal-os no campo desinteressado da Sciencia. A ambição dos colonos completou a obra da destruição, reduzindo-os ao trabalho grosseiro, sem lhes dar ouvido á narrativa interessante da sua historia. O Padre Antonio Vieira, com a superioridade do seu genio, condoeu-se do misero estado delles, conseguindo, o que já foi muito, eleva-los á *condição de homens*, verdade que só foi acceita pelo espirito ignorante da época, á vista de uma bulla do Papa Paulo III. No ardor da catechese, estudaram os padres a lingua dos Tupinambás, addicionando-lhe termos e vocabulos para melhor comprehensão da doutrina, formando o que se denominou *lingua geral*, que chegou a ser a unica falada entre as proprias familias dos colonos.

Ainda ha poucos mezes, visitando o rio Xingú, estive em casa de familia de gente branca, onde a *gíria* pela qual todos se comprehendiam era esse bizarro e tão nacional dialecto.

Os *Tupinambás*, segundo Martius, occuparam toda a costa do Brasil, e não é de admirar que chegassem a muitas milhas de navegação de seus grandes rios. Os portuguezes encontraram quasi uma só lingua em todo o paiz conquistado, por quanto os *Guaranys*, segundo ramo desses indigenas da costa, se haviam afastado para o sul, occupando o valle do Prata, Paraná e Paraguay. Dahi vem que, com raras excepções, são conhecidos pelas mesmas palavras os animaes e as fructas do Brazil, levando-se em conta a corrupção de certos termos pela mistura da lingua dos conquistadores portuguezes, francezes, hollandezes e hespanhóes. Todo o Baixo Tocantins se resente da presença dos Tupinambás, que ali foram mais *ichthyophagos* do que carnivoros, sendo assim a pesca mais usada no Tocantins do que a caça. Daquella nação de pequenos navegadores nasceu um povo que passa uma grande parte da vida em canôas, e faz da natação o primeiro e mais natural exercicio para os filhos.

Os romancistas e poetas souberam florear as lendas desse povo primitivo, dando-lhe tons de heroismo e de acções ca-

valheirescas desconhecidas dessa gente. Alencar e Gonçalves Dias, creando com aquelle estudo uma litteratura nacional, não deixaram de explorar o espirito nativista que se mostrava preso ás tradições obscuras, agora clarificadas com o fulgor daquelles genios. O mais certo e o mais scientifico é o que assevera Antonio Vieira : o indio era um povo completamente decahido e bruto. Se veiu de alguma civilisação, ella é tão remota que lhe não empresta a memoria quasi nenhuma recordação dos melhores tempos.

Que diremos agora do segundo tronco indigena, que tem por typo o Cayapó, e que habitava sedentariamente a vasta região do Alto Tocantins? Desconhecedores da navegação, elles até hoje vivem nas matas e se alimentam quasi exclusivamente da caça, cuja carne é conservada por alguns dias pelo systema do *moqueado*, já introduzido nos nossos costumes culinarios. Esta grande nação, cuja origem ainda não foi estudada, parece ter soffrido invasão de outros povos, que a obrigaram a subdividir-se em outras tribus ou nações menores, conservando quasi os mesmos costumes e quasi a mesma lingua. Destas as mais conhecidas no Tocantins são : os *Gaviões*, os *Cherentes*, os *Chavantes*, os *Craús*, os *Canellas*, os *Tembés*, os *Timbiras*, etc.

Os Gaviões, dos quaes já longamente tratámos em capitulo anterior, habitam a margem direita do Tauhiry, e, segundo nos informam, estão ultimamente em completa negociação com os civilisados, sujeitando-se a uma catechese voluntaria. Já alguns homens corajosos conseguiram, em mezes passados, chegar á sua aldeia mais proxima, tendo occasião de observar o pequeno gráu de cultura daquella gente e a docilidade dos seus costumes e tratos.

Os Cherentes, dos quaes tambem já falámos, occupam o *Ribeirão da Piabanha*, no Alto Tocantins. São de estatura elevada, um tanto claros, sem barba, sem nenhuma tatuagem no corpo, tendo os beiços e as orelhas furadas, como quasi a totalidade do homem americano.

Os Chavantes moram nas margens do rio das *Mortes*,

entre os sertões de Matto Grosso e do Pará. Parecem-se muito com os Cherentes, dando a crêr que a diversidade dos nomes vem apenas da differença do local em que se acham.

Os Craús habitam no Alto Tocantins uma região entre os rios *Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno*, muito acima da divisão do Araguaya. São morenos, porém de typo mais perfeito. Apresentam difficuldades para ser domesticados, e conservam os mesmos costumes do tronco indigena a que pertencem.

Os Canellás occupam a Barra do Corda, nos sertões do Estado do Maranhão. Já estão completamente domesticados e entregues aos trabalhos da lavoura rotineira.

Os Tembés, pequeno nucleo de indios residentes e domesticados no sertão do Tocantins Paraense, quasi não chegando a formar tribu, são claros, de feições regulares, sem outra marca ou signal além do furo das orelhas e dos beiços. São muito amigos das pessoas que os domesticam, porém se mostram desconfiados aos extranhos e são covardes no perigo. Foi um dos indios desta tribu que representou o typo do *Guarany*, por occasião das solemnes exequias celebradas no Pará, no enterramento do maestro Carlos Gomes. Conta-se que esse indio, ao vêr a multidão agrupar-se naquella cerimonia extraordinaria, quiz saltar do carro e fugir de arco e frexa por entre o povo.

Os Timbiras, que pouco apparecem no Tocantins, são oriundos do Alto Gurupy (Maranhão). São vadios, sujós e de moral muito corrompida; mostram-se vingativos e máus, tendo apenas para contrafazer á sua crueldade a covardia que lhes é innata.

Os Guajajáras são mais claros que os Tembés. Acham-se na margem direita do Alto Tocantins. São bonitos e propensos á civilisação. Em qualquer ataque dos indios máus, são alliados voluntarios dos civilisados.

Os Pivócas habitam o rio do *Somno*. Não têm os beiços e as orelhas furadas; são escuros e muito feios.

Ha, além dessas, outras tribus que pertencem ao mesmo ramo e habitam os campos da margem esquerda do Tocantins. Entre ellas, existem os *Chickrins*, situados nas margens do rio Itacayuna, que lhes deu o primitivo nome de *Itacayunas*; os *Cupe-lobos*, á margem esquerda da Itabóca; os *Tahirís*, verdadeiros camponios e muito esquivos de se apresentarem aos civilizados; os *Anambés*, tribu de indios forasteiros, etc.

Os Cayapós, que formam o typo principal deste segundo tronco, têm uma indole facilmente domavel e aceitam, por covardia ou pelos antecedentes, a catechese religiosa.

O illustre missionario Frei Gil da Villa Nova, que fundou com estes indios uma futura colonia nas margens do Araguaya, dentro do territorio paraense e em logar denominado Sant'Anna das Barreiras, conversou longamente commigo, garantindo que esperava da acquiescencia daquelles selvagens os mais proficuos resultados para a religião, senão para a civilização. Frei Gil não acreditava nas lendas heroicas que illustram as paginas de mais de um litterato desta terra. Para elle, o indio era um homem decahido, para quem não existe a fé conjugal nem a perfeita comprehensão do amor á familia; nascem, vivem e morrem sujeitos á rotina das mais grosseiras necessidades da vida; exercitam-se na caça para satisfazer as mais imperiosas necessidades do estomago; os pais entregam os filhos menores a troco de contas, bugi-gangas, ou, no melhor negocio, recebendo em pagamento instrumentos para lavoura grosseira; os noivos compram as noivas por serviços prestados aos seus genitores; as tribus só se confederam para rechassar qualquer outra que tente invadir o seu territorio ou lhes tenham injuriado algum chefe. Ha, durante o anno, grandes caçadas que duram mezes, procurando cada grupo apresentar maior numero de peças do seu bom exito venatorio, conservando moqueados os animaes mortos, para, em um tempo determinado, se reunirem na tribu e festejarem com as mulheres aquelles trophéos trazidos do seio da floresta.

Quando o Cayapó morre, depois de uma vida curta que quasi não excede a cincoenta annos, os seus parentes e amigos preparam com as resinas de certos vegetaes, sobretudo do oleo de copahyba, um balsamo ou, melhor, um grude, com que lhe untam o corpo nú; cobrem de pennas o cadaver assim untado, cingem-lhe a cabeça com o cocar; aos rins põem a tanga feita das pennas maiores e mais bellas dos passaros vistosos, mortos por elles nas grandes caçadas havidas, e assim fazem baixar á sepultura aquelles Nemrods, cercados dos unicos trophéos das suas limitadas conquistas. As furnas ou sepulturas para elles abertas têm o mesmo systema das que já falámos, ao tratar dos Cherentes em capitulo anterior. Estes indios não conhecem nenhum processo de embalsamamento das tribus do Perú.

O Sr. C. von Martius, um dos americanistas que mais estudaram os indigenas do Brasil, dá um computo de cincoenta a sessenta dialectos, que sepódem filiar a oito grandes linguas.

Os Cayapós, com a diversidade das tribus por nós já descriptas nesta parte, falam, segundo aquelle sabio, a grande lingua dos *Krans*, nação que habitava uma região enorme no centro do Brasil, entre os planaltos de onde fluem os tributarios do Tocantins e do Araguaya, região denominada pelos Tupis — *Tapuirama* — ou patria dos Tapuias. O illustrado Sr. Couto de Magalhães, no seu livro « *O Selvagem* », acceita com os melhores fundamentos esta asseveração.

Finalmente, vamos tratar dos *Carajás*, subdivididos em *Apinagés* e *Apiacás*, que uns e outros parecem ter pertencido a uma nação de conquistadores ou indios irrequietos, que desceram dos sertões de Matto Grosso. Não serão elles um ramo da grande nação dos *Parexis* ou *Paragis*, de que fala Martius, a qual habitava a região entre Matto Grosso e Pará?

O typo dessa gente é, em geral, mais correcto. São intelligentes, industriosos e entendem da navegação. Pelo que, habitam as margens dos rios e fabricam com arte e gosto os seus remos e as suas lanças, sobre os quaes desenham figuras caprichosas, que recordam a pintura egypcia ou phe-

ncia. Usam a tatuagem no corpo, sobretudo no rosto, não com linhas rectas e sem proporção, mas por meio de curvas graciosas e até por círculos perfectos, o que, segundo um jornalista europeu, representa já um gráu de civilisação nas raças primitivas. Dão, assim, traços de semelhança com as tribus polynesianas do Pacifico. Usam vasilhas de barro e conhecem a comida cozida nas panellas, ao contrario dos descendentes dos Cayapós, que só comem assados ao espeto ou no *moquem*. Os Carajás são espertos e mais indomaveis, e conservam até hoje a inimizade entre elles e as tribus que os desalojaram das margens do Araguaya.

E' um facto digno de estudo ethnographico a posição topographica em que ficaram os Carajás e Apinagés, intromettidos entre o rio e os Cayapós e seus descendentes, separando uns dos outros.

Os Apinagés são particularmente altos, escuros, tendo os beiços e as orelhas furadas, sem pestanas nem sobrancelhas, e habitam a comarca da *Bóia Vista*, ficando assim na margem direita do Araguaya; quando os Carajás, propriamente dito, ficam na margem esquerda. Estes indios conhecem um processo para mumificação dos seus cadaveres, conservando-os nas igaçabas (vasos de barro).

Os Apiacás formam um typo mais perfeito de homens e mulheres intelligentes.

Eis, em resumo, os escassos dados com que pude, na minha curta viagem, contribuir para o estudo dos sabios.

No sertão do Tocantins póde ser cartographada, talvez, a origem dessa pobre raça vermelha tão desconhecida, tão desprezada e tão maltratada. Ali existem para mais de 10 mil homens subdivididos em tribus e povos, que parecem extenuados de uma perseguição soffrida ha seculos, desconfiados dos mimos com que a civilisação parece chamar-os ao grande convivio social, os quaes mimos, na sua reputação ignorante, calculam ser um novo cavallo *dardanio* cheio de perigos e traições.

## CAPITULO XV

A permanencia no Burgo. Mais uma *cobra grande (boiussú)*. Canções populares dos barqueiros. Origem da poesia sertaneja; evolução recebida por ella no Tocantins. Collecção de alguns versos ali cantados: sua falta de metrificação, belleza de imaginação e rima extravagante. Falta da musica nacional. O regresso da viagem; novas observações. A pericia do piloto e rapidez da volta. Chegada ao *Ribeirão do Bacury*; demora com o descarregamento da canôa. A velocidade do rio; ataque ao *Rebojo do Bacury*: os dois cones de pedra que formam aquelle trecho perigoso. Coragem dos barqueiros. Ultimo ataque á *Itabóca*. Momentos de agonia. Perigo e salvação.

Permanecemos ainda alguns dias no Burgo de Itacayuna, colleccionando as *notas da viagem*, tomadas no meio dos sobresaltos das cachoeiras, estando já algumas com a tinta do lapis apagada pelos borrifos d'agua, que cercam de todos os lados as canôas. Salvámos as nossas colleções de raridades indigenas e de *specimens* vegetaes e mineraes; passámos aquelle curto tempo fazendo ainda outros ligeiros estudos e descansando os membros afadigados, para emprehendermos a arriscada volta, quando teriamos de completar algumas observações anteriores e experimentar os lances sensacio-naes, que descreveremos adeante.

Tivemos occasião de visitar, fronteira ao Burgo, na ilha do João Vaz, a pequenina estancia do colono José Clementino, cujo gado, pouco, porém luzidio de gordura, se refastelava no excellento pasto, que occupa toda a ilha, em uma extensão de 5 kilometros de comprimento, com 800 metros de largura.

O estuario do Tocantins que ali se divisa, apresenta um

panorama vasto e de aguas calmas. As canôas por ali descem sem perigo, excepto quando surge em alta noite um novo monstro, que, segundo me disseram os barqueiros, apparece algumas vezes: é mais uma *cobra grande*, a que os naturacs chamam *boiussú* ou *boassú*. Admirando-me de tantas historias de animaes fabulosos existentes nos rios, respondeu-me um caboclo com a seguinte maxima, que tomei como um axioma scientifico: *Ha mais olhos no fundo*, disse elle, *dò que cabellos em terra*.

O padre Estevam Teixeira garantiu-me ter visto, em uma viagem que com outros fez áquellas paragens, o monstro boiando e que mal nenhum lhes fez, apesar de passarem em uma distancia de 300 metros.

Durante todo o tempo que permanecemos no Burgo, alimentámo-nos sempre da bôa carne do gado da ilha do João Vaz e dos grandes peixes, que os mariscadores nos traziam á farta, para a observação ichtyologica e para o appetite. A' noite, reuniamo-nos no grande galpão de palha, transformado, provisoriamente em acampamento de viagem. No terreiro fronteiro, os trovadores, ao som das violas, cantarolavam á vontade, nas toadas conhecidas em todos os sertões brasileiros. Já li o excellente livro «*Canções Populares*» de Sylvio Roméro, e estou de accordo com a critica que o prefacia. Parece certo que a poesia popular do nosso paiz, a mais conhecida nos sertões brasileiros, veio da assimilação das tres raças: a *branca*, a *negra* e a *vermelha*, que formaram como complemento, na sua obra de mestiçagem, essa musa inculta e meiga, que dicta versos tão tristes e tão simples.

Os versos que ouvi no Tocantins, poucas vezes falavam de castellos e damas, parecendo que o cunho dos cavalleiros do seculo xvii, que deu tantos versos aos sertanejos de Sergipe e da Bahia, não chegou a atravessar a cachoeira da Itabóca. Não encontrei até versos eguaes aos que se lêm nas collecções citadas de Roméro ou no livro do mesmo genero de Mello Moraes Filho, nem nas poesias originaes de Juvenal Galeno. A musa sertaneja do Tocantins parece ter

descido com os bandeiristas de S. Paulo e commerciado com os *tapuás*, que não deixaram de possuir eorção para sentir. Já vi um eaboclo classificar poetieamente o coração como o *ninho em que se agasalham as cousas delicadas*. O berço, portanto, da musa sertaneja do Toeantins deve ter sido a antiga Piraiininga, o que se harmoniza com o cunho de certo tom heroico e aventureiro de muitas quadras; em outras, já o lazer do habitante do rio sobrepujou a fanfarronada do cigano e poetizou a namorada, que é sempre morena e de eabellos negros, ao contrario das louras damas das canções populares do Sul. Sinto não ter tomado eopia de muitos versos; mas alguns que ahi vão expressos circumstaneiadamente darão o certificado da minha opinião ou fornecerão mais estudos aos colleccionadores.

Eil-os :

Peguei, peguei, estou pegado,  
 Cumprindo a lei do meu fado,  
 Sou Serra do Cratiú  
 Da ribanceira quebrada;  
 Sou como o perú sem ninho  
 E o urubú sem camarada.  
 Sou ananaz, sou coqueiro,  
 Sou junco, sou quina quina;  
 P'ra levar com firmeza,  
 Nasci no mundo sem sina.

Quem ouve estes versos, parece ter deante de si o earicato cigano paulista a procurar ouro ou a enganar indios, fazendo com o pandeiro na mão a epopéa da sua origem, maldizendo ao mesmo tempo a sua lastimavel vida de aventureiro.

Adeus, te digo dizendo,  
 Adeus, te digo chorando;  
 Adeus, meu bemzinho, adeus,  
 Adeus, até não sei quando.

Meu bemzinho, diga, diga,  
 Por sua bocca me confesse;  
 Tu no mundo não achavas  
 Quem mais bem te quizesse.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Adeus, que me quero ir;  
Menina, dê-me seus braços  
Que me quero despedir.

O trevo diz que se atreve  
Dar a flôr e não abrir;  
Não sou trevo, mas me atrevo  
De nos teus braços dormir.

Você me mandou cantar,  
Julgando que eu não sabia;  
Eu não sou como a cigarra  
Que em cantar leva o dia.

Estas e outras quadras representam o espirito e o naturalismo daquella gente. Parece que não é a musica que acompanha a poesia; antes, é esta que enche com palavras de bom effeito e de imagens vivas os accordes cadenciados da viola. Não ha rythmos, nem a metrificacão regular da poetica. A prosodia sacrifica a syntaxe.

O poeta sertanejo é um repentista que mais se distingue, quando canta, ao desafio com outro, quadra por quadra, rimando as palávras com o som com que são ellas ali pronunciadas. A ignorancia é substituída pelo sentimentalismo, e o auditorio, formado pela roda dos circumstantes, applaude o repentista, que compõe versos mais apropriados á occasião.

Eis um exemplo de rima, que só póde ser acceita pela pronuncia dos sertanejos :

Menina da saia branca  
E das continhas *vermeias*,  
Me dá uma gotta d'agua  
Das cabacinhas dos seios.

Vou-me embora, vou-me embora,  
E' mentira, não vou, não;  
Embora que eu vá me embora  
Meu coração não vai, não.

Com estes e outros versos, que melhores ainda ouvi, po-

der-se-ia escrever um compendio egual ao das Canções Populares do Sylvio. Lidos aqui, parecem semsaborões e esturdios ; ouvidos, porém, em roda daquella natureza primitiva e rica, calam na alma brazileira, como órgãos do proprio ser, germinando phantasias naturaes e até creando uma certa música, que, com certas aparas e educação apropriada, poderia entrar no campo da Arte.

Não sei porque, a exemplo da Italia, Allemanha, França, Hespanha e outros paizes, o Brasil não procura tambem crear a sua musica nacional, como está fazendo com a litteratura, que, embora novica, já vai dando resultados felizes e promettedores. Estudem-se a toada dessas cantigas populares, e os accordes harmonicos e tristes dessas *modinhas* cantadas pelas nossas filhas e esposas, cujos sons parccem corresponder á volupia da nossa natureza embriagadora, e que tanto deleitavam o elegante aventureiro inglez Bechford, por tantos annos residente em Portugal ; dahi tirar-se-á alguma cousa que nos não envergonhará, por ser genuinamente nossa e corresponder perfeitamente ao despertar da alma artistica do povo.

Em Itacayuna, existia, pelo tempo em que lá estive, um tal Coelho, poeta popular, cujas producções me admiravam por serem ellas feitas por um simples tocador de boiadas.

Oxalá tivesse aquelle rustico menestrel outra instrucção, e os seus versos poderiam ser colleccionados com os dos melhores poetas da lingua.

\* \*

A minha demora se prolongou até ao dia em que pude obter a primeira occasião para regressar. Um dos colonos descia com um carregamento de castanha, e tão aborçada vinha a pequena embarcação, que mal pude obter um logar em baixo da tolda, deitando-me sobre o lastro feito com aquelle producto. Por causa do máu acondicionamento, pedi a Carlo Fiore se demorasse mais alguns dias no Burgo, tomando outras observações, e lhe deixei as aves e outras raridades, com

que os indios nos tinham presenteado. Sahi do Burgo no dia 2 de Abril, com a alma farta das opulencias daquella natureza, e ancioso por dizer a outros o que tinha visto e ouvido nessa extraordinaria viagem.

Os barqueiros, ao contrario do que fazem na ida, seguindo pela beirada, levam, na volta, a canôa para o meio da corrente, onde ella desliza vertiginosamente e com a maxima suavidade. E' nesse regresso que os pilotos revelam toda a sua pericia e talento. São homens que conhecem pedra por pedra daquelle rio, e, com um salario apoucado, arriscam a cada momento a propria existencia.

Observei, na volta, que a ilha do Jacaré se divide, por um pequeno braço do rio, em duas partes, sendo a menor mais baixa e completamente inundada pelas aguas do inverno, e a outra, alta e coberta de pastagem. Encostámos ao Lago Vermelho, onde o nosso piloto se foi despedir da esposa, e buscar a pouca roupa de viagem. Notava eu que os remadores iam tristes, acenando com os braços para as choupanas debruçadas no rio, e cantando as suas costumadas melopéas, cheias de profunda melancolia. Visitámos ainda, na bocca do Tauhiry, as casas de Liart e de um tal Adão, onde encontrei alguns presentes, que os Gaviões me tinham deixado, antes de se embrenharem para as suas *tabas*.

Proseguimos viagem, por entre milhares de obstaculos e perigos ; passámos pela *Pedra do Maranhão* e pelo *Rebojo do Lourenção*, em uma carreira vertiginosa e quasi sem sentir o perigo. A navegação, quando se afasta do meio do rio, faz-se pela margem esquerda, e o observador attento percebe, na descida, as pedras, por entre as quaes o piloto faz correr o barco, sem errar o menor angulo, o que causaria a desgraça de todos. Depois do ultimo Travessão de S. Antonio, é que se nota perfeitamente o declive do rio. Passámos assim, só avistando as grandes ilhas do Poraquéquára, Pixuna, Araráquára e Alexandre ; e, como vinhamos pela margem esquerda, notei o grande braço do rio por traz dessa ultima ilha, que, mesmo dentro do Tauhiry, parece a entrada de

uma barra, attestando as sondagens boas cotas para franca navegação. Passámos, ainda com rapidez, á vista das mesmas ilhas enumeradas na subida. Chegámos no mesmo dia ao Ribeirão do Bacury, onde aportámos para alliviar o barco, afim de poder *fazer a queda* da grande cachoeira. Era mais uma demora de dois dias, a qual o progresso dos civilizados não tem procurado remediar em beneficio do commercio e em soccorro e salvamento daquella pobre gente. Desta fórma, aquelle percurso, em que, na subida, tínhamos gasto 8 dias, foi, na descida, apenas de 10 horas.

O meu illustre collega Dr. Pedro Bezerra, que conhece muito o Alto Tocantins, por ter ali viajado diversas vezes, me dissuadiu frequentemente deprehender aquella viagem, por causa do risco das cachoeiras; mas, logo que viu a persistencia da minha vontade a este respeito, me deu um roteiro, que eu procurava lér a cada momento como um consultor. O engenheiro Bezerra tinha escripto: « E' necessario ter bom piloto, muita paciencia e maxima prudencia. » E em outra parte encontrei esta phrase terrivel: « Ha logares em que o coração do viajante parece sumir-se de medo. » Parte desta annotação tive eu de verificar na minha viagem para cima; e, na volta, nada podia acrescentar á justeza daquella citação. Sente-se a velocidade do Tocantins, quando se desce por elle.

Os camaradas dizem expressivamente que « elle corre como o sangue ».

As pesadas embarcações, em que se costuma ali viajar, vôm como se fossem uns *steamers*, deitando 30 a 35 milhas por hora; as ilhas passam na vertigem de uma procissão phantastica, emquanto o piloto, de olhar attento, procura não distrair-se um instante, na certeza de, a cada momento, estar em cima de um perigo.

Estava eu desta vez interessado em passar, em canôa, a Itabóca. Aconselharam-me que, como na ida, fizesse ainda o caminho por terra, visto que as aguas estavam nesse dia violentas, pois ha dias que assim as classificam; nada, porém,

me acobardou : estava decididô a seguir o caminho perigoso, passado já por collegas, taes como Lagos, Scherer e outros. Desalliviado o bote, puzeram-no ao largo, afim de tomar a direcção de descida.

Era quarta feira de trevas, mas nem por isso a luz da manhã tinha menos brilho. O reflexo do sol, na immensa largura do rio, ao longe, fazia o effeito de um espelho ligeiramente inclinado.

O Tocantins é um rio de uma topographia variada : estreito, ás vezes, numa garganta; e largo ácima, numa bahia.

O meu collega o comparou á giboia, depois do refestello de uma caça, quando tem o ventre desigualmente extendido.

O rio, apezar da velocidade interna da corrente, é, em certas partes, plano e calmo como um lago; e em outras, agitado como costa de mar, e barrancoso como uma cascata. A nossa canôa tomou, finalmente, o fio da corrente e sentimos o redomoinho do perigo.

O Rebojo do Bacury é formado por dois cones de pedra de 6<sup>m</sup>,40 de altura, situados quasi na mesma normal, á margem do rio e a pouca distancia um do outro, formando dois rochedos pouco considerareis de 62 a 65 metros cubicos de pedra (grés ou quartzo ?)

No verão, estas duas pedras ficam a secco, e nessa estação algumas grammas de dynamite seriam sufficientes para fazer retirar aquelle embaraço da navegação do rio.

A' medida que as aguas crescem com a invernada, começam ellas a sair do talweg e voltrear os dois cones, originando os dois sorvedouros em fórmula de helices, cujas maiores espiraes se tangenciam, com a fórmula de dois enormes funis. A recta tangente ás duas curvas extremas é a linha da navegação, e qualquer angulo de minutos para a direita ou para a esquerda lançará a tripolação e a canôa ao rebojo concentrico de um dos caldeirões, e dahi... a morte inevitavel.

O nosso barco seguia como uma setta, e fiquei pallido de terror, quando o vi subir tres vezes por cima da dita linha

imaginaria, fazendo estalar todas as obras mortas do convez.

Grandes heróes são aquelles barqueiros !

Branços ou mulatos, mascando tabaco ou fumando cachimbo, tomando aguardente ou comendo carne secca, parecem dar pouco apreço á vida.

Verdadeiros philosophos ! Quanto maior é o perigo, mais elles cantam uns versos saudosos de musas sertanejas ! Falam em côr morena e olhos negros, quando têm deante de si a morte em cada um dos degráus da cachoeira.

Ouvi da bocca de um d'elles um conceito que guardei na memoria : « Prefiro, disse o homem, ir para o inferno por ter coragem, do que merecer o céu por cobardia ».

Na vespera, ao descarregarem o bote, chalaceavam uns com os outros ; e, como o dono da embarcação os apressasse, lhe responderam : « Ora, patrão, deixe-nos alegrar hoje ; talvez amanhã estejamos todos mortos ! »

E gargalharam todos. Na verdade, ao passar o Bacury, parece que só eu era quem temia. Mais adeante me declararam que a cousa esteve realmente feia.

A differença do rebordo d'agua ao fundo do funil do abysmo é de 3 a 5 metros.

A velocidade da força centripeta é a da corrente do rio, diminuida de um terço ; mas, assim mesmo, calculavel de 30 a 40 kilometros por hora.

Tive uma alegria infantil, quando me garantiram estarmos livres do primeiro perigo, qual o enfermo que, depois de sentir os golpes do ferro de um cirurgião, julga a operação terminada, quando elle apenas declara que ainda vai começar.

Approximámo-nos da casa de José da Costa. Distribuiram uma ração de aguardente pelos barqueiros ; findo o que, puzemo-nos ao largo e fizemos a linha de ataque á cachoeira da Itabóca.

A canôa me pareceu um esquite, e nós todos, victimas e verdugos de nós proprios.

Foi um momento que não desejo vêr repetido na minha vida.

Passaram pelo meu espirito agoniado as estampas vivas das horrendas tragedias ali passadas. Vi mulheres morrerem abraçadas aos corpos dos filhos, e homens separados pelo excesso da corrente, sem poderem salvar as esposas....

E a nossa canôa descia como uma avalanche, em quanto o taboleiro das grandes arvores subia em uma excitação nervosa. Olhei para a bussola, e não pude lêr sequer um azimuth.

Tive nesse momento uma impressão horrivel, como se me sujeitassem á má brincadeira da montanha russa, ou como se me despenhassem do alto de uma torre na calçada fronteira.

Os tripolantes remam com mais força nas cachoeiras e nos *rapidos* : dizem que é para tornar mais livre a manobra do leme.

Gritos horriveis atravessavam o espaço, como se fossem échos. Os nomes de Deus e do diabo, a prece e a blasphemia, casavam-se em um connubio infeliz.

Um pouco de fé que me acompanha na vida, como um salvaterio ás infelicidades continuas, deu-me ao espirito a confiança de me salvar daquella voragem, atravez da qual eu ia arrastado como em um pesadelo.

A canôa parecia que voava mais depressa que a agua. O canal ora alargava, ora estreitava repentinamente em uma garganta de 4 a 5 metros, e na corrida vertiginosa em que iam, deviamos passar muitas vezes entre essas muralhas de pedra, e qualquer desvio — meu Deus! — daria o afogamento de tudo e a morte!

Ás vezes, sentiamos a canôa roçar na pedra e produzir em todos um fremito de medo. Arrependia-me de ter ido ali, quando me assaltou o espirito, como uma tentação, o nome de Silva Jardim. Tinha eu sido compellido por uma loucura como a delle. Figurei-me morto, e só lembrado por algum collaborador dos jornaes, com tres ou quatro linhas misericordiosas.

Ninguem imagina como a agonia de um instante faz uma

duração de seculo. Parece incrível que tudo isso se passasse no curto espaço de quatro minutos e meio, tempo preciso para percorrer um espaço de cinco kilometros, o que na subida se faz de 2 a 15 dias, conforme é inverno, ou verão.

Foi um grito de alegria que todos nós involuntariamente soltámos, vendo-nos fóra do perigo. Os soldados, depois de uma batalha cruenta, não terão maior motivo de prazer. Por isso é que os barqueiros contam as viagens que já fizeram ao Alto Tocantins, como um militar conta as campanhas. Respeitam-se, como veteranos, os que já fizeram aquella expedição quinze, vinte ou trinta vezes.

O nosso barco encostou á beira, no mesmo ponto em que tínhamos saltado na subida, para esperarmos que os camaradas fossem buscar as cargas, que tinham ficado lá em cima, no Bacury. Era uma demora de dias. Convidou-me o patrão a passar para uma canôa pequena, afim de me conduzir ao Areião, tornando-se assim menos penosa a espera.

Aquella viagem de meia hora, já em rio manso, me foi de um prazer admiravel. Tal deve ser a impressão de um resuscitado !

Descobri flores nos ramos das arvores que me tinham sido indifferentes, quando subi, e, por baixo dellas em discriminações irregulares, uns pedacinhos de praia riam-se para mim, como os prenuncios do verão.

Ouvi depois o ruído surdo da gente laboriosa da Povoação. No alinhamento forçado das casas de palha, achei bonita a egrejinha, na sua alvura de paredes caiadas.

Estavamos quasi no fim da penosa viagem. Abri a caderнета e escrevi : — Muito póde o governo fazer em beneficio da navegação do Alto Tocantins, desde que mande desobstruir a cachoeira da Itabóca das arvores e pedras, que entulham promiscuamente o canal, difficultando a descida, ou assassinando a gente que vem aqui nos trazer a fortuna. —

## CAPITULO XVI

O impedimento da Semana Santa. Partida do Areião. Chegada rapida á Arumatheua. Panoramas da natureza. Navegação de *bubuia*. Nova baldeação. Chegada a S. Joaquim ou Ituquára. Analyse chimica de uma amostra de cal. A boa gente de Baião. Descida para Mocajuba, S. Benedicto e Cametá. Embarque a bordo de um vapor da Companhia do Amazonas. Chegada a Belém. Difficuldades desta obra. Os meus bons auxiliares.

Ao chegarmos á Povoação do Areião, fui hospedado pelo Sr. Francisco Accacio, um dos commerciantes mais propugnadores do desenvolvimento do lugar. A gente daquella região é toda catholica e quasi fanatica, como se dá com os habitantes do nosso sertão, o que não impede que a estatistica criminal accentúe ali o seu crescente desenvolvimento, baseado quasi na ignorancia geral.

Assisti ás ceremonias da Semana Santa, recordadas na egrejinha, deante de uma multidão de crentes, pela leitura que lhes fazia Francisco Accacio, como se fosse um sacerdote inglez.

Durante esses dias, não se viaja no rio, de sorte que tive de me sujeitar a esperar o sabbado para continuar a viagem, já em outro bóte, visto que o nosso ainda tinha de demorar muitos dias com o càrregamento da castanha deixada no Bacury.

Felizmente, havia dois ou tres botes no Areião, os quaes, como eu, esperavam a passagem daquelles dias, afim de seguir arpa Belém. Fui apresentado a um tal Dóca, que trazia do

Porto Imperial, no seu bote, couros, carne salgada e toucinho. Era uma grande embarcação, com excellentes commodos, entre elles, uma camarinha folgada, dentro da qualse armavam rédes e um homem podia andar de cabeça erguida. Este bote, maior do que qualquer lancha a vapor, se chamava *Aquidaban* e, por coincidencia, levava, dentro de si, amarrado, entre os 50 ou 60 cães, que trazia para vender no Baixo Tocantins, um que se chamava Floriano Peixoto. Não pude descobrir se tal coincidencia representava odio partidario ou singular demonstração de apreço, visto que lá dão aos cães os nomes de Napoleão e de Cesar.

A descida continuou rapida, confirmando eu todas as observações tomadas, notando apenas que nesses grandes botes o piloto tem na pôpa um assento bem elevado, a exemplo do que usavam as antigas náus gregas.

Ao chegarmos, já pela tarde, ás approximações de Arumathéua, tive occasião de observar a pericia do piloto, ao passar as cachoeiras do Tucumanduba e das Guaribas. O grande bote fazia com a maxima velocidade todos os movimentos, e só então pude comprehender a possibilidade de um monstro daquelles fazer a descida da Itabóca com a mesma facilidade com que o tinha feito a pequena embarcação, em que desceramos. Cêrca de 3 horas da tarde, chegávamos ao porto da Povoação, onde dois dias antes estivera o vapor *General Jardim* carregando centenas e centenas de hectolitros de castanha. Contrariou-me não ter chegado em occasião de poder tomar passagem naquelle vapor, afim de, com a maxima brevidade, voltar a Belém. Contaram-me as festas e gaudios populares que ali houve, por aquelle acontecimento, e do que ainda havia restos nos galhardetes e festões que ornamentavam a praça. Os carregadores, que iam e vinham para o porto, demonstraram, nos meneios provenientes do alcoolismo quasi habitual e nos gritos e gargalhadas que davam, a satisfação da faina que a safra daquelle anno lhes proporcionara.

Demorámo-nos ali apenas uma hora, visitando alguma

ruas da Povoação, e, ainda com a fresca da tarde, descemos o rio, cercado das bellissimas paizagens, que a opulencia da natureza nos offerecia a cada instante. As ondulações montanhosas de cada lado, e o céu recamado das côres vivissimas da tarde, davam-nos a illusão de quem se acha ante a encenação caprichosa de uma peça theatral de grande effeito, e poderiam fornecer a qualquer livro uma ou duas gravuras, que valeriam mais servir para telas de mestres.

Ao passarmos por entre os cachópos irregulares de umas pedras vizinhas da beirada, vimos, junto á margem, um rustico pescador, que mesmo da canôa lançava ao rio o caniço, e prestava tal attenção áquelle officio, que seria capaz de causar inveja ao extase religioso de qualquer eremita, deante de um sanctuario. O homem não foi capaz de voltar o rosto para o nosso lado, apezar da grita e das chalaças que os barqueiros lhe dirigiam. O patrão foi de aviso que se não devia perder a noite, e sim aproveitar a viagem, deixando a canôa ir de *babuia*. Foi a primeira vez que experimentei aquelle genero de marcha tão exquisita. Os homens deixaram os remos e, satisfeitos, naquelle estoicismo habitual, uns accenderam os cachimbos e outros saciaram a sêde, tomando tragos de aguardente ou tirando agua do rio, com o mesmo vasilhame com que esvasiavam o bote.

E' de um grande estomago aquella gente. Para elles, a agua tudo lava e tudo limpa, sem deixar sequer vestigios de anteriores desaceiôs. O rio lhes forma uma segunda natureza, os nutre e cura, servindo-lhes de transporte, do berço ao tumulo. O bote, mesmo sem remos, descia vertiginosamente o Tocantins, só occupando a attenção do piloto, que com o leme regularizava a direcção do bote, e dos proeiros, especie de sentinellas, promptos a acudir ao alarme do timoneiro. Recolhi-me á camarinha, aborrecido com a morrinha dos cães, que alastravam o soalho do bote, e já incommodado com a febre sesonatica, que, pela primeira vez, me assaltou na viagem. Tomei algumas grammas de sulfáto de quininum, que o patrão tirou da sua ambulancia,

apezar do que, passei uma noite má, a ouvir na minha allucinação febril os gritos compassados do piloto, como se eu estivesse na caserna de uma fortaleza, percebendo as sentinellas chamarem ás armas a cada momento.

Ao alvorecer, notei que estavamos atracados a algumas milhas ácima de Alcobaça.

Asseverou-me o patrão que ali passaríamos alguns dias cortando palha na beirada, afim de fazer uma sobre-tolda, para resguardar os couros trazidos, das chuvas frequentes no Baixo Tocantins.

Desanimado com essa noticia, tive de me conformar, assistindo ás visitas dos commerciantes dos arredores, que vinham comprar toucinho e carne salgada a bordo.

Um mulato alto, indagando quem eu era, me perguntou se eu tinha achado grande quantidade de ouro. E' mania de toda a gente do interior se persuadir que o explorador de um rio só ali vai para procurar o precioso minerio.

O Sr. Katzer, professor do Museu Paraense, já observou que o Estado do Pará é pauperrimo em mineraes. Não consta que haja no rio Tocantins jazidas de ouro, nem se têm encontrado delle *pepitas* ou *veios*. O riquissimo metal acha-se, naquelle valle, unido em pequena quantidade ao quartz e a outras rochas, que são constantemente lavadas pelo rio e seus afluentes: a agua, com o seu effeito chimico e mechanico, faz essa diminuta porção de metal rolar de envolta com a areia do seu seio, o que dá origem ao encontro do ouro em algumas praias; mas a sua porcentagem para a areia é tão pequena, que não passa de  $\frac{1}{2\ 000\ 000}$ , isto é, que em 3 kilogrammas de areia apenas se póde encontrar, no maximo, uma gramma de ouro.

Aborrecido com as indagações dos circumstantes, dei graças a Deus, quando, na manhã seguinte, por ali passou uma canôa, na qual tomei passagem, para me facilitar a descida. O Tocantins apresentava sempre novas perspectivas, e as notas do regresso confirmavam as observações já toma-

das. Vimos de muito perto a ilha do Itapepucú, onde o vapor *General Jardim* estivera, alguns dias antes, embarcando gado.

Com o auxilio da navegação de *bubuia*, á noite, fomos amanhecer, no dia 11 de Abril, na Povoação de São Joaquim ou Ituquára.

Os habitantes, deitados ou recostados nos parapeitos das casas, aborreciam-se ou abençoavam o inverno que lhes não permittia ir á roça. Deste modo desperdiça aquella gente o tempo que melhor seria empregado em producções utilissimas.

O povo paraense é, para mim, o mais rico do mundo, pois com a menor somma de trabalho tira maior effeito util, e passa a vida cercado de todos os confortos.

Quantos millionarios não sahiriam d'elle, se lhe dêssem uma educação propriamente economica, e lhe estimulassem ambições mais proveitosas, cimentando-lhe o amor social da collectividade?

Para mim, foi uma satisfação vêr-me de novo entre os meus conterraneos, cuja fala pausada me é muito mais agradável do que a grita guttural dos sertanejos.

Finalmente, no ligeiro boletim desse meu rapido regresso, não me posso esquecer da vista de um bello sitio, chamado apropiadamente *Felicidade*.

Nesse lugar, entregaram-me um embrulho contendo amostra de terra calcarea, proveniente de mariscos, e que forma uma extensão consideravel das terras da margem esquerda, no terreno contiguo ao *Lago do Anil Grande*. Sujeitei essa amostra á analyse scientifica feita pelo Sr. Bohain, director do Laboratorio de Analyses e Bacteriologia da Inspectoria de « Hygiene de Belém », dando o seguinte resultado :

Agua.	1,153
Areia	5,495
Argilla . . . . .	1,610
Materias organicas	0,817
Carbonato de cal.	90,742
Indeterminados	0,183
	<hr/>
	100,000

Por ahí se vê a excellente e grande quantidade de cal que póde ser exportada dessa região, desde que ali se estabeleçam fórnos propios para a cremação necessaria dessa materia prima.

Sahindo do Itaquára, a nossa embarcação procurou as aguas de Baião, a cujo porto cheguei, ao escurecer do dia. Visitei ainda algumas ruas da cidade, estive com o Coronel Corrêa de Seixas, cujo trato fidalgo agradeço nestas linhas; conversei com o Dr. Thomaz Ribeiro, então Juiz de Direito da Comarca; Dr. Vianna, Juiz Substituto; Dr. Francisco Tocantins, Promotor Publico, e seu irmão, João Tocantins, grupo de moços talentosos, que muito pódem fazer em prol daquella terra.

Os intelligentes escrivães publicos, Aprigio do Nascimento e Pires da Veiga, deram-me algumas notas para este livro.

Poderia eu esperar ali o vapor da Companhia do Amazonas, que sáe de Belém no dia 12 de cada mez e faz a viagem até áquelle porto; mas, por uma phantasia de *touriste*, desejei continuar, em canôa, até ao porto de Cametá, aproveitando a velocidade invernal do rio.

Não me tive de arrepender, pois, não só fiz aquelle trajecto em menos de dois dias, como tomei ainda novas informações para esta obra, cuja difficil execução já começava a germinar no meu espirito entusiasta e cansado. Devi a João Tocantins a hospitalidade da noite, e na manhã de 12 de Abril desci ao porto, onde uma canôa, tripolada por dois camaradas, já esperava para me conduzir a Mocajuba. Encontrei, junto á escada do rio, a velha Victorina, de quem já falei em outra parte, a decana das lavadeiras da cidade, e que já chegou a festejar o seu centenario, sem entregar o coração a nenhum dos guapos rapazes do seu tempo, os quaes, quasi todos, já se fôram para a eternidade.

Fizemos as nossas despedidas, e, ligeiros como uma frecha, descemos o caudaloso rio. Tal era o deslocamento do ar pela descida, que, apesar do sol canicular, sentimos uma viração fresca e suave. A natureza ria-se para mim, como que-

rendo desfazer os sustos que nos tinha dado durante aquella peregrinação custosa. Ilhas e sitios tinham agora a frescura de flores, e se offereciam a mim, nos seus panoramas de esplendida doçura, como recompensa á serie de boas vontades que sempre tive para poder dignamente representalas.

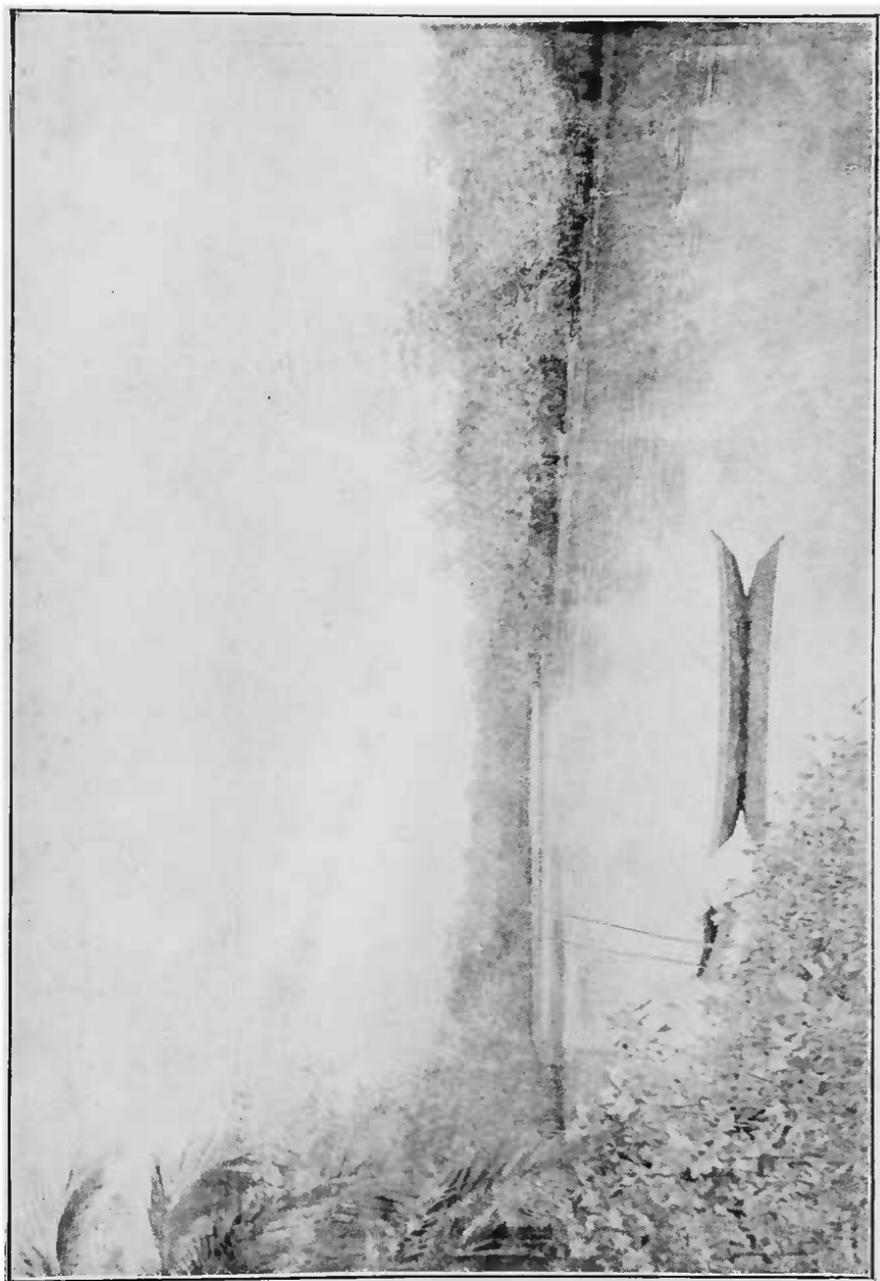
Às duas horas da tarde, chegámos a Mocajuba. Foi geral a surpresa que todos ali tiveram, pela rapidez com que fiz esta viagem. Cercaram-me de commodidades e confortos, e o Senador Moreira mandou transportar-me, em melhor embarcação, até S. Benedicto, onde cheguei no mesmo dia, recebendo ali excellente hospitalidade, para essa noite.

Todos se admiraram de que nenhum mal me tivesse succedido durante a viagem, não só na travessia das cachoeiras, como da parte dos *mineiros*, que são injustamente temidos no Baixo Tocantins, como gente de má nota e rixosos. Na manhã de 13 de Abril parti, ainda em montaria, daquella villa para a cidade de Cametá, aonde cheguei depois de algumas horas, encontrandô no porto um vapor da Companhia do Amazonas e braços abertos, que me receberam, como a um triumphador.

O vapor se destinava a Belém, e dentro d'elle achei companheiros enthusiasmados, como eu, pelo engrandecimento do Tocantins, pois é raro que o nacional ou estrangeiro, tendo negocios naquelle rio, não seja um amigo fervoroso dessa terra, berço e alma das idéas grandiosas do Pará.

Alfredo Rocha, o *Brasileiro Illustré*, tambem vinha a bordo, e era entre applausos que elle repetia a cada instante a phrase, que pouco depois passou para as columnas de um jornal de Belém : — Graças a Deus, já houve um paraense que prestou um serviço a esta terra, querendo descrever as belezas desta região. —

Todos se acercaram de mim, fazendo-me perguntas e indagando se, effectivamente, eu tinha visto os Indios, o que, julgo, lhes parecia uma cousa sobrenatural. Estava eu satisfeitissimo. As peripecias da viagem, os perigos multiplicados, até a per-



Montarias (canoas) do Tocantins.



spectiva da morte, se doiravam aos meus olhos com os encantos que experimentaram Levingstone e Serpa Pinto, em jornadas de muito maior celebridade.

Cheguei a Belém na manhã de 14 de Abril, e, depois de receber as caricias da familia e de arrumar as notas esparsas e objectos relativos que tinha trazido da viagem, pude então calcular as difficuldades que teria de vencer para escrever condignamente esta obra.

Recorri, mezes depois, ao Congresso Legislativo, pedindo-lhe um auxilio. Devo aqui exarar um voto de agradecimento ao digno cametaense, Dr. Gentil Bittencourt, então presidente do Senado, e ao illustre jornalista Antonio Lemos, que, como senador, tomou a peito a justiça da minha pretensão.

O Estado do Pará, para a impressão desta obra votou um auxilio de 10 contos de réis ou pouco mais de 7.000 francos ao cambio de então, e, só depois de contar com este auxilio, dei começo á espinhosissima tarefa. Escrevia eu este livro com o maximo cuidado e a mais segura perseverança, quando fui atacado de uma enfermidade nos olhos, que teria feito sosso-brar os meus esforços, se não fosse o auxilio voluntario do intelligente paraense, Estephanio Francisco da Silva, que se prestou a ser o meu secretario. Trabalhámos juntos, estudando e escrevendo nas poucas horas que nos restavam das nossas occupações forçosas.

Devo a esse excellente auxiliar grande copia das melhores paginas deste livro, e lamento que a sua intelligencia novel e já bem preparada lhe não tivesse aproveitado no proprio Estado, de que era digno filho.

Aos homens entendidos, que se interessam pelo Americanismo brasileiro, e aos meus compatriotas em geral, peço desculpas dos multiplos senões da obra.

Quando subi o Tocantins, não tinha tenções de escrevel-a. Fui ali em commissão quasi alheia á Sciencia, e só depois de me achar deante do esplendor daquella natureza opulentissima, é que me assaltou a idéa de trazer ao mundo uma copia

da riqueza daquella região. Se eu fosse pintor, tiraria dali quadros divinos e naturalissimos. Na impossibilidade de o fazer, trago para este livro notas ligeiras, para a competencia proveitosa de um sabio melhor escrever.



## N O T A

---

Tenho sido sempre um fervoroso defensor dos indios do meu paiz ; para mim essa causa é innata á minha individualidade moral. Em criança, quando os via, admirava-os ; como homem, defendo-os das injustiças que lhes fazem, diminuindo-lhes o direito civil, espoliando-os de suas terras e sitiando-os nas florestas.

Quando fui convidado para tomar parte no Congresso Internacional dos Americanistas, reunido em Vienna d'Austria, a 8 de Setembro de 1908, tive occasião de naquella capital européa travar conhecimento com o congressista allemão Sr. Alberto Fric, que levava em sua companhia um indio do Estado de Matto Grosso, o qual vestia como europeu, tendo sido tambem proposto para tomar parte no Congresso, como socio *participante*. Esse nosso patricio fallava uma lingua misturada do Guarany, do portuguez e do hespanol ; respondia, com doçura delicada, as informações pedidas ; fazia as refeições como pessoa bem educada e trazia com visivel satisfação na *boutonière* o laço bicolor distinctivo dos congressistas.

O Sr. Fric apresentou a essa assemblea uma communição muito interessante, relatando certo numero de atrocidades que os colonos allemães do Estado de S. Catharina costumam exercer contra as tribus indigenas que ficam limítrophes ás suas terras, Contou que, tendo sahido da Europa

commissionado pelos museus de Hamburg et Berlin para ir ao Brasil, afim de organizar collecções ethnographicas e proceder estudos sobre as tribus da região meridional, chegou ao nosso paiz, conseguindo, não sem difficuldade, obter feliz resultado para o fim de que viera coumissionado.

Os colonos allemães de S. Catharina obtêm os lotes das terras, por diversos preços: os lotes limitrophes ás tribus indigenas custam de 7 a 8 mil reis, ao passo que os afastados de tão amedrontadores vizinhos, custam mais de um conto de réis. Com o fim de valorizar essas terras, os proprietarios estrangeiros ou syndicatos de exploração organizam, com homens amestrados, affeitos a tão sanguinario mistér, verdadeiras caçadas ou *batidas* contra os indios, que são mortos devastadoramente, e saqueados nas suas posses. Apriionam as mulheres e crianças, que são vendidas nas cidades, a dinheiro ou a troco de favores. Os indios, por seu lado, procuram tirar *vindicta*; atacam uma ou outra casa das vizinhanças, matando quasi sempre innocentes, visto que os carrascos andam pelas cidades gozando os fructos obtidos pelas anteriores campanhas esclavagistas.

Isto serve de motivo para organização de novas investidas dos pseudos-civilizados, que assim continuam a serie de crueldades e abusos, com o proprio assentimento das autoridades locais, pois que os mandatarios já são reconhecidos como influencias politicas.

O Sr. Alberto Fric foi, dessa vez, commissionado como *pacificador* dos indios de S. Catharina, para cujo centro partiu promptamente. Ali chegando, teve occasião de verificar as injustiças com que eram tratados os indios brasileiros; profligou os abusos verbalmente, pela imprensa e em officios ás autoridades competentes; serviu-lhe isto para ser incontinenti exonerado das commissões dos museus de Hamburg e Berlin, cujos directorios até se negaram a recebê-lo, quando regressou a Europa, não lhe pagando as collecções para lá remettidas.

O Sr. Fric terminou, apresentando uma energica moção

preliminar ao Congresso, perguntando qual a maneira, com que poderiam ser tratados os indios num paiz civilisado ; se tinha direitos, como poderiam ser encaradas as suas propriedades e pessoas.

Os outros delegados allemães levantaram-se tumultuosamente, para protestar contra as asserções do Sr. Fric, falsas, destituidas de fundamento e injuriosas aos colonos allemães do Brasil. Trocaram-se doestos, distribuiram-se boletins impressos, contrarios á communicação Fric, o que prova que já a esperavam daquelle modo, a sessão foi interrompida, chegando quasi a haver uma scena de pugilato.

Effectivamente, já mais de uma vez, a imprensa do Sul tem censurado algumas cruezas praticadas contra os incolos, o que não impede que os abusos se repitam. O Sr. Fric retirou-se da sessão para organizar um contra protesto, o qual assignei conscienciosamente : a mesa do Congresso resolveu não tomar em consideração o protesto e contra-protesto, afim de evitar a recrudescencia do incidente e por envolver assumptos politicos fóra do ponto de vista scientifico. A imprensa de Berlin e de Vienna discutiram por alguns dias o acontecimento ; passaram-se despachos a diversas capitães do mundo e ao nosso illustradissimo e benemerito Barão do Rio Branco foi remettido integralmente, copia da communicação Fric.

Se o delegado allemão, de qualquer fórma, não conseguir receber o seu dinheiro, nem voltar ás suas antigas commissões, é de esperar que os indios brasileiros aproveitem dos resultados daquelle incidente indiscreto, vendo cortar a mão aos abusos dos colonos allemães no nosso paiz.

Aconselhei aos habitantes do *Burgo de Itacayuna* que jamais tentassem qualquer maleficio ou investida contra aquelles seus vizinhos das florestas, que socegradamente habitam nas extremidades do vastissimo campo geral, até hoje desconhecido dos civilisados e que se prolonga indefinidamente para sudoeste. O indio brasileiro é pacifico, porém desconfiado, socegado mas sempre vingativo, indifferente

aos presentes, mas não esquecem as ofensas do passado. Sobre este assumpto, e tratando ligeiramente da evolução do Pará, apresentei, na sessão de 10 de Setembro de 1908, no Congresso reunido em Vienna d'Austria, naquella mez, uma *Memoria* sobre os indios do Tocantins, precedida dos seguintes palavras :

Ne vous étonnez pas qu'un fils de l'Amazonie, de l'extrême Nord du Brésil, se soit empressé de répondre à votre appel, en apportant de ces lointaines régions son faible contingent de données authentiques à cette assemblée de savants.

Le Brésil s'en orgueillit aussi, Messieurs, d'avoir sa pléiade d'hommes qui se dévouent passionnément à toutes les branches des connaissances humaines, surtout à celle qui touchent de plus près à la vie et à l'économie de l'immense Continent où la Providence les a placés.

Nous sommes les héritiers de ces anciennes tribus guerrières dont un grand nombre s'est laissé dompter par la civilisation ; les autres, réduites à de petites populations errantes, s'éteignent peu à peu, sans que personne jusqu'ici soit arrivé à connaître parfaitement le mystère de leur existence et de leur nombre.

Cernés, en effet, au sein des lointaines forêts désertes de l'Amazonie, du Tocantins, du Xingú, du S. Francisco et du Paraná, ils sont victimes de leur propre stérilité. Mais nous sommes aussi les pionniers d'un autre peuple qui grandit chaque jour, par ses caractères d'altruisme et d'expansion, par la facilité avec laquelle il s'adapte à la civilisation et au progrès que lui apportent toutes les nations de l'Europe : je veux dire, le peuple brésilien.

Les restes des premiers maîtres du sol, les Indiens, s'affaiblissent de plus en plus, et je ne crois pas téméraire d'affirmer que dans 50 ans ils auront disparu de toute cette région de l'Amérique, sans presque pas laisser de traces de leur passage, à l'inverse de leurs congénères du Pérou et du Mexique.

Nous voyons, au contraire, que la civilisation a doté le Brésil de monuments durables ; que tous ses efforts tendent à perpétuer ses progrès et qu'il offre, dans ce but, travail et fortune à tous ceux qui s'y rendent attirés par l'appât du gain ou par les incomparables merveilles de ses richesses naturelles.

Le Brésil compte aujourd'hui 26 millions d'habitants. Dans quelques années, ce nombre sera doublé, et le percement du canal de Panama, en déplaçant le centre de la navigation mondiale nous mettra plus en évidence auprès des autres marchés du monde.

L'Amazonie, si peu connue de ceux qui ne s'adonnent pas à la science américaniste, est arrosée par un grand nombre de fleuves larges comme de vraies mers intérieures. Ils sont constamment sillonnés de bateaux qui apportent aux ports d'embarquement des milliers de tonnes de cacao, de caoutchouc, de châtaignes, etc. : ils y reçoivent les marchandises importées des pays qui ont avec nous des relations commerciales.

Notre Marine marchande, dans l'Amazone et ses affluents, en ce qui regarde le cabotage national, comptait en 1902 plus de 417 bateaux à vapeur jaugeant de 12 à 4.200 tonnes. L'exportation du caoutchouc augmente tous les ans ; depuis 1902, nous avons un excédent annuel de 10.942.324 kilogrammes valant en livres sterling 12.739.166. Ce caoutchouc, nous l'exportons en Angleterre, en France, en Allemagne et en Italie ; le kilogramme varie de 6 à 7 shillings, d'où l'on voit que c'est notre produit le plus haut côté.

La production annuelle du cacao en Amazonie se monte à plus de 3.569.386 kilogrammes, valant à peu près 48.700 livres à raison de 12 ou 13 pences le kilogramme. Ses débouchés principaux sont : la France, l'Amérique du Nord et l'Angleterre.

La production annuelle de la châtaigne atteint 71.057 hectolitres, ce qui donne, à raison de 4 l. 5 sh. l'hectolitre, un rendement supérieur à 62.500 l. Elle va presque toute en Angleterre et aux États-Unis.

Ce mouvement commercial se produit sans que les petits groupes d'Indiens qui errent dans les forêts avoisinantes gênent nullement cette active expansion mercantile de leur patrie. Comme ils se confinent dans les hauts fleuves, en des endroits inaccessibles à la navigation à vapeur, c'est rare qu'ils attaquent l'une ou l'autre baraque d'audacieux extracteurs de caoutchouc, assez osés pour s'aventurer dans ces déserts, en quête de nouvelles sources de richesses. Si parfois ils recourent au meurtre, c'est presque toujours pour se venger des vexations que leur font subir ceux qui se prétendent civilisés et qui les pourchassent comme des fauves. Et ainsi disparaît peu à peu cette race digne de nos études et de notre pitié. Un fait curieux, c'est qu'ils laissent volontiers initier leurs enfants à la civilisation, tandis qu'eux, les anciens, têtus et rebelles, meurent au sein de leurs forêts, sans dévoiler les arcanes de leurs traditions ni les mystères de leur origine que souvent eux-mêmes connaissent seulement par leurs légendes, fidèles à leurs coutumes et à leurs mythes et regardant d'un œil apathique les progrès de la civilisation.

Nos villes sont actuellement aussi bien policées que les vôtres ; elles sont desservies par des chemins de fer et des tramways élec-

triques. Rien qu'au Pará, l'année dernière, plus de 15 millions de billets ont été distribués.

L'instruction est chez nous l'objet d'une attention particulière des gouvernements. Les écoles dans l'Amazonie se sont répandues d'une façon extraordinaire ; nous comptons au Pará plus de 41.866 élèves de l'instruction primaire, environ 1.760 de l'instruction secondaire, des cours supérieurs et des écoles professionnelles.

Ces Indiens, dont je viens de vous parler, presque personne ne les connaît. Seuls les courageux explorateurs qui vont exprès les chercher dans leurs repaires, à des milliers de kilomètres de tout lieu habité, peuvent en parler. Ils ne nous ont laissé que l'un ou l'autre néologisme que votre langue a conservé, comme les noms de certaines de nos rivières, de nos montagnes et de nos villes.

A ce propos, vous me permettez, Messieurs, de vous exprimer mon étonnement de ne pas voir la langue portugaise figurer dans les délibérations de ce congrès. Si l'Américanisme a pour programme d'étudier ce grand continent sous tous ses aspects physiques et sociaux : sa géographie, son histoire, son ethnographie, sa flore, en un mot, tous les phénomènes psychiques et naturels qui s'y manifestent ou ont disparu, comment peut-on laisser dans l'oubli, l'étude d'une langue parlée par la septième partie des habitants de ce continent ? Il y a dans l'étude d'une langue des éléments ethniques qu'on ne saurait négliger impunément, car, comme l'a dit quelqu'un, la langue d'un peuple c'est sa propre histoire.

Je demande donc, Messieurs, que ce congrès ne se sépare pas sans votre adoption du portugais, à l'exemple de l'espagnol, pour nos délibérations futures. J'émet de plus le vœu que, pour une de nos prochaines réunions, l'on choisisse une ville de l'Amérique du sud, afin d'étudier de plus près, sur les lieux mêmes, les traditions de ces peuples mystérieux, les incalculables richesses que cette région offre à la civilisation, et, pour tout dire en un mot, ce pays merveilleux, où l'avenir réunira pour les plus nobles entreprises les descendants des savants qui, aujourd'hui, cherchent à éclaircir les ombres de ses commencements.

Vous me permettez, Messieurs, de vous offrir quelques notes de mes voyages au Tocantins et à l'Amazone, très intéressantes pour nos études.

FIM

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).